

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCAR**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**LARA ROBERTA RODRIGUES FACIOLI**

**MÍDIAS DIGITAIS E HORIZONTES DE ASPIRAÇÃO:**  
**UM ESTUDO SOBRE A COMUNICAÇÃO EM REDE ENTRE MULHERES**  
**DAS CLASSES POPULARES BRASILEIRAS**

**SÃO CARLOS - SP**  
**2017**

**LARA ROBERTA RODRIGUES FACIOLI**

**MÍDIAS DIGITAIS E HORIZONTES DE ASPIRAÇÃO:  
UM ESTUDO SOBRE A COMUNICAÇÃO EM REDE ENTRE MULHERES DAS  
CLASSES POPULARES BRASILEIRAS**

Tese de doutorado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, sob orientação do Professor Doutor Richard Miskolci Escudeiro.

**SÃO CARLOS - SP  
2017**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a defesa de tese de doutorado do(a) candidato(a) Lara Roberta Rodrigues Faciolli, realizado em 07/03/2017.

Prof(a). Dr(a). Richard Miskolci Escudeiro  
UFSCar

Prof(a). Dr(a). Jorge Leite Junior  
UFSCar

Prof(a). Dr(a). Sandra Feldman Marzochi  
UFSCar

Prof(a). Dr(a). Meryl Addiman  
UFPR

Prof(a). Dr(a). Maria Celi Ramos da Cruz Scalori  
UFRJ

Certifico que a sessão de defesa foi realizada com a participação à distância do membro Prof(a) Dr(a) Maria Celi Ramos da Cruz Scalori e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(a) participante à distância está de acordo com o conteúdo do parecer da comissão examinadora redigido no relatório de defesa do(a) aluno(a) Lara Roberta Rodrigues Faciolli.

Prof(a). Dr(a). Richard Miskolci Escudeiro  
Presidente da Comissão Examinadora  
UFSCar

**À minha avó (em memória)**  
**À minha mãe**  
**Às mulheres desta pesquisa**

## AGRADECIMENTOS

A conclusão de um trabalho acadêmico é sempre o resultado final de um longo processo realizado por muitas mãos. Muito embora a defesa destes argumentos e o campo da pesquisa sejam feitos por mim e estejam sob minha total responsabilidade, os processos de reflexões, os auxílios em momentos de dúvida e desânimo, os enfrentamentos com as dinâmicas burocráticas que atravessam o doutorado e os auxílios financeiros têm a participação de pessoas e instituições que não poderia deixar de resgatar aqui.

Em primeiro lugar, agradeço imensamente as mulheres e os sujeitos dessa pesquisa que se dispuseram a abrir suas vidas a mim. Foram longos seis anos em contato com pessoas que me fizeram refletir, inclusive sobre mim mesma, em um processo intenso de acessar questões subjetivas e de intimidades sem as quais o trabalho não aconteceria. Tenho plena convicção de que me retiro do doutorado como outra Lara, muito mais consciente da realidade das mulheres de periferia do país e também mais certa de que um trabalho como este não é capaz de dar conta da complexidade das experiências que me foram apresentadas em campo. Vocês são maravilhosas!

Agradeço meu orientador, professor Richard Miskolci, por todo empenho e generosidade nestes seis anos de trabalho conjunto. Sua orientação trouxe contribuições fundamentais em minha formação e em minha forma de fazer Sociologia e de compreender o mundo as quais levarei comigo por toda minha vida profissional. Agradeço, especialmente, por não permitir que nossos momentos de conflitos e divergências interferissem na elaboração e resultado final de nosso trabalho e por manter, ao longo de todo processo, respeito por minhas reflexões e pelo que construímos conjuntamente.

Agradeço todos os membros do Quereres, grupo de pesquisa que acolheu minhas ideias e intensões de investigação e me proporcionou inúmeros momentos de reflexão tanto acerca da temática de meu trabalho, quanto sobre o ofício da sociologia. Sou grata pelos encontros do grupo, pelos debates e também pelas amizades que construí e que carrego comigo.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, na figura de seus professores e funcionários, tanto aqueles que participaram diretamente de meu trabalho de pesquisa, em minhas bancas de qualificação e defesa, como o professor Gabriel Feltran, que me auxiliou no fazer etnográfico; quanto os que, por meio de suas aulas me fizeram acessar um conjunto de saberes fundamentais para minha formação. Meus agradecimentos não

podem vir ser o profundo desejo de que o Programa se torne um espaço acolhedor para seus alunos, para que, então, continue sendo referência na produção intelectual do país.

Agradeço também aos professores que compuseram minha banca final de defesa, professora Celi Scalon, professora Miriam Adelman, professora Samira Feldman e professor Jorge Leite; vocês, sem dúvida, são inspiração importante pra este trabalho.

Agradeço a Capes pelo auxílio financeiro sem o qual essa pesquisa não poderia ser desenvolvida com tranquilidade e espero, profundamente, que o contexto político em que vivemos não prejudique o financiamento de trabalhos futuros.

Devo agradecer também o apoio de inúmeras pessoas que me auxiliaram com reflexões acadêmicas ou não, que suportaram meus momentos de dificuldade e que se fizeram presente nesse processo, por vezes solitário, que é concluir o doutorado. Mais do que isso, pessoas que estão comigo há anos e que fazem parte do que eu sou, dos meus valores e dos meus anseios de futuro.

Agradeço minha família, principalmente, na figura de minha mãe que depositou em mim toda confiança acerca do que eu poderia ser. Agradeço pelas palavras de incentivo, por me permitir realizar minhas escolhas mesmo quando elas divergiram de suas expectativas. Agradeço todas as orações que me enviou e que certamente me deixaram forte; agradeço os momentos de descontração, bebedeira e cantoria que tivemos. Estes momentos me deixavam abastecida para o dia-a-dia de trabalho. Você é uma das peças fundamentais do meu pilar mais forte. Continue acreditando em mim, mesmo quando eu duvidar.

Agradeço meu avô Osvaldo, por ser meu pai postiço com tanto carinho, você faz falta em minha vida.

Agradeço meu Menage mais maravilhoso composto por Kat e Carol. As mídias digitais são o tema deste trabalho e por mais críticas que eu possa ter a toda essa dinâmica de conexão constante, elas me permitiram usufruir do amor e cuidado de vocês em tempo integral. Certamente sem essa amizade intensificada pelo *whatsapp*, eu teria sucumbido aos momentos de conflito. Obrigada por cada momento de reflexão sobre minha vida pessoal, profissional, sobre o contexto político do país, do mundo. Obrigada pelos memes compartilhados, pelas noites de desconstrução, pelas verdades ditas e pela nossa sociologia. Vocês são meus caminhões mais potentes e eu sei que com vocês eu posso ir mais longe. E vamos! Obrigada especial para Mano C que revisou minha tese cuidadosamente.

Agradeço aos amigos do Supremo Tribunal Feminista, centro queer, o grupo mais babadeiro de todos os tempos, cheio de gente queerzona que eu amo. Pé, Drika, Carol, Kat, Ju, Nádia. É mais um exemplo de que, ao contrário do que as teorias pessimistas apontam, as

redes permitem estreitar laços de amizade, amor e empatia. Vocês são a gargalhada do meu dia.

Obrigada Juliana do Prado, Do Prado ou Bino da boleia. A UFSCar me trouxe você e sou eternamente grata, apesar da boquejação, do melindre e daquele sofá que você precisa trocar, ao som da Cássia Eller. Obrigada pela parceria acadêmica e de vida, por tornar a jornada mais leve e engraçada.

Obrigada Felipe Padilha, Felipa, o omi ariano de minha vida, espero que o único. Você chegou na UFSCar todo cheio de marra, já gostei logo de início. Nos desentendemos inúmeras vezes, mas o carinho ficou, a amizade, a parceria, a relação meio grossa e sincera que construímos, as trocas de bibliografia e os gif's pornográficos. Sua competência e dedicação acadêmica são, sem dúvida, uma inspiração pra mim. Espero que sigamos com afeto e nos melhorando sempre. Obrigada por ler a tese até seus olhos sangrarem!

Luiz Henrique, minha ursa. Obrigada pela presença cheia de energia, pelas fotos que você quer tirar sempre e eu passo mal, obrigada pela paciência com meu corpo cansado. Adoro receber você e roçar sua barriga. Sua presença em minha jornada é fundamental pra me manter sorrindo.

Rodrigo Melhado, Drika, a garota mais otimista da minha vida, corajosa e meio inconsequente. Tenho um carinho enorme por você e espero poder usufruir da sua amizade, do seu alto astral pra todo sempre. Pode contar comigo no bonde das mídias e da vida.

Agradeço a Thais, meu amor de vida na presença e na ausência. Obrigada pelo amor, carinho, pelas coisas me mostrou sobre mim mesma, pelos debates sobre minha pesquisa que me instigaram a imaginação sociológica, por dividir sua casa, sua vida e seus filhos comigo. Você é meu exemplo de coragem, de feminismo, de socióloga e de pessoa.

Obrigada Michele, mano Chéu, e mana Lu por me lembrarem, sempre, de minhas origens araraquarenses. Vocês são meu porto seguro e pra onde eu sempre tenho que voltar para recarregar as energias.

Obrigada Pri pelo contato e carinho constantes apesar da distância. Você também é um presente que São Carlos me deu, de coração enorme e potencial inestimável. Espero te ter sempre por perto.

Obrigada aos amigos de São Carlos ou que São Carlos me trouxe: Rossana, Letícia e as pessoas com quem dividi moradia todos esses anos. Vocês compõe parte daquela família que a gente escolhe. Um agradecimento especial para as pessoas que moram comigo atualmente e que me trazem paz, afeto, que cuidam do meu gatinho com amor quando eu vou para os congressos e que também são parte do meu porto seguro: Victor, Flávia, Mari e

Amanda. Por falar em gatinho, Pudim também teve participação especial na escrita do meu texto, cada ronrom e cada pança pra cima me encheram de amor e alegria.

Agradeço, por fim, as pessoas que passaram por minha vida nesses quatro anos, que trocaram comigo reflexões teóricas e vivências e que, certamente, compõe partezinha desse trabalho e dessa pessoa que vos escreve.



**Resumo:** Esta tese busca compreender o que chamo de horizontes de aspiração das mulheres das classes populares brasileiras e de que forma o acesso às mídias digitais permitem uma socialidade em torno da negociação dos limites e possibilidades de ampliação de tais horizontes. O objetivo consistiu em mostrar o contexto de moradia, lazer e trabalho dos sujeitos da pesquisa, de forma a compreender que as mídias digitais são mobilizadas de acordo com relações sociais estabelecidas para além delas. Este trabalho se mostra de acordo com as teorias da modelagem social da tecnologia que nos ajudam a compreender que tanto a natureza da mídia como as necessidades e desejos dos usuários moldam o significado e a utilidade de um determinado meio digital em um dado momento histórico e contexto. Nesse sentido, as tecnologias são usadas de acordo com relações de classe social, gênero, sexualidade, questões geracionais, dentre outros aspectos que precisam ser entendidos. Da mesma forma, as mídias interferem no cotidiano dos sujeitos, transformando suas relações e, por vezes, ampliando a possibilidade de acesso à repertórios culturais diversos. O campo empírico foi construído, na internet, por meio de Plataformas de Serviços de Redes Sociais como o Facebook e Whatsapp com vistas a observar a socialidade em rede das mulheres da pesquisa, suas postagens, compartilhamentos, curtidas e dinâmicas de exposição; fora da internet realizei etnografia na Baixada Fluminense e em regiões de classes populares da Zona Oeste do Rio de Janeiro de forma a acessar os cotidianos dessas pessoas, seus locais de moradia, sua estrutura de acesso à tecnologia, sua circulação pela cidade e seus momentos de lazer.

**Palavras-chave:** mídias digitais, horizontes de aspiração, gênero, classe social, repertórios culturais

## **Abstract**

This dissertation seeks to understand what I call the aspiration horizons of women from Brazilian popular classes and how the access to digital media allows a sociality around the negotiation of the limits and possibilities of such horizons. The objective was to show the context of housing, leisure and work of the subjects, in order to understand that the digital media are mobilized according to social relations established beyond them. This work is in agreement with the theories of the social modeling of technology to understand that both the nature of digital media and the needs and desires of users shape the meaning and utility of a technology in a given historical moment and context. In this sense, technologies are used according to social class relations, gender, sexuality, generational issues, among other aspects that need to be understood. In the same way, the media interfere in the daily life of the subjects, transforming their relations and, sometimes, increasing the possibility of access to diverse cultural repertoires. The empirical field was built on the Internet through Social Networking Service Platforms such as Facebook and Whatsapp, seeking to observe the network sociality of women in the research, their postings, shares, likes and exposure dynamics; outside of the Internet, I did an ethnography in the Baixada Fluminense and in the popular classes of the West Zone of Rio de Janeiro in order to access their daily lives, their places of residence, their structure of access to technology, their circulation throughout the city and their moments of recreation.

**Keywords:** Digital media, aspiration horizons, gender, social class, cultural repertoires

*Ah! bruta flor do querer*

*Ah! bruta flor, bruta flor*

Caetano Veloso

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Região da Baixada Fluminense I	47
Figura 2 – Região da Zona Oeste I	48
Figura 3 – Região da Zona Oeste II	48
Figura 4 - Baixada Digital	84

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
O CAMPO DA PESQUISA, A ETNOGRAFIA MEDIADA E MULTISITUADA E O ESPAÇO RELACIONAL .....	27
ESTRUTURA DA TESE .....	42
<b>1 TERRITÓRIOS DESCONECTADOS: FRONTEIRAS URBANAS E ESPAÇOS EXCLUDENTES .....</b>	<b>45</b>
<b>2 TERRITÓRIOS CONECTADOS E QUANDO O LOCAL PODE “FALAR PARA O MUNDO” .....</b>	<b>67</b>
<b>3 “CINCO PASSOS PARA...” CONSTRUIR SEUS HORIZONTES DE ASPIRAÇÃO. 97</b>	
<b>4 “COM TANTAS CLASSES NOVAS EU ME CONSIDERO POBRE”: CLASSE SOCIAL, ASCENSÃO E CONSUMO NOS DISCURSOS DAS MÍDIAS E DAS INTERLOCUTORAS DE PESQUISA.....</b>	<b>121</b>
<b>5 “SEMPRE QUIS TER MINHAS COISINHAS”: RELAÇÕES AMOROSAS E HORIZONTES ASPIRACIONAIS .....</b>	<b>149</b>
<b>6 “POR ISSO VI UMA OPORTUNIDADE LÁ, DE EXPRESSAR MINHA OPINIÃO” – FEMINILIDADES CONECTADAS, AFETOS E HORIZONTES ASPIRACIONAIS. .....</b>	<b>175</b>
<b>7 “NÃO TÁ FÁCIL PRA NINGUÉM”: MÍDIAS DIGITAIS E HORIZONTES DE ASPIRAÇÃO .....</b>	<b>195</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>221</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>230</b>

## INTRODUÇÃO

Nasci em 28 de março de 1943, num lugarejo chamado Palmares, Municípios de Campos. Meus pais trabalhavam na lavoura para sobreviver. Nossa casa era de estuque e sapê, um fogão de lenha e dormíamos no chão, em esteiras, nos cobríamos com estopa. Éramos seis irmãos. Com a idade de três para quatro anos comecei a entender várias coisas. Papai a noite pegava o facão e foice e ia para o mato trabalhar, com a claridade do luar fazia cestos, quiçambas e peneiras de cipó – chegava pela manhã e lá ia ele para o canavial com meus irmãos (Trecho do livro *Ai de Vós*)

Depois do final de semana agitado, a segunda-feira de Mara começaria bem cedo. As sete ela acordava, não tomava o café pra poder dormir mais um pouco e saía para o trabalho na Barra da Tijuca, também Zona Oeste do Rio de Janeiro, no entanto espaço bastante diferente de seu local de moradia, o bairro pobre chamado Paciência. Segundo ela e a piada corrente no bairro, pra viver ali havia de “ter muita paciência mesmo”, já que era longe de centro comercial do rio, das áreas de alta renda, das praias. Mara vai de sapatos de salto alto até o ponto de ônibus, desce para pegar o metrô de superfície e só depois chega a seu trabalho, por volta das nove, onde atua como instrumentalista de dentista. Mara tem 35 anos e mora com a mãe, irmã e seus dois filhos. A mãe não trabalha e vive da pensão do ex-marido, mas é Mara que sustenta a casa e arca com as reformas do imóvel. Sem faculdade por conta da maternidade precoce e da falta de auxílio no cuidado das crianças da parte do ex-marido usuário de drogas, Mara pensa sobre a possibilidade de realizar um curso superior no próximo ano. (Trecho de meu caderno de campo)

Eu nasci de uma empregada domestica, minha mãe me teve aos 44 anos, ela começou a trabalhar em casa de família, aos nove anos de idade e até os quarenta e tantos era o que ela fazia. Ela trabalhava em casa de família e dormia no emprego, então ela não tinha uma casa pra voltar ao final do dia. Ela passava a semana inteira no trabalho e só saía aos domingos, que era o dia de folga. E, nesse dia de folga ela ia visitar amigos, parentes e tudo o mais. Quando eu nasci eu passei a morar com ela nos empregos. Eu era a filha da empregada, no quatinho dos fundos, com acesso até a cozinha. Em outros casos não, com acesso mais livre pela casa. Tenho memórias de famílias que me acolheram muito bem, quando criança, com mais liberdade na casa...como tenho lembranças de famílias que eu não podia passar da cozinha. Eu lembro que minha mãe sofria muito com isso, tanto que fui crescendo e isso começou a gerar problemas, então, com certa idade, eu comecei a morar em casa de amigos da minha mãe ou parentes. Lembro-me de ter morado com uma tia, algumas na verdade, umas três tias na baixada fluminense. Nessas moradias também em casa de patroa, eu morei em muitos lugares: Niterói, Largo do Machado, Copacabana. Minha mãe foi pulando de casa em casa, sem uma construção de laço familiar definitivo. Meu pai, a ultima vez que eu vi, tinha cinco anos de idade, ele era de Niterói. Digo era, pois não sei se está vivo ou morto, nunca mais o encontrei. E eu sou nascida no Rio de Janeiro, na Praça Quinze. Então, a história da minha infância é meio essa. Eu lembro que com treze anos, mais uma vez eu saí da casa da patroa e vim morar com uma tia. Era muito isso, o que eu lembro é que minha vida era assim como aquelas histórias de filme de família adotiva, aonde a família vai devolvendo a criança, quando dá problema, que a criança

vai passando por várias famílias? (Carla, interlocutora de Pesquisa, via *Whatsapp*)

Eu vim pra cá (Acre) pra estudar, hoje moro com marido. Eu morava com minha família no Amazonas. Lá não tinha como estudar, hoje faço pós-graduação na Faculdade Barão do Rio Branco. Lá eu morava no interior, no sítio, não consegui nem terminar o fundamental, terminei aqui. (Helena, interlocutora de pesquisa, via *Facebook*)

“Eu não tenho sonhos, tenho desejos”, disse minha interlocutora<sup>1</sup> de pesquisa em uma conversa onde falávamos sobre o futuro. Quando questionada sobre a diferença entre ter sonhos e desejos ela disse: “Eu acho que sonho é uma coisa que te move, sabe? Que você faria de tudo pra conseguir. Não sei se fica claro, mas ponho sonho um nível acima de desejos. Tem umas pessoas que, tipo, sonham em ser atletas e tal. Eu só tenho vontade de experimentar algumas coisas antes de morrer...risos”.

Este trabalho teve como objetivo fundamental compreender o que chamo de horizontes de aspiração das mulheres das classes populares e de que forma o acesso às mídias digitais permitem uma socialidade em torno da negociação dos limites e possibilidade em torno de tais horizontes.

Entendo por horizontes de aspiração, termo que mobilizarei ao longo do texto para falar das possibilidades de uso das mídias, tudo aquilo que envolve anseios em relação ao futuro, sejam eles de cunho econômico que visam alcançar melhores condições de vida, até mesmo os que estão ligados à esfera afetiva e da família. Tais horizontes seriam aqueles traçados com vistas a superar a experiência de origem subalterna e tudo o que ela teria de tradicional e limitador, seja a manutenção da pobreza, os papéis tradicionais de gênero, os limites a respeito do trânsito pela cidade, o acesso limitado ao mercado de trabalho, as impossibilidades de vivência da sexualidade e da vida íntima, dentre outros fatores.

Neste trabalho, os sonhos apontados por minha interlocutora como algo que vale o esforço de uma vida, bem como os desejos de experimentação compõem o que chamo de horizontes de aspiração.

---

<sup>1</sup> Utilizarei o termo “interlocutora” para se referir às mulheres dessa pesquisa, uma vez que o considero aquele que melhor expressa uma relação de diálogo que mantivemos ao longo do trabalho. Palavras como “informante” e “colaboradora” pressupõem, respectivamente, um sujeito que somente transmite informações a respeito de si e de sua realidade e que colabora diretamente com a pesquisa. Neste trabalho, acredito que construímos uma relação de interlocução que permitiu não só a realização da pesquisa, mas que interferiu no campo, na medida em que opinei sobre várias questões. Essa forma, não se trata de mera relação de colheita de informações. Por outro lado, as considerações expostas ao longo do texto são de responsabilidade minha e não dos sujeitos de pesquisa, uma vez que, muito embora eles autorizem a exposição dos dados, não opinam ou interferem no conteúdo da tese.

Os horizontes não são, necessariamente, planos organizados racionalmente e passíveis de realização em curto, médio ou longo prazo, mas dizem respeito àquilo que os sujeitos anseiam, com base no contexto onde se inserem e por meio das informações que acessam a respeito deste contexto e das possibilidades que circulam fora dele. Quanto maior o contato com outras possibilidades de existência, mais amplo será o escopo daquilo que é ansiado. Nesse sentido, acredito que o acesso às mídias interfere nos horizontes na medida em que possibilitam tanto contato com outras experiências, vivências e repertórios culturais, quanto com aquilo que é bastante disputado no contexto em que vivemos: as informações.

Os horizontes de aspiração não são elaborados de forma individual e autônoma. Eles acontecem em meio às relações sociais e, portanto, são alterados em um campo de discursos e práticas no qual se inserem os sujeitos. Tais disputas envolvem as múltiplas referências acessadas, no caso, pelas mulheres da pesquisa e acontecem nos discursos comerciais, do Estado e das próprias mídias digitais. Estes horizontes não são também algo que se concentram pra além da realidade do sujeito, eles integram essa realidade e, por mais que não necessitem ser concretizados, atuam dentro de um universo de signos e significados conhecidos previamente por quem deles compartilha. Os horizontes são disputados no cotidiano.

Como veremos ao longo da tese e, principalmente, em seu último capítulo, os horizontes dos sujeitos dessa pesquisa se evidenciaram como aqueles anseios menos fantasmas, nos termos de Eva Illouz (2014), e mais concentrados no cotidiano das urgências. Dessa forma, a socialidade em rede tem papel fundamental para a reflexão sobre os limites e possibilidade daquilo que se anseia.

Nesse sentido, a pergunta que se estruturou ao longo da pesquisa foi: o que faz o acesso às mídias digitais e à dinâmica de rede com os horizontes aspiracionais das mulheres das camadas populares brasileiras? Busco responder essa questão ao longo do texto, tanto apresentando o que considero integrar estes horizontes, quanto analisando sua relação com as mídias e redes sociais. Abordo as possibilidades e limites dos usos dessas tecnologias no tocante a transformação desses horizontes.

Vale ressaltar que a pesquisa se insere em um contexto mais amplo da sociedade brasileira dos últimos anos onde emerge uma nova realidade tecnológica de maior acesso às mídias pelas classes trabalhadoras. Dessa forma, não se trata de um trabalho sobre a divisão digital da sociedade, entre aqueles que acessam e não acessam a rede, mas sim de um problema que envolve relações sociais contextuais e *off-line* que não foram, necessariamente, criadas pelas tecnologias.



A pesquisa tenta dar conta desse contexto amplo, partindo não do pressuposto de uma análise pautada pelo individualismo e consumismo das classes trabalhadoras em rede, mas, como aponta Jack Linchuan Qiu, em sua obra que analisa as dinâmicas em rede das classes trabalhadoras da China, da necessidade de compreender os usos das mídias na realidade dos sujeitos:

Embora o consumismo e individualismo sejam quadros de interpretação, o desenvolvimento das Tecnologias da Comunicação e Informação (TIC's) da classe trabalhadora precisa ser entendido, primeiramente e acima de tudo, como resultado de condições urbanas em mudança que dão origem também a demandas existenciais dos trabalhadores, de suas famílias, de suas comunidades para necessidades indispensáveis como emprego, cuidados de saúde, apoio-mútuo. (QIU, 2009, p. 10)

O primeiro excerto que abre esta tese é parte do livro de Francisca da Silva, *Ai de Vós*. A obra era desconhecida por mim até uma tarde de trabalho em que me propus a procurar leituras que pudessem inspirar minha escrita, além dos textos acadêmicos. Procurei a literatura, por pensar que este espaço pudesse se constituir também como lugar de reflexão para e sobre as mulheres, muito embora tenha aprendido com Virgínia Woolf que a possibilidade da escrita também nos foi tirada, ao longo da história: “A liberdade intelectual depende de coisas materiais. A poesia depende da liberdade intelectual. E as mulheres sempre foram pobres, não apenas nos últimos duzentos anos, mas desde o começo dos tempos.” (WOOLF, 1985, p. 140-141).

O livro foi lançado em 1983 e trata-se da autobiografia de Francisca Souza da Silva, nascida em 1943, empregada doméstica carioca, que fez da escrita em um diário, publicado posteriormente em formato de livro, sua possibilidade de fala. Na obra, ela relata sua origem pobre no Município de Campos e o trabalho no cotidiano das casas da Zona Sul do Rio de Janeiro. O livro conta com falas pautadas também pela esfera afetiva e desejo de constituir família, por relatos de estupros e abusos no ambiente do trabalho, por lamentos sobre o processo de migração que afasta a família e os vínculos locais de origem, pelos problemas da instabilidade no emprego, pelas moradias onde passou e pela circulação e socialidade na cidade do Rio.

Todos esses fatos são expostos em primeira pessoa, com uma linguagem do cotidiano nem sempre preocupada em ser culta ou em apresentar a gramática considerada correta da língua portuguesa, mas muito comprometida em comunicar o cotidiano da vida de uma mulher pobre no século passado.

Quem teve essa coisa boa, que é a riqueza do pobre, chamada vergonha, é bom caráter e nunca o perde. Tá certo que comi o pão que o diabo amassou com as patas, mas deu pra criar meus filhos, eles cresceram e eu pude ser mais livre – e se hoje eu não estou bem, estou bem melhor do que era. Depois deles criados, quando já podia pôr suas comidas, tomar seu banho, das aos menores ajuda, eu melhorei e dei sorte, pois não tinha que sair do trabalho correndo, por um estar doente, outro dia pra ficar em casa, pois não tinha quem os olhasse, mas isso acabou. Valeu a pena eu sofrer com eles, serviu de lição pra mim em tudo e por tudo, sobre ser mãe, aprendi a dar valor a tudo aquilo que é difícil e a ser humilde, principalmente no trabalho. (SILVA, 1983, p. 130)

Já os três últimos excertos – que abordam as origens familiares dos sujeitos da pesquisa, bem como suas situações atuais profissionais e de acesso à educação – foram colhidos no campo. Respectivamente, em caderno de campo composto em uma de minhas viagens ao Rio de Janeiro, em dezembro de 2014, especificamente em um dos espaços onde realizo esta pesquisa, em Paciência, Zona Oeste da cidade; por meio de entrevista realizada por áudios no *Whatsapp*<sup>2</sup> com uma interlocutora da Baixada Fluminense e através de conversa via *Facebook*<sup>3</sup> com uma das mulheres da pesquisa que mora, até o momento do último contato, no Acre.

A internet, para as pessoas a serem apresentadas aqui, principalmente para as mulheres, também tem se mostrado espaço importante de fala, se considerarmos como os sites pessoais, os blogs e mesmo os perfis pessoais nas redes sociais, cujo conteúdo pode ser composto por relatos de experiências e vivências, se constituíram e ainda se constituem enquanto exemplares de diários *online*<sup>4</sup>. O próprio *Bolsa de Mulher*, site que compõe esta pesquisa e do qual falarei mais adiante, apresentava a possibilidade de falar de seu dia-a-dia no espaço chamado “diário”. Hoje, novas redes sociais, como o *Facebook*, também viraram espaço de expressão e publicização da rotina cotidiana, seja por meio de fotos, vídeos, textos. Dessa forma, as redes sociais são espaços privilegiados de observação daquilo que os sujeitos vivem e anseiam.

Tais espaços se constituem, nos termos de Dannah Boyd (2014), tanto como espaços públicos estruturados em rede, por isso são também meios de posicionamentos políticos; quanto podem ser ambientes de busca de parceiros afetivos, consolidação de dinâmicas de

<sup>2</sup> O *Whatsapp* é um aplicativo para smartphones por meio do qual os sujeitos podem estabelecer conversas síncronas e assíncronas com as pessoas da agenda telefônica do aparelho. O app permite troca e mensagens de texto, voz, compartilhamento de fotos e vídeos e criação de grupos fechados de discussão.

<sup>3</sup> *Facebook* é a mais popular rede social do Brasil onde é possível incorporar amigos e compartilhar fotos, textos e vídeos.

<sup>4</sup> Para um panorama do uso dos blogs como diários *online*, ver Sibilía (2004; 2008)

ajuda-mútua, apresentação de manifestações culturais, locais de divulgação de negócios próprios e daqueles de amigas e amigos, incentivo a discursos de motivação e empreendedorismo, etc.

Mara, Carla e Helena apresentam também um histórico de vida que as aloca em meio às populações de baixa renda, com dificuldades de acesso aos estudos, com famílias de origem humilde e com históricos de vida que lhes atribuem algumas características específicas. Elas participam de trânsitos pendulares marcados por habitar uma região pobre e trabalhar em uma rica, todos os dias – como é o caso de Mara que habita Paciência, mas trabalha na Barra da Tijuca -; elas passam por um processo de migração em busca de melhores condições de vida – do qual participou Helena que deixou o sítio dos pais para viver em uma cidade maior; e elas também têm uma trajetória diferente daquela das mulheres da família, envolvidas com trabalho doméstico – como é o caso de Clara que desenvolveu seu próprio negócio pela internet.

Mara tem 35 anos, dois filhos e é moradora da Zona Oeste do Rio de Janeiro desde que nasceu. Em nossas conversas dedicou-se em vários momentos a falar dos sonhos interrompidos de realizar um curso superior, por conta da maternidade prematura: “eu sempre quis fazer faculdade, mas não consegui. Casei-me muito cedo e depois vieram as crianças. Quem sabe agora, depois de terminar a reforma da casa”. Há muitos anos Mara trabalha como instrumentalista em um consultório dentário na Barra da Tijuca. No momento do último contato, ela morava com a mãe que após um acidente havia desenvolvido falta de memória e problemas motores, com a irmã e o sobrinho pequeno. A irmã também trabalha para ajudar no orçamento, mas segundo Mara, é ela quem arca com os gastos principais, incluindo a reforma da casa onde moram.

A casa de Mara, em Paciência é grande, muito embora a estrutura deixe evidente uma construção que aconteceu como foi possível, sem tantos planejamentos. O espaço é composto por uma casa maior e uma edícula aos fundos onde ela vive com os filhos e onde se ergue um sobrado muito pequeno, perto do tamanho do terreno. A casa grande, onde fiquei alojada em minha primeira visita, estava vazia uma vez que os móveis da mãe ficaram com o antigo namorado, na cidade de São José dos Campos, por conta da família não ter dinheiro para trazê-los com o término da relação.

A mãe e a irmã dormiam em um quarto pequeno na lateral da casa e Mara e os dois filhos dividiam uma cama de casal na edícula onde havia uma pequena cozinha com fogão e geladeira; um quarto com cama, sofá, TV de LED, computador, ar condicionado e um banheiro, o único com água quente da casa. O quintal grande comportava uma mesa de

plástico branca onde eram feitas algumas refeições, quase nunca em conjunto; uma área de serviços cuja máquina de lavar estava quebrada há muitos meses e um tanque, sempre repleto de roupas da família toda. A reforma acontecia na casa toda, mas a ideia principal era aumentar a edícula de Mara e fazer dela um sobrado onde viveria com os filhos, enquanto a mãe e a irmã ficariam na casa maior.

Em minha terceira visita, em abril de 2015, o sobrado de Mara, embora não estivesse finalizado havia sido rebocado há pouco tempo. A casa maior passou a ser ocupada pela mãe, irmã e o sobrinho recém-nascido, tendo em vista que os móveis haviam sido resgatados e alguns novos foram comprados.

O espaço de moradia de Mara era, em grande medida, parecido com as casas da vizinhança de Paciência e com aquelas dos bairros em que eu vivi em parte da minha infância e adolescência. Os terrenos não são pequenos e a forma de construção não se assemelha à das favelas, na medida em que não são moradias feitas no morro. Dessa forma, não há um crescimento vertical do espaço. As casas são grandes, os cômodos também e ainda costuma sobrar bastante espaço nos terrenos que pode ser usado pra construir outras casas da família ou como quintal.

Apesar disso, andando pelo bairro, tive a impressão de estar situada em um lugar muito parecido com o que figurava em minha mente a respeito das favelas do Rio de Janeiro. Os espaços sempre cheios de gente na rua, que se conhecem; uma população majoritariamente não branca, os supermercados com nomes desconhecidos para uma habitante do interior de São Paulo, os produtos escassos em diversidade de possibilidades de consumo e diversos mercadinhos e armazéns, que vendem de tudo, espalhados pelo bairro. Além disso, a falta de estrutura urbana fica visível em espaços de esgoto a céu aberto, falta de iluminação e recolhimento adequado do lixo.

Em todas as visitas ao Rio optei por me situar, parte do tempo, também na Zona Sul, sempre que possível, ao final ou ao começo de minha incursão etnográfica. E, em todas as ocasiões, era gritante a diferença entre os produtos consumidos, principalmente os alimentícios, na periferia e aqueles que eu podia acessar na Zona Sul. Dentro do território do Rio de Janeiro, certamente, cabem dois Brasis que não se aproximam, por vezes, espacialmente, sequer simbolicamente. Me espantava, principalmente, a diferença da qualidade da carne e de produtos de hortifrúti consumidos nas regiões pobres da Zona Oeste e na Zona Sul.

Carla tem 35 anos, mora em Morro Agudo, Nova Iguaçu, com o marido, os filhos e a mãe. Carla teve uma infância marcada pelo trânsito constante entre os trabalhos da mãe e a

casa de parentes que se dispuseram a cuidar dela, enquanto a mãe exercia sua atuação como doméstica em regiões de classe-média alta da cidade. Aos 13 anos, depois de morar em Niterói, Copacabana, Largo do Machado, Carla foi viver com uma tia, em Nova Iguaçu e aos 14 anos engravidou do primeiro filho certa de que teria um relacionamento longo com o pai da criança, dez anos mais velho que ela. O relacionamento terminou dois anos após a criança nascer por falta de apoio do marido nos cuidados com o filho. Aos 17 anos Carla conheceu o segundo marido, de quem teve o segundo filho, aos 18 anos.

A vida profissional de Carla começou aos 15 anos, após a primeira gravidez, na Zona Sul em uma clínica de fisioterapia. Devido à insatisfação de transitar pela cidade por longas distâncias para trabalhar, o que a impedia de ficar mais tempo com as crianças, Carla passou a mudar, com frequência, de emprego. Ela chegou a vender roupas, peças íntimas, açaí, teve um bar, atuou prefeitura de Nova Iguaçu e, atualmente, tem, juntamente ao marido, uma agência de publicidade para pequenas empresas que atua por meio do *Facebook* e com foco nas periferias do Rio de Janeiro e em outras regiões do país.

Helena tem 29 anos, mora no Acre, é casada e trabalha ajudando o marido em sua loja de material de construção. Saiu de uma cidade no interior, onde morava no sítio dos pais, para tentar a vida em uma cidade maior que permitisse mais acesso aos estudos e ao mercado de trabalho - “hoje faço pós-graduação na Faculdade Barão do Rio Branco. Lá [na casa dos pais] eu morava no interior, no sítio, não consegui nem terminar o fundamental, terminei aqui.”. Passou algum tempo morando com a tia que ofereceu melhores condições para estudar e se manter, no entanto, enfrentou um cotidiano de trabalho não remunerado que exercia em troca de casa e comida. Helena relatou-me em diversas ocasiões como a tia a tratava mal durante o expediente de serviços. Conheceu o marido, casou-se e teve, então, a possibilidade de continuar os estudos e entrar na pós-graduação, livrando-se dos maus tratos da tia.

As três relataram-me, de forma bastante intensa, via conversas face a face e por meio do *Facebook*, seus horizontes aspiracionais, desejos e projetos de ascensão social, as inseguranças de viver em meio à busca pela estabilidade e a não concretização completa dela, os anseios para a vida pessoal e em família e também os dilemas afetivos da vida amorosa e da busca e manutenção de parceiros.

Vale ressaltar que não conheci as moradias de todas as colaboradoras de pesquisa, com algumas exceções. Dessa forma, somente parte dos relatos a respeito dos espaços físicos onde moram e circulam são realizados com base em observações presenciais, como o caso de Mara, por exemplo, que me acolheu gentilmente, em duas de minhas visitas ao Rio de Janeiro.

Escolhi, para abrir este trabalho, trechos das experiências relatadas por estas três interlocutoras, bem como o relato de Francisca Silva, uma vez que eles assinalam aspectos que pretendo desenvolver ao longo de minha tese.

Se por um lado, trata-se de uma ruptura histórica pensar a origem e a realidade de trabalho, de vida pessoal e em família de uma mulher pobre que viveu em meados do século XX – Francisca da Silva -, em relação às mulheres que figuram em nosso universo de pesquisa integrado ao século XXI conectado; por outro lado, todas as frases que abrem este texto, assim como aquilo que acessei da história de vida de cada um desses sujeitos, apontam para uma experiência de mulheres marcada, ao longo de muito tempo, por uma série de dificuldades. Essas mulheres vivenciam o que chamo de experiência de subalternidade e que nos auxilia a pensar a origem familiar destes sujeitos.

O termo subalternidade é aqui mobilizado no sentido de apontar para experiências não somente de pobreza e de falta de acesso a bens materiais, mas que são compostas por diferenças de gênero, raça, sexualidade, dentre outras, que posicionam sujeitos em uma trama de relações geradora de instabilidades e incertezas a respeito do futuro e em relação a seus projetos de aspiração.

Fazendo alusão ao termo “subalterno”, como tratado pelos saberes insurgentes<sup>5</sup>, cuja influência principal acontece, inicialmente, por meio do clássico texto de Gayatri Spivak – *Pode o Subalterno Falar?* – faço uso desta categoria para adjetivar e caracterizar as experiências apresentadas aqui, sem deixar de abordar o que elas tem de específico em um contexto como o brasileiro e de uso intenso das mídias digitais e das redes sociais *online*.

O termo aparece já na introdução ao que escreveu a teórica indiana como sendo diferente da ideia de marginalização e marcando, pelo contrário, as “camadas mais baixas constituídas por modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política legal e da possibilidade de se tornarem membros plenos do Estado dominante” (SPIVAK, 2010, p. 12).

O subalterno, de acordo com as reflexões da autora não tem força de agência, nem mesmo de representação uma vez que a própria representação pressupõe a hierarquia de falante e de ouvinte. O subalterno não fala, se não se apropria de termos hegemônicos.

---

<sup>5</sup> Os chamados saberes insurgentes, que incluem principalmente, os estudos pós-coloniais e a teoria queer, surgem em oposição às correntes hegemônicas do marxismo que deixaram de corresponder aos agentes de sua época, aos quais se somaram os imigrantes, negros, mulheres e homossexuais. Como aponta Richard Miskolci, “as demandas feministas, de imigrantes de ex-colônias, de movimentos negros e homossexuais impulsionaram empreendimentos científicos que colocaram em cheque formas canônicas de compreender as desigualdades sociais”. (MISKOLCI, 2009, p. 159)

Tal afirmação não apresenta um sujeito que não articula palavras, literalmente mudo, mas, o ato de falar está sempre, no caso da subalternidade, atravessado pela não audição do outro, pela não compreensão da fala. Se o subalterno fala, não é compreendido em um contexto pautado pela relação entre hegemonia e subalternidade, onde se constituir na subalternidade é estar fora das normas e dos códigos de compreensão.

As mulheres dessa pesquisa não estão situadas em um local de exclusão, nos termos de Spivak que aborda as mulheres indianas em um contexto colonial. Dessa forma, o que chamo de experiência de subalternidade nos auxilia a pensar a origem familiar desses sujeitos e seu trânsito para expansão dos horizontes de aspiração, por meio do acesso às tecnologias. Não se trata de alocá-las em um lugar específico, mas de refletir sobre seus trânsitos e possibilidades de mudança.

Refletir sobre a subalternidade envolve tratarmos seu oposto relacional, a hegemonia. A construção de um aparato hegemônico, em termos mais simples, envolve o consenso também entre os subalternos. De acordo com Gramsci (1978), autor cuja sustentação é fundamental para as reflexões pós-coloniais como a de Spivak, aponta que a questão da hegemonia não deve ser entendida como simples subordinação ao grupo hegemônico; pelo contrário, ela pressupõe que se leve em conta os interesses dos sujeitos que compartilham de posições subalternas.

Dessa forma, para esta pesquisa, o pano de fundo da teoria da subalternidade e da hegemonia, nos auxilia a compreender os objetivos de vida e os horizontes de aspiração dos sujeitos de forma a observar que eles são compostos por anseios elaborados hegemonicamente, inseridos em um contexto que não se situa num âmbito simples de dominação. Os subalternos podem compactuar com projetos de vida que mantêm a subalternidade.

Em termos práticos, as mulheres podem ansiar pelo casamento, muito embora ele ainda reflita uma posição de subordinação ocupada pelas mulheres e um propósito de vida que conserva demandas tradicionais de gênero. A subalternidade não pressupõe, necessariamente, um questionamento da ordem, nem mesmo uma busca por ruptura. Tais ações podem se mostrar como impossibilidades tendo em vista que criar hegemonia, para Gramsci, envolve, necessariamente, disputas no campo da ética e da política.

Nas mídias digitais, a atitude de lidar com essa origem marcada por uma posição subalterna e de projetar novos horizontes de aspiração ganha outras proporções de acordo com a dinâmica em rede. Estar conectada quer dizer ampliar redes de socialidade e ter possibilidade de acessos a informações e repertórios que deslocam os horizontes aspiracionais

dos locais de origem e das relações familiares. A novidade trazida pela rede social *online* entre mulheres é uma intensidade de trocas a respeito de como lidar com os limites dos horizontes aspiracionais. A possibilidade de fala do subalterno, tão problematizado por Spivak, ganha outros contornos quando atravessado pela possibilidade de compartilhar experiências em redes *online*.

Tendo em mente os limites da relação entre agência e estrutura, me proponho tanto a refletir sobre os deslocamentos dos horizontes aspiracionais nos usos da rede e da (re) organização do contexto, origem e vivências dessas mulheres; quanto sobre as limitações acerca das transformações efetivas nas vidas dos sujeitos aqui apresentados.

Francisca Silva poderia ter sido mãe das mulheres desta pesquisa. Mãe, não no sentido tradicional do termo, que diz respeito à ligação biológica e a gestação, e sim como figura que remete essas mulheres do século XXI a um ambiente de origem pobre, subalternizado, negro, vinculado aos trabalhos manuais e de limpeza exercidos, em grande parte das vezes, por suas mães ou parentes próximos. Nesse sentido e ainda usando uma metáfora, Francisca Silva poderia ter parido, mesmo que simbolicamente, cada uma das jovens com as quais trabalho aqui e que tem suas experiências marcadas pela origem familiar subalterna. Ela encerra seu texto também fazendo um apelo às novas gerações de mulheres pobres e periféricas e a seus futuros, “Mas, e as outras? Todas essas meninas nascidas nas roças do interior ou nas favelas das cidades e que estarão expostas a estas mesmas coisas – que será delas?”.

As mulheres que aparecem nesta tese são personagens fundamentais dos últimos anos de melhoria das condições de vida material e social, evidentes com o maior acesso a educação e emprego<sup>6</sup> e com a possibilidade de criar laços com o advento das mídias digitais. Elas apresentam um histórico de vida que se situa entre a origem familiar subalterna, entre os anos recentes de maior acesso a lazer, consumo e educação e os horizontes de aspiração impulsionados também pela dinâmica em rede.

As mães domésticas, pais ligados aos trabalhos manuais, família sem acesso a curso superior, relações de gênero pautadas por desigualdades entre os homens e mulheres da família, referência de relacionamentos afetivos onde as mulheres são encarregadas do cuidado com a família e têm a maternidade como futuro garantido, dentre outros fatores, faz surgir as perguntas que conduzem essa pesquisa: quais os horizontes aspiracionais que as mulheres das classes populares brasileiras podem ter recentemente e como o acesso às mídias se articula a

---

<sup>6</sup> Com “últimos anos” me refiro, principalmente, aos últimos treze anos de intensificação de políticas sociais visando às populações pobres do país. Trata-se dos anos de governo do Partido dos Trabalhadores (PT)



estes horizontes? As mídias auxiliam as mulheres a superar a experiência e origem subalterna para além modificar suas relações com seus horizontes?

Dessa forma, inicio este texto com estes relatos no intuito de apontar as mudanças e permanências nos horizontes aspiracionais dessas mulheres da pesquisa, horizontes estes que, segundo dados colhidos em campo, se expandem com os usos feitos das mídias digitais, na medida em que, por si só, as mídias ampliam a possibilidade de trocas de experiências e de encontro com novos interlocutores e espaços de fala:

A tecnologia permite encontrar interlocutores virtuais com mais facilidade do que poderia ocorrer nos espaços físicos. A facilidade de se conectar não encontra páreo no mundo físico – em um ônibus, por exemplo, você pode estar ao lado de um fã de sua série preferida e nenhum dos dois jamais saberá disso. A escolha direta de interlocutores com quem se divide interesses comuns parece ser uma das principais características das comunidades virtuais. Uma pessoa que fisicamente vive em um ambiente com o qual não tem nada em comum tem a possibilidade de encontrar interlocutores quando essas fronteiras são eliminadas na comunicação mediada por computador. (SÁ MARTINO, 2014, p. 46)

Utilizo a ideia de modificação dos horizontes em meio ao uso das mídias para descrever o movimento realizado por minhas colaboradoras, evitando juízos de valor acerca deste acesso. Em meu texto de qualificação trabalhava com a ideia de que as redes permitiam uma reflexão que melhorava as condições de vida dessas mulheres, no entanto, tal consideração pressupunha uma postura da pesquisadora que poderia dizer, livremente, o que seria melhor ou pior para os sujeitos em questão.

Para a tese, prefiro abordar os usos da rede. Dessa forma, trata-se de compreender quais os movimentos realizados e não de avaliar se são bons ou ruins. Não se tratará de um texto prescritivo sobre como as mídias deveriam ser usadas ou sobre deveríamos lidar com elas. Muito embora exista um fascínio a respeito de análises generalizadoras sobre os efeitos das tecnologias em nosso cotidiano, que tendem a considera-las fúteis e promotoras de sujeitos individualistas e brutalizados, considero mais promissor buscar compreender como as mídias são usadas e como moldam a vida e cotidiano dos sujeitos.

Trabalho com a ideia de deslocamento e interferências nos horizontes aspiracionais, pois aquilo que se desloca é o que pode mudar sua direção. Temos como exemplo situações onde, por meio das redes sociais, os sujeitos passam a ansiar algo distinto daquilo que vivenciam em sua vida cotidiana, como no caso das interlocutoras que transformaram sua situação profissional pelo acesso á internet. Também pode existir uma alteração dos rumos

das questões relativas à esfera do relacionamento afetivo, bem como, na rede, é possível gerenciar reflexões sobre limites e possibilidades.

A expansão dos horizontes está baseada na ideia de que essas mulheres, por meio do acesso a rede social e de informações, entram em contato com repertórios que as permitem incorporar aspectos àquilo que anseiam, sem que, necessariamente transformem o que é desejado. Como exemplo para esta última situação, posso mencionar interlocutoras que fazem uso das mídias para acessar informações diversas e incorporá-las à seus horizontes afetivos como no caso das que apontam como têm contato com maiores informações sobre como manter um relacionamento de sucesso, como ser uma boa esposa, uma boa mãe, etc.

As pessoas que surgem nesta pesquisa desfrutam de um acesso recente à educação e outras políticas públicas, bem como às dinâmicas de rede que expandem os horizontes aspiracionais e se contrapõem ao contexto de origem e às experiências familiares, muito próximas das de Francisca Silva, doméstica e autora do livro mencionado na abertura do texto. As mídias exerceriam, nesse sentido, papel fundamental, pois permitem o aumento dos círculos de amizade e de trocas de experiências. Além disso, podem modificar o repertório cultural das usuárias na compreensão que elas têm de si e do seu entorno (SIBÍLIA, 2008; BAYM, 2013; MISKOLCI, 2015; ADELMAN, 2015).

Como pano de fundo de minha análise no tocante à experiência de origem subalterna, considero experiência como aquilo que precisa ser problematizado na dinâmica social e não como o que detém o poder de explicá-la. Dessa forma, retomo as experiências dos sujeitos de forma contextual e não com o objetivo de dar cabo a análise por meio delas. Trazer à tona uma observação dos horizontes aspiracionais em rede envolve compreendermos as experiências no sentido de desmontá-las, questioná-las e abarcarmos elas em seus contextos de desenvolvimento.

Joan W. Scott, teórica feminista que estabelece uma crítica à evidência da experiência como procedimento de análise, afirma que não são sujeitos que têm experiências, mas que as experiências formam os sujeitos. Tal afirmação muda os termos sob os quais funcionava uma forma de estudar o social que dava visibilidade a experiência como aquilo que melhor podia falar sobre os sujeitos, sem considerar como ela era constituída pela diferença, por relações sociais e normas e não um dado *a priori*. Partindo da crítica de Scott, o intuito desse trabalho é apontar como a experiência de subalternidade que marca as vidas das jovens dessa pesquisa, que tem feito uso da rede recentemente, é um meio “de explorar como a diferença é estabelecida, como ela opera e como e de que maneira constitui sujeitos que atuam no mundo” (SCOTT, 1998, p. 301).

Inspirada por Scott, compreendo experiência como aquilo que deve ser problematizado, historicizado e entendido contextualmente. Este campo aponta para a possibilidade de ter tais teorias como pano de fundo, na medida em que os sujeitos dessa pesquisa são tanto constituídos em relação ao uso da rede. Desse modo, as experiências aqui apresentadas são passíveis de serem problematizadas não somente a partir dos relatos de vida, mas também da observação do contexto em que vivem, dos aspectos que envolvem as questões de mudanças do contexto econômico, por meio dos seus trânsitos na cidade, da compreensão de seus afetos como elementos centrais para a análise.

Dessa forma, o relato de si e de sua trajetória é somente a primeira informação colhida em campo e aquilo que devemos destrinchar, problematizar e reconstituir histórica e contextualmente para compreender tanto o que figura no horizonte de aspiração do sujeito e porque figura, quanto a forma de usos das mídias digitais por estas mulheres e como ela atravessa tal horizonte. As mídias digitais e a dinâmica em rede faz da experiência uma experiência em rede ou conectada.

Para tanto, parto também de uma pesquisa etnográfica que acessou o contexto *off-line* dos sujeitos; suas relações e socialidades em rede; que procurou ter contato com um debate a respeito da cidade do Rio de Janeiro e de seu desenvolvimento sócio histórico. Isso inclui debruçar-se sobre as referências midiáticas tanto presentes na internet, quanto divulgadas pelas mídias de *broadcasting* e que compõem o repertório cultural das mulheres que participaram desta pesquisa. Para tanto, busquei vasculhar as referências musicais e de produção cultural acessadas e produzidas por elas, nos espaços observados. Por fim, levei em conta também as discussões no âmbito da política, dos movimentos sociais que atravessam as pessoas das classes populares brasileiras nos últimos anos.

Portanto não se trata de uma etnografia unilateral e sim de compor um quadro de observação e um esquema teórico capazes de dar conta da complexidade de vivências e referências das quais estas pessoas compartilham. Trata-se de um esforço de estabelecer um olhar panorâmico imerso no universo cultural dessas mulheres, no sentido de acessar o contexto histórico, mas, também, as narrativas sobre suas vidas particulares. Usando a metáfora da tecnologia, minha proposta é de, como se fosse um drone, sobrevoar este momento histórico e abarcar, o mais amplamente possível, o que compõe o cenário habitado por minhas interlocutoras. Por outro lado, fazer uso de uma análise que também acessa a intimidade dessas pessoas, quase como uma câmera acoplada em seus dispositivos móveis e computadores, atenta aos seus cotidianos e às suas diversas movimentações, transformações e permanências.

## O CAMPO DA PESQUISA, A ETNOGRAFIA MEDIADA E MULTISITUADA E O ESPAÇO RELACIONAL

Cheguei ao *Bolsa de Mulher* já em minha pesquisa de mestrado que teve como foco as redes de ajuda-mútua femininas *online*. O *Bolsa* é um site que foi criado pelo grupo *Bolsa de Mulher AS*, no ano 2000 e com atual sede em São Paulo, mas que teve sede inicial na cidade do Rio de Janeiro. Segundo os relatos de minhas colaboradoras e fontes do próprio site, ele passou a se popularizar no Brasil entre 2006 e 2009. O *Bolsa* funciona como um serviço de rede social feminina em que as mulheres elaboram fóruns de debate, principalmente sobre a esfera da intimidade, da família e dos relacionamentos amorosos. As usuárias do site são, em sua maioria, jovens mulheres que trabalham na área administrativa, em ocupações como secretariado, escritórios de advocacia e contabilidade e também no comércio. Ou seja, apresentam em comum a participação profissional no Setor Terciário, esfera que mais cresceu na última década e mais abarca os empregados das classes populares, como apontam pesquisas recentes (cf. Pochmann, 2012; Scalon e Salata, 2012). Algumas interlocutoras da pesquisa já são casadas, outras possuem filhos e deixaram o trabalho, mesmo que temporariamente, dividindo a rotina dos afazeres do lar com a navegação pela internet.

Ainda que a internet comercial tenha se iniciado no Brasil entre 1996 e 1997, a partir das entrevistas, constatei que minhas interlocutoras são usuárias recentes, que intensificaram sua forma de acesso, principalmente a partir de 2010. Suas conexões iniciais aconteceram, primeiramente através do trabalho, em *lan-houses* ou apenas nos últimos anos, em meio ao barateamento dos equipamentos e serviços de acesso. Essas usuárias que adentraram a rede recentemente são *novatas* no mundo *online*, pois chegaram após aqueles sujeitos de classe média alta que estão na rede, no Brasil, desde seu surgimento, considerados, nos termos de Nancy Baym (2010), *netcitizens* (cidadãos/ãs digitais).

Os dados colhidos ao longo dos anos pelas Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílio (PNAD's) apontam para a realidade digital do país. De acordo com aquelas realizadas entre 2005<sup>7</sup> e 2011<sup>8</sup>, o aumento no número de pessoas com acesso à internet no Brasil foi de 143,8% e já atingia cerca de 78 milhões de pessoas com 10 anos ou mais. Já a PNAD de 2014 mostrou que no ano de 2013 chegamos a quase metade da população do país com acesso – 48% dos domicílios, sendo a maioria em regiões urbanas. Em termos regionais,

---

<sup>7</sup> <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2005/>

<sup>8</sup> <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2011/>

a pesquisa realizada em regiões metropolitanas do país, mostra que nas Regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste mais da metade da população já tinha acesso à rede, mas que o maior aumento no número de usuários em termos absolutos tem sido nas regiões Norte e Nordeste.

Dentre as pessoas que compõe o público *online*, há um aumento recente no número de usuárias mulheres, as quais também despontam como maioria na posse de celulares. Em pesquisa divulgada no ano de 2016, aponta que os domicílios com acesso passam da metade, já no ano de 2014 – 54.9%. O acesso ao telefone celular é fator fundamental para a conexão da sociedade brasileira, tendo em vista que a popularização dos aparelhos foi responsável pelo aumento significativo de pessoas conectadas<sup>9</sup>.

No que se refere às colaboradoras na pesquisa, elas são, em sua grande maioria, moradoras da periferia geográfica descrita na PNAD ou, em termos mais claros, usuárias recentes que vivem na fronteira mais nova desse processo de expansão do acesso às mídias digitais no Brasil.

Dentre as mais jovens usuárias, com idade que varia entre 20 e 30 anos, é comum a conclusão de curso universitário em instituições privadas de ensino, com financiamento para pagar depois da conclusão, como o FIES<sup>10</sup>, ou através do pró-Uni<sup>11</sup>, ambos os programas criados na década de dois mil como parte do intuito governamental de democratização do ensino superior no país. Parte considerável das mulheres é parda ou preta, muitas com cabelos alisados. Na composição dos tópicos de seus perfis *online* é comum a menção a obras, bem como autoras e autores de autoajuda, como também escritos religiosos, principalmente de caráter evangélico ou espírita<sup>12</sup>.

Nos perfis do *Bolsa*, algumas mulheres não possuíam foto<sup>13</sup> e é recorrente a apresentação, em seu lugar, de uma imagem colhida na internet, como, por exemplo, imagens

---

<sup>9</sup> [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa\\_resultados.php?id\\_pesquisa=149](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=149)

<sup>10</sup> O Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), criado em 2001, é um programa do Ministério da Educação destinado a financiar a graduação na educação superior de estudantes matriculados em instituições não gratuitas. O programa auxilia o estudante pagando a mensalidade do curso e o reembolso ao governo acontece depois da formatura, quando o estudante já está empregado.

<sup>11</sup> O Prouni, um programa do Ministério da Educação criado pelo Governo Federal em 2004, que concede *Bolsas* de estudo integrais e parciais (50%) em instituições privadas de ensino superior. Para concorrer às *Bolsas* integrais, o candidato deve comprovar renda bruta familiar, por pessoa, de até um salário mínimo e meio. Para as *Bolsas* parciais (50%), a renda bruta familiar deve ser de até três salários mínimos por pessoa.

<sup>12</sup> Um exemplo dos discursos da “mulher poderosa”, aquela bem sucedida profissionalmente, mas que também não deixa de resolver-se na esfera afetiva e amorosa é comum entre os livros de autoajuda direcionados a este público. Dentre os títulos mais famosos, que aparecem nas dinâmicas do *Bolsa* figuram: *O Que Toda Mulher Inteligente Deve Saber*; *Mulheres Ousadas Chegam Mais Longe*; *Comer, Rezar, Amar*; *Por que os homens amam as mulheres poderosas*, apenas para citar os mais mencionados. Livros religiosos também surgem nos discursos, principalmente a Bíblia e autores como Zíbia Gaspareto.

<sup>13</sup> No período de maior atividade no site *Bolsa de Mulher*, vale ressaltar, a ausência dos smartphones era fator que impedia a produção intensa de imagens e fotografias de si, como, por exemplo, os selfies. O porte da

de animais como cães e gatos em poses que remetem ao universo dos filhotes ou de fadas e anjos. Os nomes das usuárias, geralmente, são acompanhados de números que representam ano de nascimento ou idade, como Ana87, Rita25. Também é recorrente a exposição de signos juntamente aos nomes como PaulaLeonina ou ClaraAriana. São várias as usuárias que se colocam no diminutivo acrescentando à sua identificação adjetivos como “princesinha”, “lindinha”, “neguinha”, “loirinha”. Alguns diminutivos e determinadas fotos de perfis como gatinhos e fadas remetem a imagens tidas como típicas de um universo feminino de fragilidade e sensibilidade.

A distribuição geográfica das usuárias do *Bolsa* se mostrou um dado interessante para compreender como o acesso à internet envolve posições de classe social no Brasil. Desde o início da primeira pesquisa, no começo de 2011, percebi que a mancha geográfica em que se expandiu a rede social feminina tinha contornos delimitados pela forma como o site foi anunciado e o processo de expansão de usuárias de internet vindas das classes populares em anos recentes. O site começou a se popularizar por meio de anúncios em um Messenger, o MSN, o qual foi – por muitos anos – muito popular no Brasil até que, em 2013, foi incorporado ao programa de videoconferência Skype. Mulheres que entravam na internet logo criavam um *log in* para adicionar parentes e amigos em seus *Messengers* e manterem-se conectadas com eles do trabalho, escola ou em casa.

Além disso, como uma pesquisa etnográfica conduzida com meios digitais, tive que lidar com uma forma de delimitação do campo em que a geografia tradicional passou a se associar ao espaço relacional criado em rede, compartilhado e vivenciado pelas mídias. Ele não segue a geografia nos termos convencionais de definição das fronteiras de um campo, mas pode ser delimitado pelas características que compõem a rede em termos de gênero, renda, origem étnico-racial, religião, entre outras. No campo em pauta, trata-se de uma rede que mesmo se expandindo na forma de uma mancha geográfica extensa, guarda elementos unificadores, os quais, inclusive, definiram sua expansão, o vínculo entre seus membros e viabilizaram a pesquisa.

O *Bolsa de Mulher* e a rede social que dele faz parte ganhou relativa autonomia em relação ao site em que se iniciou, pois parte das usuárias criou um grupo no *Facebook* assim como expandiu e manteve a rede inicial. Posteriormente, por outros meios como plataforma de videoconferência, e-mails, celulares, sendo estes últimos, mais usados recentemente, principalmente no tocante a criação de grupos no aplicativo de conversas chamado

---

câmera, atualmente, por meio do celular, muda esta realidade, permitindo o sujeito produzir infindável número de fotografias a serem postadas ou não na rede.

*Whatsapp*<sup>14</sup>. Daí ser possível afirmar que meu campo foi delimitado por essa rede ativamente criada por um conjunto de usuárias que selecionou as componentes a partir de seus critérios próprios, ou seja, elas montaram grupos com base em afinidades específicas entre membros que conheceram no *Bolsa*

Esse tipo de dinâmica criada por meios digitais é um fenômeno recente, característico de uma conexão mais eficiente e multiplataforma, que impõe desafios metodológicos assim como demanda novas ferramentas teóricas para sua compreensão e análise, além de exigir uma atualização constante dos meios de pesquisa que migram daqueles restritos ao computador, para as redes móveis de acesso constante.

Fui inserida em um grupo criado por parte das usuárias do *Bolsa*, no *Facebook*, por um dos usuários, o Luiz Gustavo, uma das primeiras pessoas com quem falei e com quem estabeleci, logo, uma relação de empatia. Gustavo foi minha porta de entrada no site e em todos os outros espaços criados por esta rede de mulheres. Ele é antigo morador de Ilha do Governador, que acabou se mudando com a mãe para Cabuçu, pequeno distrito da Baixada Fluminense. Da parte dele, também havia uma queixa recorrente pela falta de socialidade urbana que tinha quando morava na Ilha. Na época, ele tinha 39 anos, se afirmava como é cristão protestante e sua profissão era professor de matemática.

Apelidado de “fadinha do *Bolsa*” por conta de sua delicadeza expressa por ele próprio durante as conversas comigo e com as usuárias da plataforma, o carioca não traz em seu corpo as marcas de uma masculinidade de sucesso em termos dos padrões dominantes de um gênero rude, distanciado do feminino, não delicado. Guga, assim como grande parte das mulheres dessa pesquisa, coloca a internet como fundamental para conhecer pessoas em meio às mudanças pelas quais passou com sua ida para Cabuçu, um lugar interiorano. Ele afirma que o *Bolsa* foi um “achado” em um momento em que passava por problemas com a namorada que conheceu no pequeno distrito.

A migração das usuárias do *Bolsa* para a outra rede social se deu devido aos vários problemas técnicos enfrentados diariamente no site, o que tornava a navegação muito difícil, mas também, principalmente, por conta de um esforço das usuárias de manter maior sigilo sobre os tópicos de debate, uma vez que no *Bolsa* os fóruns eram abertos ao público.

Além do *Bolsa de Mulher* e das redes criadas pelas usuárias do site, utilizei o espaço *online* para aumentar o escopo da pesquisa e conseguir entrevistas com um público mais

---

<sup>14</sup> O Whatsapp é um aplicativo para smartphones por meio do qual os sujeitos podem estabelecer conversas síncronas e assíncronas com as pessoas da agenda telefônica do aparelho. O app permite troca de mensagens de texto, voz, compartilhamento de fotos e vídeos e criação de grupos fechados de discussão.

diverso. Por meio do *Facebook*, de grupos criados pelos usuários e usuárias, de sites masculinos de aconselhamento e de espaços *online* que correspondem aos espaços *off-line* de pesquisa, busquei novos colaboradoras e colaboradores.

O primeiro espaço no qual procurei rapazes para me cederem entrevistas e conversas de acompanhamento foi o QPT, cuja sigla significa “Querer é poder, tente!”. Conheci o site através da pesquisa de Juliana do Prado, sobre aconselhamento *online*, onde a autora faz um apanhado sobre sites de aconselhamento afetivo compostos por diversos estratos sociais (DO PRADO, 2015). O QPT é uma plataforma representativa de um uso da rede para discutir questões afetivas por parte dos homens e compõe um cenário diverso de sites masculinos direcionados à este assunto, como aponta a autora.

A rede de pessoas do QPT possui tanto um blog onde eram disponibilizadas matérias relativas à conquista amorosa, ao aprimoramento individual a como manter uma boa aparência, ter sucesso na vida profissional, entre outros temas. O site, de acordo com o que consta na própria plataforma, foi fundado em 2009 por dois amigos que queriam falar sobre “relacionamentos e conquistas de um modo humorístico”<sup>15</sup>. No entanto, notando a necessidade “de evoluir, de dar um ar mais sério as postagens e ensinar os leitores a serem homens completos, o que os tornaria atraentes para as mulheres”, optaram por ministrar curso de desenvolvimento pessoal, abrir espaço para os usuários se exporem e comporem tópicos, falarem das técnicas de conquista, da vida profissional, mas também de cinema, esporte, etc.

O grupo é formado por jovens homens também das classes baixas que se distribuem em diversas regiões do país, e que, assim como as mulheres do *Bolsa*, estão em sua grande maioria fora dos grandes centros urbanos, vivendo em regiões mais periféricas, caracterizadas por acesso mais recente às mídias digitais. O acesso à maior escolaridade, por parte deles, também se dá por meio da chegada ao ensino superior, no entanto, também em universidades privadas. A diferença mais gritante entre os relatos colhidos com as mulheres do *Bolsa* e em sites direcionados a rapazes e em grupos constituídos por eles está colocada na centralidade ou não da esfera afetiva e dos relacionamentos amorosos.

Como apontarei em outro momento deste texto, para os jovens homens das camadas populares, embora compartilhem deste mesmo momento de inseguranças e incertezas, bem como de demandas de sucesso profissional e ascensão, a relação afetiva não surge como central no horizonte aspiracional. Ou seja, para eles, as relações não figuram enquanto

---

<sup>15</sup> Disponível em: <<http://qpt.com.br/sobre/>>.



possibilidade de ascensão social, muito embora o assunto das ficadas<sup>16</sup> e dos namoros seja evidente nos sites observados. A busca pela rede online está muito mais centrada no auto aprimoramento como possibilitador de sucesso. O processo de contato com os rapazes da pesquisa seguiu o mesmo formato daquele das mulheres. Não me concentrei somente nas plataformas, tive acesso às suas redes sociais pessoais e estabeleci conversas privadas.

Ainda na internet fiz uma incursão detalhada em grupos *online* que correspondiam aos espaços *off-line* de pesquisa, como é o caso dos grupos: Baixada Fluminense, GLS da Baixada, Baixada de Cultura e Zona Oeste Rio de Janeiro.

Outra estratégia foi pedir para que minhas interlocutoras já consolidadas me apontassem parentes, amigos e amigas, namorados e namoradas que tivessem interesse em contribuir com a pesquisa e que compartilhassem dos processos de socialidade tanto destes bairros e regiões, quanto de suas redes de socialidade *online*. Com isso, minha intenção foi manter o campo na internet com essa característica mais ampla no tocante a conter pessoas de várias regiões do país e ter também um campo *off-line* – do qual falarei a seguir – que fosse fixo e que me permitisse fazer incursões mais aprofundadas no sentido de observar o cotidiano desses sujeitos. Por isso meu campo foi construído dentro e fora da rede, partindo do pressuposto de que estar na rede é mais uma faceta das experiências do sujeito, não havendo uma separação ou uma ruptura entre *online* e *off-line*, mas uma continuidade.

Vale ressaltar que a ideia de trabalhar com jovens homens vinculados a um projeto de masculinidade heterossexual, e também com outros recortes de público, vem da necessidade de, por um lado expandir os perfis analisados com vistas a ter uma variedade de público das classes populares, mas também, e principalmente, de observar como e em que medida existe um deslocamento dos horizontes aspiracionais dos sujeitos, ficando ou não visível na rede de socialidade *online*. Em outros termos, abordar o uso das mídias digitais por um público diverso, joga luz nos sujeitos dessa pesquisa, em suas experiências elaboradas de maneira relacional e em seus horizontes de aspiração.

Esta tese não é simplesmente um trabalho sobre mulheres, mas sobre seus horizontes de aspiração em rede que se constituem em relações sociais diversas atravessadas por gênero, classe social, sexualidade, dentre outras diferenças. Em outros termos, para falar sobre elas, preciso falar sobre eles; para compreender seus anseios de classe, necessitamos abordar sua relação com, por exemplo, a Zona Sul carioca; para refletirmos sobre as relações afetivas que

---

<sup>16</sup> Ficadas, no contexto brasileiro, dizem respeito a relações e encontros que não culminam, necessariamente, em namoro. É comum chamar de “ficada” conhecer alguém em uma festa e beijar essa pessoa naquela noite ou mesmo por meses ou semanas, no entanto, sem a delimitação de um compromisso.

figuram nestes horizontes, necessitamos abordar a diversidade de elaborações da sexualidade observadas em campo; para compreender o que estes sujeitos buscam em meio às relações amorosas, é importante retomar dentre outros fatores, o que querem os parceiros e parceiras em potencial; dentre outros aspectos.

Ainda no que toca o uso das mídias, recentemente tenho sido demandada pelas usuárias e usuários das redes a utilizar outros espaços de observação das formas de socialidade, que envolvem não o computador como principal forma de acesso à rede, mas sim os smartphones e os aplicativos instalados neles, como o caso do *Whatsapp*.

Mantendo a característica de compor meu campo ativamente, de acordo com as demandas dos sujeitos da pesquisa, incorporei, no início de 2014, observações e debates via grupo criado no *Whatsapp* pelas usuárias do *Bolsa*. O primeiro deles era composto por doze usuárias e leva o nome de *Meninas do Bolsa*; o segundo foi criado posteriormente e é chamado de *Lulu*, mesmo título que nomeia um dos grupos do *Facebook*. O segundo grupo do aplicativo conta com onze usuárias, tendo em vista que uma delas foi deixada de fora, uma vez que as demais usuárias não se sentiam a vontade para expor suas vidas a ela, argumento que foi usado como justificativa para criação do segundo grupo.

Atualmente os grupos estão inativos e são mobilizados em datas comemorativas como aniversários e festas de fim de ano. A volatilidade destes grupos, vale dizer, não prejudica uma pesquisa realizada por meio de uma dinâmica multiplataforma, já que não tem como foco o uso de uma rede social específica, mas os usos das mídias digitais tomadas em conjunto de modo convergente e articulado. O mesmo aconteceu com o *Bolsa*, que se tornou site informativo e não conta a antiga arquitetura de rede social.

Vale ressaltar que as observações por meio do aplicativo *Whatsapp* me exigiram repensar a metodologia da pesquisa, uma vez que ele comporta uma forma específica de socialidade, muito mais intensa e dissolvida ao longo do dia, na medida em que a mídia móvel permite acesso constante, fora dos ambientes da casa e do trabalho. Os grupos criados no *Whatsapp* apresentam características que podem permitir uma coleta de informações intensa, pois são grupos formados pelos próprios sujeitos de acordo com afinidade, empatia, aspectos de vida compartilhados; trata-se de um espaço, mesmo que *online*, onde os sujeitos se sentem a vontade para expor problemas diversos, desde pessoais e amorosos, ou mesmo na esfera profissional. No entanto, os grupos criados no interior dos aplicativos desse tipo trazem uma dinâmica particular que vale a pena ser discutida e ter a metodologia de acesso repensada.

Uma das primeiras características das dinâmicas no grupo do *Whatsapp* diz respeito a ser ele constituído pelas próprias usuárias; além disso, embora seja possível agendar

conversas com o grupo, o acesso ao aplicativo se dá em tempo integral, o que, por um lado, permite a pesquisadora acessar informações de forma mais espontânea, no momento exato em que as ações acontecem, ainda que inseridas em um contexto *off-line* específico. Em outras palavras, embora as mídias digitais sejam acusadas de manter a frieza entre os sujeitos, é comum, ao contrário e principalmente com o acesso móvel, que aproximem as pessoas do grupo das experiências vividas fora dali em tempo quase real.

Nestes ambientes abre-se espaço para falar de coisas não ditas em outros lugares e para expor sentimentos que não seriam expostos com tanta facilidade sem a mediação da tecnologia. Até o momento, vivenciei muitos debates em torno de problemas cotidianos enfrentados na esfera afetiva, na vida em família de minhas interlocutoras, que eram apresentados via aplicativo e atravessados por todas as emoções do momento. Este aspecto ficava visível em áudios gravados com voz de choro, frases como “*acabei de discutir com meu marido*”, mensagens trocadas na madrugada após término de namoro, apenas para citar alguns exemplos.

Dessa forma, o campo *online* se mostrou uma seara de pesquisa que está em constante movimento com o surgimento de novas mídias de acesso e, nesse sentido, os métodos e técnicas de trabalho etnográfico podem ser repensados ganhando novo sentido por meio dessa nova dinâmica, que não mais pressupõe um sujeito pesquisador que controla os meios de pesquisa. Não se trata mais de estabelecer contatos por meio do agendamento prévio de conversas e de grupos focais, mas de compreender que a pesquisadora precisa estar atenta a própria temporalidade da vida das pessoas. Em suma, via aplicativos de comunicação, a pesquisa parece ter se tornado cada vez mais síncrona e dinâmica, colocada no “calor dos acontecimentos”.

O campo fora de rede, como já adiantei se deu na Baixada Fluminense e parte da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Estes locais foram escolhidos por apresentarem um amplo público abarcado pelo recorte dessa pesquisa e pelo fato de a rede de colaboradores e colaboradoras ter se dado ativamente, ou seja, o próprio campo *online* indicou os espaços *off-line* que mereciam ser estudados na medida em que apontavam para determinadas regiões do país como locais representativos dos públicos em questão. Escolhi o Rio de Janeiro, pois o *Bolsa de Mulher*, site que fundou este trabalho, surgiu em solo carioca e teve, durante toda a pesquisa, um grande público dessa região do país.

Realizei três visitas aos espaços *off-line* da pesquisa, a primeira no ano de 2012 em meio a um evento no qual fui apresentar trabalho, promovido pela Universidade Federal do Rio Janeiro. Neste momento, passei dois dias com minhas colaboradas, reunidas na casa de

uma delas, uma pequena quitinete em Curicica, na Zona Oeste. Tratou-se de uma primeira incursão, mais rápida, restrita às moradoras do Rio e com vistas a sermos apresentadas pessoalmente.

A segunda circunstância se deu em novembro de 2013, já em meu doutorado, por conta do casamento de Patrícia. Fui convidada para a festa e acompanhei todos os preparativos por meio do grupo do *Facebook*, o que incluiu participar de “vaquinhas” para o presente, de planejamento de passeios, de discussões sobre o matrimônio, a vida a dois, etc. Esta incursão aconteceu durante 15 dias, e por meio dela pude conhecer um número grande de usuárias do *Bolsa* e pude também ter contato com o cotidiano de algumas delas, principalmente de Mara, que me acolheu em sua casa durante esse período, em Paciência, também na Zona Oeste.

A terceira visita aconteceu em abril de 2015 e durou cerca de dez dias. Neste momento, novamente estive alocada na casa de Mara, em Paciência, e circulei por outros espaços, como a Baixada Fluminense. Vale ressaltar que em todas as visitas ao Rio decidi por circular também na Zona Sul e observar a relação dos sujeitos da pesquisa com essa região da cidade, bem como compreender as dinâmicas e fluxos urbanos.

Esta tese tem como eixo metodológico o que chamo de etnografia mediada e multisituada. Não se trata de um estudo de plataformas digitais por meio das quais os sujeitos estabelecem suas relações que podem ser apreendidas somente com observação da dinâmica *online* e de suas descrições. Este trabalho tem como intuito observar os usos feitos das mídias, principalmente, por mulheres das classes populares brasileiras e, portanto, se dedica a compreender o contexto sociocultural em que vivem e de onde acessam essas tecnologias e redes.

Tal contexto permite entender a importância das relações em rede em suas vidas, suas formas de acesso, os conteúdos acessados, suas limitações de uso, o que as motiva a estabelecer espaços de socialidade *online*, em que momento estão mais em menos conectadas, qual sua estrutura de acesso, etc. Assim, é uma pesquisa mediada, na medida em que utiliza as mídias digitais para realização de uma parte das observações, conversas de acompanhamento, entrevistas, interações com os grupos constituídos pelos sujeitos, análises de perfis, dentre outras coisas. O termo “conversas de acompanhamento”, utilizo, já em minha dissertação de mestrado, para fazer referência a uma forma de contato específica da rede, com os sujeitos da pesquisa:

Uso o termo “conversas de acompanhamento” para falar dos diálogos que mantive ao longo de vários meses, pois não se tratava de entrevistas com horário marcado e final previsto, característica esta que a internet traz à pesquisa etnográfica, uma vez que possibilita, por meio das redes sociais, contato constante com os interlocutores, suas postagens nestes espaços, seus chamados no MSN e no *Facebook*, seus e-mails, etc. Ou seja, apesar de contar com um roteiro pré-estabelecido de informações básicas, optei por manter contato diário com as pessoas que se utilizavam da plataforma, bem como algumas conversas desvinculadas do objetivo da pesquisa, fundamentais para a aproximação entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado. (FACIOLI, 2013, p. 35)

A etnografia multisituada se caracteriza por não ter a rede como único espaço de análise e por se contrapor a um conjunto de estudos que bebe das teorias a respeito do Ciberespaço e da Cibercultura. Estes termos surgem na década de noventa por meio da produção de Pierre Levy que se dedicou em observar o impacto potencial da entrada das tecnologias da informação e da comunicação (TICs), bem como da internet, no ensino francês. A ideia naquele momento era de que tal fato poderia ter consequências até então inimagináveis para o processo de ensino e aprendizado no país, na medida em que criava, em rede, um tipo de relacionamento humano que, muito embora mantenha relações com o que acontece nos ambientes *off-line*, apresentava uma série de particularidades. O conceito de cibercultura aponta para um:

Círculo de ideias, práticas, representações, textos, imagens e ações que estão marcados pela interação digitalmente mediada. A cultura é aqui entendida em um sentido amplo, sempre organizada a partir de um conjunto de práticas, o que nos permite dizer que a cibercultura é a cultura - ou as práticas - que ganham contornos no ciberespaço. (FACIOLI; PADILHA, 2016, no prelo).

Os autores do chamado paradigma midiológico tecnológico, McLuhan (1975) e, mais tarde, Levy (1999) nos auxiliam a refletir sobre o contexto de surgimento das mídias digitais interativas. Entretanto, termos como ciberespaço e cibercultura nos remetem a uma dinâmica que se deslocaria do *off-line* e se separaria dele. Em outros termos, só existe um ciberespaço, na medida em que existe um espaço real, não atravessado pela tecnologia:

O termo virtual não deve ser entendido em oposição ao real, no limite, ele poderia ser oposto ao físico, uma vez que tratamos de uma potência. Uma vez digitalizado e armazenado em uma memória um dado virtual potencialmente pode ser acessado por qualquer pessoa, desde que possua uma conexão. Um planetário de críticas poderia ser apresentado em contraposição às formulações de Lévy. Em geral, os argumentos contrários marcam a perspectiva excessivamente otimista que desconsidera os aspectos

políticos e econômicos que orbitam as suas discussões. Mas consideramos que o ponto importante de ser retido aqui é o fato de que a expressão “ciberespaço” leva a metáfora geográfica longe demais. (FACIOLI; PADILHA, 2016, no prelo)

Esta pesquisa, na medida em que trabalha com usos das mídias digitais, não as aborda deslocadas de seus contextos de acesso. Por isso, observar o contexto *off-line* de inserção do sujeito é fundamental para compreender que relações estão alocadas nos usos das mídias como propulsoras de deslocamentos e expansões dos horizontes aspiracionais dos sujeitos. A forma de uso das mídias, muito diz sobre o que os sujeitos anseiam. O que priorizam e querem abordar nas relações *online*, muito fala sobre sua realidade *off-line* e sobre seus sonhos e desejos:

Assim como nos espaços reais, nem todas as pessoas são igualmente ativas, engajadas em questões políticas ou em conversas, no ciberespaço as conexões não são iguais. Mas, assim como é possível acordar sem estar imerso em um ambiente físico qualquer, com o qual obrigatoriamente se estabelece relações, é difícil estar no ciberespaço sem um mínimo de conexões. Por outro lado, a expressão “estar no ciberespaço” pode levar a metáfora geográfica longe demais. Estar lá, no caso, significa ter a possibilidade de navegar entre documentos, páginas, textos e informações diversas. Isso implica que o ciberespaço não “está lá” até que se converta em algum tipo de interface, em uma tela, seja de um computador, tablete ou celular; ao mesmo tempo, cada computador é parte de um conjunto maior de elementos, formando uma espécie de computador único, no qual o número de trocas rende, potencialmente ao infinito. (SÁ MARTINO, 2014, p. 29)

Antes mesmo de abordar as mídias digitais por meio da teoria do espaço relacional – em contraponto às teorias do ciberespaço – que considera as tecnologias como algo que integram os cotidianos e as relações sociais nas quais se inserem os sujeitos, é importante dizer que entendo as diferentes formas de usos não como maneiras consideradas corretas e equivocadas de estar na rede.

É muito comum, nas análises a respeito do uso das mídias que partem de áreas da psicologia e mesmo da biologia, uma patologização dos sujeitos por conta dos usos que fazem da internet. No surgimento das mídias digitais com acesso à rede no Brasil, esse discurso estava bastante presente nos veículos de informação da mídia de *broadcasting*, como aponta Juliana do Prado, em seu trabalho sobre uso da rede como apoio emocional:

No Brasil, a mídia captou o clima de desconfiança inicial promulgado pela mídia americana e passou a concentrar seus discursos sobre a internet ancorados por noções de patologias. Contudo, a preocupação acadêmica dos

Estados Unidos não despertava um olhar mais atento sobre os usos da internet aqui no Brasil até então, talvez até por que ela estava em disseminação ainda para um público restrito, já que apenas uma parcela da população tinha acesso à internet discada neste período. (DO PRADO, 2015, p. 140).

A autora Maria Nicolaci da Costa, também retomada por Do Prado, lança alguns trechos de matérias colhidas no contexto de surgimento das mídias no Brasil e que apresentam o pânico da época de que tais tecnologias pudessem causar danos emocionais e psíquicos aos sujeitos:

A Internet vicia. Essa é a conclusão do psicólogo britânico Mark Griffiths, que, após um ano e meio de pesquisas, definiu o perfil do viciado: é o adolescente solitário que usa o computador para criar um universo paralelo. Alguns sintomas podem indicar o grau de dependência semelhante ao da cocaína - Matéria retirada do Jornal do Brasil em 7 de agosto de 1997. (NICOLACI-DA-COSTA, 2002, p. 27)

O número de viciados em informações obtidas na Internet está aumentando em todo o mundo, segundo estudo realizado pela agência Reuters. Um total de 141 de 53% das mil pessoas entrevistadas admitiu que sofrem de incontrolável ânsia de obter informação pela Internet. O estudo foi realizado com executivos de ambos os sexos na Grã-Bretanha, EUA, Irlanda, Alemanha, Cingapura e Hong Kong – Matéria retirada do Jornal do Brasil em 8 de dezembro de 1997. (IDEM).

[Segundo o psicólogo canadense Jean-Pierre Rouchon], homens entre 25 e 35 anos com um bom nível socioeconômico, que passam incontáveis horas trabalhando na frente dos seus computadores, são o principal grupo de risco para um novo tipo de dependência que começa a ser detectado: o vício em Internet – artigo da revista Superinteressante, edição de Outubro de 2000. (IBIDEM).

Nesses termos, muito embora a tese central dessa pesquisa se concentre em considerar de que maneira os horizontes de aspiração se modificam com o acesso às mídias, nosso pano de fundo, calcado na análise sociológica, nos afasta de propostas carregadas de juízos de valor a respeito delas. Direciono-me a compreendê-las, por um lado, como espaços contextuais que podem gerar reforço das diferenças e de padrões de desigualdade e, por outro lado, como possibilitadoras de novos espaços que incitam a socialidade e deslocam os repertórios dos sujeitos e, assim como *off-line*, viabilizam rupturas com o estabelecido e questionamentos de normas.

Este trabalho não se insere em vertentes de pensamentos utópicas ou distópicas acerca do acesso às mídias ou à internet. De modo contrário e crítico a essas visões, ingresso no que Nancy Baym (2010) chamou de modelagem social da tecnologia, em inglês “social

shaping of technology”, inspirada pela obra de Donald Mackenzie e Judy Wajcman de mesmo título. As teorias utópicas, das quais faz parte, por exemplo, Pierre Levy, se dedicam com maior foco às promessas das tecnologias como superadoras de fronteiras e de diferenças; já as teorias distópicas, onde podemos enquadrar obras como *Alone Together* de Sherry Turkle, apontam as mídias como promotoras de individualismo e solidão.

Considerar a modelagem social da tecnologia, nos termos dessas teorias, pressupõe compreender que tanto a natureza da mídia como as necessidades e desejos dos usuários moldam o significado e a utilidade de um determinado meio digital em um dado momento histórico e contexto. Dessa forma, não se trata de realizar análises generalizantes, otimistas ou pessimistas dos usos da rede pelos sujeitos.

Esta perspectiva, da modelagem das mídias, também se encontra nos escritos da Jose Van Dijck (2016), inspiração das reflexões aqui desenvolvidas e tem origens em pensadores dos estudos culturais dos anos 60 e 70, principalmente, Raymond Willians (1979), em suas análises sobre os usos da televisão.

*Online* pode se constituir um lugar que reproduz hierarquias diversas e que também potencializam movimentos conservadores. Dito em outros termos, um grupo neonazista não se torna mais intolerante ou preconceituoso na rede, no entanto, a rede pode ampliar seus efeitos e influências na medida em que o rompimento das fronteiras geográficas coloca em contato grupos de pessoas com interesses comuns que “podem se aproveitar da arquitetura das comunidades virtuais para encontrar quem compartilhe de sua visão de realidade” (SÁ MARTINO, 2014, p. 46)

No caso das mulheres com quem trabalhei, a rede proporciona algo novo, qual seja, uma possibilidade de ampliar círculos afetivos, principalmente, de amizade e ajuda-mútua entre mulheres, como aponte já em minha dissertação de mestrado (FACIOLI, 2013), onde percebi algo distinto do que seriam os laços frágeis desenvolvidos pelos sujeitos e tão reforçados pelas análises midiáticas.

As mulheres, assim como, em grande medida, os sujeitos que se situam fora da norma esperada de inteligibilidade de gênero – sujeitos gays, lésbicas, transexuais, - dentre outros grupos subalternizados ao longo da história, observam na dinâmica da rede, muito recentemente, tendo em vista a popularização das mídias digitais, um espaço de possibilidades de criação de laços com aqueles indivíduos marcados pela mesma diferença. Online circulam de forma mais intensa repertórios de compreensão da realidade e desta circulação pode surgir tanto o que chamei de práticas de ajuda-mútua, que auxiliam no cotidiano de transformações econômicas e sociais, quanto manifestações coletivas e organização política frente a situações



de insuficiência do Estado e de políticas públicas. Dessa forma, o argumento da solidão conectada não pode ser generalizado e pode não explicar o uso da rede por determinados grupos de mulheres.

No caso das mulheres, muito embora essa pesquisa não tenha como foco os coletivos feministas que se organizam por meio da rede, é visível o uso dela, tanto para recorrer e constituir grupos que debatem relações afetivas, sexo e questões de sexualidades, esfera profissional, inseguranças econômicas, intimidade e família; quanto para promoção de iniciativas que denunciam relações hierárquicas de gênero e que refletem medidas práticas e que podem chegar a intervenções públicas, manifestações, rodas de conversa, dentre ações diversas.

Um exemplo desta segunda possibilidade, muito em voga nas dinâmicas de rede entre mulheres, é a campanha “Meu amigo Secreto”, lançada em 2015, onde por meio de uma *hashtag* (#meuamigosecreto) as mulheres apresentavam situações violentas e de assédio sexual e moral vivenciadas em círculos de homens conhecidos, mas também entre as próprias mulheres.

Neste trabalho, pretendo compreender como, por meio do uso das mídias e de uma compreensão refinada dos processos socioculturais nos quais se inseriram estes sujeitos nos últimos anos, os horizontes de aspiração são colocados em rede e, por meio dela, se ampliam e deslocam.

Para isso é fundamental nos embasarmos em um aparato teórico-metodológico que dê conta de auxiliar a compreender estes usos e como eles se inserem no contexto *off-line* das pessoas da pesquisa. Dessa forma, retomo o conceito de espaço relacional, de Scott McQuire (2008), que tensiona, em grande medida, a ideia de ciberespaço e cibercultura, na medida em que se trata de moldura que define a experiência social na sociedade contemporânea marcada pelo uso de mídias digitais.

Do ponto de vista que assume as mídias digitais como constituintes de um espaço relacional, o fundamental é compreender que, muito embora exista uma tendência mundial de rompimento de fronteiras, na medida em que o mundo está conectado e que a rede é sempre uma estrutura aberta, tal dinâmica se insere em um contexto localizado.

A experiência da modernidade é caracterizada pela vivência de um espaço cada vez mais deslocado, variável e contingente; bem como de um tempo reduzido, acelerado e encurtado pela diminuição das distâncias nas trocas de informações mediadas. No entanto, trata-se de uma dinâmica que não pode desconsiderar os locais de acessos e usos. No caso do

Brasil e do contexto das mulheres das classes populares cabe-nos questionar quais os limites de abertura e fechamento dos usos das mídias.

Scott Mcquire desenvolve, juntamente com a noção de espaço relacional, aquele chamado pelo autor de Cidade Midiática:

Se o espaço relacional nasce do entendimento moderno de que as localidades espaciais não podem mais ser consideradas como recipientes inertes, a cidade midiática contemporânea é o meio no qual o agenciamento social torna-se definido rotineiramente pelas relações de outros locais e de outras velocidades. Na abertura radical do espaço relacional podemos sentir os direcionamentos ambíguos que hoje afetam a falta de atratividade de nossos lares, a urbanidade de nossas cidades. (MCQUIRE, 2008, p. 230)

O espaço relacional, para o autor, seria a experiência vivenciada na cidade midiática, cidade esta conectada e global. Nela, os horizontes são abertos, na medida em que posso estar trancada no interior de minha casa, convivendo com minha família e em meio aos problemas cotidiano, ao mesmo tempo em que tenho a possibilidade de acessar uma rede social sobre meu filme favorito, sobre um debate que não consigo ter na esfera familiar ou mesmo com meu círculo de amigos do bairro onde moro. O espaço relacional não pode ser entendido: “por atributos essenciais ou qualidades inertes e estáveis, ele assume importância, principalmente através das interconexões estabelecidas entre os diferentes nós e setores” (MCQUIRE, 2008, p. 227).

O autor expande o argumento quando apresenta o projeto da casa de Bill Gates como representante de lar que compõe a cidade midiática. Nos anos 90, com a expansão da internet, circularam notícias a respeito da casa que Gates estaria construindo em Seattle e, além das regulações de temperatura e iluminação por meio da tecnologia e dos sistemas de segurança informatizados, o que mais chamava atenção eram suas paredes que consistiam em enormes telas de vídeo capazes de, por meio da conexão com a rede, projetar as mais diversas realidades e ambientes no interior da casa e do lar. Seria possível almoçar a beira do Grand Canyon ou dentro do cenário de um filme de faroeste projetados nas telas gigantes. Para McQuire a casa não seria mais, hoje em dia, um espaço estritamente localizado, uma vez que está atravessada pela tecnologia e pela possibilidade de conexão. Ele descreve a casa de Gates:

Paredes transformadas em janelas eletrônicas constroem um novo ponto de vista que já não é mais espacialmente contínuo, mas estabelecem diversas linhas de visão aparentemente capazes de abrir qualquer lugar, qualquer tempo, qualquer realidade. Essas janelas-paredes oferecem uma renovação

radical da casa, deslocando sua interioridade costumeira, enquanto, ao mesmo tempo, perturbam a espacialidade do mundo como um todo. (MCQUIRE, 2008, p. 198)

Importante considerar o contexto em que se inscreve a produção do teórico australiano, qual seja, a cidade de Londres, uma grande metrópole no coração do capitalismo mundial e que usufrui das benesses e dos problemas do acesso às mídias digitais há várias décadas. A cidade midiática é algo possível de ser pensada em Londres, tendo em vista que a estrutura de acesso às mídias está colocada de forma acessível para o conjunto da população. No entanto, como pensar em termos de espaço relacional, quando se trata do contexto brasileiro, onde o uso das tecnologias está atravessado por desigualdades abissais de classe social, de gênero, dentre outras?

É importante dizer que, para este trabalho, o conceito de espaço relacional nos permite pensar a relação da mídia tanto com o global, quanto com o local. Trata-se de um ambiente que se relaciona com o mundo, por meio de uma quebra de fronteiras espaciais, no entanto, que tem características específicas de acordo com a localidade onde se insere. Em que medida essa abertura, características dos espaços *online*, ampliam os horizontes de aspiração dos sujeitos da pesquisa? Seriam as mídias um espaço onde os sujeitos podem acessar realidades distintas ou trata-se de mera reprodução de dinâmicas *off-line*? As mídias superam situações de segregação, típicas de metrópoles como o Rio de Janeiro? Em que medida estar conectada é importante para expandir as aspirações, desejos e sonhos das mulheres da pesquisa?

## ESTRUTURA DA TESE

Este tese está dividida em sete capítulos onde abordo o que compõe o que chamo de horizontes de aspiração dessas mulheres, bem como a forma como eles se relacionam com o acesso às mídias digitais. Também procurarei, ao final da apresentação do campo de pesquisa, conceituar estes horizontes, retomando uma bibliografia que nos auxilia a pensar o contexto no qual se inserem as mulheres das classes populares nos últimos anos no Brasil e, especificamente, na cidade do Rio de Janeiro.

O primeiro capítulo intitulado “*Territórios desconectados: Fronteiras urbanas e espaços excludentes*” tem como objetivo discorrer sobre as dinâmicas urbanas, principalmente no que se refere às limitações dos trânsitos dos sujeitos na cidade do Rio de Janeiro. Retomo o histórico de desenvolvimento dos espaços analisados, integrantes da

periferia carioca, e aponto como a dinâmica urbana tem se consolidado enquanto espaços de segregação. Retomo também as experiências dos sujeitos inseridas neste campo de disputas do espaço e elaboro uma análise a respeito de dimensões de classe social, gênero e sexualidade, que envolvem o trânsito pelo território.

No segundo capítulo, *“Territórios Conectados: quando o local pode “falar para o mundo”*, abordo como o acesso às mídias pode transformar a relação tanto com o distante, quanto com o próprio local de moradia nas periferias e subúrbios cariocas. Aponto como o uso das mídias digitais torna possível acessar informações que facilitam os fluxos na cidade, principalmente para sujeitos marcados pela diferença e mostro os usos feitos no sentido de refletir sobre a imagem com que a Baixada Fluminense é apresentada pelas mídias tradicionais, em contraponto com aquela elaborada por seus moradores por meio das redes sociais. Para isso, apresento dois momentos distintos de ida a campo, um em que os usos dos smartphones ainda não figuram no cotidiano dos sujeitos e outro em que o acesso móvel passa a ser constante e, dessa forma, reconfigura as dinâmicas locais de trânsito das pessoas pela cidade.

No terceiro capítulo chamado *“Cinco passos para...” construir seus Horizontes de Aspiração*, abordo como as mídias conduzem os sujeitos por uma trama limitada de existência. Abordo como as categorias demandadas em rede para preenchimento de perfis reforçam distinção social, relações de classe social e gênero, criando nichos de mercado e consumo limitados. Tento trazer à tona as disputas mercadológicas que se escondem detrás das plataformas, apontando os limites dos horizontes aspiracionais possíveis para os sujeitos *online*. Mostro a trajetória do *Bolsa de Mulher* no contexto no qual se desenvolve e qual o horizonte aspiracional apresentado pelo site para as mulheres que o acessaram e acessam.

O capítulo IV, cujo título é *“Com tantas classes eu me considero pobre: experiências de subalternidade, ascensão social e mercado”* aponto a trajetória socioeconômica de minhas interlocutoras de pesquisa, principalmente nos últimos anos, em contraponto a origem subalterna das pessoas de sua família, principalmente das mulheres. Mostro como as redes possibilitam acesso a estratégias de manutenção da existência e a discursos de empreendedorismo que auxiliam, simbolicamente, o processo de transformações das condições de vida.

O capítulo cinco – *“Sempre quis ter minhas coisinhas”*: *relações amorosas e horizontes aspiracionais* - aborda a maneira como a relação afetiva aparece como aquilo que compõe os horizontes aspiracionais dos sujeitos da pesquisa. Neste momento do texto, elaboro uma retomada das trajetórias afetivas de minhas colaboras visando entender a

importância da relação amorosa em seus contextos sociais e evidencio novas perspectivas apresentadas por elas a respeito do tipo de relacionamento desejado. Trago também para o debate falas de campo e postagens na rede de homens jovens também das classes populares no sentido de elaborar um contraponto de experiências passíveis de serem analisadas quando o assunto são os anseios para a esfera amorosa. Tendo em vista que se trata de perfis socioeconômicos similares e que tais sujeitos poderiam ser parceiros em potencial de minhas colaboradoras, suas histórias de vida, me ajudam a refletir sobre elas.

O Capítulo VI - *“Por isso vi uma oportunidade lá, de expressar minha opinião” – feminilidades conectadas, afetos e horizontes aspiracionais* – se dedica a tratar das dinâmicas *online* entre mulheres pautadas em reflexões acerca das relações amorosas. Evidencio quais aspectos são abordados nessas interações e como a rede se mostrou espaço de lidar com um momento de transformações sociais. Mas também com a forte demanda em torno do casamento e, por outro lado, com o recente desconforto a respeito da manutenção das desigualdades nas relações de gênero que atravessam a busca por parceiros, o namoro, o casamento e a vida em família.

O último capítulo, denominado *“Não está fácil pra ninguém: Mídias digitais e horizontes de aspiração”* trata-se de um capítulo conceitual onde, após explorar e problematizar as experiências dos sujeitos da pesquisa, bem como abordar, de acordo com meu campo etnográfico, como mídias e horizontes se interseccionam, tento retomar a tese de forma a expor o que entendo por horizontes aspiracionais, como eles figuram nesta pesquisa e quais bibliografias me auxiliaram a pensar sobre eles. Aqui retomo a tese central da pesquisa, que trata de mostrar como as mídias digitais constituem um espaço de negociações acerca dos limites e possibilidades que limitam ou ampliam os horizontes aspiracionais desses sujeitos.

## 1 TERRITÓRIOS DESCONECTADOS: FRONTEIRAS URBANAS E ESPAÇOS EXCLUDENTES

A atitude espiritual dos habitantes da cidade grande uns com os outros poderia ser denominada, do ponto de vista formal, como reserva. Se o contato exterior constante com incontáveis seres humanos devessem ser respondidos com tantas quantas reações anteriores – assim como na cidade pequena na qual se conhece quase toda pessoa que se encontra e se tem uma reação positiva com todos -, então, ao habitantes da cidade grande estariam completamente atomizados interiormente e cairiam em um esta anímico completamente inimaginável (SIMMEL, 2005, p. 582)

Eu prefiro as amigas do *Bolsa*. Falo muito mais do que acontece comigo, com elas (Patrícia, em conversa via *Facebook*)

Georg Simmel escreveu sobre a metrópole e a vida mental em 1903, momento de intensas transformações urbanas, industriais e subjetivas nas sociedades modernas. O trecho acima se refere à passagem em que o autor fala do caráter *blasé*, fenômeno que atinge as subjetividades que habitam a grande cidade, por conta do excesso de estímulos presentes nas interações urbanas.

Para Simmel, a metrópole demanda dos indivíduos um excesso de atuação nervosa que culmina no oposto da intensidade, ou seja, em uma incapacidade de reagir aos estímulos, o que geraria uma postura de indiferença, de não estabelecimento de vínculos afetivos entre os habitantes da cidade grande.

Muito embora as observações de Simmel estejam pautadas pelo contexto do início do século XX, estar em uma metrópole como o Rio de Janeiro, me remeteu em diversos momentos ao caráter *blasé*, ressaltado pelo autor. A intensidade de circulação de pessoas, os estímulos luminosos e auditivos, os aspectos de desigualdade que saltam aos olhos, faz de cada um de seus habitantes um sujeito que precisa aprender a estar indiferente ou *blasé* para que possam sobreviver as estas dinâmicas sem entrar em colapso.

Com o advento e consolidação dos usos das mídias digitais, estar na metrópole parece ganhar outros significados e, os estímulos que promoveriam uma conduta *blasé*, podem ser recebidos de outra forma.

Visitar pela quarta vez o Rio de Janeiro, no ano de 2015, momento em que o uso do celular já habitava o cotidiano de meus sujeitos de pesquisa e dos moradores da cidade maravilhosa, significou entender que, onde quer que se esteja, por maiores que sejam os conflitos e as interações na metrópole, é possível estar em contato com espaços de acolhimento, via internet.

Conversar com o amigo do bairro de origem, com a família, com o namorado ou namorada tornou-se urgente em um ambiente que pode reforçar desigualdades, principalmente para mulheres, que, historicamente, estiveram alocadas mais no espaço da casa e da família e menos em espaços públicos. Para elas, tentarei mostrar, a internet surge como espaço fundamental de construção de formas alternativas de socialidade entre mulheres e de acesso à informação sobre assuntos diversos.

Dessa forma, a metrópole se constitui atravessada por um conjunto de estímulos e o uso das mídias digitais na cidade projeta o local para além das tradicionais fronteiras geográficas. Ao mesmo tempo, as tecnologias de informação e comunicação, mesmo que de forma paradoxal, reforçam laços locais e familiares, grupos de ajuda-mútua, relações de afeto por meio de suas dinâmicas. Parece ser possível ter uma conduta *blasé* com a cidade e estar completamente absorta por um diálogo sobre afetos e sentimentos no *Whatsapp*; sobre a esfera da família e sobre o cotidiano em casa e no ambiente de trabalho.

A frase que abre este capítulo, “Eu prefiro as amigas do *Bolsa*. Falo muito mais do que acontece comigo, com elas”, dita por uma de minhas interlocutoras de pesquisa, aponta para como a rede é importante lugar de socialidade e, por vezes, oferece maior acolhimento que o próprio local de moradia e que os círculos de amigos mais próximos.

Por meio da tecnologia é possível, tanto fazer frente aos estímulos da cidade estando em contato com o local de origem e moradia, quanto estabelecer relações consideradas de amizade que podem, inclusive, ultrapassar as fronteiras familiares e de amizade estabelecidas nestes locais. Esta frase, que remete a preferir o espaço *online* para falar de si, foi dita quando conversávamos sobre os motivos que a levaram a acessar o *Bolsa de Mulher* e ela relatou-me sua experiência de busca por apoio a respeito de um relacionamento amoroso, apontando a importância do auxílio adquirido em rede.

Para compreender como o acesso à cidade se torna fundamental nos horizontes de desejo das pessoas que colaboram com essa pesquisa, é fundamental observar o percurso sócio histórico de espaços como a Baixada Fluminense e a Zona Oeste do Rio de Janeiro, uma vez que considerar as mídias como espaço relacional pressupõe olharmos com afinco para os ambientes *off-line* dos sujeitos e suas relações.

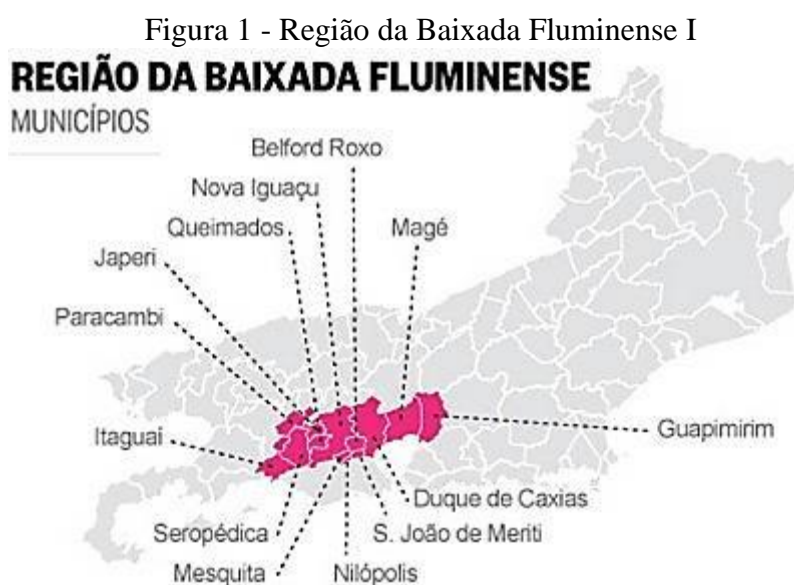
Nesta parte da tese, vou abordar como acontece o acesso à cidade por parte dos sujeitos da pesquisa, por meio da tecnologia, mas também fora dela e em um contexto anterior de menor acesso, principalmente, móvel por meio dos smartphones. Além disso, pretendi compreender como estes ambientes *off-line* e os sujeitos da pesquisa, caracterizados por uma relação histórica marcada por posições de subalternidade, se relacionam com espaços como a

Zona Sul carioca, lugar destinado a elites e que não apresenta os mesmos conflitos dos subúrbios do Rio.

Para compreendermos como se dá os usos das mídias por este público e como elas interferem em sua relação com o espaço urbano, considero que precisamos estar atentos às transformações históricas, sociais e econômicas destes espaços. A tecnologia aparece, nestes contextos, como uma forma de enfrentar espaços excludentes, relações de desigualdade da metrópole, impossibilidade de acesso a determinados espaços de lazer, limitações no tocante à manutenção e divulgação das culturas locais.

Noto, ao longo da pesquisa, que a mobilidade e a relação com a cidade compõem o horizonte de desejo desses sujeitos e o acesso à tecnologia pode, tanto proporcionar o contato com algo distante, expandindo as fronteiras geográficas e de origem; quanto se constituir como reforço de laços familiares e de amizade, de dinâmicas de expressão cultural local, todas características que dependem do uso feito das mídias digitais.

O campo fora de rede, como já adiantei na introdução deste trabalho, se deu na Baixada Fluminense e parte da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Estes locais foram escolhidos por apresentarem um amplo público abarcado pelo recorte dessa pesquisa e pelo fato de a rede de colaboradores e colaboradoras ter se dado ativamente, ou seja, o próprio campo *online* indicou os espaços *off-line* que mereciam ser estudados na medida em que apontavam para determinadas regiões do país como locais representativos dos públicos em questão.

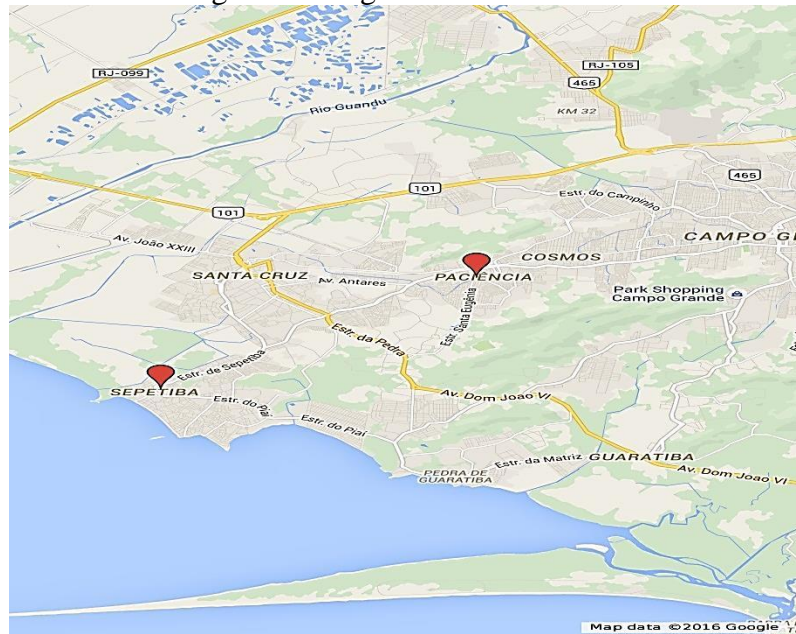


FONTE: O Globo<sup>17</sup>

<sup>17</sup> SCORZA, Antônio. Baixada Fluminense: os dilemas de uma população numerosa e carente de serviços básicos. O Globo (sem itálico). 18 set. 2016. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/baixada->

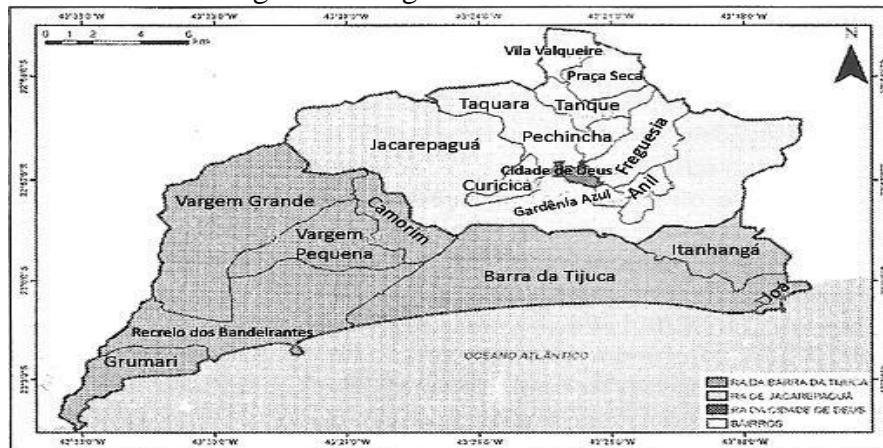


Figura 2 – Região da Zona Oeste I



Fonte: Google Maps

Figura 3 – Região da Zona Oeste II



Fonte: Desvendando a Barra da Tijuca e Jacarepaguá (2012)

As imagens acima mostram, por meio de mapas, os municípios que compõem as regiões da pesquisa *off-line*. O mapa do jornal O Globo apresenta a região da Baixada Fluminense e dentre os espaços em destaque as interlocutoras de pesquisa se situam em Nova Iguaçu, Belfor Roxo, Duque de Caxias e Mesquita. A região da Zona Oeste do Rio de Janeiro aparece, no mapa extraído do *Google Maps*, com os locais de moradia das mulheres da

pesquisa – Sepetiba e Paciência. Por fim, na última imagem chamo atenção para Curicica, onde mora mais uma das mulheres da pesquisa, na região de Jacarepaguá, também Zona Oeste da cidade e espaço de periferia e de baixa renda, muito embora seja mais próximo da Barra da Tijuca.

Tanto a Baixada quanto os bairros populares da Zona Oeste são espaços que cresceram e que contam, atualmente, com uma estrutura socioeconômica que permite aos sujeitos acessarem bens e serviços variados, espaços de lazer, bem como serviços públicos e privados de saúde e educação, assim como uma melhor conexão com a internet.

No entanto, nem sempre foi assim. Ambas as regiões apresentam uma longa história de recepção de migrantes nordestinos, que buscavam esses espaços com vistas a trabalhar na capital carioca. Atualmente, pode-se dizer que são constituídos por pessoas que habitam ali, mas trabalham tanto no próprio lugar, quanto na Barra da Tijuca, no centro ou mesmo na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro.

A história da Baixada aponta para um povoamento grande na década de 1950 devido ao baixo preço dos loteamentos decorrente de uma forte crise no setor da produção de laranja que aos poucos foi abandonado frente à venda de lotes das antigas fazendas e chácaras (ENNE, 2000). A região foi midiaticamente construída associada à violência, devido a sua história de desenvolvimento de grupos de extermínio no período da ditadura militar brasileira, bem como da histórica associação entre pobreza e criminalidade.

Nos anos 50, integrantes de grupos como os chamados “Homens de Ouro”, (que eram policiais protegidos por superiores, com liberdade para matar) ganharam notoriedade e fama de “justiceiros” na região assassinando supostos bandidos. Mas é a partir do final dos anos 60 que aumenta a taxa de homicídios devido à formação de grupos de extermínio no contexto de repressão da ditadura. Muito embora as mortes ocorressem na região não pelas mãos dos próprios moradores, mas de grupos policiais, os dados eram e ainda são, em grande medida, divulgados como parte da composição da Baixada.

Essa história de criminalidades era fortemente divulgada pela mídia da época e ainda na atualidade como resultado do crime organizado, o que fazia recair nas costas dos moradores o estigma de serem criminosos. No entanto, os grupos de extermínio e seu formato mais atualizado, o das milícias, se formavam e ainda se formam no interior do Estado, pela própria polícia<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> Para maiores reflexões acessar: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/assassininos-no-poder>

O tema das milícias adquiriu notoriedade no Rio de Janeiro no ano de 2006, quando o termo foi cunhado para descrever grupos de agentes armados do Estado (policiais, bombeiros, agentes penitenciários etc.) que controlavam comunidades e favelas, oferecendo “proteção” em troca de taxas a serem pagas pelos comerciantes e os residentes. Estes grupos passaram também a lucrar com o controle monopolístico sobre diversas atividades econômicas exercidas nestes territórios, como a venda de gás, o transporte alternativo e o serviço clandestino de TV a cabo. (CANO; DUARTE, 2012, p. 13)

Os grupos de extermínio não são uma característica somente do Rio de Janeiro ou da Baixada Fluminense, eles se formam em diversas regiões do país e do mundo para fazer frente a falta de segurança pública. O que difere tais grupos, nascidos nos anos 60 e 70, das atuais milícias é a mudança de foco não somente para as questões de segurança, mas também para venda e monopólio de determinados produtos. Quando visitei a Zona Oeste no ano de 2015, Mara relatou-me que preferia usar internet móvel oferecida pelas operadoras, do que ter que barganhar com as milícias, já que são elas que realizam a venda do *gatonet*, ligação clandestina que permite acesso a TV e internet da empresa NET. Apesar disso, a TV a cabo na casa de Mara e o serviço de acesso ao gás de cozinha são possibilitados pelas milícias, bem como a segurança do local que permite o trânsito dos moradores na madrugada, o veículo para fora da garagem, dentre outras coisas:

Os grupos de extermínio eram famosos nas décadas de 1970 e 1980 em várias capitais brasileiras, inclusive Recife e Salvador. Na Grande Rio, desde a década de 1960, Tenório Cavalcante notabilizou-se por empregar meios extralegais para resolver conflitos, afastar inimigos políticos e predadores da população. Nos anos 1980 também muito se falou sobre os justiceiros, os grupos de exterminadores e os linchamentos populares. Os nomes mudam, os arranjos avançam na ilegalidade das ações, mas constituem um processo histórico de longa data para compensar os fracassos das políticas estaduais e federais de segurança pública. Grupos de extermínio que ofereciam proteção e investiam nos negócios imobiliários já existiam desde os anos 1970 em algumas favelas da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, como em Rio das Pedras, povoada por migrantes nordestinos que se organizaram para impedir a entrada de traficantes, mas acabaram reféns dos que ofereceram segurança privada desde o início. A outra novidade é a presença maior, com dimensão só agora conhecida, de policiais e bombeiros nessas milícias. O que as difere dos grupos de extermínio é sobretudo o controle exercido sobre o território e o envolvimento com atividades comerciais que extrapolam a venda do serviço de segurança, tais como a cobrança de taxa indevida das cooperativas de transporte alternativo, a venda inflacionada de botijão de gás, a venda do *gatonet* (sinal pirata de TV a cabo), a cobrança de pedágios e de tarifa para proteção. (CONCEIÇÃO; ZALUAR, 2007, p. 91)

Até os anos 80, as mortes eram frequentes pelos grupos de extermínio e somente nos anos 90 existe uma diminuição dos assassinatos realizados pelas milícias. Nos dias de hoje,

apesar da manutenção de existência desses grupos, a Baixada se constitui como fruto de um processo de formação de movimentos sociais na década de oitenta, somado à promoção de programas de governo como, por exemplo, o “Baixada Viva” e o “Nova Baixada”; que buscam melhorar a infraestrutura local.

Temos, nas duas últimas décadas, um forte estímulo à produção da região como “mercado consumidor” aberto e em expansão, o que fica evidente com a inauguração, na última década, de diversos shoppings, lojas e centros comerciais, espaços de consumo de uma classe ascendente.

Além disso, os moradores, com maior acesso às mídias digitais e rede sociais, promovido nos últimos anos e de maneira bem recente, competem pelos discursos a respeito da Baixada com as mídias de *broadcasting* em um esforço de apontar a violência que integra o Estado. Nesses espaços, veremos aqui, existe um esforço de denúncia da violência que afeta a Baixada e que não é promovida por seus moradores; da mesma forma, tenta-se divulgar aspectos da região que valorizam sua cultura e que divulgam o cotidiano da população distanciada da violência.

A Zona Oeste, já chamada de Sertão Carioca, é formada por bairros como a Barra da Tijuca, de classe média alta, espaço nobre da cidade e por regiões como Paciência e Sepetiba, bairros pobres e distanciados desse centro de lazer e de cultura representado pela Barra que conta, por exemplo, com mais de 200 salas de cinema, diversos shoppings, teatros, hospitais e escolas.

Formada por planícies e morros, a Zona Oeste cresceu ao longo das estações ferroviárias e o trem é, ainda hoje, um dos principais meios de transporte de uma parte importante dessa população, fazendo longos percursos de até 70 quilômetros, do centro da cidade até os bairros mais distantes, como os de Campo Grande e de Santa Cruz. A outra via de acesso aos bairros é a Avenida Brasil. (NASCIMENTO, 2015, p. 40)

A urbanização tardia das regiões mais afastadas se deu como substituição das fazendas e chácaras, sobreviventes da época colonial, principalmente após a década de 50 e 60.

Presente na história da cidade desde a sua ocupação no século XVI a região se destacou pelo seu papel associado à produção agrária e abastecimento da região central. A ocupação ocorreu de forma desordenada, como em quase toda a cidade. Até a primeira metade do século passado predominava, na região, um cenário rural. Vale lembrar que a Zona Oeste já foi chamada de

sertão carioca, zona rural até ganhar a nomenclatura de Zona Oeste. (VIEIRA, 2012, p. 1)

A Baixada Fluminense e alguns espaços da Zona Oeste tiveram sua história caracterizada por se constituírem enquanto espaços denominados de “dormitórios”, ou seja, recebiam trabalhadores, principalmente nordestinos, que atuavam no centro do Rio, na Zona Sul e mesmo na Barra da Tijuca e se consolidavam enquanto lugares de moradia pra onde os sujeitos iam após o expediente de trabalho, para jantar e dormir.

Estas regiões também foram assinaladas ao longo da história do Rio, assim como as favelas, como sendo territórios marcados pela presença da população negra e de baixa renda. As áreas valorizadas da Zona Sul, da Barra da Tijuca e de Niterói possuíam entre 5% (por exemplo, no Leblon) e, no máximo, 20 % (em Niterói) de negros, enquanto os bairros pobres abarcavam mais de 60% de pretos e pardos<sup>19</sup>.

A cidade do Rio de Janeiro é bastante caótica para quem a frequenta com base no ponto de vista de uma pessoa que habitou o interior de São Paulo a vida toda, como eu. Como todas as cidades de grande porte, o fluxo de pessoas, veículos, barulhos, luzes, informações é bastante intenso.

O que sempre me chamou atenção no Rio, desde minha primeira visita, foi a intensidade com que o visitante é colocado cara-a-cara com a desigualdade e, compreender essas relações me pareceu, desde sempre, fundamental, uma vez que ela atravessa o cotidiano dos sujeitos dessa pesquisa, determina sua mobilidade pelo espaço urbano e, também, a forma de uso das mídias digitais.

Uma das formas mais eficazes de nos inteirarmos da dinâmica e interações da metrópole é olharmos para ela do ponto de vista das relações sociais ou de uma análise de caráter relacional. Nesse sentido, as regiões periféricas ou mesmo aquelas da área metropolitana que apresentam um público das classes populares, se constroem em relação à Zona Sul carioca, espaço reservado, desde o período colonial, às elites. A relação com a Zona Sul, como veremos abaixo, também acontece no cotidiano dos moradores que se confrontam com este espaço todo o tempo.

A Zona Sul teve uma ocupação tardia, se comparada com as regiões do centro da cidade. As partes que se desenvolveram primeiro foram a região da Lapa, a Glória e Catete. Posteriormente as regiões de Laranjeiras e Botafogo começaram a ser ocupadas de forma rural, por chácaras. A partir da segunda metade do século XIX, começaram a surgir

---

<sup>19</sup> Pesquisa: Como anda o Rio de Janeiro (2009).

loteamentos e aglomerados urbanos que já apontavam para o que seria o centro e as regiões da população de alta renda.

Os aspectos socioeconômicos e simbólicos que envolvem fazer parte da Zona Sul do Rio de Janeiro ficam evidentes com a polêmica surgida no ano de 2013, no momento da Copa das Confederações, quando a cidade do Rio passou por alterações de trânsito, realocação de placas, sentidos e nomenclaturas urbanas. Nas placas realocadas, no ano de 2013, Flamengo e Botafogo ficaram de fora da região. Tais placas, colocadas na Avenida Osvaldo Cruz, apontavam que a Zona Sul ficaria mais a frente, o que gerou indignação entre seus moradores. Em matéria lançada pelo jornal *O globo*, na época, habitantes da região reclamaram da atuação da prefeitura: “já que não estamos na Zona Sul, podia diminuir o IPTU”, “se não somos Zona Sul, somos o que? Zona morta? Zona do agrião?”<sup>20</sup>.

O sentimento de pertença à Zona Sul, que faz com que tamanho incômodo esteja evidente nos enunciados de seus moradores, não se trata somente de uma demanda por território geográfico. Deixar de integrar a região mais rica da cidade é deixar de fazer parte da cidade maravilhosa, apresentada no horário nobre da rede Globo de televisão, é deixar de ter acesso, na prática, aos melhores serviços públicos, ao mobiliário urbano organizado, aos restaurantes, lojas caras e especulação imobiliária evidente; mas também, simbolicamente, é deixar de integrar o ideário da elite carioca, de renda alta, faces brancas, com poder de decidir os rumos da própria vida e da cidade. Em outros termos, é passar a fazer parte de outro Rio de Janeiro, menos bonito, menos limpo, menos branco, pobre e negro.

Mesma situação aconteceu também com a Zona Oeste que, como já foi apontado, se divide entre bairros de população de alta renda, localizados na orla da Barra da Tijuca e espaços atravessados por falta de estrutura e saneamento, no interior e nas regiões mais afastadas do centro comercial. Em 1988 houve um plebiscito para que a Barra deixasse de fazer parte do município do Rio de Janeiro.

Muito embora a maioria dos votos fosse favorável à separação, o plebiscito foi anulado, pois não houve número de votantes suficiente para validá-lo. As campanhas de separação vinham dos condomínios da Barra, dos prédios de Orla e dos empresários da região, que julgavam o município do Rio insuficiente para defender seus interesses, para

---

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://vejario.abril.com.br/blog/as-ruas-do-rio/files/2013/06/mat%C3%A9ria-placa.jpg>>. Acesso em: 08 jan. 2017.

garantir investimento em saneamento, vias de acesso para a Zona Sul e o fim da desigualdade social que marca a Zona Oeste<sup>21</sup>.

As fronteiras espaciais apontam para um espaço urbano que está o tempo todo em disputa, mas mais do que isso, evidenciam disputas simbólicas que envolvem, principalmente, questões de classe e um desejo de não aproximação da pobreza por parte de grande parte dos moradores.

As falas e reflexões abaixo, transcritas em meu caderno de campo e de observações e diálogos com minhas interlocutoras, apontam minhas impressões a respeito da cidade e seus trânsitos e negociações pelo espaço.

A zona sul rodeada por morros e favelas, apesar de se constituir enquanto a região mais rica da cidade é confrontada diariamente com a população pobre e negra que desce as ladeiras para exercer ocupações precarizadas nas casas das elites ou nas orlas recheadas, sempre, da presença de turistas americanos e europeus, brancos, de olhos azuis e de artistas globais. Sempre fico pensando que quem mora nas favelas que circulam a Zona Sul precisa lidar diariamente com o fato de estar próximo das praias e do centro, mas também com os conflitos de ser pobre em região de gente rica marcada por hierarquias. O fato de estarem próximas, não quer dizer que elas, de fato, compartilham o mesmo espaço. A imagem de uma zona sul carioca, bem sucedida e que pode, conviver com a diferença, refletia enquanto subia no metrô, é algo que figura em nossas mentes desde muito cedo. A rede globo de televisão, com sede no Rio, é referência de toda criança e adolescente das classes populares do Brasil. O sotaque carioca da zona sul nos é familiar desde que nossos ouvidos são capazes de se ater nas falas das personagens das novelas globais. O Rio de Janeiro, da mesma forma que existe ativamente nas nossas cabeças, existe para os turistas. É esta cidade que surge na mente de qualquer estrangeiro quando questionado sobre o Brasil. A primeira vez em que estive no Rio de Janeiro, antes mesmo dessa pesquisa começar, lembro-me de ficar impressionada com o relato de um vendedor de água da praia do Leblon, ele disse: “aqui a globo tem autorização para fechar qualquer trecho da rua para gravar uma cena de novela...eles dominam isso aqui”. Talvez por isso, minha primeira impressão do Rio, sob um olhar já da sociologia, embora não dessa pesquisa em específico, foi frustrante e conflituosa, o que ficou nítido em uma confusão que senti ao não compreender porque as pessoas me diziam tanto gostar daquele espaço. Logo de início percebi as relações de desigualdade e, como toda primeira impressão, meus olhos se direcionaram àquilo que estava mais evidente, às divisões e menos aos fluxos, trânsitos e agenciamentos: os universitários das festas da lapa, os ricos e brancos da zona sul, os pobres e pretos do morro, das barracas da praia, dos terminais rodoviários. Hoje em dia, depois de alguns anos de pesquisa, consigo entender melhor as barganhas e estratégias das pessoas de baixa renda que tem como intuito participar, ao menos um pouco, deste Rio de Janeiro mostrado pela Rede Globo. Mais do que isso, pude perceber que a zona sul é sustentada por todas as outras regiões do Rio e, de certa forma, todas as outras regiões se relacionam com a zona sul seja

---

<sup>21</sup> Texto sobre o resultado das eleições, disponível em: <<http://vejario.abril.com.br/blog/as-ruas-do-rio/bairro-a-bairro/o-ano-em-que-a-barraca-quase-saiu-do-mapa-do-rio>>. Acesso em: 30 de novembro de 2016.

diretamente, na forma de prestação de serviços, seja no imaginário dos desejos e horizontes de aspiração. (Trecho de caderno de campo, abril de 2015)

Em minha última visita ao Rio de Janeiro, no mês de abril de 2015, tive acesso a outros discursos que apontam a relação das regiões que estudo com a Zona Sul do Rio. Neste momento, estive na casa de Mara. Há muitos anos Mara trabalha como instrumentalista em um consultório dentário na Barra da Tijuca. Quando finalizei a pesquisa ela tinha 35 anos.

Nesta visita, estive, em diversos momentos, com Joana e Sandra, amigas e vizinhas de Mara, que trabalham na Zona Sul do Rio de Janeiro, como cuidadoras de idosos. Joana tem 36 anos e Sandra 42. O relato delas sobre a própria ocupação nos remete ao trabalho terceirizado: “a gente trabalha pra uma cooperativa que presta serviços para as famílias da zona sul [...] uma parte do que a gente ganha fica retida na cooperativa”. A dona do negócio foi apelidada por ambas de “cafetina” e é comum piadas em torno disso que pontuam as ganâncias da cooperativa e da dona. Essa cooperativa terceiriza o trabalho tanto das cuidadoras, quanto de empregadas domésticas para as famílias abastadas da Zona Sul e de outras regiões do Rio.

Quando questionadas sobre como era trabalhar na zona sul, disseram: “é lá que tem a grana, então a gente vai até lá (risos)”. Sandra relatou a vontade de, um dia, morar na zona sul, caminhar na beira da praia ao final do dia de trabalho, o que aponta como a região figura com importância nos anseios de alguns dos sujeitos da pesquisa. Em seguida lamentou essa possibilidade e me contou sobre sua rotina de trabalho na região durante a semana e no Meier, aos sábados, onde faz estágio do curso de enfermagem em um hospital público.

A frase de Sandra a respeito de seu trânsito na cidade está marcada por esse movimento pendular de saída do local de moradia para trabalhar em outro, no caso, o espaço de uma população de alta renda, capaz de pagar por seu trabalho. Para Sandra, é na Zona Sul o lugar onde se consegue ganhar dinheiro e ter qualidade de vida com momentos de prazer à beira mar. É de lá, inclusive, que saí o dinheiro que arca com seu curso técnico de enfermagem.

A Zona Sul aparece como espaço da boa vida para algumas mulheres da pesquisa e muito embora elas frequentem o local diariamente para o trabalho, a distância simbólica e a possibilidade de compartilhar, de fato, este espaço se faz presente, no entanto, como horizontes de aspiração.

A relação com a praia é algo que marca, em grande medida, o trânsito dessas mulheres na cidade. Em visita ao Rio de Janeiro, no ano de 2014, pude notar que ir à praia



não é escolha rápida e simples de ser feita, envolve planejamento para grande parte dos moradores da cidade. As regiões abordadas por essa pesquisa se situam distantes de grande parte das praias e o cotidiano de trabalho impede, às vezes, por meses ou anos, a realização de atividades de lazer na orla. Para frequentar as praias da Zona Sul ou algumas praias da Barra da Tijuca é preciso, tanto se locomover através de longas distâncias, quanto ter dinheiro, uma vez que o consumo no local, tanto para comida, quanto para cadeiras e guarda-sóis, é pautado pelos altos valores<sup>22</sup>. Dessa forma, ir para a orla da Zona Sul é acontecimento raro para grande parte dessas mulheres e ocorre uma vez por semestre ou até mesmo uma vez por ano.

Isso também fica evidente nas falas de Luana, quando questionada sobre sua relação com a Zona Sul na infância e adolescência:

P: qual sua relação com a Zona Sul, Luana?

R: Na infância eu me lembro de ir poucas vezes à praia e só. Adolescência nenhuma. Minha mãe não me deixava sair e eu também não tinha amigos fora do lugar onde morava. Comecei a frequentar mais depois de adulta, fiz amigos e tal. Principalmente agora que namoro uma moça que mora no Vidigal, que é uma favela que fica na zona sul, mas comecei a ir mais em luau e tal.

O acesso a essa região da cidade se mostra inacessível até a vida adulta, com maior possibilidade de trânsito autônomo pelos diferentes espaços. O horizonte a respeito da Zona Sul inacessível aparecia como algo diferente do subúrbio onde se vive: “Sabia que era onde ficavam as praias. Eu gostava do ar que o lugar tinha. Bonito e diferente do lugar onde eu morava”.

Em uma sexta-feira de minha visita ao Rio no ano de 2014, combinei de ir à praia com Mara, após seu expediente de trabalho. Passei alguns dias na Zona Sul visitando uma amiga e, naquele dia, Mara sairia mais cedo e nos encontraríamos no terminal rodoviário da Barra da Tijuca, próximo de seu serviço, para um banho de mar e para seguirmos juntas até Paciência. Como combinado, descemos para a praia localizada logo após o Recreio, começo da faixa litorânea da Barra da Tijuca de onde já podíamos avistar os prédios de luxo e os condomínios da região. O percurso do terminal até a praia é longo e de difícil acesso, por não haver vias direcionadas aos pedestres, o que me fez pensar se manter essa estrutura acessível para carros não seria uma forma de evitar que as populações dos bairros pobres frequentem as praias da Barra.

---

<sup>22</sup> Em minha visita no ano de 2014, estive em Copacabana. O uso de cadeiras e guarda-sóis variava de 30 a 50 reais com consumação.

Durante nosso banho de mar, compramos algumas cervejas e uns petiscos. Mara disse-me que havia meses que não tomava um banho de mar por falta de tempo e por ser longe de onde vive:

Sempre que vou, vou ao Recreio e no máximo no começo aqui da Barra. Este lugar onde estamos é praia de pobre, porque é perto do terminal de ônibus que vem dos bairros...ir mais pra lá fica longe, mas aqui a gente não vê os artistas...risos. (Mara, interlocutora da pesquisa).

O contato com os artistas representa o oposto dos roteiros de passeio de Mara, ou seja, como um índice, quanto mais fácil de encontrar os artistas, mais caro e longe os espaços e menos provável de serem frequentados por ela. A zona sul quase não aparece como possibilidade de acesso ao longo da vida cotidiana de Mara.

O uso do espaço da praia se mostra representativo dos trânsitos dos sujeitos na cidade, mas não só. Quando cheguei ao Rio de Janeiro para a segunda visita, no ano de 2014, Mara combinou de me pegar na rodoviária, juntamente à Natalia, que também havia conseguido uma folga no emprego para passearmos aquela sexta-feira com todas as jovens que viriam de várias regiões do país para o casamento de Patrícia.

Natalia mora em Sepetiba, outra região pobre da Zona Oeste, antigo porto colonial e conhecida pelas obras do governo do Estado relativas ao saneamento e à obras estruturais nas praias afetadas por poluição. Já Patrícia mora em Curicica, localizada também na Zona Oeste, próxima aos bairros de Jacarepaguá e Tacara, caracterizada por sua população de classe média-baixa e pelo histórico de produção de cana de açúcar e recente presença dos estúdios do PROJAC<sup>23</sup>.

Quando cheguei a solo carioca, desci na rodoviária e fiquei aguardando Mara e Natalia. Após uma hora de espera vi uma mão acenando para mim de dentro de um carro e caminhei em direção ao veículo. Cumprimentamo-nos e seguimos à rota sentido o Cristo Redentor, ponto turístico do Rio de Janeiro que havia sido estabelecido como consenso de visita naquele dia, por parte de todas.

Durante o trajeto nos perdemos diversas vezes, tentamos usar o GPS dos celulares, mas a internet móvel apresentava um sinal muito ruim e não carregava os mapas; chegamos próximas ao local de destino, mas não havia vaga para estacionar o carro, nos perdemos de novo; cogitamos parar na praia por conta de tantos contratemplos e por ser mais fácil, mas

---

<sup>23</sup> Os estúdios PROJAC são propriedade da Rede Globo de televisão. Trata-se do espaço onde são produzidos e gravados os programas, novelas, seriados, dentre outros, apresentados tanto na TV aberta, quanto nos canais por assinatura da emissora.

encontramos outro estacionamento em Laranjeiras, Zona Sul, perto o suficiente para irmos de ônibus até o Redentor.

No meio do caminho houve vários comentários sobre os caros passeios turísticos que grande parte dos cariocas não consegue fazer e sobre como aquela parte do Rio era desconhecida tanto para mim, que vinha de outro Estado, quanto para elas que ali viviam desde o nascimento.

Parecíamos todas estrangeiras naquela região. Mara disse “nunca vim para a Zona Sul de carro, nunca cruzei a Avenida Brasil dirigindo, portanto, tenham paciência” e ambas ressaltaram: “eu nunca visitei o Corcovado”, e eu disse, “nem eu” e rimos todas. Naquele momento, quando rimos, entendi que o humor estava, justamente, no fato de que, assim como eu, uma pessoa que vem de longe do Rio de Janeiro e que não passou sua vida toda neste espaço, elas também não conheciam um dos pontos turísticos mundialmente valorizados da metrópole carioca. Nosso riso era zombeteiro e, ao mesmo tempo, expressava um lamento que apontava para a desigualdade da “cidade maravilhosa”, o que a tornava menos maravilhosa do que parecia.

Naquele momento entendi a importância do gesto de Mara, ao decidir me buscar na rodoviária Novo Rio. O trajeto, via Avenida Brasil, além de longo – cerca de uma hora e meia de carro, com trânsito bom – era representante de uma relação com o desconhecido, dos altos preços do combustível e dos gastos que envolveriam, além do percurso, o passeio no Cristo Redentor, o estacionamento, a alimentação.

Este episódio aponta como os sujeitos vivenciam suas experiências no espaço urbano o qual habitam e mostram como se dão as relações de mobilidade e segregação, aspectos importantes para compreendermos o público deste trabalho.

Luana, em conversa pelo *Facebook* me apontou também os incômodos a respeito da Zona Sul decorrentes de seu cotidiano de convivência no espaço por conta de frequentar a casa da namorada:

P: o que você aprecia quando está na Zona Sul?

R: O legal da Zona Sul é a facilidade. Tem tudo, tudo é perto. Mas acho que não gosto muito das pessoas que frequentam determinados lugares. Parece que quando você entra as pessoas olham logo tua roupa e ficam te reparando com ar de superioridade. Acho que são os ricos esnobes que me incomodam, sabe? (Conversa via *Facebook* com a interlocutora Luana)

Quando questionada sobre situações de discriminação, Luana respondeu que já passou por momentos em que se sentiu desconfortável por estar na Zona Sul. Vale ressaltar

que tanto Luana, como sua namorada, são pessoas não brancas e, portanto, escapam do que se espera de uma pessoa que habita este espaço, ou seja, que tragam em seus corpos não só a cor da pele branca, mas que não aparentem ser das classes populares na forma como se vestem e se comportam:

P: você se sentiu discriminada?

R: não sei se foi bem discriminação, mas já aconteceu de eu entrar em uma loja e os vendedores não me atenderem por eu estar "mal vestida". Não que tenham se recusado, mas sabe como é aquela abordagem de vendedor. Então, não vieram me atender e me olharam meio que estranho Já aconteceu também de me confundirem com uma vendedora dentro da loja. Mas acho que o primeiro foi mais chato. (Conversa via *Facebook* com a interlocutora Luana).

Este relato aponta diretamente para os conflitos enfrentados pelas pessoas que vivem nos subúrbios e periferias do Rio quando acessam a Zona Sul carioca. Mesmo no caso da namorada de Luana, moradora desde que nasceu deste espaço, no morro do Vidigal, o incomodo permanece, como me relatou a moça ao afirmar: “Ela gosta da Zona Sul, nunca reclamou, mas também não se sente bem com os olhares de superioridade das pessoas de lá, ela não gosta disso”. A Zona Sul aparece como este espaço ambíguo e contraditório, que atrai olhares e integra os horizontes de aspiração dos sujeitos, no entanto, que os repele com a mesma força, na medida em que se coloca como espaço reservado às elites. Além disso, por maior que seja o esforço por passar despercebida neste ambiente, os sujeitos são, o tempo todo, confrontados por conta de sua negritude e situação de classe.

O Rio de Janeiro, como mostram pesquisas do Observatório das Metrópoles<sup>24</sup>, continua sendo o segundo maior polo de concentração de população em atividades econômicas do país, perdendo somente para São Paulo. Do total de pessoas ativas no mercado interno até o ano de 2001, 60% é de trabalhadores de ocupações médias, trabalhadores secundários e terciários e tais setores operam como porta de entrada de migrantes na cidade<sup>25</sup>.

O acesso ao centro da cidade e a outros espaços como a Zona Sul ocorre menos para o lazer e mais para o trabalho. Diariamente existe um pêndulo de trabalhadores que saem de seus lugares de moradia para trabalhar na Barra da Tijuca, Centro e Zona Sul do Rio. Embora haja necessidade de problematizarmos a noção de periferia e o contexto de surgimento da ideia de “cidades dormitórios”, como aponta Lago (2007), este pêndulo se evidencia no cotidiano da cidade e aponta para os espaços excludentes da dinâmica urbana.

<sup>24</sup> Disponível em: <<http://www.observatoriodasmetrololes.net/>>.

<sup>25</sup> Pesquisa: Como anda o Rio de Janeiro (2009).

A noção de periferia, construída nos anos 1970 nos marcos da sociologia urbana marxista e incorporada em seguida ao senso comum, qualifica um determinado território na metrópole pelo conjunto de carências que só nele são encontradas: carência de serviços públicos básicos, de urbanização das áreas públicas, de titularidade da propriedade e de proximidade do mercado de trabalho, entre outras. A noção de “cidade-dormitório” surgiu como síntese dessas carências e das enormes distâncias a serem percorridas diariamente entre o lugar da moradia e o do trabalho. Portanto, a “periferia” como lugar do trabalho romperia com a definição em uso. (LAGO, 2007, p. 9)

Retornamos para Paciência no fim do dia, após duas horas de sol e banho de mar. Às dezoito horas era o horário de maior movimentação do terminal rodoviário da Barra da Tijuca, pois se tratava do momento de retorno dos trabalhadores para seus bairros de moradia. O espaço estava repleto de pessoas que aguardavam em filas para pegar o metrô de superfície, sendo que havia duas filas, uma que andava mais rápido e outra que andava bem devagar. Mara me explicou que a fila lenta era para disputar os bancos do veículo e a fila rápida se direcionava aos trabalhadores que queriam ir mais rápido para a casa e que não se importavam em percorrer o trajeto, que podia chegar até quase duas horas de percurso, em pé. Escolhemos a fila lenta após Mara me dizer que fazia questão de irmos sentadas e confortáveis já que eu era visita em sua cidade. Sua atitude aponta que, sozinha, Mara prefere fazer o percurso em pé para chegar mais cedo em casa, após a rotina de trabalho.

Além dessa dinâmica, chamou-me atenção a cor que o terminal tomava por volta das seis da tarde. Eu havia descido ali duas horas antes para encontrar Mara e ele estava quase vazio, com suas paredes e grades brancas. Duas horas depois o terminal era tomado por uma população negra que eu não via em nenhum outro lugar do centro da cidade ou da Zona Sul, aliás, cheguei a pensar ser possível passar uma vida inteira na Zona Sul sem ver, no cotidiano de trabalho e em casa, um sujeito que carrega em seu corpo a negritude; a não ser os vendedores ambulantes das praias e as domésticas que exerciam seu trabalho nos apartamentos da branca elite carioca. Eu era, talvez, a pessoa mais branca do terminal da Barra às seis da tarde, o que me direcionava alguns olhares apesar de meus trajes estarem muito próximos daquele dos trabalhadores que ali circulavam.

É importante dizer que, apesar deste ainda notável movimento pendular, nos anos 2000, regiões como a Baixada Fluminense e mesmo a Zona Oeste desenvolveram seu mercado interno e postos de trabalho que passaram a absorver os trabalhadores. De acordo com o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/ UFRJ), na Baixada Fluminense dos anos 2000, 63% dos ocupados trabalhavam no município em que moravam, o

que representava cerca de um milhão de pessoas, enquanto em 1980, esse percentual era de apenas 48%, o que equivale a cerca de 590 mil pessoas.

Os sujeitos dessa pesquisa vivem em meio a este ainda recente processo de transformações. Todas as moradoras da Baixada e da região periférica da Zona Oeste, com as quais tive contato, trabalham ou trabalhavam em outras regiões do Rio quase em um processo de pêndulo característicos da marca desses espaços que nomeou-se como cidades dormitórios; quando não transitam diariamente, passam por um processo de migração que vai da vida na periferia para a tentativa de se manter o mais próximas possível de seus ambientes de trabalho. Era esse o caso da própria Luana que, antes de estabelecer moradia na casa da namorada, no Vidigal, se mudou para uma quitinete no centro, perto de seu local de trabalho.

Mara mora em Paciência e trabalha na Barra da Tijuca em um consultório dentário e atua como instrumentalista; Natália mora em Sepetiba e trabalha na administração de uma empresa também na Barra; Luana mora em Nova Iguaçu, ia todos os dias para o centro do Rio onde atua em um escritório de advocacia. Embora Luana tivesse se mudado para uma quitinete próxima ao seu trabalho, não conseguiu arcar com os gastos e, naquele período, optou por voltar a morar em Nova Iguaçu, com a mãe. Ainda assim, ela passava parte significativa da semana no Vidigal com a namorada; Patrícia viveu por muitos anos na Baixada com a família, morava com o marido em Curicica na Zona Oeste e também trabalhava na Barra da Tijuca como secretária em um escritório de contabilidade.

O trânsito da periferia da Zona Oeste, para os bairros ricos da orla acontece por meio do BRT, metrô de superfície, inaugurado no ano de 2012. Sua primeira fase tem 52 km de extensão, 57 estações e liga o Terminal Alvorada, na Barra da Tijuca, a Santa Cruz e Campo Grande. O uso do transporte diminuiu o tempo de viagem da população quase pela metade e, nos momentos em que estive lá, havia um tom de grande felicidade pela chegada do veículo.

Já no sentido Zona Sul o percurso é mais difícil e demorado. Existe a possibilidade de ir até o terminal Alvorada, na Barra, e pegar um ônibus até a zona sul e, ainda, um metrô ou outro ônibus, dependendo do lugar de destino. É possível também ir para a Zona Sul, utilizando o ônibus, via Avenida Brasil, e descer em alguma estação de metrô. Esta última opção sempre foi escolhida por mim, quando queria ir de Paciência, onde fiquei hospedada em todas as minhas visitas, até a Zona Sul, visitar amigos e colegas. Em todas as ocasiões, decidi sair de Paciência em torno das oito da manhã, tanto para não enfrentar o trânsito de pessoas indo ao trabalho, quanto saindo para o horário de almoço. O trajeto durou em torno de uma hora e meia ou duas horas, o que inclui também o tempo gasto no metrô. A Avenida

Brasil apresenta, em seu percurso muitas regiões periféricas, favelas, bem como indústrias e lojas.

Lembro-me de, em uma das viagens, vir sentada com um morador da Zona Oeste que relatou as tentativas da prefeitura do Rio de cobrir as favelas da Avenida Brasil para recebimento das Olimpíadas de 2016. Ele me apontou, ao longo do percurso, dezenas de enormes placas de alumínio desenhadas, alocadas à beira dos morros, escondendo a paisagem e a imagem da pobreza<sup>26</sup>. Vale ressaltar que, tanto os moradores da Zona Oeste, quanto da Baixada Fluminense atravessam a Avenida Brasil para chegar a Zona Sul. O tempo de demora é o mesmo, muito embora, o percurso seja distinto. Um deles via Rodovia Mário Covas e o outro via Rodovia Presidente Dutra, respectivamente.

As falas de algumas de minhas interlocutoras sobre a dificuldade de locomoção na Zona Sul e no Centro evidenciam que seus círculos de lazer e socialidade se restringem, muitas vezes, aos locais onde vivem. Pude notar essa falta de trânsito de parte delas ao longo dos dias em que fiquei inserida em seus cotidianos.

No mesmo dia que fui com Mara à praia ela disse-me que havia meses que não tomava um banho de mar por falta de tempo e por conta da distância e dos elevados preços de passagem. O valor do BRT para o terminal da Barra, naquela época, era de R\$ 3,40 e, caso quisesse ir para a orla da Zona Sul, o ônibus do terminal Alvorada para a Zona Sul custaria em torno de R\$13,00. Via Avenida Brasil, o ônibus sai em torno de R\$8,00 e o metrô R\$ 4,10. Ou seja, a opção mais barata de uma passagem comum, completa, de Paciência até a Zona Sul, com ida e volta garantidas, sai em torno de R\$25,00 por pessoa. Um valor alto para uma pessoa que fatura, em média, 1500 reais por mês. Dessa forma, frequentar a Zona Sul era algo a ser feito com planejamento e somente algumas vezes ao ano.

As saídas ao sábado à noite aconteciam na própria região de Paciência ou bairros vizinhos e minhas perguntas sobre circular nas demais áreas do Rio tinham como respostas frequentes “é caro, longe e muito violento”. Mesmo quando questionada sobre irmos à Lapa em um número grande de meninas (aquelas mesmas que iriam para o casamento de Patrícia), Mara não quis cogitar a ideia, o que me deixou a sensação de um não sentimento de integração e pertença a esses espaços frequentados pelos moradores tanto da Lapa, quanto do Centro e mesmo da própria Zona Sul.

---

<sup>26</sup> Procurando informações recentes sobre o chamado envelopamento da cidade, encontrei matéria que aborda tais placas de ferro escondendo a favela da Maré, que fica a beira da Avenida Brasil. Segundo o secretário de turismo, não se trata de cobrir a favela, mas decorar a deixar a cidade em clima para os Jogos Olímpicos. Disponível em: <<http://www.rapnacionaldownload.com.br/35988/rio-de-janeiro-maquagem-olimpica/>>. Acesso em: 08 jan. 2017.

A festa mais distante de Paciência que tive a oportunidade de conhecer com Mara foi realizada no Sítio Imperial, um lugar onde são realizados eventos e que se situa em Campo Grande, torno de meia hora de distância de Paciência. Uma festa direcionada à população jovem do entorno, com música sertaneja, funk, samba e pagode. Na época Mara e suas amigas estavam solteiras, então tinham o hábito de sair para paquerar e tomar cerveja em festas desse porte.

A violência da Zona Sul e do Centro aparece como outra justificativa para o impedimento de frequentar este espaço. As interlocutoras de pesquisa apontam que a Baixada e a Zona Oeste são lugares com menos assaltos e quando perguntei a Mara se ela não tinha medo das milícias ela disse: “se andar direito, eles não fazem nada. Eles não mexem com moradores do bairro, aqui pode deixar até o carro pra fora a noite, como eu deixo”. A fala aponta para a questão da segurança garantida pela milícia, desde que não haja enfrentamentos.

Trabalhar com estes espaços exige um cuidado grande na medida em que não devemos reproduzir estereótipos ou estigmas, como aponta Luciana Correa do Lago em atual pesquisa sobre os municípios periféricos do Rio de Janeiro:

As mudanças em curso nos municípios periféricos na metrópole do Rio de Janeiro apontam para a necessidade de focar a dinâmica e a vida metropolitana de forma mais complexa do que a permitida por visões dicotômicas. Com categorias complementares o centro e a periferia abriram a perspectiva de pensar a metrópole como uma totalidade profundamente desigual. O termo cidade dormitório representa a imagem mais acabada dessa desigualdade. No entanto vimos que, se por um lado, as desigualdades de renda e condições de trabalho mantêm-se fortemente demarcadas no território metropolitano, por outro, as dinâmicas econômicas locais ganham força o suficiente para alterarem o cotidiano de grande parte dos trabalhadores urbanos. (LAGO, 2007, p. 25)

Muitos bairros do Rio de Janeiro se assemelham em sua socialidade às cidades que conheci no interior Paulista, na medida em que se constituem como centros de comércio local para consumo e lazer. Dessa forma, para consumir não existe a necessidade de ir ao centro da cidade, podendo-se ficar no bairro de moradia.

A pesquisa de Lago (2007) tem como foco a esfera do trabalho e a recente capacidade das periferias de reterem seus trabalhadores mais qualificados no âmbito do município, rompendo assim com as características da Baixada e mesmo da região da Zona Oeste de se constituírem enquanto espaços de descanso dos trabalhadores. Segundo ela “a redução, para os trabalhadores, da distância e do tempo de deslocamento casa-trabalho



interfere diretamente nas condições de reprodução familiar e no mercado de consumo na escala local” (Lago, p. 26).

Foi isso que me relatou Carla ao apontar seu descontentamento com ter que trabalhar na Zona Sul, o que a motivou a procurar emprego na própria Baixada. O tempo de deslocamento de casa, em Morro Agudo, até a Zona Sul carioca tomava um tempo que ela poderia se dedicar a família e, principalmente aos filhos pequenos, sem precisar contar em demasia com o auxílio da mãe e podendo estar próxima dos processos de desenvolvimento das crianças:

Então eu comecei a perceber que, com o tempo, eu procurava ficar, cada vez mais, por aqui. Por aqui que eu digo é pelo bairro. Eu comecei a ver que trabalhar longe era ruim, que tinha que sair cedo e por mais cedo que eu saísse eu sempre chegava tarde em casa. Eu me lembro do meu último trabalho formal na zona sul, eu trabalhava no botafogo e trabalhava aos sábados e aos sábados era de dez às três da tarde. Era de se pensar, poxa eu não preciso acordar cedo e não chego tarde em casa, mas não era isso que acontecia, porque o transporte público aos sábados era ruim, o trem era parador então eu demorava o dobro de tempo no trem; o ônibus da central do brasil pra cá, o intervalo era grande....eu tinha então, que pegar van, tinha fila porque era transporte pequeno, eu saia três horas da tarde de botafogo e chegava em casa sete horas da noite. Então, eu comecei a procurar emprego por aqui, por nova Iguaçu, pelo bairro e até que eu encontrei, o movimento Enraizados, onde eu fui orientadora social. De um programa do governo federal chamado pró-jovem adolescente. Então lá eu entendi, nossa como é bom trabalhar perto da minha casa, tomar café com meus filhos, lavar o uniforme para o dia seguinte estar limpo, olhar o dever de casa. (Entrevista via *Whatsapp* com a informante Carla).

Neste processo de tornar o local de moradia também espaço de trabalho nas periferias, as mídias digitais ganham papel importante na medida em que se transformam em ferramentas de trabalho e de divulgação da cultura local para a população de baixa renda que acessou a rede recentemente. Abordarei isso adiante, mas posso adiantar que se trata de um movimento novo, fruto de uma popularização do acesso às tecnologias da comunicação.

Em outros termos, isso possibilita uma descentralização socioeconômica em direção a determinados municípios que permite uma injeção de ânimo para os mercados locais, na medida em que é ali que os sujeitos passam a consumir e compor suas famílias e vidas, bem como suas esferas de lazer, para além do ato de passar a noite após uma longa jornada de trabalho.

Por outro lado, existe uma falta de circulação que torna incapaz o contato de diversas experiências de vida das pessoas que ocupam diferentes regiões geográficas – sem que seja pela internet – como o claro exemplo de minhas interlocutoras que expressavam certo

sentimento de exclusão e de estranhamento em relação aos espaços mais ricos do Rio de Janeiro.

Tal sensação de isolamento territorial fica ainda mais evidente se analisarmos as manifestações ocorridas em junho de 2013 que se espalharam pelo país, mas que tiveram como palco importante a própria cidade do Rio de Janeiro.

Iniciadas com foco no alto valor dos transportes públicos e com demandas contra ao aumento das passagens e pelo passe livre, tinham como característica uma insatisfação com a impossibilidade de mobilidade e de trânsito nas cidades. Segundo texto apresentado por Celi Scalon na reunião da Sociedade Brasileira de Sociologia que aconteceu em 2013 - sobre a percepção de classe dos jovens da periferia do Rio – “a juventude associa suas posições de classe ao local de moradia, dado que evidencia que a espacialidade é significativa para a “atribuição de um lugar social” (SCALON, 2013, p.15).

Além disso, experiências como as de Luana apontam que se sentir integrada a determinado espaço não é tão simples como estar situada em suas fronteiras. Para quem habita as periferias, sejam elas os subúrbios ou as favelas do Rio de Janeiro, e que traz em seu corpo as marcas de uma experiência de vida que remete à uma posição socialmente posicionada como subalterna, frequentar a Zona Sul não significa estar livre de estigmas e de uma percepção de que não se pertence, de fato, àquele lugar.

Dessa forma, a mobilidade urbana, os deslocamentos diários, os locais de moradia, de lazer e de trabalho, os trânsitos muito falam a respeito das relações dos sujeitos com a cidade. Para a juventude analisada por essa pesquisa, não poder transitar e não ter meios de valorização do local de origem, coloca esses sujeitos em uma situação de insegurança social e de ter seus horizontes de desejo limitados e restritos.

Estes aspectos ganham centralidade na compreensão da importância das mídias digitais, na medida em que elas podem romper com as concepções de localidade, de lá e aqui, e também reforçar laços locais, apesar de seu alcance e da sua suposta característica de permitir um acesso global a informações, dados e pessoas.

O fato dos sujeitos dividirem um mesmo espaço pode, geralmente, significar o compartilhamento de afinidades simbólicas. A cidade do Rio de Janeiro apresentar um espaço físico dividido, no caso da Zona Sul, entre os ricos dos bairros da orla e os pobres dos morros, a circulação é restrita e evidencia uma sociedade absolutamente desigual.

As pessoas dessa pesquisa circulam em alguns espaços para o trabalho, outros para o lazer, como foi apontado acima com a abordagem da dificuldade de frequentar e se divertir na Zona Sul ou mesmo quando mostrei os diálogos sobre a presença ou não desses sujeitos em

determinadas praias. A zona sul carioca aparece em alguma medida, nos horizontes aspiracionais de alguns sujeitos da pesquisa e mesmo dentre aqueles que a observam criticamente, como espaço de reforço de desigualdades e de repulsa dos mais pobres e negros, a região aparece como fundamental para compreender a dinâmica social dos sujeitos inseridos na cidade.

No próximo capítulo deste texto apontarei como tais trânsitos na metrópole podem ser ressignificados pelos sujeitos, sendo as mídias ferramentas de organização coletiva, de outras formas de agenciamento e ocupação dos espaços. Estar conectada pode servir para criar estratégias de trânsito, para acessar informações sobre outras regiões da cidade e para organizar um coletivo de amigos que saem em busca de espaços de lazer antes restritos a determinados grupos e classes sociais, mas também, por outro lado, fortalecer os laços locais de moradia, de valorização das culturas de periferia e de, como veremos, fazer o local iniciar um processo de “falar para o mundo” como aponta as falas em campo.

Para isso retomarei duas experiências distintas de ida a campo, uma em que os usos de smartphones estão consolidados e outra, anterior, onde o computador era principal ferramenta de acesso à rede.

## 2 TERRITÓRIOS CONECTADOS E QUANDO O LOCAL PODE “FALAR PARA O MUNDO”

Cheguei ao Rio de Janeiro dia 17 de abril de 2015, às sete e meia da manhã. Mara, apesar de estar no começo de sua semana de folga, não podia me pegar na rodoviária Novo Rio, pois o caminho até lá era longo e o dinheiro era pouco, para abastecer o carro. Peguei o ônibus até o terminal Alvorada, na Barra da Tijuca e de lá fui até Venda de Varandas, com o metrô de superfície, onde Mara poderia me buscar. No trajeto até Varandas havia vários vendedores ambulantes que se dedicavam a oferecer seus produtos no interior do veículo. Naquele percurso, de cerca de uma hora, pude começar a compreender a importância de ter retornado ao campo de pesquisa neste momento, muito embora, antes de ir, tivesse ficado em dúvida sobre a necessidade de fazer nova imersão. Um dos vendedores me chamou a atenção no trajeto. Era um rapaz branco, vestido com camisa e calça social, apesar do calor que fazia na cidade maravilhosa, e que segurava uma maleta, dessas que poderíamos associar a algum empresário, agente de setores administrativos ou vendedores de enciclopédias da década de 90. A maleta se abria e de dentro dela saía uma espécie de cabide com vários produtos destinados a celulares: pau de *selfie*, cartão de memória, fone de ouvido, capa para fotos feitas embaixo d'água, bateria recarregável móvel, etc. Tudo por um preço que variava de 5 a 20 reais. Dos vendedores que entraram no BRT ao longo de meu percurso e que vendiam doces, coisas de praia, óculos de sol, este foi o que mais arrecadou dinheiro. Só no vagão onde eu estava, em torno de sete pessoas compraram seus produtos. Tal fato me fez refletir sobre como poderia haver uma ruptura entre minhas duas últimas visitas ao Rio de Janeiro; esta recente, do ano de 2015, e a que fiz no final do ano de 2013. E esta primeira impressão acabou por ser confirmada ao longo de meus dias de estadia na casa de Mara, quando pude perceber as mudanças de acesso por parte dos sujeitos da pesquisa, decorrente da popularização do celular. Há menos de dois anos atrás este trajeto de BRT seria diferente e sem a existência do vendedor ambulante de coisas para celular. Eu tinha acabado de comprar um smartphone e estes apetrechos todos também não tinham sido inventados. Mara, minha interlocutora, no ano de 2013, se comunicava com suas amigas, familiares, namorados e ficantes, via rádio, bem como tinha um “gato” de net na sua casa e um computador de mesa que dividia com o filho pequeno e a filha adolescente. Realidade já bastante distinta de alguém de classe média, universitária, como eu, que tinha acesso à internet de dez megas já há muito tempo e que já possuía o smartphone há dois anos. A frequência de acesso à internet, no ano de 2013, era menor, pois demandava descobrir, em meio a rotina, um tempo para sentar em frente ao computador e olhar a rede. Mara acessava de seu trabalho, nas pausas e intervalos e a noite, quando chegava a casa esperava o computador livre para poder usar, ao menos por alguns minutos; enquanto que os filhos acessavam de dia, entre os deveres de casa, da escola e entre as brincadeiras e saídas para a rua. Com o celular tudo mudou, o acesso é constante e exige menos estratégias e organização para o momento de contato e interação na rede. Mara acessa o tempo todo, enquanto faz almoço, enquanto cuida do sobrinho pequeno, nos horários de lazer, antes do banho. Os filhos também tem acesso constante, com exceção dos momentos em que a internet interrompe o pacote de serviços fornecidos. (Caderno de campo, abril de 2015).

Grande parte dos usuários de internet, em diversas partes da Zona Oeste e também da Baixada Fluminense, ainda hoje encontra dificuldades de acesso e de velocidade da rede. No caso de Mara e de várias de suas amigas, a internet da Net<sup>27</sup> é uma raridade no lugar onde vivem e é privilégio de quem tem contato com a milícia ou de quem consegue barganhar com ela. Os chamados *gatosnet* são, como apontei anteriormente, ligações clandestinas que recolhem energia ou internet a serem consumidas e pagas não para as empresas de telefonia e internet, mas para os integrantes das milícias. Somam-se a isto os altos valores dispostos para uma conexão razoável de internet móvel.

Enquanto eu pago por minha internet móvel da Vivo, no ano de escrita deste trabalho, em 2016, o valor de 54 reais por mês, para uma conexão que pode durar o mês todo, caso eu não use para baixar muitos vídeos e muitas imagens, e com velocidade que me permite ver rapidamente tudo o que preciso, Mara e a irmã pagam um valor que pode chegar a 170 reais, para uma rede de transmissão de dados que, em tese, não teria limites de downloads. Digo “em tese”, pois nestes dias de minha estadia no Rio, Mara e sua irmã tiveram diversos problemas com conexões inativas a ponto de não conseguirem ver e postar fotos e, muito menos, vídeos. Ouvi, naquele contexto, uma série de reclamações de ambas sobre não conseguirem entrar, sequer, no *Facebook*.

Hoje em dia, na parte pobre e preta da Zona Oeste do Rio de Janeiro, todos ficam no celular o tempo todo e o computador ficou parado em um canto da casa. Percebi que é cada vez mais difícil encontrar um computador ativo nas casas de minhas interlocutoras.

Avaliei que quem necessita, de fato, de um computador nos dias de hoje, é quem precisa trabalhar com ele, escrever textos, planilhas e fazer pesquisas. Meu caso era este, ou seja, o computador é ferramenta fundamental de meu trabalho de doutorado e quando, em conversas com amigos e parentes, penso em algo que eu não gostaria de perder, relativo às coisas materiais, o computador de mesa e meu notebook figuram como os principais objetos, antes mesmo do celular. A mesma situação se repete quando tenho um problema técnico com essas tecnologias: logo me desespero e procuro a assistência técnica mais próxima com vistas a resolvê-lo o quanto antes.

Na casa de Mara, o computador era, em 2013, representante da conectividade com o mundo de toda a família e dividia espaço com a TV, no mesmo cômodo, representante da mídia de broadcasting do século XX. No ano de 2015, não funciona mais e permanece inativo no corredor da casa da mãe de Mara, coberto com essas capas transparentes que protegem da

---

<sup>27</sup> Net é uma empresa brasileira de telefonia, TV e serviços de internet

poeira. Todos os membros da família de minha interlocutora, desde os mais velhos, com exceção de sua mãe, até o filho mais novo, com menos de dez anos de idade, tem celular com acesso a internet, mesmo que mais restrito do que Mara. O acesso à internet pelo celular, mesmo com um computador em casa deixa evidente que se trata de uma prioridade acessar à rede móvel a ter ferramentas de elaboração de textos, planilhas e imagens.

Isto posto, me pergunto: o acesso às mídias e, mais recentemente, à conexão via celular transforma a realidade de deslocamentos dessas pessoas, alterando o acesso limitado à cidade exposto no primeiro capítulo? Qual a relação desses sujeitos com a cidade e em que medida estar conectada transforma essa relação?

Muitos pesquisadores e pesquisadoras sociais se dedicaram a realizar uma ponte entre a noção de espaço geográfico e de espaço social, no sentido de tomar o espaço e os trânsitos por ele, como objetos de estudo da teoria social. Pensar o espaço do ponto de vista da sociologia pressupõe compreender que ele está atravessado por relações sociais pautadas, muitas vezes, por desigualdades e, nesse sentido ele pode pressupor distâncias sociais e relações assimétricas, muito embora as pessoas dividam um mesmo espaço físico. Ou seja, um mesmo lugar pode abrigar diferentes territorialidades.

Dessa forma, observar os trânsitos e agenciamentos no espaço onde acontecem as relações pode nos mostrar relações e interações de classe social, gênero, sexualidade, todas que influenciam e atuam no deslocamento dos sujeitos pela malha urbana. Como aponta o trecho abaixo que faz uma avaliação sobre os conceitos de espaço social e simbólico desenvolvidos por Pierre Bourdieu:

Proximidade no espaço social significa o intercâmbio das mesmas práticas (escolha das mesmas escolas, gosto pelas mesmas bebidas, mesmos esportes) e afastamento significa práticas distintas (escola pública ou privada, aguardente ou whisky, truco ou bridge, entre outros). Ou seja, verifica-se uma rigorosa homologia entre o espaço social, conjunto de posições mutuamente exteriores, e o espaço simbólico, conjunto de práticas e preferências constituidoras dos “signos distintivos” por meio dos quais os agentes sociais se reconhecem. (PEREIRA; CATANI, 2014, p. 114)

Espaço social, nesse sentido, é uma abstração, um espaço virtual onde se organizam as diferenças sociais. Para Bourdieu, espaço social é organizado de acordo com a obtenção dos capitais econômico, social e cultural. Logo, os sujeitos ocuparão espaços mais próximos quanto mais similar for a quantidade e a espécie de capitais que detiverem. Em contrapartida, os agentes estarão mais distantes no campo social quanto mais díspar for o volume e o tipo de capitais que possuem.

O pioneiro da elaboração do conceito de espaço social foi Pitirim Sorokin que apontou:

É necessário esboçar bem concisamente o que entendemos por espaço social e questões a ele correlacionadas. Em primeiro lugar, espaço social a algo completamente diferente de espaço geométrico. Pessoas próximas umas das outras no espaço geométrico — por exemplo, um senhor e seu escravo — estão muitas vezes grandemente separadas no espaço social. (SOROKIN, 1970, p. 223)

Esta concepção de espaço social é útil nessa pesquisa, na medida em que permite observar as relações de poder que estão inseridas na espacialidade urbana. Faço uso de uma reflexão a respeito do território urbano e dos deslocamentos dos sujeitos neste território, pautada, no entanto, em suas relações e também no uso das mídias.

Não pretendo aqui abordar o espaço no qual transitam os sujeitos da pesquisa do ponto de vista das coordenadas geográficas, pois se assim fosse acabaríamos por aproximar o cidadão do bairro do Leblon, daquele do morro do Vidigal que, apesar de ocuparem um mesmo espaço físico, em muito pouco ou quase nada se aproximam no tocante à forma como vivem e às suas relações e como constituem sua territorialidade.

Um exemplo de como acontece os trânsitos dos sujeitos no espaço urbano do Rio de Janeiro e de como se divide o espaço social da Zona Sul carioca, é a pesquisa a respeito das relações entre Leblon e a Cruzada São Sebastião, espaço residencial das camadas populares, localizada ao lado do Leblon.

Outro indicador de isolamento está no fato de quase 80% dos moradores entrevistados declararem nunca ou raramente frequentarem cinemas, apesar do bairro do Leblon ter grande quantidade de salas, situadas a um raio de trezentos e cinquenta metros. O mais surpreendente é que 40% declararam não frequentar a praia ou frequentar raramente, fato surpreendente que retira desse espaço público seu potencial papel de território da interação social. Em função do pouco contato, os entrevistados, de uma forma geral, não percebem dificuldade alguma em estabelecer relações com os moradores do Leblon, simplesmente porque tal relação é praticamente inexistente. (RIBEIRO, 2008, p. 13)

Considerar o espaço urbano e os deslocamentos dentro dele como resultado de relações sociais permite compreender como as desigualdades afetam tais deslocamentos e como e em que medida as mídias digitais permitem um novo agenciamento desses espaços, compondo o que chamo de horizontes aspiracionais dos sujeitos.

Quando o debate de espaço adentra a discussão sobre mídias torna-se possível mobilizar o aparato teórico-metodológico que abriu este texto e que situa as tecnologias como espaço relacional.

Se a ocupação e os trânsitos pelo espaço geográfico acontecem de acordo com uma série de dinâmicas sociais, o acesso ao espaço relacional da mídia também ocorre dessa forma de modo que não podemos desconsiderar os contextos *off-line* onde se inserem esses sujeitos e o que os motiva no uso das tecnologias.

Ao longo da pesquisa percebi, por exemplo, que muitos deslocamentos ocorrem em função de marcadores de classe social, mas também de sexualidade, na medida em que as pessoas que mais se articulam, via mídia digital, para ocuparem outros espaços do Rio de Janeiro, que não seu local de moradia, são as mulheres lésbicas com quem mantive contato.

Além disso, a internet, especificamente, se tornou ferramenta fundamental para algumas regiões do Rio, na medida em que possibilita a organização local de seus moradores e a divulgação de informações fora do circuito das mídias de *broadcasting*, como, por exemplo, a televisão. Dessa forma, cabe apresentar agora a importância das mídias na mobilidade das pessoas, bem como, quando situados em seu local de origem, da valorização dos aspectos e das relações locais por meio da internet.

Uma das pessoas que pareceu ter maior trânsito pelo Rio, estabelecendo círculos de amizade e de relações afetivas pela Barra da Tijuca, pelo centro, Lapa e mesmo pela Zona Sul foi Luana. Ela, embora viva com a mãe e o irmão mais velho na Baixada Fluminense, trabalha e passeia em outros espaços apesar das dificuldades financeiras que tem enfrentado por cursar e pagar a faculdade de psicologia.

A jovem de 23 anos começou a manter relações amorosas com mulheres durante o período de minha pesquisa de mestrado. Quando a conheci, com 19 anos, Luana terminava o colegial, já trabalhava e se planejava para a faculdade de Psicologia e para se mudar da casa da mãe com quem tinha uma relação conflituosa. Atualmente ela cursa o último semestre de curso e está realizando seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Eram frequentes suas frustrações com os rapazes, em meio a relatos de início e término de relacionamentos. Um deles durou três anos e, ao término, Luana encontrou problemas com o ex-namorado que insistia que retomassem a relação.

Aos vinte anos a jovem foi morar no centro do Rio em uma quitinete próxima de seu trabalho e nos dias em que estive na capital carioca para o casamento de Patrícia, Luana me contou que a decisão de se mudar veio por conta de assumir para a mãe sua homossexualidade e também por conta da não compreensão dela e das discussões constantes entre as duas que



culminou, em suas palavras, no infarto recente da mãe e nos cuidados que teve que dedicar a ela.

Devido à dificuldade em se manter morando sozinha e devido à piora do quadro de saúde da mãe, Luana voltou para a casa em Nova Iguaçu, onde dormia na sala e dividia o guarda roupas com o irmão mais velho. Atualmente ela passa a maior parte do tempo na casa de sua namorada, no morro do Vidigal, Zona Sul do Rio de Janeiro e na casa de seu avô, no centro da cidade, por conta do falecimento recente da avó, fato que deixou o avô com um quadro de saúde de depressão.

A jovem sempre me falou com bastante frequência sobre a possibilidade de sair de casa assim que conseguisse manter-se novamente sem auxílio financeiro da família, algo que ainda encara com bastante dificuldade tendo em vista que o salário que recebe em seu trabalho não a permite sua total manutenção morando fora e arcando com os estudos.

Luana mantém os vínculos afetivos com diversas regiões da cidade, tanto com seu espaço de origem, quanto com a Zona Sul e o centro da cidade. No dia seguinte ao casamento de Patrícia, ocasião em que estivemos mais próximas, uma vez que ela, assim como eu, também se hospedou na casa de Mara, Luana encontraria uma garota a qual estava conhecendo, em um dos shoppings da Barra da Tijuca e tinha planos de ir a uma balada gay na Lapa, no domingo à noite.

Luana apontou que, desde o início de suas relações com mulheres, convive com a resistência de sua mãe a respeito de sua sexualidade. Segundo ela, a mãe odiava a então atual namorada, por acreditar que seria culpa dela o fato de Luana ser lésbica. Trajetória bem distinta da que é apontada por Luana ao dizer que sente atração por mulheres desde muito cedo, quando criança, e quando já optava, em meio às brincadeiras infantis e adolescentes, por beijar suas amigas e não seus amigos.

Além da resistência da mãe, Luana encontrou barreiras na relação com o irmão que desconfiava de sua orientação sexual, muito embora Luana não tenha se assumido para família. Segundo ela o irmão contou pra mãe sem ela nunca dizer nada a respeito de suas relações lésbicas para nenhum dos dois: “Na verdade ele percebeu. Eu nunca contei...Ele descobriu e contou pra minha mãe. Nem era que eu não fosse contar, mas não estava pronta naquele momento. Foi bem complicado.”

De acordo com Luana, o irmão é evangélico e acredita que a homossexualidade é uma doença passível de ser curada por meio da devoção a Deus e à igreja. Dessa forma, para evitar os conflitos, que poderiam piorar a saúde da mãe, Luana prefere não tocar no assunto

no espaço de convivência da casa e, dessa forma, sua namorada não se relaciona com nenhuma das pessoas de sua família.

Tal fato mostra como as questões de mobilidade não são determinadas unicamente pela renda. Circular por outros espaços pode pressupor uma possibilidade maior de viver a própria sexualidade distante do local de origem e de círculos familiares que não permitem uma vivência plena da sexualidade e que podem gerar situações de conflito e de violências diversas, sejam físicas ou emocionais.

Ao ser questionada sobre essa característica de circulação das “bee” ou das “gay”<sup>28</sup>, pela cidade do Rio de Janeiro, Luana afirmou:

Quando comparo meus amigos gays com amigos heterossexuais, acho que os gays circulam mais. Eu tenho muitos amigos heterossexuais que saem bastante, mas costumam frequentar os mesmos lugares. Sinceramente acho que as bee<sup>29</sup> estão sempre procurando conhecer gente nova. (Em conversa com Luana via *Facebook*).

Conhecer gente nova, no discurso de Luana ganha outro significado e escapa da necessidade de fazer amigos, unicamente. Quando pergunto se seus amigos são assumidos e se enfrentaram problemas familiares ao expor sua orientação sexual, ela aponta:

A maioria é meio que assumido. Tipo eu. Algumas pessoas sabem, outras desconfiam, mas não fazem questão de esconder. Mas tem os que são assumidíssimos e vivem super bem com isso. Algumas famílias tem aquele pensamento de que você pode ser gay, mas tem que se esconder e viver discretamente, então é quase sempre difícil assumir. Seja por não ser aceito ou por ser nesses termos de se esconder. (Em conversa com Luana via *Facebook*).

Dessa forma, o “conhecer gente nova” se relaciona intimamente com um ambiente hostil de convivência cotidiana e de moradia, na medida em que representa a necessidade de sair do local onde se vive e da proximidade familiar para vivenciar a sexualidade de maneira mais livre e poder estabelecer círculos de socialidade, de reconhecimento e de acolhimento (KURASHIGE, 2014; PADILHA, 2015).

Nesse sentido, as mídias tornam-se espaços fundamentais de articulação de saídas, de flertes, de busca por parceiros e parceiras. Luana articulou seu encontro no shopping por meio do *Whatsapp*, é pelo celular que ela escreve para os amigos e planeja o sábado no bairro da

<sup>28</sup> “As gay” e “as bee” são termos frequente usados por Luana e pelo chamado público LGBT. Eles não se referem somente a população gay de sexo masculino, mas a toda comunidade.

<sup>29</sup> Bee, neste caso, é um sinônimo para gays e lésbicas.

Lapa, no centro do Rio, na Barra da Tijuca ou na Zona Sul. Pelo celular com acesso à internet é possível ter informações sempre atualizadas dos espaços gays da cidade, bem como colocar o nome na lista com intuito de pagar mais barato pela diversão. E, tão importante quando todos esses aspectos, pelo celular ela mantém contato com a namorada que não pode frequentar sua casa.

Muito embora Luana não seja adepta do uso de aplicativos, ela reconhece que a internet facilita o contato com espaços de socialidade gay e também com uma série de avaliações e comentários dos usuários sobre os locais que frequentam:

P: você usa muito a internet pra saber sobre espaços gays? Gosta de aplicativos de busca de parceiras?

R: Eu não sou muito adepta dos *app* de relacionamento. Gosto mais de conhecer as pessoas da maneira antiga, conversar e tals, eu não curto essa coisa de marcar pra ficar com alguém. Gosto de estar conversando e rolar [...] A internet ajuda muito a gente a obter informações, dá até pra ver opinião das pessoas a respeito dos lugares...uso pra ficar sabendo dos eventos gay. Aqui no Rio tem muito luau gay nas praias e eles usam a internet pra divulgação por exemplo. (Em conversa com Luana via *Facebook*).

Os luais, segundo Luana, acontecem nas praias da Zona Sul e, ao contrário das outras mulheres da pesquisa, Luana frequenta com bastante frequência a praia naquela região com intuito de ir aos eventos com a atual namorada que mora por lá. Segundo Luana, ambas se conheceram no carnaval de rua que acontece na Rua Farma de Amoedo, em Ipanema, mesma altura do Posto Nove, da praia de Ipanema, espaço gay da orla da Zona Sul que atrai muitos turistas e um público LGBT de toda a cidade.

Quando questionada sobre a recepção da Zona Sul aos gays da cidade Luana afirmou:

A relação das gays com a Zona Sul é de amor e ódio, Lara, pois tem muita coisa para o público gay, mas tem também muitos moradores conservadores que acham um absurdo estar ao lado de dois homens se beijando na praia, na rua, etc [...] antes tinha bastante balada gay em Copacabana, mas os moradores reclamaram, agora tudo se concentra em Ipanema. (Em conversa com Luana via *Facebook*)

Tal fato aponta que os moradores da Zona Sul, apesar de sua relação de preconceito com o público LGBT, representam uma menor ameaça a quem vem das periferias do Rio, como, por exemplo, Luana. Ela completou:

Ser gay no lugar de moradia é complicado, eu fui à parada de lá de Nova Iguaçu uma vez e mesmo assim eu namorava um carinha, na época. Não me sinto a vontade. Os olhares de fofoca me incomodam um pouco, mas só nesses lugares. É difícil mesmo, é dar a cara à tapa todos os dias. (Em conversa com Luana via *Facebook*).

A reflexão de Luana a respeito das comparações entre ser lésbica na Zona Sul e na Baixada Fluminense apontam para como, além das violências sofridas no interior da família, a busca pelo anonimato garantido pela socialidade em outros espaços é importante na escolha por onde transitar.

A fofoca mencionada em sua fala e o controle da vizinhança a incomodam, especialmente em seu lugar de moradia, uma vez que lá o anonimato não está garantido como na região de Ipanema, na Zona Sul. A rua Farne de Amoedo é um território conhecido, principalmente, pela grande presença de turistas gays que frequentam o Rio, o que me faz refletir que a experiência de Luana na socialidade gay da Zona Sul e neste espaço específico muito pode se aproximar daquela dos turistas que não mantêm vínculos afetivos com o local e que podem vivenciar a sexualidade por meio do anonimato. Dessa forma, trata-se de um espaço onde ela se preocupa menos com fofocas a respeito de sua vida íntima.

Quando perguntei a Luana sobre o que significava “dar a cara a tapa”, ela se referiu a viver no local de moradia e lidar com as violências e preconceitos das dinâmicas lá estabelecidas. Em seguida, quando questionada sobre ser assumida em sua região, ela afirmou “eu só contei mesmo para os meus amigos, mas as pessoas desconfiam”. Isso aponta que mesmo sem o embate direto a respeito da sua sexualidade, Luana tem receio de se expor no ambiente de origem, certamente por medo de enfrentar conflitos parecidos com os que enfrenta com seu irmão que chegou a ameaçar suas namoradas:

P: Você já teve problemas por conta de sua sexualidade?

R: Meu irmão chegou a ameaçar de agredir minha namorada caso eu levasse ela em casa e eu fui obrigada a aceitar as opiniões dele dentro de casa, porque minha mãe também concorda. Até hoje ele fala disso como se fosse uma coisa que não é minha, Como se alguém tivesse colocado isso na minha cabeça. Que pessoa em sã consciência vai escolher ser gay e passar por coisas assim, não é mesmo? (Em conversa com Luana via *Facebook*).

Esta hostilidade do irmão faz com que Luana necessite circular, tanto para estabelecer círculos de amizade que não a exponham em seu espaço de moradia, quando para vivenciar sua sexualidade de forma mais livre.

Em pesquisa de Felipe Padilha a respeito do uso de aplicativos por homens gays que buscam parceiros para relações afetivas ou exclusivamente sexuais em aplicativos voltados para o público gay, também é apontada a relevância das dinâmicas *online* para manutenção do segredo da sexualidade e para a busca por formas de socialidade gay. Do ponto de vista do autor, o uso dos aplicativos permite um agenciamento do segredo e a manutenção dos privilégios da heterossexualidade, para sujeitos que não encontram condições culturais e políticas de reconhecimento. Ao mesmo tempo, abrem espaço para uma vivência da sexualidade e de socialidades e círculos de apoio entre gays.

O segredo é a alma do negócio em um contexto que não oferece condições culturais e políticas de reconhecimento recíproco para as pessoas que se afirmam publicamente como “homossexuais”. Nesse cenário sociotécnico, as mídias digitais e os aplicativos emergem como soluções provisórias para criar redes de contatos e circulação de pessoas em busca de encontros ao abrigo do olhar público [...] A internet não é a salvação, mas uma possibilidade provisória que acentua o aspecto “estratégico” do segredo. Ao mesmo tempo em que a rede permitiu reformulações nas antigas estratégias de invisibilidade, a circulação de códigos outros para a homossexualidade permitiu um deslocamento sobre o antigo sentido de marginalidade. (PADILHA, 2015, p. 118)

Luana, ao contrário dos homens gays da pesquisa de Padilha parece não fazer questão de se esconder, embora não tenha contado sobre sua sexualidade diretamente a seus familiares. Isso ocorre, talvez, porque ser mulher já não comporte tantos privilégios em uma família regida pelas vontades do irmão evangélico e em seu contexto de moradia. Luana não parece ter muitos privilégios a defender e não tem uma heterossexualidade masculina e treinada para ser chefe da casa a reivindicar.

Além disso, o desinteresse pelos aplicativos pode ser explicado se considerarmos que as relações homossexuais entre mulheres são, historicamente, menos vigiadas em diversos contextos, uma vez que as trocas afetivas em público não são prontamente identificadas como homossexualidade e, dessa forma, geram menos desconforto nas relações sociais.

Em outros termos, a problemática do segredo homossexual é predominantemente masculina e está atravessada por misoginia na medida em que se compreende que a proximidade do homem com o feminino, decorrente da relação entre homens, é um problema a ser enfrentado prontamente.

Tal fato pode nos auxiliar a entender porque para Luana e para mulheres lésbicas o uso de aplicativos não aparece como um grande atrativo, como no caso dos homens da pesquisa de Felipe Padilha. A manutenção do segredo, para os rapazes, é fundamental em uma

sociedade que reconhece qualquer gestual mínimo de carinho entre homens como homossexualidade e dessa forma, os aplicativos são procurados como meio de manter suas práticas sexuais e de afeto em segredo e assim garantir os privilégios da heterossexualidade, dentre eles, a não violência física e o reconhecimento.

Já dentre mulheres as situações cotidianas de afeto são mais aceitáveis tanto por serem socialmente permitidas e associadas com amizade e cuidado, quanto pelo fato de que tais relações são fetichizadas e sexualizadas devido a nosso olhar conduzido, em grande medida, pela pornografia. As relações lésbicas são, em muitos contextos, observadas do ponto de vista masculino como algo que existe para estar disponível sexualmente. Dito de outro modo, a relação lésbica é desejável para aos homens heterossexuais podendo, inclusive, reforçar a heterossexualidade, por assim dizer. Um exemplo clássico a esse respeito pode ser visto nos filmes pornográficos voltados ao público heterossexual que, com frequência apresenta relações entre duas mulheres. Apenas quando há contato entre os homens, esses filmes ganham a classificação de bissexuais. Nesse sentido, situações de violência contra mulheres lésbicas apresentam outras facetas que se relacionam também com o desejo, na medida em que o afeto entre mulheres é desejável.

Isto posto, acessar a rede e poder circular por outros territórios torna os conflitos menos evidentes e os embates menos diretos com seus espaços cotidianos de moradia e com as pessoas que compartilham dele diariamente. Dessa forma, poder se informar sobre espaços outros de vivências é mais importante do que acessar os aplicativos de busca de parceiras, no caso de Luana, que estabelece sua socialidade distante da Baixada Fluminense.

Compreender estes espaços de moradia dos sujeitos e sua mobilidade envolve também questionarmos a própria concepção de periferia como caracterizada totalmente pelas ausências.

Regiões como a Baixada Fluminense e a Zona Oeste do Rio apresentam uma complexidade de relações que não abrem espaço para o foco exclusivo na miséria, nas faltas e na violência irrestrita como reproduz os discursos midiáticos em torno dessas regiões. Enquanto Luana aponta para um anseio de circulação em outros espaços e apresenta os limites do local de origem para os sujeitos que vivenciam sua sexualidade fora do marco heterossexual, outras pessoas realizam um esforço contrário de estar no local de moradia e de reforçar suas características culturais e mesmo políticas de um ponto de vista positivo e que faz frente, muitas vezes, a forma como este local é apresentado pelas mídias tradicionais como televisão e rádio.

Este alerta, embora figure em trabalhos atuais sobre as periferias também me foi dado por um dos colaboradores da pesquisa, Roberto, jovem, de 24 anos, que mora em Belford Roxo e estuda produção cultural no Instituto Federal do Rio de Janeiro.

Filho de pai operário e mãe dona de casa, Roberto faz parte de um conjunto de jovens que tem se dedicado a promover espaços de cultura na Baixada por meio da rede social. Quando perguntei de onde era ele ressaltou, “Belford Roxo, a cidade do amor” e em seguida me explicou que se tratava de um slogan do local para “combater um estigma de violência que a região tinha”. Roberto me contou detalhes de seu ponto de vista sobre a história local que, segundo ele, não fazia jus ao que, de fato, via ocorrer na Baixada:

P: De onde você é?

R: Belfor Roxo, a cidade do amor!

P: Por que, cidade do amor? Minha mãe morou aí quando era jovem ela gostava...

R: Então, na verdade esse é o 1º slogan da cidade. A emancipação daqui é bem recente (uns 20 anos, acho) e esse slogan era pra combater um estigma de violência que a cidade tinha.

P: eu li umas coisas sobre essa história da Baixada do esforço em transformar essa visão que as pessoas tinham daí enqto lugar de violência a violência vinha por conta de que vc acha? ainda é violento, Rodrigo?

R: Então, a violência daqui é a violência "tradicional", porque todo lugar é violento até certa medida. Hoje (de uns meses pra cá) está um pouco mais devido às intervenções das UPP's, porque eles tiram o bandido do Rio, lá da Zona Sul e ele acaba fugindo pra baixada, nisso vem surgindo alguns conflitos. Mas esse estigma começou por causa da ação de alguns jornais nos anos 60,70 que colocavam aqui como local de "bang bang" e tals, aí acabou no imaginário coletivo da própria população também. E aqui em Belford Roxo teve um probleminha maior, por causa de um relatório da ONU no início dos anos 90 falando que aqui era um dos lugares mais violentos do mundo<sup>30</sup> (tipo top 5 e tals). Mas o que acontecia é que rolavam assassinatos em várias partes do Rio e a galera desovava os corpos aqui em Belford Roxo, e acabavam os números ficando com a gente, saca? (Em conversa com Roberto via *Facebook*).

Nestes contextos, as mídias digitais ganham espaço de destaque, pois se associam com transformações atuais no espaço público e na forma como são divulgadas as informações a respeito do local onde se vive.

Em busca por grupos no *Facebook*, nos quais pudesse encontrar pessoas dispostas a me conceder entrevistas e conversas, me deparei com diversos coletivos de jovens dedicados

<sup>30</sup> O relatório mencionado por Roberto foi realizado no final da década de 80 pela ONU e não faz referência a forma como os dados de homicídios eram tratados. Não encontrei nenhuma informação a respeito da desova de corpos mencionada por meu interlocutor, muito embora faça parte da história da Baixada dados que reforçam a atuação das milícias no sentido de resolver a questão da criminalidade matando sujeitos “suspeitos”. O slogan Cidade do Amor ganha força após o relatório que afirmou a região como a mais violenta do mundo devido ao número de crimes.

a apresentar essa nova Baixada para o mundo e construir espaços para debater e produzir cultura, com vistas a romper com os estigmas da região de se constituir como espaço violento.

De acordo com o site oficial da Baixada<sup>31</sup>, o acesso à internet, fenômeno ainda atual no lugar, é digno de investigação, pois evidencia transformações significativas na cultura local e na forma como a região é vista pelo entorno:

A Internet na Baixada é um fenômeno cultural que ainda precisa ser pensado com profundidade pelos pesquisadores. Ela assinala que já vai longe o tempo em que o tubo da TV preto e branco, a tela do cinema de cadeiras sem estofamento e o sanguinolento jornal de domingo eram os únicos canais de contato com outros mundos para aqueles que achavam que havia algo no ar além das nuvens infernais de mosquitos. Toda essa experiência deglutida volta refinada no mundo das redes digitais, num processo de antropofagia cultural: devorar o outro para absorver suas qualidades e poderes. É assim, antropofagicamente, que hoje a Baixada pode falar para o mundo. (CONDÉ, s. d., s. p.)<sup>32</sup>.

Neste trecho fica evidente o esforço da população em transformar a imagem transmitida pela mídia tradicional a respeito da Baixada, por meio da internet. Tal imagem nos “sanguinolentos jornais de domingo” deixaria de marcar o território de acordo com o acesso a internet por parte de seus moradores que teriam condições de apontar uma outra Baixada.

A necessidade de revalorização do espaço da Baixada também aparece presente em letras de compositores de rap locais, como Abelha e Bibil que fizeram o Rap da Baixada, onde reforçam a necessidade de fazer frente à violência, com discursos que motivem a paz no local.

Chega de violência  
Chega de baixaria  
Eu sou da Baixada  
Eu sou de Duque de Caxias

Falo pela sociedade. Sempre foi discriminada  
Somos todos animais, todos marginalizados  
Mas esquecem os poderosos que comandam essa nação  
Roubam no sapatinho e mostram ter preocupação  
Sai em fotos de jornais, revistas e televisão  
Criticam nosso funk e a nossa geração  
Mas não lembram do Brasil nessa situação  
Crianças abandonadas as suas vidas são de cão  
Também os trabalhadores e os chefes de família

<sup>31</sup> Disponível em: <<http://noticias.sitedabaixada.com.br/>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

<sup>32</sup> CONDÉ, Geraldo Garcez. Nas Baixadas da Vida. In: Baixada Fácil. Disponível em: <<http://www.baixadafacil.com.br/editorial-baixada-facil>>. Acesso em: 15 nov. 2016.



Que trabalham feito um burro e vive com a barriga vazia  
 Por isso poderosos eu mando o meu recado  
 Olhe pra esse Brasil deixe nosso funk de lado. (ABELHA E BIBIL, 2012)

A demanda por expor outra Baixada via internet, não deixa de conviver com os RAP's de denúncia que apontam tanto os problemas de violência e de envolvimento da população com o crime, bem como as questões estruturais ainda não resolvidas no espaço como o problema do saneamento básico. Abaixo segue trecho da música Karma do Hell de Janeiro, de LaGangrap, que produziu CD inteiro sobre a Baixada e faz sua divulgação via internet em um canal no Youtube que conta com quase três mil inscritos e com vídeos que variam de sete a quinze mil visualizações.

A Baixada Fluminense hoje tem ruas que parecem ruas de antigamente, do século XVI, dezesseis é até muito, acho que do século XIII. Não é possível, tem esgoto a céu aberto. Não tem como o cidadão admitir isso, esgoto a céu aberto, em pleno século XXI, não tem como, não tem [...]

Seja bem vindo a Baixada  
 A fração esquecida  
 Aonde é luxo morrer de viver e não da mira  
 Terra de quem sonha em ser alguma coisa um dia  
 E tenta não viver da migalha que sustenta o pão de cada dia  
 Seja bem vindo aonde os fracos não tem vez  
 Justiça invisível  
 Miséria em nitidez  
 Abuso de poder  
 Tristeza, ganancia  
 E a grana a cada mês só gera ódio e ignorância  
 Triste realidade de quem vive por aqui  
 Todas oportunidades se resumem a pegar o Japeri  
 E é ali, que todos se encontram  
 De jovens a adultos que não tem como fugir  
 Réu!  
 Nos dê mais forças pra seguir  
 Já que toda minha infância e liberdade já tiraram de mim  
 Onde mentes inocentes se convergem aos gatilhos  
 Vivo na vaga lembrança da ultima vez em que sorri. (LA GANG RAP, 2015)

As mídias surgem, neste momento, como uma alternativa à socialidade restrita aos espaços de moradia e aos círculos de amizade também situados nestes espaços ou, no caso do que me apontou Roberto, a socialidade em rede pode servir como forma de mobilização dos jovens inseridos nestes contextos vulneráveis social e economicamente, com vistas a promoção de debates, de manifestações culturais, artísticas, etc.

Foi em um grupo de cultura na Baixada que o encontrei, é importante dizer, por conta de seu trabalho com produção cultural fruto de sua faculdade em andamento. Roberto atua na área musical, tanto com produção, quanto com gravações e composições próprias, o que lhe garante uma renda própria a qual usa para pagar internet, para sair a noite e para continuar produzindo música. Para ele, a internet é fundamental meio de divulgação de seu trabalho e do trabalho dos jovens que o circundam.

Em contato com Roberto e por meio de pesquisas sobre o acesso à internet na Baixada pude entender a importância da internet para estas comunidades, bem como pude perceber a relevância da frase “É assim, antropofagicamente, que hoje a Baixada pode falar para o mundo”, colhida na matéria acima. O uso das mídias digitais é fundamental para a região, uma vez que rompe com a imagem divulgada da Baixada pelas mídias de *Broadcasting*, dos anos anteriores à popularização das mídias digitais.

As informações via *Broadcasting* eram caracterizadas pelo trânsito de informação produzido a partir da garantia de que a mesma informação seria enviada para muitos receptores ao mesmo tempo, partindo de uma fonte central. A TV tem essa característica, assim como o rádio e mesmo a internet chamada 1.0, caracterizada pelos grandes portais de notícia, na qual os usuários não interagem com o conteúdo que consumiam e não produziam seu próprio conteúdo.

Com o advento do que convencionou-se chamar de internet 2.0, nos anos 2000, estes portais cedem espaço para plataformas mais interativas onde o sujeito pode, tanto ter sua própria página, quanto produzir material a ser divulgado em suas redes sociais, como textos e vídeos no *Youtube*. Este formato de internet representou um momento da comunicação *online* onde os usuários geram e organizam conteúdos, apesar de ainda serem geridos pelas empresas e grandes cooperações. Mesmo quando o conteúdo não é produzido pelo próprio usuário, ele pode enriquecê-lo por meio de comentários, avaliações e personalização. Nancy Baym tem texto que aborda o surgimento e a novidade da internet 2.0 e aponta, criticamente, como isso está diretamente relacionado com a consolidação das redes sociais como *Facebook*<sup>33</sup>.

A característica da dinâmica em rede, que escapa tanto a mídia de *Broadcasting*, quanto a internet 1.0, é apresentar muitos indivíduos produzindo informação todo o tempo. Tal processo é fundamental em espaços como a Baixada Fluminense que apresentava o histórico de ser divulgada somente como local marcado pela violência. Segundo Roberto e também segundo o site da Baixada, os moradores não podiam fazer frente aos jornais

---

<sup>33</sup> Ver o texto Social Networks 2.0, de Baym no livro *In The handbook of internet studies* do ano de 2010.

“sanguinolentos de domingo”, por não possuírem ferramentas de elaboração e divulgação de outra forma de conteúdo e mesmo de denúncias.

A ideia da “Baixada que fala para o mundo”, como apresentada pelo site, diz respeito ao pano de fundo pautado por uma popularização do acesso às mídias digitais e à internet nos últimos anos. Isso estimula seus moradores a produzir um conteúdo sobre seus locais de moradia que escapem do estigma e reforcem manifestações culturais locais, possibilidade de geração de emprego através das mídias e divulgação de informação sobre aspectos positivos da comunidade.

A reformulação do site da Baixada e o seu lançamento em 20 de abril de 2015, por Roberto e seu sócio Wellington, é uma iniciativa que se mostrou interessada em intensificar a produção de conteúdo e criar um site que não só replica informações vindas de outros sites.

O primeiro site da Baixada, feito no ano de 2007, já tinha uma preocupação com mostrar outra Baixada para o mundo, sem o foco nos problemas enfrentados com a violência local ou trazida por outros espaços; objetivo este que estava inscrito em seu slogan “Conheça uma Baixada que você não conhece”. O novo site continua com o objetivo de “transmitir notícias sobre a população local, tirar o foco da criminalidade e da negativização do espaço”, afirmou Wellington em vídeo de lançamento do espaço *online*.

Iniciativas como essa, de revalorização cultural por meio das mídias digitais e da possibilidade de produção de conteúdo pela população local se difundem por toda a Baixada Fluminense e pelas demais regiões periféricas e de baixa renda do Rio de Janeiro. Isso faz parte de um acesso recente às mídias digitais que passam a ser usadas de forma distinta por essa população, bem como com vistas e fazer desses ambientes *online* locais não só de divulgação de informação e de produção de conteúdo e denúncias pela própria população, mas de captação de renda, de promoção e divulgação do próprio negócio, etc.

A Central Única das Favelas (CUFA) que atua nos morros do Rio de Janeiro realizou pesquisa em 2015 que apontou o recente uso da rede. Dados mostram que os moradores de favelas do Rio são mais conectados. No estado, 74% dos moradores de comunidades acessam a internet pelo menos uma vez por semana, enquanto a média nacional é de 61%. Os jovens são os mais conectados, 87% das pessoas entre 14 e 18 anos acessam o ciberespaço semanalmente. Os smartphones são a principal fonte de acesso à web na favela. Atualmente 75% dos moradores que acessam a internet, o fazem pelo celular. Em 2013, eram 41%. Hoje, quatro em cada dez moradores de favela têm smartphone e 20% deles pretendem adquirir um novo aparelho no próximo ano. A rede social mais usada nas favelas é o *Facebook*, com 92%;

38% usam *Whatsapp*; 22% possuem Twitter; 17% têm Instagram e 7% usam o LinkedIn (CARVALHO, 2015)<sup>34</sup>.

Tal pesquisa tem relação com a rede social *Facebook*, que em parceria com a CUFA, tem como objetivo mapear o público consumidor da rede para, então, oferecer cursos e ferramentas de empreendedorismo e economia criativa para moradores das favelas do Rio. Tais iniciativas de divulgação de informação sobre as periferias, favelas e subúrbios do Rio de Janeiro ganharam maiores proporções nos últimos anos e, realizar o trabalho de divulgação de informação e de capacitação para atuação profissional por meio da rede e por parte dos próprios moradores, parece um objetivo do qual não se abre mão, nesses espaços.

Um grande exemplo de iniciativa surgida na própria Baixada é a #Agênciadepublicidade<sup>35</sup>, cujo trabalho é dar orientação para manutenção e divulgação de empreendimentos da própria periferia, de pequeno e microempresários. Segundo descrição da própria página:

A #Agênciadepublicidade, criada pelo casal Carla e Pedro, mesmo sem sair da periferia de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, atende clientes de bairros de classe média e alta do Rio de Janeiro. E até de fora do país: uma agência de turismo do Chile, que conheceram pelo *Facebook*. A especialidade da agência é criar e promover conteúdo e anúncios de pequenas empresas no *Facebook*, e ajudá-las a alcançar novos clientes, crescer e trazer mais recursos e empregos para a região. (trecho colhido em página do *Facebook*)

Agências como #Agênciadepublicidade fazem parte de um momento bastante recente de acesso à internet na Baixada Fluminense. Apesar da importância de estar conectado nessa região, inclusive para fazer frente à forma como a Baixada é apresentada nas mídias tradicionais, a conexão ainda é restrita, de baixa qualidade e muito recente.

A tentativa de popularizar o acesso à rede acontece desde o ano de 2008, por meio do projeto Rio Estado Digital, que tem como objetivo garantir acesso à banda larga e serviços básicos para cidade inteligente em todos os 92 municípios do Estado até 2018. O projeto é desenvolvido pela Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação, em parceria com o Centro de Tecnologia da Informação e Comunicação do Estado do Rio de Janeiro (PRODERJ) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Faz

---

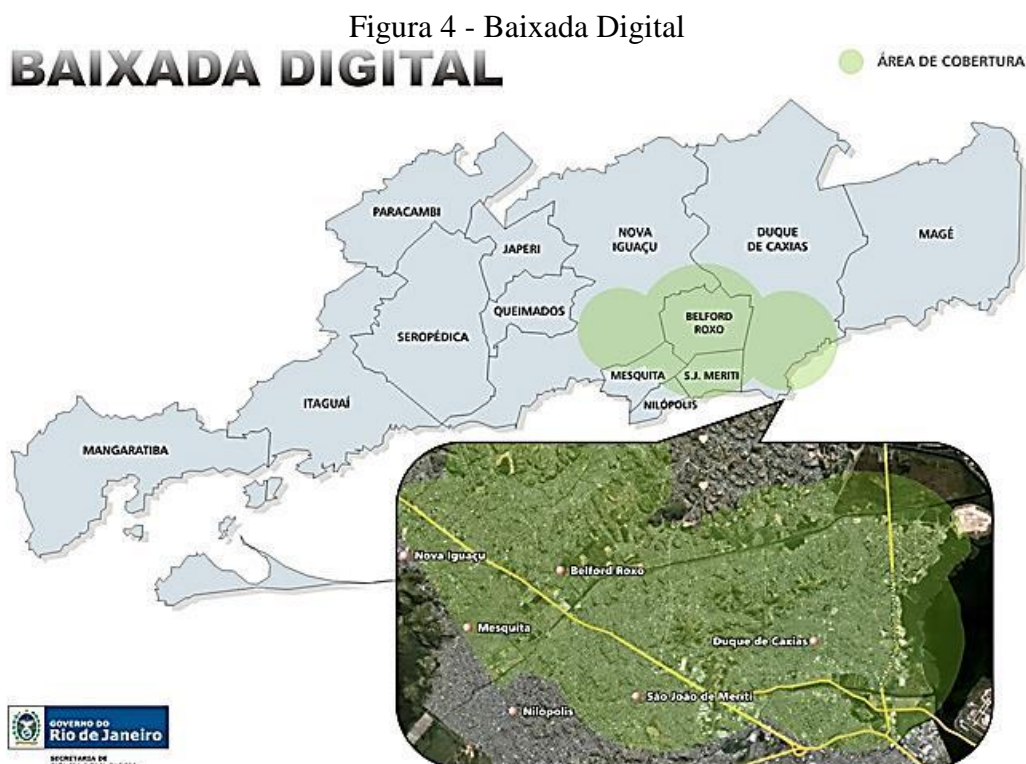
<sup>34</sup> CARVALHO, Tassia Di. Maioria dos moradores de favelas acessa a internet semanalmente, diz pesquisa. In: **O Dia Rio**. Data de publicação: 11 nov. 2015. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-11-11/maioria-dos-moradores-de-favelas-acessa-a-internet-semanalmente-diz-pesquisa.html>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

<sup>35</sup> O nome do estabelecimento foi alterado com vistas a manter o anonimato.

parte desse projeto, o programa Baixada Digital, de iniciativa da FATEC; tal programa deu partida ao projeto Rio Digital no ano de 2009, na região da Baixada Fluminense, com a promessa de acesso a internet em quase todo o território, desde que os moradores investissem no material necessário para acessar a o sinal da rede. Segundo site Guia das Cidades Digitais<sup>36</sup>, na época de lançamento do projeto:

A primeira fase do projeto Rio Estado Digital na Baixada Fluminense vai beneficiar cerca de 1,7 milhão de pessoas. O sinal vai chegar a todo o município de São João de Meriti, a 60% da população de Caxias e Belford Roxo e a 20% das cidades de Nova Iguaçu, Mesquita e Nilópolis. A velocidade do sinal emitido por cada antena é de 400 Mbps, o que não significa que os moradores acessarão a internet nesta velocidade, já que vai depender do número de pessoas conectadas a cada antena retransmissora. (MATTAR, 2009, s. p.).

O mapa abaixo mostra a cobertura das primeiras antenas frente a extensão da Baixada Fluminense.



FONTE: Site Guia das Cidades Digitais (2009).<sup>37</sup>

<sup>36</sup> MATTAR, Maria Eduarda. Baixada, finalmente, digital. In: **Guia das cidades digitais**. Data da publicação: 25 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.guiadascidadesdigitais.com.br/site/pagina/baixada-finalmente-digital>>. Acesso em: 10 mai. 2015.

<sup>37</sup> Idem.

Embora o projeto parecesse promissor, em matérias sobre o funcionamento da internet por meio do Baixada Digital havia uma série de reclamações tanto sobre a falta de informação a respeito de como usar a internet, quanto por conta do alcance do sinal que tendia a circular em torno das praças onde foram instaladas as antenas centrais.

O uso da internet como forma de trabalho atravessa a vida de Carla minha interlocutora de pesquisa que, juntamente ao marido, fundou a #Agênciadepublicidade mencionada acima. A ideia de fazer funcionar um negócio próprio surgiu após anos de trabalho na Zona Sul e após o nascimento dos filhos, que demandaram maior presença e cuidado de Carla que os manteve sob cuidado da mãe por muito tempo para que pudesse sair para trabalhar.

Carla tem uma história de vida que se aproxima de Francisca Silva, autora de *Ai de Vós*, cujos trechos dos livros abrem esta tese. Sua mãe, mulher negra, trabalhou como empregada doméstica na Zona Sul e em muitas regiões do Rio e ela tem em sua lembrança de infância e parte de adolescência uma vida repleta de trânsitos pela cidade e pelas casas dos patrões da mãe e parentes que se dispunham a cuidar dela, quando o emprego da mãe não a aceitava. No caso de Carla, o trânsito pelo Rio e a distância dos filhos em grande parte do dia, a remetia àquele contexto de infância no qual era quase que frequentemente colocada distante da mãe, por conta da rotina de trabalho desta:

Então, a história da minha infância é meio essa. Eu lembro que com treze anos, mais uma vez eu saí da casa da patroa da minha mãe e vim morar com uma tia. Era muito isso, o que eu lembro é que minha vida era assim como aquelas histórias de filme de família adotiva, onde a família vai devolvendo a criança, quando dá problema, que a criança vai passando por várias famílias? Era mais ou menos isso, só que eu sempre tive a minha mãe, minha mãe sempre foi o meu lugar seguro, ela não me devolveu ou me pegava de volta, ela estava sempre presente. Quem fazia isso eram as pessoas que estavam comigo, que queriam ajudar, mas que quando percebiam que uma criança podia dar problemas, queriam devolver. Isso tanto nas casas da família e da patroa, quanto das pessoas que minha mãe conseguia pra cuidar de mim. Era difícil, porque tinha a necessidade de uma pessoa que ficasse comigo o tempo inteiro, pois minha mãe só vinha aos finais de semana, então, era essa a dificuldade. (Conversa com Carla via *Whatsapp*).

Em conversa com Carla disse a ela que seu relato me lembrava o filme *Que Horas ela Volta*<sup>38</sup> da diretora Anna Muylaert que conta a História de Val, babá na Zona Sul de São

---

<sup>38</sup> A pernambucana Val (Regina Casé) se mudou para São Paulo a fim de dar melhores condições de vida para sua filha Jéssica. Com muito receio, ela deixou a menina no interior de Pernambuco para ser babá de Fabinho, morando integralmente na casa de seus patrões. Treze anos depois, quando o menino (Michel Joelsas) vai prestar vestibular, Jéssica (Camila Márdila) lhe telefona, pedindo ajuda para ir a São Paulo, no intuito de

Paulo, que deixou a filha, Bárbara, em Pernambuco para ganhar a vida na capital. Carla concordou com minha impressão e disse que, ao ver o filme, se identificou com a personagem Bárbara na medida em que, por muitas vezes, não podia circular pela casa dos patrões da mãe e também, hoje, considera que teve oportunidade de ter uma vida melhor que a dela, assim como a moça do filme.

Após a gravidez na adolescência, aos 13 anos, Carla arrumou o primeiro emprego em um consultório de fisioterapia no Rio de Janeiro. De acordo com ela, transitar por longas distâncias para trabalhar era algo cansativo e que a impedia de estar com as crianças. Tal incômodo somado a necessidade de fincar raízes em um lugar e romper com a rotina que tinha devido aos empregos da mãe, fez com que Carla desenvolvesse, cada vez mais, a vontade de trabalhar na Baixada. A fala abaixo aponta para a sensação de pertença que Carla mantém com Nova Iguaçu, em oposição a outras regiões da cidade que remetem à rotina de doméstica da mãe e às constantes inseguranças dela a respeito de onde e com quem morar.

Então, até hoje, o bairro em que eu moro aqui em Nova Iguaçu, Morro Agudo, é meu lugar. E aí é uma coisa que, quando eu falo isso do meu lugar, é algo que me emociona muito, pois eu demorei muito tempo pra ter um lugar meu, essa coisa do pertencimento, de onde você é, onde você vive, eu levei muito tempo pra lá e pra cá, durante minha infância inteira. Então, desde os 14 anos eu moro aqui em Morro agudo e pra mim, trabalhar aqui hoje, ter a agência aqui é muito importante, porque é o lugar que me acolheu, mesmo que de forma involuntária, porque eu não sei as pessoas que moram aqui gostaria que eu morasse aqui, acho que é muita gente. Mas, assim, não tem como ninguém me convidar pra sair ou me mandar embora. Quando eu tinha 17 anos ou menos, minha mãe comprou uma casa aqui, muito velha, que precisou de reforma, demorou pra morarmos, mas eu já sabia que teria uma casa aqui. Eu já sabia que, em algum momento, aquela casa ficaria pronta e que eu poderia morar nela e não precisava sair mais. (Conversa com Carla via *Whatsapp*).

Devido ao anseio de não viajar todos os dias para trabalhar somado a necessidade de se manter empregada para arcar com os gastos da família e dos filhos, Carla começou a fazer uma série de “bicos” ou mesmo trabalhos autônomos na região onde morava. Ela afirma também que hoje o transporte para o centro e a Zona Sul apresenta uma melhor estrutura que

---

prestar a mesma prova. Os chefes de Val recebem a menina de braços abertos, só que quando ela deixa de seguir certo protocolo, circulando livremente, como não deveria, a situação se complica. O filme relata um conflito de classes sociais, em um contexto de maior acesso à educação das populações de baixa renda. Jéssica, filha de Val é a representante do pobre em ascensão que tem anseios, que busca a universidade, que expandiu seus horizontes de aspiração. Na narrativa do filme, é exatamente por não se colocar na posição de um sujeito subalterno que Jéssica ganha a inimizade de Bárbara, patroa da mãe.

permite a chegada mais rápida, no entanto, essa não era a realidade de anos atrás, quando ela transitava pela cidade, o que reforça situações de segregação:

Eu estava na clínica, fiquei bastante tempo lá, depois eu saí. Mas, assim, eu estava sempre inventando coisas pra vender. Eu vendia roupa, bijuteria, calcinha, então eu parei de estudar, por conta do filho. Mas, eu tinha muito essa coisa de ter algo meu, de continuar estudando, de ter algo que eu não precisasse ir pra zona sul pra trabalhar, que eu não precisasse sair muito cedo pra trabalhar e chegar muito tarde também. Então, era muito louco, tinha que sair pra trabalhar, voltar, tinha que ter alguém em casa pra cuidar do filho. Era muito louca a rotina. E aí, eu já fiz de tudo, assim, eu já tive barraca de roupa na rua, já tive trailer que vendia lanches e cerveja, já tive barraca de açai. Tudo e qualquer coisa pra me movimentar. Se eu não tivesse carteira assinada, tinha que ter um jeito de cuidar dos meus filhos e de sair, né? Eu fui mãe muito cedo e, apesar de cuidar deles, eu queria também poder sair, me divertir [...] A dificuldade de manter o emprego, eu percebia, era por conta dessa distância, dessa dificuldade de locomoção. Hoje você encara um trem cheio, mas suportável, e em 50 minutos está na Central do Brasil, mas antes não era assim, os trens variavam muito, era difícil andar de trem e os ônibus, tinha muito engarrafamento. Então era complicado manter horário. Então era essa alternância, ou eu trabalhava fora ou pra mim. E essa coisa assim, ajudou a ser conhecida, eu sou bem conhecida onde eu moro. Eu acho que até quem eu não conheço me conhece. (Conversa com Carla via *Whatsapp*).

Após deixar os empregos na Zona Sul, Carla começou a trabalhar em um projeto social da prefeitura de Nova Iguaçu em parceria com o governo federal, o Enraizados<sup>39</sup>, como orientadora social, que auxiliava os jovens da periferia a respeito de suas vidas pessoais e profissionais, no sentido de proporcionar orientação. Em outros termos, atuava quase como assistente social. Por meio do projeto conheceu o atual marido com quem desenvolveu a ideia de trabalhar via internet:

A Partir do Movimento Enraizados, eu era orientadora social, de nível médio, que nada mais era que uma pessoa que batia papo com os adolescentes buscando dar a ele oportunidade de voz e de entendimento de mundo. A partir dali eu comecei a me envolver com as ações culturais dentro do movimento. E aí eu me percebi gostando disso, de falar em público. Eu sempre ouvi das pessoas que eu falava bem, que eu era inteligente. Ali dentro, então, isso ficou mais forte na minha cabeça. Eu comecei a pegar rumo, direção. Eu já não era mais jovem, já era mãe, eu pensei então que eu

<sup>39</sup> O projeto conduzido pelo ator Luiz Carlos Dumont e pelo rapper Dudu de Morro Agudo, nasceu com o objetivo de organizar o encontro – real ou virtual – entre amantes do hip hop. A ideia é divulgar os artistas e promover a inclusão social através do movimento. Foram criadas várias frentes de trabalho dedicadas a crianças, jovens e adultos: aulas, rádio, jornal, apresentações, internet, moda, um projeto piloto para TV e tudo que a mente criativa dos idealizadores podem imaginar. Na sede do Enraizados, no ano de 2015, quando foi lançado, no bairro de Comendador Soares em Nova Iguaçu, era desenvolvida uma série de atividades paralelas que envolvem os quatro elementos do hip hop: grafite, rap, break e DJ.



posso, eu posso me centrar. Foi quando eu comecei a pensar em fazer faculdade, foi quando eu pensei que podia ser mais do que uma mãe solteira, baladeira de três filhos e irresponsável em relação a mim, não às crianças. Então lá eu comecei a me envolver muito com isso...e acho que essa coisa de ver os adolescentes que a gente atendia em uma situação de vulnerabilidade muito grande e eu não queria isso para os meus filhos, então, eu tinha que crescer, mais, mais ainda do que eu já era madura e responsável por eles, eu tinha que crescer mais ainda. Então, como lá eu já conhecia o Petter, e em determinado momento a gente se envolveu, e descobri que ele, apesar de ser dez anos mais novo que eu, ele tinha a mesma percepção de mundo, o mesmo olhar pro mundo, o mesmo olhar empreendedor pro mundo, a mesma ideia de poder e conseguir, apesar da vida dele também ter sido toda adversa, nada facilitava a perspectiva dele de crescimento, ele tinha muita vontade de alcançar os sonhos dele. Então, começou a casar certinho, encontrei uma pessoa que via o mundo com a mesma lente que eu. (Conversa com Carla via *Whatsapp*).

Antes de fundarem a #Agênciadepublicidade, Carla teve a experiência de atuar na Secretaria de Cultura de Nova Iguaçu - por conta do trabalho reconhecido no Projeto Enraizados - onde começou a acessar a internet de modo a auxiliar em seu trabalho:

E ai uma pessoa que eu conheci, em uma época atrás, que na época que eu conheci era político, me convidou pra trabalhar na secretaria de cultura, pois já sabia do meu trabalho no enraizados, das minhas ações e coisas que eu criava e participava. Então, quando ele me convidou era pra ganhar menos que um salario mínimo, era pra trabalhar pra caraca...e na vida eu penso assim, pouco, quando você não tem nada é muito, então eu fui. Quando eu cheguei lá, mediante as conversas e ideias que fui apresentando...nisso que eu comecei a estudar pela internet, eu comecei a desenvolver projetos, eu comecei a surtar nessas coisas. Então, eu já cheguei lá e apresentei várias ideias e propostas. Então, em menos de uma semana, eu mudei de cargo, pois eu tinha boas ideias. Eu fui pra ser só recepcionista na casa de cultura e em uma semana eu já estava como coordenadora de projetos e eventos da secretaria de cultura em nova Iguaçu. Nisso, eu coloquei muita coisa bacana na rua, como a caravana cultural, que ia nos bairros com atividades culturais; o rock na praça que comemorou o dia mundial do rock e que colocou cinco mil pessoas na praça, em 2012; fiz conexão cultural no shopping de nova Iguaçu, que era um bate papo com historiadores sobre a história de nova Iguaçu; fiz exposições no shopping também, fotográfica, exposição de mulheres, de carnaval. Então, eu fiz um barulho aqui. (Conversa com Carla via *Whatsapp*).

A ideia da #Agênciadepublicidade surgiu por conta do contato de ambos com a população de Nova Iguaçu. Por meio do trabalho na Secretaria de Cultura Carla pensou em formar uma rede de pessoas que pudesse vender seus serviços via internet.

Então lá na secretaria de cultura de cultura a ideia da Agência começou a surgir. Você veja bem, são duas pessoas muito loucas que tem uma história

de vida que passa por enormes dificuldades. Pedro também tem uma trajetória que não tem como dizer assim, sem falar palavrão, porra, sofrida pra caralho. Sempre com presença da mãe, acho que essa presença da mãe é fundamental...você perde quase tudo ou não tem quase nada, mas tem uma mãe por perto, isso te mantém no caminho certo, te mantém seguro sobre estar no caminho certo. E aí, eu na secretaria de cultura, ele na Globo também indo a muitos lugares em Nova Iguaçu, também falando com muita gente, pra entrevistar, pra fazer matéria e tal. Então a gente começou a conversar sobre a ideia e sobre a possibilidade de juntar as pessoas. Como a gente junta essas pessoas todas em uma rede só? Eu chegava contando que conheço fulano de tal lá no KM 32 e ele que entrevistou um senhorzinho de nova Iguaçu. E a gente começou a pensar como a gente monta essa rede pra que essas pessoas se conectem de alguma maneira e aí começamos a pensar na #Agênciadepublicidade, que antes era tudo nosso produções, pois a ideia era produzir algo, era proporcionar a essas pessoas visibilidade. Por exemplo, um produtor de uma banda de rock quer fazer um show de rock na praça Santos Drummond e aí ele quer a construção de um tablado, um palco baixo...e assim, onde ele procura isso? E de repente lá no 32 tem um senhorzinho que trabalha com madeira no fundo de casa. Então, seria ótimo juntar essas pessoas, porque cada um tem o que o outro procura. Então começou uma ideia de cadastrar as pessoas, de fazer uma forma de cadastro, então a pessoa está precisando de um marceneiro, então, a gente aqui 3 ou 5 e vamos orçar, vamos ver quem sabe fazer. A gente tem um cara que aluga som, que tipo de som você quer? Tem esse maior, esse menor, quais os valores. A ideia no início era mais ou menos essa. Como a gente faz para as coisas circularem mais dentro de nova Iguaçu? É bom, claro, pro pintor, pro pedreiro, pro marceneiro, sair daqui e entregar o trabalho na zona sul, porque lá o valor é mais alto. Mas também é bom que circule por aqui, porque fica mais próximo de casa, fica mais fácil a entrega, ele consegue ir e voltar num tempo melhor, sabe? A gente começou a querer proporcionar isso que a gente tinha de algum modo, pras pessoas. Quando eu fazia as ações na secretaria de cultura, tinha alguma coisa de tudo nosso, por que? Porque quando eu conhecia as pessoas eu começava a falar da ideia dessa rede e as pessoas gostavam. As pessoas começaram a me procurar pra dizer: olha, se você precisa de um malabarista, me fala; se precisar de alguém pra estampar camisa, me fala, etc...então, a gente começou a ver a ideia da rede funcionando. Quando eu saí da secretaria, Petter estava na rede globo, e essa conversa da ideia da tudo Nosso ficou mais forte. Vamos começar a dar corpo pra isso? E a gente passava horas e horas de madrugada conversando e pensando em como tornar isso palpável. Por que palpável? Porque como eu disse antes, era muito simples pensar nisso de lado, tendo meu salário e o dele garantindo tudo em casa. Mas como a gente pode transformar isso em renda, porque precisávamos continuar se mantendo. (Conversa com Carla via *Whatsapp*).

Neste momento, a internet surge como ferramenta fundamental, no entanto, o conhecimento técnico que permitiria viabilizar a ideia apareceu, primeiramente, por meio de iniciativa do marido. No trecho abaixo, Carla aponta também como sua vivência enquanto mulher das classes populares está atravessada pelo discurso da chamada Classe C e por um ponto de vista que percebe como problema discursos elitistas a respeito do acesso dos pobres a bens de consumo, viagens em lazer. Carla me contou acerca do documentário que gravou

com o marido em uma viagem que fizeram para o Chile e onde relatam a experiência de ser pobre e de ter, recentemente, acesso à possibilidade de transitar, inclusive fora do país.

A #Agência de publicidade surge, então, quando o marido de Carla é demitido. Apesar do objetivo da agência consistir basicamente em realizar a publicidade de pequenos empreendimentos da Baixada e de outras periferias do Rio e do país, bem como oferecer consultoria a respeito de como manter e impulsionar o próprio negócio, o discurso de ambos carrega a valorização da Baixada e da periferia como aquilo que impulsiona suas ações.

Foi quando ele (marido de Carla) começou a ver o *Facebook* como plataforma de divulgação, ver o link dos patrocinadores e começou a se informar sobre isso. Então, madrugadas, finais de semana era o Petter falando sobre isso, procurando informações. A gente tem um projeto de um documentário de viagem, registrado e gravado, que foi uma viagem que a gente fez em família para o Chile...muita coisa louca, vários projetos pensados juntos. Esse projeto de reality de viagem, chama classe C a bordo, já com essa ideia de provocação, de potencialização da classe C, surgiu a ideia com aquela mulher falando que pobre estava rodoviarizando o aeroporto. E a gente pensava, “a gente tem que fazer isso mesmo, pobre tem que chegar, tem que alcançar, tem que conseguir”, essas mesmas inquietações de sempre, da coisa de pertencimento, essa coisa de baixada, essa coisa de eu sou da baixada mais eu posso e eu vou, eu sou favelado, mas eu posso e eu vou. Então nossos projetos são pensados sempre no sentido da potencialização. O que a sociedade vê como carência, a gente vê como potência. Então, como ele saiu da Globo, foi mandado embora, e aí veio uma grana, a gente falou “é agora que a agência tudo nosso vai acontecer”. Ele já tinha pesquisado muita coisa, tinha se informado e a gente já sabia como ela seria, pra que seria, pra quem seria. Então, a agência nasceu. Ela nasceu já nessa sala que estamos hoje, que vai pra dois anos em agosto, e essa ideia muito firme na nossa cabeça de “somos nós por nós”. A baixada é o lugar que acolheu a gente, que a gente vive, a gente tá aqui porque a gente quer. E se houvessem mais pessoas que, como a gente, não precisassem descer na capital pra trabalhar, pudessem trabalhar aqui? E se as lojas e vendedores da nossa cidade não precisassem fechar, por falta de conhecimento, da loja, da marca, do produto? E se a gente começasse a oferecer um nível de divulgação que as grandes agências oferecem para as grandes marcas? Foi aí que a gente entendeu a importância da agência tudo nosso aqui. (Conversa com Carla via *Whatsapp*).

O esforço do trabalho da Agência está focado em evidenciar uma outra Baixada não exposta pelas mídias convencionais, que tem a internet como ferramenta fundamental:

A gente pensa dessa maneira, vamos mostrar pras pessoas que a favela é potência, que a Baixada Fluminense se enquadra no conceito favela e que aqui não é só chacina, não é só criminalidade, não é só lugar dormitório, onde é só pras pessoas se encostarem a noite pra dormir e sair no dia seguinte e pra ir pra zona sul. As pessoas aqui também querem qualidade de vida e são capazes de conquistar. É nisso que a gente pensa todo dia quando

acorda e vem pra cá. A gente é importante pra isso, de um modo geral as pessoas não querem mostrar isso, as mídias convencionais não querem mostrar. (Conversa com Carla via *Whatsapp*).

Retomando os relatos de Carla é possível perceber uma trajetória bastante repleta de facetas, que coloca seus horizontes aspiracionais e seu acesso à rede cheios de significados. Com uma infância de trânsitos pela cidade por conta do emprego da mãe e com uma origem subalterna vinculada ao trabalho de doméstica da mesma, Carla é um exemplar das mulheres que tem acessado, recentemente, melhorias nas condições de vida material e social, sendo a rede uma possibilidade, inclusive, de desenvolvimento profissional.

Sua relação com as demais regiões do Rio de Janeiro representavam para ela a distância da família e dos filhos pequenos, o que a fez ter a Zona Sul não como espaço que figura num horizonte de aspiração da habitação e da boa vida, mas como algo que pudesse ser replicado no espaço de moradia, em Morro Agudo. Diversas vezes Carla me apontou como era necessário transformar a Baixada em um lugar produtivo, de geração de empregos para que as pessoas não precisassem transitar por longas distância e para que deixassem de ser associadas ao estigma do pobre improdutivo e com tendências ao crime.

Ao mesmo tempo, para ela estar situada em um lugar fixo de moradia e trabalho é ponto importante de definição de uma identidade. Tal identidade é marcada por identificações e por um processo recente de ascensão social, que abordarei em outro momento do texto, mas posso adiantar está pautado pelo acesso a bens de consumo, moradia, educação e às mídias digitais. Isso a afasta da história de vida da mãe, empregada doméstica e de uma rotina de trabalhos manuais em espaços da Zona Sul do Rio de Janeiro. E ter o “seu lugar”, bem como o próprio negócio é se afastar tanto da história de vida familiar, quanto do estigma que recai sobre a população da Baixada.

A rede social, no caso de Carla, deslocou o horizonte de aspiração. Da origem subalterna da mãe doméstica, Carla, por meio da rede, acessou um conjunto de informações que a tornam, a cada dia, especialista em pequenos negócios, empreendedorismo e publicidade. Hoje quando questionada sobre o que sonha, a jovem responde: “fazer a agência dar certo, fazer nova Iguaçu crescer e mostrar sempre o potencial deste lugar. Quero mostrar que na periferia tem gente que pensa, gente que pulsa. É onde nasci e é onde vou ficar”.

O uso da internet como gerador de renda para a população das classes populares é um fenômeno recente, mas que já ocorre em larga medida, segundo pesquisas. As populações da periferia não só se utilizam da internet para impulsionar seu trabalho, mas acreditam que a dinâmica em rede pode ajudar a melhorar suas vidas. De acordo com pesquisa divulgada em

setembro de 2015 pelo Instituto Data Popular, apresentada durante a Semana Global da Central Única das Favelas (CUFA), 89% dos internautas de favelas acreditam que a rede pode ajudá-los a ganhar mais dinheiro e 57% já tiveram aumento de renda graças à internet (AGÊNCIA BRASIL, 2015)<sup>40</sup>.

Com vistas neste público as próprias empresas de plataforma digital tem investido em cursos sobre empreendedorismo em rede. No ano de 2015 o *Facebook* implantou alguns laboratórios digitais nas favelas de São Paulo e do Rio de Janeiro com o objetivo de permitir o acesso à internet por meio de computadores disponíveis, bem como ensinar a atuar na rede, através de aulas ministradas em parceria com o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas). Nos momentos em que os cursos não acontecem, os moradores podem acessar os computadores com vistas a impulsionar suas páginas de negócios.

Em junho de 2016, Carla participou de um encontro desenvolvido pelo *Facebook* para micro e pequenos empreendedores que utilizam a rede para impulsionar sua pequena empresa. O curso foi realizado em São Paulo e contou com a participação de 15 pessoas escolhidas de acordo com diferentes escalas de rendimentos de seus negócios e com os usos que fazem das plataformas. O curso tratava-se de uma troca de experiências acerca de como atuar na rede, bem como proporcionou orientação individual a cada um dos participantes. Por outro lado, o *Facebook* se beneficia na medida em que pode atuar diretamente na formação destes novos profissionais, bem como coletar dados que direcionem seus investimentos em propagandas. Entender quem são e o que querem os pobres que tem acessado a rede recentemente é fundamental para compreender o que eles desejam ver em sua página e o que pode atrair o seu olhar consumidor.

O fenômeno de uso da rede como fonte de renda e aumento da divulgação de próprio negócio acontece devido ao recente acesso da população pobre do país as mídias digitais, sejam computadores ou celulares. Tal fato vem acompanhado de um processo de ascensão social das classes populares que acessaram, nos anos deste trabalho, não só a rede, mas maior possibilidade de educação, moradia e emprego. Soma-se a isso os discursos midiáticos, sejam nas mídias de *broadcasting*, sejam nas mídias digitais que reforçam a ideia de que o público que ascendeu possui quase que como característica de caráter o *ethos* de desejar mudar de vida.

---

<sup>40</sup> AGÊNCIA Brasil. Pesquisa mostra favela mais conectada à internet que o asfalto. In: **O Dia Rio**. Data da publicação: 18 set. 2015. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-09-18/pesquisa-mostra-favela-mais-conectada-a-internet-que-o-asfalto.html>>. Acesso em: 21 nov. 2015.

Comecei esta tese apontando que o uso das mídias digitais pelas mulheres dessa pesquisa podia deslocar o que chamei de horizontes de aspiração. Por meio das mídias é possível estabelecer contato e relações que expandem as referências familiares e do local de origem, tanto por meio do compartilhamento de grupos de interesses comuns que se intensifica na dinâmica em rede, quanto pelo acesso à diversidade de conteúdos e interações *online*.

Dessa forma, mostrei tanto o contexto no qual se inserem as mulheres da pesquisa de dificuldade de acesso à cidade que culmina, muitas vezes, em situações de segregação espacial. Apontei como, através das mídias, principalmente do acesso às tecnologias móveis nos últimos anos, é possível acessar informações sobre a cidade e se relacionar com espaços outros, como a Zona Sul do Rio de Janeiro que aparece como algo desejado e ansiado por parte de alguns sujeitos.

Evidenciei as vivências que só são possíveis por meio da saída do local de moradia, como o caso de minha interlocutora lésbica, que por meio do acesso escolhe espaços de socialidade lésbica e de encontro de parceiras. Por meio da rede é possível, para ela, acessar informações sobre espaços outros de socialidade, tanto com o objetivo de vivenciar a sexualidade fora de casa, como quanto garantir o anonimato.

Aponto como fenômeno recente o anseio de mudar, por meio da internet, a imagem transmitida a respeito da periferia carioca que surge associada ao crime e a violência nos discursos das mídias de *broadcasting*, como TV e rádio. Os projetos de valorização do local buscam disseminar tanto a imagem de uma Baixada mais harmônica e pacífica e, principalmente, de uma população produtora de cultura, trabalhadora e que possui um *ethos* do empreendimento e do desejo de vencer na vida.

Neste capítulo também busquei deixar evidente duas formas de relação das moradoras e moradores da Baixada Fluminense e da Zona Oeste com a Zona Sul. Tanto os sujeitos que fazem do seu horizonte aspiracional algo que se relaciona com o anseio de habitar a Zona Sul, uma vez que ela é sinônimo de boa vida, lazer e de estabilidade econômica e social; quanto daqueles que observam este espaço de maneira a compreender as relações envolvidas de forma menos glamourizada.

No segundo caso, trata-se de pessoas que também acessaram a rede recentemente, mas que receberam educação específica no sentido de promover uma valorização das periferias em detrimento dos espaços de elite, como é o caso de Roberto, formado em produção cultural; Carla, formada em publicidade e que atua na agência mencionada e também de Luana que, por conta da experiência vivenciada em torno da sexualidade, pode

perceber as relações de desigualdade que envolvem os afetos tanto nos espaços de moradia na Baixada, como também na Zona Sul.

Dessa forma, são usos distintos da rede o dessas pessoas, frente a utilização feita por Mara e suas amigas, por exemplo, que se relacionam, na internet, com seu local de moradia, amigos do bairro, famílias e parceiros afetivos locais.

Este capítulo iniciou-se com o trecho de Simmel a respeito do caráter *blasé* que se desenvolveria na metrópole por conta dos inúmeros estímulos da vida urbana. Apontei, inicialmente, como o acesso às mídias permite o acolhimento que a cidade não proporciona, na medida em que possibilita a manutenção de círculos familiares, de origem, de amizade e de afetos, em geral.

Os relatos e relações sociais apontadas ao longo do capítulo evidenciam que por meio do acesso às mídias digitais é possível não somente fazer frente ao caráter *blasé*, altamente atravessado por desigualdades, como o caso da cidade do Rio de Janeiro; como também estabelecer diferentes relações com o espaço urbano. Os usos apontam para uma aproximação com o lugar de origem e de moradia, para o afastamento deste lugar quando ele se torna hostil e violento; evidenciam também uma revalorização destes espaços, dentre outros aspectos que serão desenvolvidos posteriormente, no texto.

Dessa forma, o caráter *blasé*, embora permaneça evidente nas interações urbanas dos grandes centros, como o Rio de Janeiro, pautado pelos estímulos visuais, sonoros e das relações ali colocadas, bem como pelo individualismo acirrado; por meio das mídias as relações de afeto podem ser mantidas, reelaboradas, preservadas e (re) construídas. Não se trata, portanto, de um espaço frio como apontaria, por exemplo, Zygmunt Bauman:

A questão da identidade foi transformada de algo preestabelecido em uma tarefa: você tem que criar a sua própria comunidade. Mas não se cria uma comunidade, você tem uma ou não; o que as redes sociais podem gerar é um substituto. A diferença entre a comunidade e a rede é que você pertence à comunidade, mas a rede pertence a você. É possível adicionar e deletar amigos, e controlar as pessoas com quem você se relaciona. Isso faz com que os indivíduos se sintam um pouco melhor, porque a solidão é a grande ameaça nesses tempos individualistas. Mas, nas redes, é tão fácil adicionar e deletar amigos que as habilidades sociais não são necessárias. Elas são desenvolvidas na rua, ou no trabalho, ao encontrar gente com quem se precisa ter uma interação razoável. Aí você tem que enfrentar as dificuldades, se envolver em um diálogo [...] Muita gente as usa não para unir, não para ampliar seus horizontes, mas ao contrário, para se fechar no que eu chamo de zonas de conforto, onde o único som que escutam é o eco de suas próprias vozes, onde o único que veem são os reflexos de suas

próprias caras. As redes são muito úteis, oferecem serviços muito prazerosos, mas são uma armadilha. (BAUMAN, 2016, s. p.)<sup>41</sup>.

Do ponto de vista do autor, as mídias seriam responsáveis por dissolver laços comunitários ou por criar relações superficiais, na medida em que a possibilidade de excluir ou adicionar pessoas é uma realidade frequente com o advento das redes sociais, o que nos jogaria pra uma zona de conforto de nos manter próximos de relações de segurança e de menor conflito.

Este ponto de vista está diretamente atravessado pela ideia de uma esfera *online* separada da realidade *off-line*, temática já abordada e criticada nesta tese. Muito embora as redes criem bolhas de opinião, está provado que elas permitem também a manutenção de relações de afeto. O total controle a respeito do seu uso é uma utopia, na medida em que *online* estamos atravessados por relações sociais de desigualdade, de diferenças e acessamos com vistas a, em parte, reproduzir o contexto local (BAYM, 2010; ATHIQUE 2013). O sujeito que faz uso das mídias não se trata de um manipulador totalmente racional de informações e afetos, ele está imerso em relações de poder que conduzem seu uso, direcionam o acesso às informações e como serão os laços ali estabelecidos. Da mesma forma, o uso da rede está atravessado por questões subjetivas, sensações e sentimentos que, também como construtos sociais, direcionam e valoram a relevância da mídia digital e das dinâmicas *online* na vida destes sujeitos.

Quase nenhuma pessoa usa a rede para se relacionar com aquilo que figura absolutamente distante de seu horizonte aspiracional. Uma jovem da Baixada Fluminense não está fazendo buscas com frequência a respeito de um bar na Nova Zelândia; está mobilizada em torno de seus círculos de amizade próximos e daqueles que, mesmo não sendo tão próximos assim, garantem acolhimento, reconhecimento e compartilhamento de códigos sociais e morais; está enviando e recebendo mensagens da mãe, irmão e primos; está intensificando laços com os amigos que se mudaram recentemente e com quem gostaria de manter contato.

É nesse sentido que a rede precisa ser situada no espaço urbano. Saber sobre os lugares que os sujeitos circulam e aqueles que querem acessar é fundamental para compreender os usos e, no âmbito de meu objetivo aqui, e o que compõe os horizontes de aspiração, principalmente, das mulheres.

---

<sup>41</sup> QUEROL, Ricardo de. Zygmunt Bauman: “As redes sociais são uma armadilha”. In: **El País**. Data de publicação: 09 jan. 2016. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427\\_675885.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html)>. Acesso em: 08 jan. 2017.



No próximo capítulo abordarei os horizontes apresentados pelas redes sociais acessadas por estes sujeitos. Sairemos dos fluxos na cidade para observarmos as plataformas *online* e o fluxo de informações pelo espaço em rede. Farei uma análise dos discursos das plataformas com o intuito de apontar o que, nas mídias, está sendo disputado pelas narrativas a respeito dos que os sujeitos devem ansiar. Tal observação é fundamental para entender o que confronta seus horizontes de aspiração na rede.

### 3 “CINCO PASSOS PARA...” CONSTRUIR SEUS HORIZONTES DE ASPIRAÇÃO.

“Tudo o que sei aprendi em revistas e na internet, hoje em dia, jogo tudo no mestre google (risos).” (Conversa com Lúcia via *Facebook*).

É comum nas plataformas *online* direcionadas para o público feminino, aspectos que nos conduzem ao que Eva Illouz (2016) chamou de cultura da autoajuda ou cultura do aconselhamento. Ou seja, trata-se de um conjunto de informações, na forma de receituários, que seriam úteis para ter o mínimo de sucesso em diversas áreas da vida e que nos estimulariam a fazer coisas e atuar no cotidiano. A própria busca pela internet para se informar a respeito de qualquer dúvida que se tenha, desde procura por auxílio emocional, até busca por dicas de maquiagem e alimentação, tornou-se central no presente.

No *Bolsa de Mulher* é comum discursos como: “4 coisas devem acontecer entre vocês dois para saber se achou a pessoa certa”; “Passo a passo para montar a mala de viagem sem exageros: veja 5 dicas”; “quatro maneiras de deixá-lo arrepiado com provocações no ouvido”; “5 alimentos e produtos que deixam a mulher excitada por conta de seus odores”; “8 segredos para aumentar o desejo e melhorar muito o sexo”; “7 erros que podem ser cruéis com a saúde da sua pele no inverno”; “5 comidas que podem te deixar em um estado de muita ansiedade”; “Como fazer o encontro perfeito para o relacionamento durar mais de uma noite”; “3 truques com vinagre para limpar janelas, box e espelhos sem deixar manchas”; “5 verdades que ninguém te conta quando você compra sua primeira casa”; “Conheça plano de 4 semanas para ativar hormônios do emagrecimento no seu corpo”; “6 erros na dieta e exercício que fazem você envelhecer”, entre outros.

Todas estas listas de sugestões para o cotidiano feminino foram retiradas de sessões do site *Bolsa de Mulher* relativas à esfera dos relacionamentos amorosos e sexo, da saúde, corpo, comportamento e casa. Elas apontam que, tais plataformas pensam o público feminino como um seguimento de consumo e, por isso, partem do pressuposto construído culturalmente e por meios midiáticos de que existe um anseio feminino que se enquadraria em ter uma relação afetiva de sucesso, uma boa saúde, um corpo em forma, um comportamento adequado no cotidiano e nas relações interpessoais e uma esfera doméstica ligada à casa e à família, filhos e marido, e que funcione muito bem.

O site Tempo de Mulher, um dos concorrentes do *Bolsa*, e cuja figura que o encabeça é a jornalista Ana Paula Padrão, também apresenta um conteúdo em forma de receituário, muito embora as abas de navegação tenham como possibilidade os itens “carreira” e

“dinheiro” que elencam matérias sobre estas temáticas e que não existem no *Bolsa de Mulher*. Vale ressaltar que, grande parte dos textos acerca de questões financeiras estão diretamente relacionadas ao controle do orçamento doméstico por parte das mulheres, o que pressupõe uma referência do chamado universo feminino como aquele que se encarrega de administrar os gastos da família.

É comum também o bombardeio de mensagens publicitárias que aparecem na plataforma: Petrobrás, Metamucil, L’ocitane, Nutrisse, Granitec Pisos, Fibrilar materiais de limpeza, dentre outros produtos, os quais figuram, em grande maioria, como produtos de beleza, saúde e casa.

Quando reflito sobre o horizonte de aspiração das mulheres das classes populares e em que medida eles são deslocados ou ampliados por meio do acesso às mídias digitais precisamos salientar quais discursos estes sujeitos acessam quando estão conectados.

Além disso, existe a necessidade de entender como os serviços de rede social *online* são criados com base em um sujeito imaginado. Este sujeito não é tirado da mente de programadores, mas corresponde a um processo histórico do local onde são desenvolvidas, mas também usadas, tais tecnologias. O sujeito imaginado é socialmente imaginado e construído por um conjunto de discursos e práticas que se evidenciam também nas dinâmicas *off-line*.

Os públicos aos quais se direcionam as plataformas *online* podem ser compreendidos enquanto comunidades imaginadas nos termos de Benedict Anderson (1983) quando aborda o debate sobre Estado-Nação como composto não só por instituições culturais, mas também por símbolos e representações. Dessa forma, para este autor, a cultura nacional seria uma forma de organizar nossas ações e mesmo a concepção de temos de nós mesmos. Os discursos elaborados pelas plataformas em rede partem, igualmente, de um aparato representacional acerca dos sujeitos constituído historicamente e no cotidiano. Assim, temos representações dominantes na cultura brasileira acerca do que se considera ser este público feminino ao qual se direciona sites como, por exemplo, o *Bolsa de Mulher*.

Dessa forma, podemos nos perguntar qual mulher imaginada é essa das plataformas abordadas por essa pesquisa e à qual se destina as plataformas digitais com acesso das classes populares brasileiras? Quais contextos e relações sociais permitem a elaboração das plataformas e seus usos? E, por fim, quais horizontes de aspiração estão pressupostos nesses espaços e como eles são moldados pela estrutura da mídia?

Muito embora os usos feitos das mídias e plataformas sejam diversos e torcidos pela diversidade de sujeitos que estão em rede, a frase de campo, colhida em conversa com a

interlocutora Lúcia, que abre este momento do texto, nos permite pensar a importância do acesso para um grupo de mulheres que recorre a esfera *online* para buscar informações.

Lúcia se mudou para o Tocantins na adolescência, antes morava no Maranhão. As mudanças frequentes de sua família aconteciam por conta do pai ser pastor evangélico e viajar bastante. Atualmente ela vive em Palmas por conta de um trabalho em uma empresa frigorífica. Lúcia é formada em direito por uma universidade particular local, mas não exerce a profissão desde que se formou, pois sempre atuou no setor de vendas e administrativo. O uso dela da rede, no início de minha pesquisa acontecia com vistas a procurar informações sobre relações afetivas. Lúcia frequentava o *Bolsa de Mulher* e outros sites direcionados, pois, segunda ela, sempre quis concretizar o sonho do casamento e da família. Por meio da rede, ela acessava as informações necessárias para manter o relacionamento amoroso, podia também trocar informações com outras mulheres e acessar uma diversidade de notícias, manuais, pesquisas, aconselhamentos, para citar alguns exemplos.

A dinâmica de rede pode expandir e deslocar os horizontes de aspiração dos sujeitos, no entanto, é importante compreender o aspecto de elaboração das plataformas que caminham sempre no sentido de reforçar distinções sociais e culturais existentes nas dinâmicas *off-line*.

Para a composição das plataformas *online* e para os preenchimentos dos perfis dos usuários, mobiliza-se aspectos identitários e recortes de gênero, classe social, idade, localização que fazem com que a rede crie seguimentos de uso, na medida em que determina um público específico sobre o qual avança a plataforma. Os recortes de público apontam possibilidade de consumo também específicas e que atuam a partir desse sujeito imaginado e estável.

Neste momento do texto pretendo abordar, retomando alguns debates teóricos acerca das mídias digitais, o funcionamento das plataformas no que toca a sua elaboração e a criação de perfis, públicos e seguimentos. Abordarei também a modelagem desses serviços, que considero capazes de direcionar os usos dos sujeitos com base em dados e metadados produzidos por suas dinâmicas em rede. Para isso é fundamental expor o contexto de surgimento do *Bolsa*, os discursos que o envolvem e modelam a sua arquitetura.

Seria inviável abordar os horizontes de aspiração em rede sem compreender sistematicamente de que maneira a arquitetura das plataformas conduzem os sujeitos por suas tramas; sem refletir sobre noções prévias que moldam os usos feitos pelos sujeitos e as disputas que estão em jogo na socialidade *online*.

De acordo com Felipe Padilha (2015), que realizou um trabalho a respeito dos usos de aplicativos de busca de parceiros para o público homossexual masculino, tais espaços apresentam uma arquitetura, que Nancy Baym (2013), em sua reflexão chamou, em outros termos, de infraestrutura dos sistemas.

Esta ideia bebe em teorias anteriores que enfatizam o caráter técnico da rede, como, por exemplo, a obra *Code and Other Laws of Cyberspace* (1999), de Lawrence Lessig e sua versão atualizada, por meio de uma wiki colaborativa lançada pelo próprio autor, que resultou no livro *Code version 2.0* (2006). No primeiro, Lessig já aponta quatro fatores de regulação da rede: as leis, as normas sociais, o mercado e a arquitetura delas, que seria, em outros termos, o próprio código, o ambiente construído da vida social. De acordo com o autor, no ciberespaço “código é lei” (2006, p. 86), é o que determina aquilo que as pessoas podem ou não fazer na rede.

Esta arquitetura trata-se daquilo que faz a plataforma funcionar e que não está colocada a olho nu para seus usuários. É um conjunto de cálculos e linguagens de conversões de dados a respeito dos sujeitos que culminam no que a plataforma apresenta para nós, em seu *layout*. A arquitetura ou infraestrutura do sistema gera também tanto o conteúdo que é escolhido para ser divulgado, quanto as campanhas publicitárias que visam o consumo.

De acordo com Padilha, a arquitetura dos aplicativos consiste na:

infraestrutura dos sistemas como efeito discursivo de uma série de discursos especializados em eliciar do usuário as características imaginadas como fundamentais. Essas características são pré formatadas pelos desenvolvedores respaldados em pesquisas empíricas desenvolvidas por profissionais das ciências psis e das ciências sociais. Portanto, são baseadas em categorias e pressupostos, tanto psicológicos, quanto culturais, sobre como compreender a si mesmo e como arquitetar a socialidade a partir da socialidade afetiva ou da compatibilidade sexual. Essas pesquisas empíricas trouxeram para dentro dos sites e aplicativos as categorias empíricas das relações cotidianas pré-existentes às tecnologias. Esse elemento impede o argumento reducionista centrado na imposição-formatação a partir dos aplicativos. Do mesmo modo como ocorre com a versão computacional produzida pelo usuário, a arquitetura dos aplicativos respondem aos desejos, interesses e ideologias de uma época. Isso permite destacar a ligação que a arquitetura dos aplicativos mantém com outros regimes que difundem novas economias do desejo, do consumo, do segredo, aclimatados em um contexto de recepção das tecnologias. (PADILHA, 2015, p. 89).

O autor se apropria do termo eliciar a partir de uma metáfora química para a qual se retira de uma substância as propriedades que lhe são consideradas inerentes. Desse modo, eliciar é o ato de retirar do sujeito informações pré-formatadas que são consideradas

importantes para aquela dinâmica em rede, partindo do pressuposto de que o sujeito a possui. Isso não acontece de forma descolada da realidade *off-line*, pelo contrário, é ela que rege a modelagem da rede, na medida em que as plataformas são pensadas com vistas a contemplar determinados contextos sociais e seus públicos. Dessa forma, quando se preenche um perfil na rede social, em um aplicativo, em uma sala de Bate-Papo, as características demandadas pressupõe uma noção de “eu” imaginada e que implica que o sujeito diante da tela saiba responder de forma direta alguns questionamentos sobre si mesmo. Isso exige, também como aponta Padilha, a mobilização de ferramentas psicológicas e culturais de auto interpretação.

O autor aborda, especificamente, como foi dito, os aplicativos de celular. Dessa forma, esta ideia de arquitetura se aplica, no caso de suas reflexões, a eles. No entanto, podemos pensar arquitetura como aquilo que molda as plataformas e as relações em rede com base no que é demandado por determinados contextos sociais, na medida em que, para todo e qualquer acesso é necessário dispor informações a respeito de si.

A autora Danah Boyd (2001) em um texto a respeito do papel das identificações em comunidades *online* abordou como as plataformas em rede se utilizam de três aspectos demográficos para definir o público que as integra, são elas: idade, sexo e localização. Não havendo a possibilidade de recusar se expor por meio dessas categorias, uma vez que, a própria dinâmica *online* persuade o sujeito a autoclassificação por meio de mensagens como “sexo é um valor necessário para realizar sua conta em nosso site”; “saber sua localização melhora os serviços que podemos oferecer para você”, dentre outras.

Para a autora, tais características fazem das plataformas, espaços que, ao contrário de permitir o reforço da diferença e a diversidade de perfis de sujeitos, nos conduz a uma generificação através do sexo biológico, dando possibilidade de só existirem homens ou mulheres no preenchimento dos perfis e também prevê, por meio da localidade e do código postal, o CEP, recortes de classe social e de raça. Este aspecto facilita a seleção de imagens, propagandas e códigos de consumo que irão aparecer para os frequentadores daquele site ou rede social.

Esta recolhida de informações a respeito dos sujeitos, cobrada pelos anunciantes das plataformas, não seria possível com tamanha eficiência nos espaços *off-line*, como é na internet onde a possibilidade de preenchimento de perfis em larga escala, permite um fluxo de informações rápido e intenso. Dessa forma, a dinâmica em rede permitiu, como nunca antes, uma intensidade de divulgação de bens materiais de consumo direcionados para nichos de mercado específicos colhidos e criados *online*.

Esta explicação estereotipada sugere que os consumidores obtêm algo fora do seu "ato" de participação. Ao revelar a sua identidade, os consumidores irão obter um melhor serviço e conteúdo mais significativo. Aqui, demografia cria consumidores; antigos vetores de desigualdade social tornam-se novas oportunidades de marketing. Para empresas digitais, a definição precisa de populações de usuários parece não ter desvantagens óbvias: os anunciantes estão felizes e os consumidores / usuários tem uma experiência melhor. No entanto, nestes atos simples de definição, o negócio on-line ajuda a reinscrever distinções sociais e culturais existentes. (BOYD, 2001, p. 6).

Para a autora, embora as plataformas garantam anúncios eficientes com a promessa de que o trabalho oferecido aos usuários se torna personalizado na medida em que mais padronizado e direcionado de acordo com o perfil preenchido, essa dinâmica é responsável por manter distinções sociais e, em meus termos, consolidar relações de desigualdades. Além disso, a combinação entre sexo, idade e CEP permitem presumir elementos raciais, de classe social, hábitos de consumo.

O site *Bolsa de Mulher*, que começou essa pesquisa, é um forte exemplo dessas distinções e manutenções. Todo o conteúdo do site, desde suas matérias até os antigos fóruns de debate estavam pautados por questões direcionadas a esse sujeito imaginado. As dinâmicas das plataformas e, principalmente aquelas comerciais que constam nos espaços *online* se assemelham muito à propaganda convencional, abordada por Iara Beleli, em sua tese de doutorado:

Para criar maior intimidade com os consumidores, esses grupos são segmentados através de diferenças de sexo, de gênero, de "raça", de geração..., distinguindo categorias de pessoas. Independente do público-alvo, as peças publicitárias recorrentemente utilizam a sexualidade como chamariz para despertar a atenção dos consumidores e, de forma ambivalente, ora reiteram, ora desafiam normas vigentes. Para além de promover o consumo, a evocação dessas diferenças informa condutas, procedimentos a partir de uma norma presumida, indicando como esses diferentes corpos movimentam a, e se movimentam na, sociedade, ao mesmo tempo, informa um modo de ser nacional. (BELELI, 2005, p. 154).

As condutas informadas pelas plataformas direcionadas ao público consumidor composto por mulheres o coloca como conduzido basicamente pelas relações afetivas, pela família e, remotamente, por um anseio de liberdade e não submissão, mesma novidade dos manuais de autoajuda direcionados às mulheres. Sobre os manuais, aponte em minha dissertação de mestrado (FACIOLI, 2013), que além de mostrarem uma mulher confusa, que precisa repensar sua personalidade, apontam também para um receituário sobre formas ideais

de se comportar na relação de forma a otimizá-la e viabilizá-la; sendo tal tarefa responsabilidade da própria mulher.

Alguns conteúdos da internet, como aquele do *Bolsa de Mulher* e dos portais femininos, acabam por reproduzir a noção da chamada “mulher maravilha” exposta também pelas obras de autoajuda, capaz de dar conta da carreira, da esfera afetiva, da família. O parceiro aparece como coadjuvante no cotidiano dessa mulher, muito embora ele pautado o que será considerado a conduta desejável para a mulher, sempre imaginada tendo como horizonte uma conduta correta e aceitável da relação. Trata-se de um comportamento prescritivo para a mulher e moldado a partir da expectativa do parceiro amoroso.

Tratarei da questão da esfera dos relacionamentos amorosos como aquilo que compõe o horizonte de aspiração das mulheres, bem como das plataformas, como explorarei em outro momento do texto. Retomamos este debate aqui, pois considero importante formar uma compreensão sobre como os sites reproduzem dinâmicas de gênero de forma estrutural. Esta dinâmica está intimamente ligada aos dados pedidos para a elaboração do perfil no *Bolsa*. Neste momento não existe mais a possibilidade de elaborar perfil, pois a característica de um serviço de rede social, com debates nos fóruns, não faz mais parte da plataforma do *Bolsa de Mulher*. No entanto, por muitos anos, nos momentos em que o site esteve mais ativo e acessado, o perfil era exigido para ter contato com determinados conteúdos e para que as usuárias pudessem postar nos fóruns.

O perfil era composto por um espaço para acrescentar uma foto, bem como informações gerais como nascimento, sexo, estado civil, formação, atuação profissional e interesse no site, que se resume em seis alternativas das quais se escolhia somente uma: fazer novos amigos, discutir temas interessantes, encontrar pessoas, descobrir novidades, me informar e me divertir. Também compõe o perfil a possibilidade de acrescentar nele informações pessoais do tipo: altura, tipo de pele (normal, oleosa, seca), cabelo (enrolado, crespo, liso, liso com progressiva), com quem mora, se tem filhos, qual seu estilo, o que mais gosta em seu corpo, o que menos gosta, perfume, marca, livro, música, programas de TV, filmes, ídolos, paixões, sonhos, atividades físicas, hobbies, tipo de comida favorito, motivo de orgulho, do que se arrepende, um pensamento. Por fim, no preenchimento do perfil existe o espaço onde é possível acrescentar seus contatos pessoais: CEP, Estado, cidade, endereço, celular, MSN, telefone, ICQ, Google Talk<sup>42</sup> e Website.

---

<sup>42</sup> ICQ e Google Talk são ferramentas de bate papo, a primeira já obsoleta, cedeu lugar ao MSN; a segunda permanece vinculada às contas do Gmail.



Além desses detalhes, havia uma pontuação nos perfis de acordo com o nível de atividade, desse modo, quanto mais ativo o perfil, mais pontuado ele era. Aqui, a presunção era a de que usuárias com perfis ativos frequentavam a plataforma com regularidade de maneira assídua, dialogavam nos fóruns e compunham seus perfis detalhadamente. Isso incluía também o diário, espaço onde se podia relatar vivências diárias e trocá-las com outras usuárias. Nunca tive um perfil muito pontuado e considerado ativo na plataforma, o máximo a que cheguei foi à quantidade de 10 pontos, pontuação baixa frente a outras pessoas que tinham perfis com 150 ou 200 pontos. Para elevar a pontuação seria necessário também trocar muitas mensagens e “presentes virtuais” (ursinhos, flores, bonecas, dentre outros) com as demais usuárias.

Os dados requisitados no perfil apontam para como foi composta a arquitetura do *Bolsa de Mulher* e nos permite entender desde seus conteúdos, até seus anúncios publicitários. Embora a plataforma insista em afirmar que os públicos que a compõem são de mulheres da Classe A e B, “modernas e independentes”, que estão buscando sucesso profissional e que habitam, principalmente São Paulo; em contato com as usuárias percebi que é grande o número de pessoas de classe média baixa<sup>43</sup>, que exerce atividade remunerada na área de auxílio administrativo e secretariado, bem como de mulheres que não são tão independentes como mostra a chamada. Existem na plataforma muitas donas de casa, mulheres que optaram por deixar o trabalho para cuidar dos filhos ou que passaram por algum tipo de problema, como acidentes ou doenças e, por isso, tiveram que se afastar da profissão, fatos que intensificam o uso da internet.

As mulheres de São Paulo moram nas periferias, assim como nas demais regiões do país. Não á toa escolhi, como foi dito no início do texto, a Zona Oeste e a Baixada Fluminense como espaço de análise *off-line*, pois o número de usuárias dessa região, em minha amostra, era grande.

Tal apresentação de perfil de mulheres por parte da plataforma evidencia além do fato de o discurso do site trabalhar com um perfil imaginado, que não corresponde ao público que o compõe, a utilização de uma estratégia comercial para atrair usuárias. Termos como “Classe C”, “baixa renda”, “pobres” parecem menos atrativos de lançar na plataforma para qualificar o público que se situa em suas dinâmicas.

---

<sup>43</sup> Chamo aqui de “mulheres de classe média baixa” aquelas com uma renda que se afasta das classes abastadas, que tem uma ocupação no setor terciário de serviços, que habita regiões periféricas do país e das cidades. Em outros termos, trata-se do recorte de público dessa pesquisa.

A elaboração do perfil por parte das usuárias permite observar as características que a plataforma considera relevante não só nos termos de Boyd, que busca saber localização, idade e sexo, de modo que se tornam presumíveis padrões de gênero, de raça e geracionais; mas que orientam também seus anunciantes. A importância, por exemplo, do tipo de pele e de cabelo das usuárias como requisito de preenchimento do perfil do *Bolsa* se reflete no produtos de beleza que são apresentados para consumo na plataforma. O foco no estilo, nas partes do corpo que mais gosta e menos gosta também possibilita compreender que os anunciantes buscam de acordo com um recorte de estilo e elaboração do visual das usuárias. Perfume e marca preferidas também auxiliam a estabelecer os patrocínios aos quais o *Bolsa* pode recorrer.

De certa maneira a própria elaboração do perfil pressupõe o que será discutido naquela plataforma. Em outros termos, se a usuária pretende falar de vida profissional, de cinema ou de como viver sozinha, o *Bolsa de Mulher* não é uma boa opção de rede social, pois ali as relações afetivas, o corpo e as questões familiares são o foco dos discursos, matérias e propagandas publicitárias.

Portanto, trata-se de um público de mulheres limitado definido por um conjunto representacional dos sujeitos, que se baseia em uma noção de gênero pautada no sexo biológico. O site, embora tivesse em sua dinâmica uma diversidade de público, que envolvia mulheres lésbicas, homens gays, travestis e transexuais, não apresenta em seu discurso exposto nas matérias e no conteúdo em geral o estímulo a uma noção de gênero mais ampla, que não estivesse pautada pelo binário masculino-feminino. Como uma plataforma cujos objetivos são, em maior medida, comerciais, e não pressupõem a produção de conteúdo pelo próprio público que a frequenta, o *Bolsa* parte do que Beleli chamou de concepções essencializantes dos sujeitos:

Ao trabalhar com concepções essencializantes que apresentam feminilidades e masculinidades coladas a corpos de mulheres e homens, a publicidade aponta para uma relação coerente entre sexo, gênero e desejo, afirmando a heterossexualidade como modelo. Muito além dos desígnios morfológicos, as construções de gênero e sexualidade estão perpassadas por atributos morais, levando ao (re)exame da tensão entre mulher e homem e entre as “cores” claras e escuras como projetos e/ou uma descrição da realidade existente. (BELELI, 2005, p. 154)

O que a socióloga marroquina Eva Illouz (2011, p. 133) chamou de “textualização de si” também aparece nas dinâmicas do *Bolsa*. Estar na rede demanda certas habilidades de falar de si, por meio de um retorno para si mesmo que pode ser descrito com a mobilização de

características psicológicas expostas nos textos da rede. Os antigos fóruns de debate do *Bolsa de Mulher* eram um exemplo evidente deste processo de textualização do eu. Ali as usuárias falavam de suas questões emocionais e expunham problemas compartilhados por outras. E as questões emocionais mobilizadas eram aquelas já moldadas pela própria plataforma.

Essa textualização de si também ocorre na elaboração do perfil que deve corresponder a uma série de pré-requisitos emocionais e socioculturais. Espera-se que o sujeito fale de si no sentido de expor suas características psicológicas a partir de uma introspecção pautada por uma guinada interna, bem como aborde seu cotidiano de relações afetivas e componha ou utilize frases prontas que resumem o que pensa acerca da vida e das pessoas.

A dinâmica da internet 2.0, o formato de internet que utilizamos hoje, caracterizada pelos serviços de redes sociais e pela ideia de possibilidade de produção de conteúdo por parte do usuário, é algo que merece atenção nesse debate acerca da composição de perfis e de direcionamentos dos usos.

A internet 2.0 seria a mais recente possibilidade de agência do sujeito conectado na medida em que não é mais caracterizada pelos grandes portais de notícias e pela mera recepção de informações, mas pela consolidação das grandes corporações que oferecem esses serviços. No formato de Web 2.0, das redes sociais, dos canais do *Youtube*, dos blogues, dentre outros, o indivíduo teria a possibilidade de construir sua informação, de produzir conteúdo a ser divulgado e compartilhado por outros usuários.

No entanto, algumas pesquisas nos trazem observações a respeito desse formato de estar em rede que rompem com a crença de autonomia do usuário. Nancy Baym é uma das teóricas que nos auxilia a refletir, retomando aspectos históricos do desenvolvimento da rede e sobre a dinâmica atual do “estar conectado”. A autora, que estuda mídias digitais desde seu surgimento e consolidação nos anos 90, aponta desconfiar de toda afirmação de que a principal característica dessa internet seria o fato de que os conteúdos são gerados pelos usuários, uma vez que, muito embora eles criem conteúdos, tal criação só é possível no interior de plataformas geridas pelas empresas e voltadas, em primeiro lugar, para o lucro.

Em uma Internet sem World Wide Web, patrocinado pelo governo dos Estados, todo o conteúdo foi gerado pelo povo, para o povo. Nós só chamamos a Web 2.0 "gerada pelo usuário", porque uma classe bem estabelecida de profissionais provedores de conteúdo agora domina a Internet. Como isso sugere, uma coisa que há de novo sobre a Web 2.0 é que os domínios em que as pessoas geram seu conteúdo são agora frequentemente empresas com fins lucrativos. *My Space*, *Youtube* e

*Facebook* são os exemplos mais conhecidos, mas não são os únicos. No início de 1990, quando os usuários criava grupos de notícias e listas de discussão, a fim de compartilhar conteúdo, eles eram os únicos beneficiários. Hoje, quando as pessoas criam conteúdos, eles continuam a beneficiar, mas também o fazem empresas como a *Fox Interactive*, *Google* e o (como esta escrito) capital fechado do *Facebook* [...] *Facebook* vendeu 1,6% de seu estoque para a *Microsoft*, em 2007, por US \$ 240 milhões, o que sugere um valor total de US \$ 15 bilhões. Em 2008, a mais popular rede europeia, *Bebo*, foi vendida à *America Online* por 850 milhões. Quando *Last.fm* foi comprada na sua totalidade em 2007 por, comparativamente, uma bagatela de \$ 280 milhões, foi mais do que suficiente para instantaneamente tornar multimilionários os seus três fundadores. (BAYM, 2011, p. 385)

Alguns autores, como Boyd e Ellison (2007), inclusive, preferem utilizar o termo *Social Network Sites* e não *Social Networking Sites* justamente para marcar que a rede social é uma continuação do *off-line* e não uma simples transformação dele, muito embora ela exista. A escolha do substantivo no lugar do verbo coloca-nos uma noção de permanência e fixidez e não de algo que está se refazendo na rede e, portanto, seria totalmente novo.

Assim os usuários, que só são usuários a partir do momento em que existe um serviço oferecido por uma empresa, estão imersos em uma dinâmica *online* de mercado. Para, então, compreender os usos das mídias digitais pelos sujeitos é necessário inseri-lo também em relações de mercado que o pressionam, por meio da elaboração dos perfis, à compô-los de maneira mercadológica, compreensível, vendável, de forma a gerar dados e metadados utilizados pelas grandes corporações.

Essa forma da rede de funcionar com base em relações de mercado e por meio de informações acerca dos usuários, que visam lucros empresariais, nos apresenta outro aspecto que não podemos deixar de abordar quando falamos sobre a divulgação e recepção de conteúdo por meio das mídias digitais, bem como sobre expansão dos horizontes de aspiração por meio da tecnologia: na Web 2.0, o processo de filtragem dos conteúdos opera por meio de algoritmos.

Um algoritmo é um método de processamento de informações que transforma um determinado conjunto de dados, fornecidos a um sistema computacional, em um recorte. São os algoritmos que, combinando o que você já procurou na internet com o que outros usuários procuram a cada dia, fazem com que o sistema possa prever o que você está buscando com um grau elevado de precisão, mostrando coisas relacionadas com sua busca e com seus interesses em rede. É esse aspecto que faz com que a “sua internet” tenha a “sua cara”. Em termos de consumo, isso coloca um paradoxo: ao mesmo tempo que a internet aparece como

algo universal, ela oferece a sensação de ser absolutamente individualizado, ou melhor, personalizado.

Esta dinâmica está presente em plataformas diversas, mas, principalmente em serviços de redes sociais como o *Facebook*, que funciona, cada vez mais, por meio do direcionamento da informação.

Pesquisas realizadas, desde 2014 (KARAHALIOS 2014; 2015), em universidades do exterior já apontam que os algoritmos podem servir para perpetuar relações de desigualdade de classe e raça, por exemplo, quando cruzam dados a ponto de impedir que uma pessoa negra e pobre não tenha acesso a determinados tipos de informação, como a respeito de moradia. Essas pesquisas pensam formas de conscientização sobre o funcionamento dos algoritmos e criam aplicativos que permitem ao usuário das redes ter acesso a tudo o que é postado, em comparação com o que é, de fato, visto por ele nas *timelines* (LOBO, 2014)<sup>44</sup>.

Um dos exemplos desses trabalhos é aquele realizado por Karrie Karahalios (2015), da University of Illinois, que constatou em pesquisa com usuários do *Facebook*, que o conhecimento acerca dos algoritmos e de como eles influenciam a dinâmica da rede é construído e difundido pelos usuários de forma espontânea, uma vez que acreditam estar fora de suas habilidades a domínio deste vocabulário. A pesquisa de Karahalios aponta a necessidade de tornar os saberes acerca da tecnologia mais acessíveis aos usuários, de forma que as intenções das empresas fiquem claras e possam ser, minimamente, dribladas.

A própria pesquisa de Danah Boyd, já mencionada, apontou como para como a exigência do CEP para preenchimento de perfis na rede e mesmo para cadastro em plataformas de correio eletrônico, criam nichos de público agrupados por classe social, gênero e raça. Isso permite a criação de nichos de mercado *online* que direcionam as informações divididas por grupos. Homens acessam determinados conteúdos, mulheres outros; o mesmo ocorre para questões de raça e classe. Trazendo para exemplos desse campo de pesquisa, uma das mulheres que habita a Baixada Fluminense e preenche seu CEP nas plataformas *online* que acessa, possivelmente, não terá acesso a anúncios de apartamentos do Leblon ou de Copacabana.

O algoritmo é a base de funcionamento dos sites de busca por parceiras e parceiros amorosos, bem como do próprio *Facebook*, que atualmente, no Brasil, é o serviço com o maior número de usuários. Nos sites de relacionamento, a usuária ou usuário preenche um

---

<sup>44</sup> LOBO, Thais. Pesquisadora americana revela os segredos por trás dos algoritmos do *Facebook*. In: **OGlobo**. Data da Publicação: 21 ago. 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/pesquisadora-americana-revela-os-segredos-por-tras-dos-algoritmos-do-facebook-13673692>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

perfil com um conjunto de características emocionais, físicas e de localização; a partir delas, a plataforma, por meio dos cálculos matemáticos dos algoritmos, cruza as informações de outro usuário com interesses e características próximas às suas, de modo que essa pessoa vai aparecer na sua rede podendo entrar em contato, acessando as informações postadas por você.

No *Facebook* acontece algo muito parecido, não só por meio do preenchimento de um perfil prévio, mas também de acordo com a elicitación da socialidade pela plataforma. Todas as curtidas e comentários realizados pelos sujeitos, sejam eles direcionadas a amigos ou páginas, passam pelo mesmo processamento, o que faz com que o *Facebook* direcione o conteúdo a ser mostrado para você de acordo com seus interesses, de modo personalizado.

No contexto brasileiro do ano de 2016, de polarizações a respeito da situação política do país e do processo de Impeachment da presidenta Dilma Roussef, discursos midiáticos falaram sobre as chamadas bolhas de opinião, formadas pelos processos de algoritmos. Nesse contexto, o argumento difundido era de que os usuários do serviço de rede social *Facebook* acabavam com uma sensação ilusória a respeito da realidade, pois eram direcionados, por meio dos cálculos, a acessarem conteúdos determinados por sua própria dinâmica em rede, pelo que curtem e compartilham. Em outros termos, uma pessoa que identificada com os argumentos à esquerda, que curte e compartilha matérias da imprensa alternativa, não terá acesso a portais de notícias outros e vice-versa, uma vez que as opções de curtir que aparecem em nossa *timeline* são colhidas de acordo com nosso perfil *online* e com nossa dinâmica de interesses expostas na rede.

Dessa forma, abordar os horizontes de aspiração em rede pressupõe compreender os fluxos de informação e não somente as possibilidades de acesso, mas também suas limitações tendo em vista que, tanto tais horizontes não são autônomos, mas também socialmente modelados, quanto são também disputados por discursos governamentais, de mercado e midiáticos. O termo midiáticos, usado neste momento, não aponta somente para as mídias digitais, mas para aquelas de *broadcasting* como, por exemplo a TV que compartilha dos fluxos de informações da internet, que dialoga com ela em processos de convergência<sup>45</sup>.

Os algoritmos moldam o acesso à diversidade de opiniões, postagens, formas de vida expostas na rede, no entanto, como afirma Lauro Mauro Sá Martino:

---

<sup>45</sup> É nítido que em um país como o Brasil, onde metade da população ainda não possui acesso, as mídias de *broadcasting* ocupam lugar privilegiado no acesso a informações. No entanto, tais mídias convergem com as dinâmica de rede na medida em que seus conteúdos são colocados em cheque e para questionamentos nas dinâmicas online. São muitos os exemplos em torno da dinâmica em rede alterar a trama, por exemplo, das novelas. Personagens são alocados de volta ao roteiro ou tirados de vez de acordo com a intensidade de comentários e críticas na internet.

Se, na internet, a voz do indivíduo pode cair em um oceano de outras vozes, a chance de ser ouvido é maior quando diversas pessoas se reúnem em torno de um interesse comum. No lugar de ser mais uma voz perdida no espaço virtual, torna-se um pólo de convergência de várias vozes. A facilidade de encontrar pessoas com interesses semelhantes na internet faz com que a formação de grupos seja fácil e rápida. A convergência de objetivos ou gostos é um dos fatores responsáveis pela formação de conexões. A partir disso, juntos, os perfis individuais assumem outras características. O número de pessoas com quem convivo fisicamente é restrito, e a convivência geralmente acontece em espaços institucionais nos quais nem todos os assuntos são bem-vindos – o alto executivo de uma empresa pode ser fã das Spice girls, mas dificilmente se arriscaria a cantarolar “You say what you want, what’s you really really want” no trabalho. No espaço digital, o perfil de um indivíduo tende a revelar boa parte dessas informações de maneira muito rápida e sem barreiras físicas e institucionais que limitam o número de pessoas com quem se convive. (SÁ MARTINO, 2014, p. 143)

Dessa forma, a rede tem esse potencial de criação de grupos que compartilham de interesses específicos, o que dá potência frente a uma realidade cotidiana que pode ser hostil e que não permite tantos posicionamentos. Nos espaços dos sites, grupos e redes sociais analisados – que são espaços públicos estruturados em rede – as jovens falam de todos aqueles detalhes que, também por não quererem expor em meio ao contexto do local onde moram, preferem optar pela rede onde estão mais protegidas dos olhares conhecidos, curiosos e, muitas vezes, julgadores da vizinhança e do círculo de amizades, como me relatou Patrícia: *“eu prefiro as amigas do Bolsa, falo muito mais do que acontece comigo a elas, eu gosto de opinar e de ouvir”*.

Como já abordado por Richard Miskolci, *online* emergiu uma espécie de espaço relacional destensionador, no qual é possível problematizar ou simplesmente encontrar conforto para as pressões vividas no trabalho e na vida familiar. Trata-se, portanto, de algo novo e que não é compreensível apenas a partir de experiências de socialidade prévias:

A tese de que a internet seria a versão contemporânea de centros comunitários ou cafés se fragiliza diante de seu funcionamento seletivo e em rede. Em locais não temos controle sobre os vizinhos e somos obrigados a interagir com pessoas que não escolhemos, mas nas redes digitais constituímos redes baseadas em critérios de seleção personalizados assim como ‘bloqueamos’ ou ‘deletamos’ sujeitos com os quais não queremos (mais) contato. Assim, as relações mediadas constituiriam em si mesmas uma zona de conforto nova, com critérios próprios e muito distintos dos que regiam as experiências em grupo ou comunitárias não-mediadas.” (MISKOLCI, 2012, p. 36)

Além desse potencial, de permitir espaços de fala e exposição, é característica das redes a consolidação de grupos que nunca estão totalmente fechados como as teorias dos algoritmos nos fazem acreditar. A velocidade de formação dos grupos, possibilitada com o acesso recente à rede, aumenta a capacidade de ser visível aos olhos de outras pessoas:

A força dos grupos assim com sua capacidade de expansão, vêm de uma curiosa propriedade matemática ressaltada por Clay Shirky: o que garante o potencial do grupo não é a quantidade de pessoas, mas a quantidade de vínculos entre essas pessoas. Um grupo de quatro pessoas (A, B, C e D) tem seis conexões possíveis: ab, ac, ad, bc, bd, cd. Se mais uma pessoa, E, se liga ao grupo, o número de ligações pula para nove [...] dessa maneira, os caminhos possíveis de conexões e informações dentro de um grupo crescem em uma proporção maior do que o número de participantes, não apenas reforçando os laços existentes, mas também aumentando a proporção de informações que pode ser passada – daí a força dos vínculos de grupo na divulgação de dados. Nas palavras de Shirky, “a complexidade de um grupo cresce mais rápido que seu tamanho”. Compartilhar informações com o grupo é aproveitar essa complexidade para reforçar os próprios laços entre os participantes. Isso significa também que a conexão entre as pessoas aumenta as chances de se estabelecerem vínculos com quem não se conhece diretamente, “o contato do contato”, reforçando a ideia do “mundo pequeno”, a noção de que basta atravessar alguns poucos graus de separação, ou seja, uma pequena quantidade de pessoas, para se encontrar qualquer um [...] a quantidade de informações presentes na internet não precisam ser entendidas como um acúmulo de vozes dissonantes, mas como mensagens dirigidas a grupos que nem sempre têm fronteiras absolutamente definidas. (SÁ MARTINO, 2014, p. 145 – 146)

Por outro lado, faz parte da internet 2.0 a intensidade de produção de plataformas comerciais, reguladoras daquilo que os sujeitos acessam, desde suas redes sociais pessoais até mesmo os mapas que utilizam para se informar acerca dos locais aonde ir ou mesmo sobre o mundo. Também de acordo com pesquisa recente (2016) de Karrie Karahalios, Christian Sandvig e Gary Soeller vivemos uma realidade digital em que poucas empresas controlam as informações produzidas no mundo. Um exemplo disso é a produção dos mapas territoriais que evidenciam disputas políticas e de fronteiras internacionais. Parece compor o cenário de uma ficção científica refletir sobre o fato de que os mapas sobre o mundo encontram-se nas mãos de apenas três empresas: Microsoft, Apple e Google “que se tornaram importantes novos intermediários na ecologia do mapeamento e que estão tomando decisões geopolíticas não vistas como interessantes para seus negócios” (KARAHALIOS; SANDVIG; SOELLER, 2016, p. 10).

Apesar disso, é importante considerar que a internet 2.0 permite um fluxo de repertórios intenso que influencia no cotidiano dos sujeitos dessa pesquisa. Ela expande as



barreiras interpessoais, que culminariam compartilhamento desses repertórios de forma que não aconteceria na vida *off-line*, fazendo tais barreiras mais fluídas e porosas. Por meio da dinâmica de rede é possível olhar por cima do muro. Essa metáfora do muro explica uma experiência conectada que acessa um conjunto de novas informações, antes não acessadas ou acessadas de forma lenta, mas que pode não ultrapassar as barreiras sociais de desigualdade.

Além disso, em recente matéria sobre a mudança de algoritmos do *Facebook*, a empresa anunciou que deixará de considerar relevantes somente compartilhamentos e curtidas na seleção de informações a serem vistas pelos usuários e que somará a isto, a visualização das matérias e o tempo que o sujeito passa as lendo. É possível, por meio do aplicativo do *Facebook* no celular, calcular o tempo de leitura de um texto. Dessa forma, eu poderei curtir e comentar determinadas informações, no entanto, ler outras de cunho totalmente oposto ao das curtidas; mesmo assim, ambas serão direcionadas a mim como forma de compor meus interesses<sup>46</sup>.

Notei a característica da rede, de direcionamento da socialidade *online* ao decorrer da minha pesquisa, muito embora, nos primeiros meses de trabalho, não soubesse da dinâmica dos algoritmos. Vale ressaltar também que a dinâmica da rede, chamada por Jose Van Dijck de conectividade, na medida em que é controlada por grandes corporações que se utilizam dos dados produzidos pelos sujeitos e estimulam o consumo de determinados conteúdos, é recente e acompanha o desenvolvimento deste trabalho, iniciado em 2011. Nesse momento se intensificava a moldagem da socialidade por plataformas como *Facebook*, *Twitter*, *Youtube* e *Linkedin*:

As plataformas mais influentes viveram uma verdadeira explosão na quantidade de usuários e em seu potencial de gerar dinheiro e o mesmo ocorreu com uma incontável quantidade de sítios mais pequenos, tanto comerciais como sem fins lucrativos. A interconexão dessas plataformas teve como resultado a emergência de uma nova infraestrutura: um ecossistema dos meios conectivos, conformado por peixes grandes e outros nem tanto. Este passo de uma comunicação em rede a uma socialidade moldada por plataformas, e de uma cultura participativa a uma verdadeira cultura da conectividade, correu em um breve lapso de tempo de não mais de dez anos. (VAN DIJCK, 2016, p. 19).

Em campo, eu podia observar a dinâmica de compartilhamentos e curtidas de minhas interlocutoras e interlocutores com um recorte específico. Luana, cuja história retratei anteriormente, compartilha, em alguma medida, posts diretamente relacionados à política, que

<sup>46</sup> <http://canaltech.com.br/noticia/Facebook/timeline-do-Facebook-vai-mudar-de-novo-e-priorizar-sites-que-voce-realmente-le-63385/>

orbitam, principalmente, questões de sexualidade e de identidade de gênero. Sua *timeline* também divide espaço com *check'in* dos lugares gays que frequenta sozinha, com a namorada ou amigos e postagens relacionadas a seus estudos. Já Mara, compartilha, basicamente, fotos e mensagens de motivação, reflexões sobre relações interpessoais, como a que segue abaixo:

É desnecessário você se matar pra provar pro outro que você é gente boa, que tem coração puro, que sabe valorizar uma boa amizade. Que é gente de caráter e personalidade. Quando uma pessoa cisma em te alfinetar, não adianta, ela só vai parar quando se cansar, ou quando perceber que o ego dela não faz fama alguma. Há pessoas que tem mania de nos desenhar, ou preferem acreditar na referência alheia, não se permitem nos conhecer, não nos dão uma chance de apresenta-las o nosso lado mais gentil, e tentar forçar um relacionamento com este tipo de pessoa é desgastar toda delicadeza que a gente possui. O coração da gente é terra fértil, lugar de boas sementes, tem luz, tem vida, tem Deus e tem brilho. Nem todos conseguem chegar até ele, nem todos conseguem senti-lo como deveria, portanto mantenha um relacionamento sério com você, se cuida, se valorize e aqueles que merecerem o seu carinho, o seu amor a sua amizade e o seu respeito vão chegar até você sem dificuldade alguma, sem rodeios, sem atalhos, sem tantos questionamentos. (trecho colhido em postagem no *Facebook*)

As imagens postadas por ela dizem respeito a festas com amigas e namorado, lugares que conheceram, registro de momentos românticos como jantares e o próprio noivado recente; imagens dos filhos e do sobrinho pequeno. As páginas curtidas por ambas também caminham no mesmo sentido: Luana segue curtindo páginas políticas e que refletem sua escolha profissional na área de psicologia e Mara curte, principalmente, páginas locais de espaços de lazer que frequenta como bares, restaurantes, baladas; bem como páginas de negócios locais como costureiras, lojas de roupa, confeitarias; também dedica curtidas a espaços *online* que compartilham pensamentos e pequenas reflexões sobre o cotidiano e suas relações.

Apesar de suas diferenças a respeito das escolhas do que curtir e compartilhar no *Facebook*, ambas dividiram tanto o espaço do site *Bolsa de Mulher*, como os grupos criados pelas usuárias no próprio *Facebook* e *Whatsapp*. Hoje em dia, embora não compartilhem mais desses espaços, pois os grupos ficaram inativos na rede e grande parte delas já não acessa mais o *Bolsa*, integram as redes sociais uma da outra e compartilham curtidas a respeito das postagens diárias, sobre os acontecimentos do cotidiano.

Outro exemplo é minha própria relação com a dinâmica em rede dessas pessoas. Natalia, também já mencionada neste momento do trabalho, apresenta em sua rede social do *Facebook* opções de curtida e compartilhamentos totalmente diferentes das minhas. Eu tenho optado por compartilhar, já há algum tempo, reportagens jornalísticas a respeito do atual

contexto do país e Natalia tem o hábito de compartilhar fotos, reflexões e, com menos frequência postagens relacionadas aos acontecimentos políticos. Apesar de nossa distância em termos de interesses, é frequente ver curtidas de Natalia em minhas postagens e compartilhamento delas em sua própria *Timeline*. Isso expande nossos limites de visualização e nos colocam em contato com uma realidade distinta daquela vista com mais frequência em nossas redes.

É evidente também que, se não fosse esta pesquisa que se estende por quase seis anos, eu poderia não ter encontrado em minha dinâmica *online* pessoas com perfil próximo do de minhas interlocutoras. No entanto, por outro lado, o contato com pessoas de minha família, de origem de classes populares, me jogaria para o contato com um recorte de público que se distingue de meus círculos de amigos universitários e de classe-média e que me aproxima deste perfil das mulheres das analisadas por esse trabalho. Além disso, o próprio fato das mulheres jovens da pesquisa terem acesso à universidade, da mesma forma como eu tive, nos faz compartilhar uma série de códigos de identificação.

Isso mostra que a rede e a internet chamada 2.0 não são um simples espaço aberto de troca e compartilhamentos entre pessoas de todo o mundo, como sua proposta inicial, de uma cultura participativa previa. Cruzar as fronteiras estabelecidas pelos cálculos matemáticos é tarefa possível para uma pesquisa deste tipo, no entanto é necessário algum conhecimento técnico muito pouco disseminado para driblar os usos comerciais da rede.

Essa discussão se mostra relevante para compreendermos como os horizontes aspiracionais das mulheres da pesquisa se mostram por meio do acesso às mídias. Muito embora não seja possível fazer frente às grandes corporações, a internet é fundamental para lidar com os limites da realidade que vivenciam. O que ficou evidente, por exemplo, com o deslocamento urbano de Luana, que pode ter contato com espaços de sociabilidade gay por meio da tecnologia e que também organizar estratégias de circulação com seus amigos e parceiras afetivas, se distanciando dos locais hostis de moradia. Nesse sentido o acesso à rede se mostrou importante por conta de também possibilitar a exposição da periferia, por parte do recente acesso de seus moradores, de forma positivada na rede e que faz frente à mídia de *broadcasting*.

O *Bolsa de Mulher* surge e se intensifica em um contexto específico. Seu auge se dá nos anos dois mil em meio a consolidação dos usos das mídias digitais no Brasil e avança até recentemente, com a popularização do acesso por conta do barateamento de tais mídias. Julgo que a decadência da plataforma aconteceu devido sua ineficiência, principalmente, de ser usada em aplicativos de celular. As falhas de carregamento, a dificuldade de navegabilidade, a

falta de promover sensação de privacidade frente outros usuários são aspectos que fizeram as mulheres da pesquisa migrar do site para outras plataformas mais eficientes e tecnicamente desenvolvidas, como, por exemplo, o *Facebook*. Em níveis comerciais, tornou-se mais lucrativo fazer do *Bolsa* mera página informativa e de anúncios comerciais.

Compreender o contexto de surgimento do *Bolsa* e as pessoas envolvidas em sua consolidação ajuda a compreender não só as dinâmicas internas no site, mas todos os discursos e práticas de um contexto que moldam essas plataformas direcionadas ao público feminino a terem sucesso e capturarem esse público. Como essa pesquisa aborda os usos da mídia, pareceu relevante fazer uma genealogia do site e dos acessos buscando compreender a plataforma inserida em um contexto mais amplo.

A pessoa responsável pelo momento de boom<sup>47</sup> do *Bolsa de Mulher* foi Andiará Peterle. A jovem, como consta em matéria colhida na rede:

Nascida em Alegrete (RS), filha de pai fotógrafo da National Geographic e mãe estilista, Andiará Petterle, 30 anos, amante da liberdade e da produção intelectual, vem consolidando sua trajetória profissional na busca da estética perfeita, na paixão pela arte da tecnologia e na mulher. Com mestrado em Comunicação Social e ênfase em consumo feminino, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), ela trabalhou como pesquisadora convidada na Brown University (EUA), estudou na Harvard Business School (EUA) e no Women Leadership Program, na University of British Columbia (Canadá) em Interactive Media Development.<sup>48</sup>

Em vídeo de Andiará para o Ted Talk realizado em meio ao evento da Faculdade de Informática e Administração Paulista, no ano de 2012, ela falou sobre a importância da paixão. Inicia sua fala retomando sua experiência pessoal e recontando a história de amor de seus pais e de como seu pai desafiou, em suas palavras, todas as convenções sociais e familiares para ir atrás de seus sonhos. De acordo com a jovem, ele trocou seu presente de casamento, um fusca vermelho, por uma câmera e uma motocicleta – e iniciou uma jornada pelo Brasil todo, procurando o lugar ideal para viver com a mulher e a filha pequena. Depois de percorrer o país, decidiu voltar para Mato Grosso do Sul, de onde eles tinham saído, e

<sup>47</sup> Em entrevista colhida na época, para o site [www.mulher.com.br](http://www.mulher.com.br), a jovem fala sobre o trabalho no site: Em 2005, fui convidada pelo grupo Ideiasnet com a função de reposicionar a empresa. Na época, havia 150 mil usuárias e uma equipe de quatro pessoas. De 2006 a 2009, crescemos 7.000% em receita, só na Internet. Hoje temos cadastradas 9 milhões de mulheres, que acessam o portfólio de serviços e soluções. A rede social oferece um conteúdo jornalístico, e-commerce, mobile, conteúdo para TV a cabo e, agora, o Bolsa oferece soluções em inteligência de mercado e pesquisa. Cerca de 30% de todas as mulheres online no Brasil acessam o Bolsa de Mulher.com

<sup>48</sup> PEREIRA, Ivonete. A rainha da mídia digital no Brasil: Andiará Petterle. In: **Mulher.com.br**. Sem data de publicação (s. d.). Disponível em: <<http://www.mulher.com.br/carreira/a-rainha-da-midia-digital-no-brasil-andiara-petterle>>. Acesso em: 07 jan. 2017.

começar sua vida lá. Apaixonado por fotografia, ele dedicou sua vida a essa arte, e hoje é um fotógrafo premiado da revista National Geographic.

Seu discurso caminhou no sentido de mostrar como o que ela aprendeu da paixão de seus pais guiou suas escolhas e a ajudou a criar e construir o *Bolsa de Mulher*, e depois o *Grupo Bolsa de Mulher*, que chegou a ser foi a maior plataforma digital para mulheres da América Latina. Ao final de sua fala Andiara reforça a necessidade da paixão na esfera dos negócios e afirma não acreditar nos empreendedores que se afastam do aspecto emocional e se aproximam demais da racionalidade. Para ela, empreendedorismo envolve paixão, trabalho envolve paixão. Somente um sujeito apaixonado pelo que faz se dedica ao trabalho, evita tirar férias, uma vez que trabalhar não seria nenhum sacrifício do qual haja necessidade de se afastar.

A fala de Andiara é a fala da mulher empreendedora, especificamente um empreendedorismo caracterizado pelos afetos, uma vez que é conduzido por mulheres. Ao ser questionada sobre o que precisa uma mulher para ter sucesso nos negócios, a empresária aponta que não necessidade de se aproximar do masculino para ter espaço:

Já se foi o tempo em que, para ser ouvida, era necessário usar terno masculino e engrossar a voz. É extremamente importante que ela exerça liderança sem deixar de ser quem é e sem deixar de ser feminina. É preciso:

- Talento. É preciso encontrar mais aquilo que você faz com maestria do que pelo que é apaixonada;
- Inspiração. Não se preocupe em ser a maior líder, mas a melhor líder todos os dias. Preste atenção todos os dias ao que você pode fazer melhor e como pode gerar mais valor para a companhia. Escolha o melhor time e cuide dele;
- Transpiração. Trabalhe duro. Não se comporte como funcionário, mas sim como sócio;
- Renovação. Não pare de estudar e aprender nunca. Esteja à frente e antevéja tendências;
- Cuidado consigo. Para chegar e se manter em altos cargos, você precisará estar bem e feliz para manter a performance. Ache o seu equilíbrio e tenha uma base de apoio para que você possa voar mais alto<sup>49</sup>.

O discurso de empreendedorismo feminino tem se mostrado intenso nos últimos anos, principalmente no ambiente da internet. Figuras como Andiara Petterle e, mais recentemente, de Ana Paula Padrão, têm composto o contexto do chamado “empreendedorismo rosa”, ou seja, “feito por mulheres e para mulheres”, no qual a mídia tem papel central. Esse discurso tem como característica o que também apontei em minha dissertação de mestrado, de tentar mostrar como as mulheres seriam capazes de superar

<sup>49</sup> Para matéria completa, acessar: <http://www.mulher.com.br/carreira/a-rainha-da-midia-digital-no-brasil-andiara-petterle>

dinâmicas desiguais de gênero, no entanto, trazendo ao mundo dos negócios um “modo de fazer feminino”, diferenciado, o que também mantém padrões de gênero específicos (FACIOLI, 2013).

A divulgação pela rede dessas narrativas da mulher empreendedora acompanha um contexto de suposta ascensão das classes populares brasileiras, o qual trataremos no próximo momento deste texto. Tal ascensão está acompanhada da constatação de que as mulheres são as que se responsabilizam, segundo pesquisas, pelos gastos com a casa. De acordo com a pesquisa realizada pelo Datafolha e pela Abril Mídia, ainda no ano de 2011<sup>50</sup>, 82% dos homens da classe C afirmam que suas esposas são as que administram o orçamento familiar, 77% dos homens da chamada classe C afirmam que suas esposas tomam a maioria das decisões quanto às despesas. Tal influência nas decisões de compra da casa e também dos parceiros, ainda de acordo com a pesquisa, pode ser explicado, pois de cada 100 reais da renda familiar dos consumidores da classe C, R\$ 41 (cerca de 40% dos reais) seriam gerados pelo trabalho da mulher. Soma-se a este dado as demandas feitas de forma mais intensa às mulheres em relação ao cuidado com a esfera familiar, com os filhos e maridos.

Estes dados apontam como os discursos mobilizados pelo *Bolsa de Mulher* e pelas pessoas envolvidas em sua elaboração apresentam como pano de fundo uma estratégia de mercado que visa um público consumidor específico. A abordagem das questões econômicas do empreendimento estão acompanhadas, no caso do que foi observado no *Bolsa*, a necessidade de mobilização de uma narrativa afetiva de si. Esta narrativa se situa em um contexto mais amplo do capitalismo contemporâneo, nos termos de Illouz:

Uma cultura em que os discursos e práticas afetivos e econômicos moldam uns aos outros, com isso, produzindo o que vejo como um movimento largo e abrangente em que o afeto se torna um aspecto essencial do comportamento econômico, e no qual a vida afetiva – especialmente a da classe média – segue a lógica das relações econômicas e da troca (ILLOUZ, 2011, p. 12).

O espírito empreendedor dos discursos em rede (e dos livros impressos) também foi abordado por Felicity Amaya Schaeffer (2015) em sua pesquisa acerca das mulheres latinas que buscam, por meio da rede, relações com homens estadunidenses com vistas a conseguir cidadania norte-americana. Segundo a autora, ter uma postura empreendedora não se trata somente de acessar capital financeiro e sucesso profissional, mas a própria busca por um

---

<sup>50</sup> A pesquisa, de acordo com o site a seguir, contou com entrevistas (sendo 5 mil presenciais e 30,6 mil via internet em 26 Estados) e observações etnográficas em 12 residências em 3 Estados: São Paulo, Rio de Janeiro e Ceará. Disponível em: <<http://poderosasdanovaclassemedia.com.br/index.html>>. Acesso em: 19 ago. 2013.

corpo específico que corresponda a padrões socialmente aceitos de beleza, bem como alcançar determinado estilo de vida. Essas ações compõem o que a autora chamada de cidadania organizada em torno da autoajuda. Tal processo retira, para ela, a crítica social possível de ser realizada ao Estado e coloca a responsabilidade de conduzir a própria existência ao sujeito:

Os Estados modernos encorajam uma cidadania organizada em torno da autoajuda, ou o que Foucault (1988) denominava cuidado de si, pois desloca o olhar da crítica social mais ampla (revolução) e do Estado para o self. Trabalhar o corpo equivale a abraçar um espírito empreendedor, segundo o qual os corpos das mulheres se tornam objeto de aperfeiçoamento de si, de autoajuda e a promessa de um futuro democrático. Esforçar-se muito para se transformar é equivalente ao ingresso na subjetividade e cidadania modernas, onde pode se transformar na imagem e no estilo de vida almejados. (SCHAEFFER, 2015, p. 126).

Nesses termos, percebemos que abordar as interações em rede, os usos das mídias digitais e a socialidade nas plataformas *online* envolve considerar uma intersecção entre esfera *online* e *off-line* e compreender que, quando conectados os sujeitos não estão ocupando espaços de exercício de autonomia, pelo contrário, de disputas mercadológicas por parte de um conjunto de empresas que atuam na internet.

Frente à plataforma do *Bolsa de Mulher*, bastante limitada acerca de sua navegabilidade e de seus conteúdos, redes sociais como o *Facebook* e aplicativos como o *Whatsapp* permitem ao sujeito optar, de forma mais efetiva, a respeito do conteúdo que acessa e dos vínculos que mantém com círculos de amigos em rede. Em outros termos, aumenta a sensação de controle da rede de usuários com a qual se compartilha conteúdo

Compreendemos que, apesar do fechamento da rede e das disputas discursivas que envolvem o sujeito conectado, a dinâmica dos serviços de redes sociais extrapola a socialidade *off-line*. Conectados as pessoas podem acessar informações e outros sujeitos de forma muito mais intensa do que em suas vidas fora da internet e esta possibilidade é fundamental para expansão e deslocamento de seus horizontes aspiracionais, na medida em que acessar conteúdos e ter contato e possibilidade de compartilhamento de experiências, pode confrontar a dinâmica fora da rede das mulheres que acessaram as mídias digitais recentemente, como veremos, ainda, ao longo do texto. A rede permite, em outros termos, uma circulação de repertórios que podem mudar o sentido daquilo que vivenciam nos espaços *off-line*.

A partir dos estudos de Teresa de Lauretis sobre a tecnologia do cinema, entendo as mídias digitais também como tecnologias de si, na medida em que permitem produção de sujeitos. Sob esse aspecto, mais do que tecnologias de informação e comunicação, as mídias digitais são tecnologias do “eu”. Lauretis trabalha com a ideia de tecnologia de gênero, em sua análise da sétima arte como representante de uma tecnologia sexual na medida em que, segundo ela, trata-se de uma representação de gênero constituída via mídia cinematográfica, mas não só, também subjetivamente absorvida por cada pessoa que se dispõe a estar frente à tela (Lauretis, 1994, p. 222).

No caso desta pesquisa, temos três níveis de dinâmicas que atuam como tecnologias de constituição dos sujeitos que estão colocadas por meio da interação com as mídias digitais. A primeira, está no âmbito dos regimes de representação feitos dos sujeitos pelas equipes que coordenam os sites e redes sociais da internet que e são responsáveis por seus conteúdos; a segunda, está colocada na forma como os sujeitos recebem essas imagens e incorporam-na subjetivamente e, a terceira, menos tratada pela autora, é aquela da interação direta e do compartilhamento intersubjetivo.

A primeira dinâmica foi onde me concentrei neste momento do texto, abordando como as mídias e, especificamente, as plataformas digitais, produzem discursos a respeito do sujeito e como tais discursos estão orientados para captar e reproduzir a normalidade da dinâmica social *off-line*.

A própria dinâmica da rede produz um sujeito conectado que pensa sua vida a partir dela, do que é visto e compartilhado, e do que pode ser compartilhado pelo próprio sujeito, desde fotos e vídeos, até imagens e falas pessoais, sobre a própria vida, sobre as relações e práticas de consumo, apenas para citar as mais recorrentes nas observações. É muito comum discursos como “vou tirar a foto pra postar no Facebook”, “isso merece uma postagem no Facebook” e, mais recentemente dinâmicas por exemplo como as do *Snapchat*, uma rede social de vídeos de dez segundos que são compartilhados por usuários e que desaparecem em 24 horas. O *Snapchat* é um serviço de rede social temporária, o que o coloca como uma rede social do cotidiano, ou seja, os perfis ativos filmam detalhes de suas rotinas em casa, de trabalho ao longo do dia e práticas sexuais, com vistas a aumentar o número de seguidores.

Tais falas e dinâmicas evidenciam que o fato dos sujeitos estarem conectados em rede pode tornar inviável pensarmos uma subjetividade fora da rede ou desconectada. Se as subjetividades criadas na exposição à mídia de massa e de *broadcasting*, como a TV e o rádio, já se conectavam por um mesmo conteúdo, as mídias digitais ampliam o escopo da conexão, permitindo ao sujeito ser também produtor destes conteúdos. Trata-se de uma dinâmica



intensa de produção das mídias e redes pelos sujeitos e de produção dos sujeitos pelas mídias e redes.

O conceito de tecnologia como desenvolvido por Lauretis tem influência no pensamento de Foucault e sua concepção de tecnologia sexual, que aponta para o fato de que o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais é moldado por meio do desdobramento de uma articulação complexa de tecnologias políticas. Lauretis, no entanto, atenta para as diferenças de gênero que são produzidas pelas tecnologias, estabelecendo os limites do teórico francês, que não tratou de relações de gênero:

A construção do gênero ocorre hoje através das várias tecnologias de gênero e discursos institucionais com poder de controlar o campo do significado social e assim produzir, promover e implantar representações de gênero. Mas os termos para uma construção diferente do gênero também existem, nas margens dos discursos hegemônicos. Propostos de fora do contrato social heterossexual, e inscritos em práticas micropolíticas, tais termos podem também contribuir para a construção de gênero e seus efeitos ocorrem no nível local de resistência, na subjetividade e na auto-representação. (LAURETIS, 1994, p. 228).

Assim, parto do pressuposto de que as mídias digitais são tecnologias não somente de gênero, mas de outros aspectos que compõem as subjetividades, ou seja, são tecnologias de si. Os sujeitos, por sua vez, atuam não como receptores passivos, mas como produtores das dinâmicas no interior desses espaços e são produzidos enquanto atuam em rede. Trata-se, em outros termos, como desenvolvo ao longo do trabalho, não de meros, mas sujeitos que se utilizam da rede para gerenciar os limites de sua realidade fora dela.

Compreender os horizontes de aspiração dos sujeitos e como eles se deslocam por meio da conexão, envolve repensar três aspectos das mídias: a representação, exposta pela plataforma e seus conteúdos; a forma como essa representação atinge o sujeito e, por fim, os usos que podem ou não ressignificar o que as plataformas apresentam.

No próximo capítulo, permaneço nesse caminho buscando apontar o percurso das minhas interlocutoras pensando as estratégias mobilizadas no uso da rede. Retomo suas narrativas sobre o local de origem para abordar como, em intersecção com a tecnologia, é possível refletir sobre seus horizontes aspiracionais, sua vontade de ascensão e consumo. Nesse caminho, questiono: o discurso em torno da mulher empreendedora, expoente das plataformas digitais para mulheres, encontra correspondência em suas experiências de vida? O que, em termos econômicos, compõe o horizonte de aspiração dessas mulheres? Como a mídia reforça ou amplia esse horizonte?

#### **4 “COM TANTAS CLASSES NOVAS EU ME CONSIDERO POBRE”: CLASSE SOCIAL, ASCENSÃO E CONSUMO NOS DISCURSOS DAS MÍDIAS E DAS INTERLOCUTORAS DE PESQUISA**

Com tantas classes novas eu me considero pobre. Eu moro de favor, mas fiz faculdade porque eu paguei, etc. Isso faz de mim classe media ou baixa?... Pois eu me vejo assim: moro de favor e trampo, tenho carro popular que tá pago, mas foi financiado, não me vejo nem financiando um imóvel...eu tô fu...!...rsrs (Conversa com Cássia, interlocutora de pesquisa, via *Whatsapp*).

As pessoas que compõem o público dessa pesquisa têm em comum muito mais do que o recente acesso às mídias digitais e a constituição de novas redes de apoio e de círculos de amizade por meio delas. São homens e mulheres cujas vidas, nos últimos anos, têm sido modificadas pelo maior acesso a emprego, curso superior, renda mais alta, consumo e pela consequente ampliação de seus horizontes aspiracionais.

Estes são aspectos que marcam transformações, mas que também trazem consigo incertezas em especial com relação à possibilidade de realização efetiva de seus novos desejos e anseios sobre o futuro, assim como tensões pautadas pelo contraste entre as origens sociais subalternas e as possibilidades existentes. Em suma, são jovens pertencentes à parte da população brasileira que discursos governamentais e midiáticos têm definido como “nova classe-média” ou “classe C”, um conjunto de pessoas pobres, que tem ascendido a outros estratos sociais principalmente, segundo esses mesmos discursos, por meio do aumento de renda e, consequentemente, da possibilidade de consumo.

As interlocutoras e interlocutores da investigação apresentam em comum a origem familiar pobre, o que implica que seus pais não cursaram universidade, não tiveram a possibilidade da ascensão social e não puderam aspirar a uma vida melhor em termos econômicos. Soma-se a isso uma dinâmica de acesso à informação e a processos de socialidade que há menos de dez anos atrás não existia para as classes populares brasileiras.

A entrada na rede das pessoas que colaboraram nessa pesquisa aconteceu em meio a um processo tão profundo quanto incerto de transformações sociais e econômicas que parecem ter alargado seus horizontes no contexto das tensões cotidianas que envolvem o fato de serem pessoas vindas “de baixo”. Em outras palavras, sua aparente ascensão recente não tem se dado sem contradições e tensões, as quais tendem a ser ignoradas no tom celebratório que permeia os dados socioeconômicos, os quais também ignoram especificidades de gênero, de relações raciais, de geração, de sexualidade, que compõe as experiências passadas e vivências presentes desses sujeitos.

A sensação de insegurança econômica e social, apesar dos últimos avanços, foi levantada em conversa entre minhas interlocutoras de pesquisa. A frase mais emblemática abre este capítulo e foi dita em um contexto onde elas abordavam, em grupo, a chamada Classe C e os significados que estariam envolvidos por este rótulo. Cássia apontou não entender o que é dito na mídia, recentemente, sobre a chamada Nova Classe Média. A jovem afirmou se sentir pobre mesmo tendo como características aquelas que compoariam este público em ascensão.

Para ela, apesar de ter uma vida melhor que a de seus pais e poder ter acesso à moradia e veículo, os anseios em relação ao futuro, o que aqui chamei de horizontes aspiracionais, ainda são compostos por objetivos não tão palpáveis, tendo em vista, por exemplo, que o sonho da casa própria, fortemente presente na cultura brasileira, ainda não parece possível de ser realizado por ela.

Dessa forma, muito embora o acesso à informação seja um avanço dos últimos anos e componha um processo de melhoria das condições de vida juntamente a entrada no mercado de trabalho no setor de serviços, os sonhos ainda permanecem como tal neste momento da vida. Cássia consegue pagar aluguel, consumir o básico para sua subsistência e financiar um veículo, mas o desejo da casa própria vai ter que esperar.

Compreender a situação de classe de minhas interlocutoras, bem como o contexto no qual se inserem é a porta de entrada para abordar horizontes de aspiração e o que os compõe. A rede parece ampliar anseios por ascensão e consumo e possibilitar criação de laços afetivos em contextos de insegurança, no entanto, não promove, necessariamente, uma ruptura com situações de desigualdade.

Nesse sentido, vou abordar aqui os discursos midiáticos que promovem o debate da ascensão e as trajetórias de classe dessas mulheres, bem como de que forma o acesso às mídias ocorrem em um contexto recente de melhoria das condições de vida, possibilitando criação de espaços coletivos que dão sustentação em contextos ainda hostis e de incertezas.

O termo que vigora em discursos, principalmente do governo - “Nova Classe Média”- é fruto de pesquisa realizada há mais de uma década pelo Centro de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas. A centralidade do argumento de Marcelo Neri, criador do termo, está posta no aspecto da renda: “nossa Nova Classe Média está compreendida entre aqueles acima da metade mais pobre e um pouco abaixo dos 10% mais ricos pouco depois da virada do século, segundo uma combinação de bases de pesquisas domiciliares.” (Neri, 2011: 20). O tom celebratório atribuído a este processo de ascensão econômica parece não atentar para nenhuma das tensões tratadas por essa pesquisa. Ele reforça a ideia de que tal dinâmica é,

por si só, libertadora e que é possível “batizar” um estrato social de forma a aproximá-lo das classes altas, quase que como um processo de elevação da autoestima de uma população que, supostamente, viveu – mas não vive mais – no limite de sua renda e de seu acesso a bens materiais e simbólicos:

Nova Classe-Média foi o apelido que demos a Classe C há anos. Chamar a pessoa de Classe C soava depreciativo pior do que Classe A ou B, por exemplo. Nova Classe Média difere em espírito da expressão *Nouveau riche*, que acima de tudo discrimina a origem das pessoas. Nova Classe Média dá o sentido positivo e prospectivo daquele que realizou – e continua a realizar – e sonho de subir na vida. (NERI, 2011, p. 19)

Somam-se a esta vertente acadêmica que celebra a suposta ascensão social das antigas classes populares discursos midiáticos não menos poderosos e que se aproximam mais das pessoas em pauta neste trabalho. Pesquisa realizada pela Editora Abril, entre os meses de março e julho de 2011, que levou o nome de “As poderosas da Nova Classe Média”, buscou traçar o que seria o perfil e os hábitos de consumo de mulheres com aspectos similares aos de minhas interlocutoras. O levantamento de dados aconteceu com 30.600 pessoas em 26 estados, envolveu observações etnográficas, grupos de discussões e entrevistas com especialistas, dentre os quais figura, três acadêmicos e um autor de novela<sup>51</sup>. O resultado evidencia que se esta “Nova Classe Média” tem um gênero preponderante, ele é feminino, pois são as mulheres que, nestes discursos, tomam a dianteira do consumo.

Este enunciado da “mulher poderosa” se expande para fora das questões que envolvem meramente o acesso a novos bens e mercadorias – que segundo a pesquisa seriam viagens de avião, internet banda larga, *smartphones*. É reforçado com frequência - principalmente em livros e sites voltados para as mulheres desse estrato social - a necessidade de assumirem as rédeas tanto da esfera profissional quanto da família e das relações afetivas<sup>52</sup>. Tais discursos alocam-nas em posições aparentemente contraditórias ou, ao menos, tensionadas: por um lado é dada uma ênfase no controle da vida profissional e no acesso ao consumo possibilitado pelo pressuposto processo de ascensão social; por outro lado, também

<sup>51</sup> Tratou-se de uma pesquisa da abril Mídia em parceria com o instituto Data Popular, que buscou traçar o perfil das mulheres da chamada nova classe-média, principalmente com base em dados de consumo. Disponível em: <<http://poderosasdanovaclassemedia.com.br/index.html>>. Acesso em: 19 ago. 2013.

<sup>52</sup> Um exemplo dos discursos da “mulher poderosa”, aquela bem sucedida profissionalmente, mas que também não deixa de resolver-se na esfera afetiva e amorosa é comum entre os livros de autoajuda direcionados a este público. Dentre os títulos mais famosos figuram: *O Que Toda Mulher Inteligente Deve Saber*; *Mulheres Ousadas Chegam Mais Longe*; *Comer, Rezar, Amar*; *Por que os homens amam as mulheres poderosas*, etc. Já entre os sites estão, principalmente o *Bolsa de Mulher* e o recente site lançado pela ex-jornalista Ana Paula Padrão, chamado Tempo de Mulher.

há enunciados que as interpelam como responsáveis pela esfera afetiva, pela conquista do par amoroso e pela felicidade do casal.

Já em buscas sobre os supostos homens do mesmo estrato social, me deparei com uma frequência menor e quase inexistente de discursos voltados a eles. Eles surgem de forma secundária nas matérias de jornal, não são o foco dos enunciados sobre consumo e quando são, aparecem como um nicho de mercado muito recente e pouco explorado que tem se preocupado um pouco mais com a aparência, com aquisição de produtos de beleza e que seriam, em outros termos, os novos metrossexuais<sup>53</sup>.

Em busca pelo Google a diferença com que figuram homens e mulheres nestes discursos fica evidente. O único site que encontrei voltado a discutir o público masculino é denominado “homens da classe c” e é direcionado unicamente a apontar como tem aumentado os números de consumo masculino com cosméticos. No mesmo espaço, publicitários discutem sobre as estratégias recentes de atingir esse público. O debate no site aponta que “a mudança do perfil de consumo no Brasil, a ascensão da classe C, mostrou o quanto se conhece pouco ou quase nada, sobre os gostos do público masculino do segmento das classes populares”<sup>54</sup>.

Já as mulheres figuram majoritariamente e quase exclusivamente em todas as matérias de jornais em destaque nos sites de busca. Elas aparecem como a chave que a publicidade deveria usar para abrir as portas para a chamada Classe C ou, em outros termos, para atingir a Nova Classe Média do país. Tal fato surge por conta de um motivo que parece central em todas (ou em quase todas) as reportagens encontradas: são elas as responsáveis por administrar os gastos com o orçamento familiar e mais do que isso, são elas que estão encarregadas de tomar as maiores decisões sobre as despesas da casa, inclusive quanto às despesas dos maridos, no caso das casadas, até mesmo sobre as roupas e produtos estéticos usados pelos parceiros.

Além do apontamento sobre a importância que a mulher que está ascendendo socialmente confere ao orçamento doméstico, à educação dos filhos e ao bem estar da família, os dados que divulgados sobre este público mostram que elas consomem mais tecnologia, viajam mais do que os homens e têm se preocupado com coisas que, antes, só apareciam como relevantes ao chamado “universo masculino”, como por exemplo, potência e

---

<sup>53</sup> Metrossexual é uma junção dos termos “metro” que faz referência a cidade e a metrópole e “sexual”. O homem chamado metrossexual é aquele preocupado com a aparência e, mais do que isso, se remete a uma forma de vida onde o sujeito teria tempo para cuidar de si e do próprio corpo em meio à rotina de trabalho das grandes cidades.

<sup>54</sup> Disponível em: <<http://oshomensdaclasseC.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 08 jan. 2017.

desempenho dos carros no momento da compra de um veículo, bem como com os recursos dos celulares *smartphones*. Tais dados, por si só já apontam que se esta Classe C ou “Nova Classe Média” tem um gênero preponderante, ele é feminino, pois são as mulheres que, nestes discursos, tomam a dianteira do consumo próprio e da dos demais membros familiares.

Dos anos de 2009 e 2011 – quando são realizadas as penúltimas PNAD’s que apontam para dados referentes aos rendimentos da classe C e para seu aumento quantitativo e de poder de consumo – até o ano de 2015, muitos foram os discursos, abordagens e mesmo acontecimentos na arena pública que alimentaram a ideia de haver uma nova classe no país. Mais do que isso, houve uma série de maneiras através das quais este estrato da população apareceu na mídia enquanto novo estrato consumidor. Entretanto, mais do que isso, elas figuram como público interessado em reivindicar espaços de ação, de lazer e de socialidade e, também, enquanto sujeito social e político do atual momento da sociedade brasileira. Minha pesquisa de mestrado e esta atual pesquisa têm acontecido ao mesmo tempo em que se tornam fartos e cotidianos os enunciados sobre este público e, principalmente, sobre o suposto protagonismo das mulheres pobres do país.

Coloco 2015 como marco final da análise, tanto porque foi o ano em que decidi ir à Baixada Fluminense, o campo situado da pesquisa, pela última vez, tendo em mente que 2016 seria o momento de escrita da tese e de encerramento da pesquisa *in loco*; quanto pelo fato de que houve uma virada nos discursos acerca da população pobre do país por conta do momento político em que nos encontramos. A tese, vale ressaltar, foi redigida no refluxo de crise econômica, com taxa de desemprego de 11%<sup>55</sup>, com queda na economia e em meio a um contexto político conturbado.

O debate em torno das benesses direcionadas às classes populares como acesso à educação e moradia dos anos de governo petista foi substituído pelo discurso da crise, por aqueles contrários ao governo e promotores do impeachment da presidenta Dilma Roussef e de um golpe parlamentar-jurídico que envolveu, em solo nacional, articulações obscuras entre o Congresso e do Supremo Tribunal Federal<sup>56</sup>. Atualmente, assistimos a um retrocesso de políticas sociais que não abordaremos aqui, tendo em vista que não alteram o panorama deste trabalho por conta de ainda não transformarem o acesso à internet e o que compõe os horizontes de aspiração desses sujeitos.

---

<sup>55</sup> Disponível em: <http://br.advfn.com/indicadores/pnad/2016>. Acesso: agosto de 2016.

<sup>56</sup> Para maior acesso a informações sobre o que aconteceu na política brasileira nos últimos anos e sobre o golpe, segue a referência: ANDERSON, Perry. O golpe no Brasil, segundo Perry Anderson. In: O outro Lado da Notícia. Sem data de publicação (s. d.). Disponível em: <<http://outroladodanoticia.com.br/2016/04/25/o-golpe-no-brasil-segundo-perry-anderson/>>. Acesso em 08 jan. 2017.

Como marco de divulgação de discursos sobre a melhora de vida dos pobres do país temos referências midiáticas como a novela *Avenida Brasil*, veiculada pela Emissora Rede Globo de televisão no ano de 2012, cujos personagens centrais da trama eram moradores de um bairro fictício da periferia do Rio de Janeiro, o Bairro do Divino. Na novela, uma das personagens principais era o jogador de futebol enriquecido, Tufão, que decide construir sua mansão no próprio bairro pobre onde nasceu em meio à vizinhança formada pelo boteco do Silas, pelo salão de beleza da Monalisa e pelas atrapalhadas de Suélen, a piriguete da trama, de origem colombiana, que quer se casar e todo custo para melhorar de vida.

Também no ano de 2012, engrossando o caldo das novelas, a mesma emissora nos apresentou *Cheias de Charme*, no horário das dezenove horas, cujo roteiro se pautava centralmente pela vida das *empreguetes*, uma mistura de empregada doméstica com piriguetes, que montam um trio musical e ficam famosas ao apresentar nas letras de música o cotidiano das mulheres dedicadas a cuidar da casa dos outros e a fazer faxina. A novela retrata a trama cotidiana que enredava os dilemas em torno dos quais essas mulheres se desdobravam em torno de múltiplas jornadas de trabalho.

As empreguetes, esforçadas em compor uma boa aparência, sempre repleta de brilho, nos esmaltes coloridos e nos cabelos alisados, fazem sucesso com o vídeo na internet. A novela foi uma das primeiras a apresentar, em contexto brasileiro, a rede *online* como possibilidade de publicização do trabalho e da construção de celebridades instantâneas ou sub celebridades, pessoas desconhecidas que fazem sucesso com produções próprias divulgadas na rede, como o caso das empreguetes da novela.

Ambos os roteiros se esforçavam por positivar a vida dos pobres e apontar a centralidade dos projetos de ascensão social desses sujeitos, sejam eles concretizados através da relação afetiva, por meio de um trabalho divulgado via YouTube – que nas tramas ganha outro nome – ou pelo chamado esforço próprio e mérito como é o caso de Tufão, jogador de futebol.

Para Renato Meirelles – sócio diretor do instituto de pesquisa Data Popular, considerado especialista neste estrato da população e procurado pela *British Broadcasting Corporation* (BBC) para conceder entrevista para o site sobre o sucesso da novela –, em matéria lançada no contexto de auge da novela, a novidade de *Avenida Brasil* é trabalhar com o que ele chama de "aspiracional possível". Em suas palavras, "É o aspiracional que está ao alcance das mãos. Para ele, o espectador vê a novela e pensa, 'se eu trabalhar um pouco, eu

consigo ter um bar como o do Silas, ou um salão como o da Monalisa<sup>57</sup>. O Tufão enriqueceu, mas olha, ficou no bairro dele". O diretor de Núcleo, Ricardo Waddington, em entrevista concedida a Folha de São Paulo, em meio ao contexto de sucesso de Avenida Brasil afirmou, "A imagem do morador que sonha em sair do subúrbio é muito cristalizada. Nossa ideia foi fugir disso e criar um subúrbio gostoso e alegre, onde exista prosperidade".

Vale ressaltar que nesta tese a noção de horizonte de aspiração se distingue da ideia de “aspiracional possível” defendida por Meirelles ao abordar como a novela trabalha com os anseios das classes populares brasileiras. Muito embora as referências que figuram na mídia sirvam para construir sonhos, desejos e plano de futuro, entendemos horizonte de aspiração como aquilo que não necessariamente compõe o plano do possível, muito embora diga respeito ao cotidiano mais prático.

Tanto *Avenida Brasil*, quanto *Cheias de Charme*, trouxeram à cena a representação de uma periferia batalhadora, que acessa novos bens de consumo, dentre eles celulares e computadores e que transita melhor entre as hierarquias estabelecidas por renda. Neste contexto, de reforço da ideia de possibilidade de aspiração e de inserção na dinâmica das mídias digitais, ficou bastante evidente para mim, enquanto pesquisadora, a necessidade de compreender em que medida essa ascensão acontece de fato e quais os aspectos que a envolvem para além da mudança nos padrões de renda que, pelo que parece, não apontam para uma transformação efetiva da situação socioeconômica.

Juntamente à celebração do surgimento de uma nova classe social via produção cultural de massa, como o caso das novelas citadas, houve outra esfera na qual aparecem as demandas, permeadas por incertezas e inseguranças, dessa juventude que busca melhores condições de vida. Trata-se da arena do debate público e dos movimentos sociais, onde tivemos o acontecimento dos rolezinhos, no início do ano de 2014, movimento de jovens das regiões periféricas do Rio e de São Paulo que ocuparam os espaços dos shoppings centers com manifestações culturais, entoando letras de funk e rap. Os rolezinhos eram marcados pela internet, via *Facebook*, e no horário estipulado os jovens se encontravam no espaço, adentravam os shoppings em grupos grandes, cantando e fazendo coreografias. Muitos shoppings tiveram seus expedientes cancelados por conta do receio dos proprietários e lojistas de que acontecessem momentos de furtos e vandalismo; em outros casos, os estabelecimentos

---

<sup>57</sup> Vale chamar a atenção da leitora e do leitor neste momento do texto para o termo “aspiracional”, como sendo diferente do que uso no trabalho e o qual explicitarei na introdução do texto. Para Renato Meirelles, “aspiracional possível” se refere única e exclusivamente às aspirações econômicas dos sujeitos dentro de uma dinâmica restrita ao mercado. Neste trabalho, fazemos uso da ideia de horizontes de aspiração, expandindo a análise para as múltiplas facetas que compõem os anseios subjetivos.



conseguiram liminar na justiça que autorizava impedir a entrada de garotos “suspeitos” no interior dos espaços, ou seja, jovens negros e pobres com trajés específicos e com uma corporalidade que marca algumas populações das periferias do país.

Se na tela da TV, principalmente por meio das novelas, a relação entre ricos e pobres era mais flexível e, aparentemente democrática e pacífica; nas ruas as insatisfações eram visíveis e os conflitos entre classes e pautados também por relações raciais eram evidentes com as reclamações de ausência de espaços de socialidade, de lazer e com a relatada impossibilidade de consumir o tanto que se deseja. Em *Avenida Brasil*, a mansão de Tufão convivia com bastante harmonia no Bairro do Divino e a vizinhança toda participa – apesar das resistências de Carminha, vilã da trama e esposa do jogador – das festas da residência.

Na vida fora da tela, os jovens das periferias reclamaram da ausência de lugares onde é possível se encontrar, se divertir e paquerar com segurança e relatam também seus desejos de consumo. É isso que está colocado nas falas abaixo, recolhidas na época dos rolezinhos, que figuraram na mídia por meio de entrevistas feitas com jovens que participaram do movimento, como é o caso das matérias lançada pelo site O Globo, espaço de onde retirei estas informações<sup>58</sup>:

“O maior desafio do Jardim Nazaré é não ter espaço para o lazer. Falta lugar pra gente se encostar e ninguém discriminar. Se a gente fica na praça a noite, eles vão achar que a gente está usando drogas”. Caique Vinícius, de 19 anos, parou de estudar no primeiro ano do Ensino Médio depois de ser expulso da escola. Ele está em busca de trabalho. “Pode ser [uma vaga] de vendedor no shopping, qualquer coisa que dê dinheiro para nós”, disse. Ele reclama da falta de espaço para que seu grupo de amigos possam se encontrar. Afirmou que a alternativa encontrada por eles foi organizar “festinhas”. “Um carro com som para na rua e a gente fica lá, tomando uns gorozinhos”. (Participou do último “rolezinho” no Shopping Metrô Itaquera). (MACEDO; PIZA, 2014, s. p.).

“A gente vai para o shopping pegar mulher, comer um lanche do MC Donalds e tirar umas fotos pra colocar no *Facebook*. Tinha meia dúzia tentando estragar o encontro e sobrou pra todo mundo”. O montador de estandes de eventos Lucas de Souza Gonçalves, de 17 anos, mora desde criança no Jardim Nazaré, na região de Guaianazes, Zona Leste de São Paulo. O jovem, que ouve funk, participou dos dois rolezinhos no Shopping Metrô Itaquera. Lucas está no 3º ano do ensino médio e reclama da falta de áreas públicas para se divertir no seu bairro.

---

<sup>58</sup> MACEDO, Letícia; PIZA, Paulo Toledo. 'Rolezinho' nas palavras de quem vai. In: **G1 São Paulo**. Data de publicação: 15 jan. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/01/rolezinho-nas-palavras-de-quem-vai.html>>. Acesso em: 08 jan. 2017.

Não à toa, e sim, de forma relevante simbolicamente, tais jovens decidiram por reivindicar nos espaços brancos dos centros de consumo cujo maior expoente é o Shopping Center. E os discursos contrários ao movimento, advindos, principalmente, das elites e de alguns círculos intelectuais, usavam como crítica central, tentando despistar o racismo e o classismo de suas falas, o suposto fato de que os jovens só andam preocupados com a possibilidade consumir, quando na verdade, deviam frequentar, ao contrário dos shoppings, as bibliotecas<sup>59</sup>.

Também em matérias divulgadas pela rede, é claro o esforço de apontar a relação observada entre estes jovens e o consumo. Segundo texto também apresentado pela BBC, “coibir os rolezinhos como alguns shoppings tentaram fazer é "uma miopia das oportunidades de negócio" (MORAES, 2014, s. p.)<sup>60</sup>, uma vez que os jovens da classe C teriam um poder de consumo maior do que aqueles das classes A ou B. O debate em torno das diferenças e das questões raciais e de classe que envolvem o fenômeno do rolezinho, em diversos veículos das mídias, cedeu lugar a centralidade deste público como nicho de mercado lucrativo ignorado por lojistas e proprietários como consumidor em potencial.

Isto posto, noto o fato de não haver a possibilidade de ignorar tais discursos sobre este público e nem mesmo sobre suas demandas, uma vez que eles figuram como personagens principais do contexto nacional nos últimos anos, principalmente no que toca sua capacidade de consumo. Os jovens dessa pesquisa vivenciam este contexto de chamada ascensão da classe as quais pertencem e, por outro lado, ainda compartilham de uma falta visível de espaços de socialidade, que permitam a exposição de suas experiências e vivências, sendo os serviços de redes sociais da internet uma ferramenta relevante como meio de ação, organização coletiva ou compartilhamento de questões de intimidade, do cotidiano familiar, nos locais de origem, de moradia, como o caso das pessoas dessa pesquisa, principalmente das mulheres.

Os sujeitos com os quais trabalho, têm, por um lado, apresentado um histórico socioeconômico de mudanças significativas, de fato, no tocante ao consumo e ao acesso a políticas públicas promotoras de melhores condições de vida; mas que, por outro, apresenta uma dinâmica mais complexa que se forma através de múltiplas diferenças como gênero, raça,

<sup>59</sup> Um exemplo de debate em torno da crítica ao consumo dos jovens foi publicado na revista Exame, na época dos rolezinhos: Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/rede-de-blogs/brasil-no-mundo/2014/01/14/rolezinho-na-biblioteca-no-museu-na-usp-rolezinho-da-cultura-e-da-educacao/>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

<sup>60</sup> MORAES, Maurício. Shoppings ‘ignoram potencial de consumo da classe C’ ao coibir rolezinhos. In: **BBC Brasil**. Data de publicação: 21 jan. 2014. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/01/140120\\_rolezinho\\_shopping\\_classe\\_c\\_mm](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/01/140120_rolezinho_shopping_classe_c_mm)>. Acesso em: 09 jan. 2017.

sexualidade, deixados de lado pelas atuais teorias que abordam o tema e pelo que é exposto nos veículos de comunicação.

O acesso às mídias digitais, por estes jovens das camadas populares brasileiras tem se dado de maneira recente e é marcado por sua posição de classe e por outras diferenças, sem a análise das quais não é possível compreender como tem funcionado as mídias na vida desses sujeitos e como se desdobram seus horizontes aspiracionais.

Estas mídias surgem como espaço de atuação desse público seja no que nos é apresentado nos discursos fictícios das novelas, como as empreguetes de sucesso na internet que produzem e compartilham vídeos próprios; seja como no caso concreto dos rolezinhos, por meio da mobilização via *Facebook*; ou ainda como no tocante às pessoas desta pesquisa que usam a rede como forma de compartilhamento de experiências e vivências em torno das questões afetivas, com vistas a desenvolver relações de amizade. Não é possível dar conta de todas as formas de uso da rede pelas pessoas pobres, nem mesmo de todas as representações que figuram na TV sobre este público, mas, vale ressaltar, faço o possível no sentido de compreender ao menos uma parte dos usos feitos pelos jovens pobres do país, principalmente pelas mulheres.

Dessa forma, agora, vou expor de maneira mais detalhada os dados atualizados de acesso à rede no país que abarcam os sujeitos aqui apresentados, em seguida apresentarei as características de classe desse público para pensarmos quais aspectos socioeconômicos compõe seus horizontes de aspiração.

Os sujeitos deste trabalho estão alocados no estrato da população que tem acessado recentemente a internet no país. De acordo com pesquisa realizada pela associação Brasileira de Telecomunicações e divulgada em março de 2014, tal conexão tem chegado a 140 milhões de acessos via internet banda larga. O volume total representa um avanço de 50% sobre o mesmo mês no ano de 2013.<sup>61</sup>

Dados que comparam as PNAD's<sup>62</sup> apontam para um aumento geral do uso da rede em todo o território brasileiro. De 2005 para 2011, a população de 10 anos ou mais de idade (população em idade ativa) cresceu 9,7%, enquanto o contingente de pessoas que utilizaram a Internet aumentou 143,8%, ou seja, em seis anos o número de internautas no País cresceu 45,8 milhões.

---

<sup>61</sup> G1 Tecnologia e Games. Acessos à internet banda larga no Brasil chegam a 140 milhões. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/03/acessos-internet-banda-larga-chega-140-milhoes-no-brasil-em-fevereiro.html>>. Acesso em: 08 jan. 2017.

Regionalmente, o crescimento do acesso à Internet também foi bastante significativo. As Regiões Norte e Nordeste passaram a apresentar mais de  $\frac{1}{3}$  de sua população de 10 anos ou mais de idade tendo acessado a Internet em 2011, ante pouco mais de  $\frac{1}{10}$  em 2005. Em 2011, as Regiões Sudeste (54,2%), Centro-Oeste (53,1%) e Sul (50,1%) apresentaram mais da metade de sua população tendo acessado a Internet, contra 26,2%, 23,4% e 25,5%, em 2005, respectivamente. O acesso à Internet continuou sendo maior entre os jovens em todas as regiões brasileiras. As análises mostraram que os grupos etários de 15 a 17 anos (74,1%, em 2011) e de 18 ou 19 anos de idade (71,8%, em 2011), em todos os anos da pesquisa, foram os que apresentaram os maiores percentuais de pessoas que acessaram a Internet. Vale ressaltar que, muito embora nas regiões Norte e Nordeste haja um aumento significativo e constante do número de acessos, essas permanecem como as regiões com menor contingente de pessoas com possibilidade de navegar na rede.

De 2005 para 2011, o crescimento do acesso à Internet pelas mulheres foi maior do que o observado entre os homens; entretanto, o percentual de homens internautas continuou sendo superior. Em 2011, 46,1% das mulheres com 10 anos ou mais de idade acessaram a Internet, ou seja, 40,0 milhões de mulheres. Entre os homens na mesma faixa etária, 46,9% eram internautas, ou seja, 37,7 milhões. Apesar do exposto acima, a análise apontou que o comportamento era diferenciado de acordo com o grupo etário e se modificou em seis anos. Em 2005, as mulheres apresentaram percentuais de utilização da Internet superiores aos dos homens nos grupos etários com menos de 30 anos; nos demais, eram inferiores. Em 2008, o percentual de acesso à Internet foi maior para as mulheres com menos de 40 anos, comportamento mantido em 2009 e 2011.

Já na última PNAD, referente ao ano de 2014, o aumento de usuários da internet em todo o país foi significativo, embora seja a menor taxa de crescimento se comparada com os anos anteriores. Temos mais da metade da população brasileira com acesso e 75% dos brasileiros possuem telefone celular, deixando de lado o uso do telefone fixo como forma central de comunicação, muito embora o porte de telefone celular não implique, necessariamente, em conexão móvel. Dentre as pessoas que acessam a rede, as mulheres tem espaço preponderante e os jovens na faixa dos 15 aos 19 anos. As regiões que mais aumentaram o número de usuários são Sudeste, Sul e Nordeste.

Soma-se a isso o fato de que, se considerado o recorte por renda estipulado para medir grande parte das pesquisas sobre classe social, nota-se que a chamada Classe A é a que mais usa a internet no país, em domicílio, como aponta pesquisa realizada Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação), órgão ligado ao NIC.br

(Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR) e ao CGI.br (Comitê Gestor da Internet no Brasil). O levantamento foi feito a partir de entrevistas em 16.887 domicílios, entre setembro de 2013 e fevereiro de 2014, em 350 municípios do Brasil, em áreas rurais e urbanas. A Classe A tem 98% dos domicílios com acesso, a Classe B tem 80% e a Classe C tem somente 39%, muito embora seja o estrato onde o uso da rede mais aumenta nos últimos anos, segundo a pesquisa do IBGE, divulgada em 2013. No grupo sem rendimento ou com até R\$ 169,5 (um quarto do salário mínimo), o percentual de pessoas que acessam a internet cresceu de 3,8% em 2005 para 21,4% em 2011; no grupo de mais de R\$ 169,5 até R\$ 339 (metade do salário mínimo), o aumento foi de 7,8% para 30%. Enquanto isso, no grupo de pessoas que recebem mais de meio salário mínimo até um salário mínimo completo (R\$ 678), o crescimento foi de 15,8% para 39,5%.

Tal aumento de acesso à internet por parte do público de baixa renda tem sido resultado de um processo longo de barateamento do preço das mídias digitais nos últimos anos, cujo principal acontecimento se deu no mês de abril de 2013. A presidenta Dilma Rousseff assinou decreto que zerou as alíquotas da contribuição para o Programa de Integração Social (PIS) e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) incidentes sobre a receita bruta decorrente da venda de *smartphones*; tal redução baixou o preço desses equipamentos em 30%, no caso dos importados, fazendo girar o mercado interno deste produto. Isso torna estes aparelhos mais acessíveis, com um preço limitado a 1500 reais para aqueles produzidos em solo nacional.

A queda dos preços, somados a facilidade no momento da compra, seja por meio do cartão de crédito ou do crediário, faz com que os mais pobres consigam, cada vez mais, acessar essas tecnologias. No momento de campanha eleitoral no ano de 2014 a questão da chamada inclusão digital figurou, inclusive, nos discurso da presidenta Dilma que anunciou em entrevista que, caso fosse reeleita, um dos objetivos de seu novo mandato seria a expansão do investimento em internet banda larga, o que resultaria em inclusão digital da população mais pobre do país. Tal fato mostra como o tema do acesso as mídias por parte da população pobre era pauta bastante forte dos governos.

No ano de 2016 também houve acirrado debate por parte das operadoras e da sociedade civil acerca da possibilidade de limitar a transmissão de dados com vistas às exigências de contratação de franquias para o acesso. Depois de uma forte manifestação contrária à postura das operadoras, de projetos de Leis que transitaram no Senado e do

posicionamento da presidenta Dilma Roussef, as operadoras foram forçadas a retroceder na decisão<sup>63</sup>.

Quando observamos a tendência dos dados cruzando aspectos de classe e de cor da pele, surge com fundamental importância para esta pesquisa o fato de que o acesso de pessoas não brancas às mídias digitais também se deu de forma recente, principalmente dentre as mulheres negras. Como aponta pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) vinculada à Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, realizada ainda em 2003, existia uma elevada marginalização digital da população negra, e, em especial, das mulheres negras no país. Em 2003, nos domicílios chefiados por brancos, 78% não tinham acesso a: microcomputador, 83% a internet e 53,5% a telefone celular. No caso dos domicílios chefiados por negros menos de 10% tinham acesso a computador e internet e menos de 30% a telefone celular. Quando se cruza a chefia por raça e sexo, percebe-se que são sempre as mulheres negras as que se encontram em pior situação e, nesse caso, estão, portanto, mais sujeitas à exclusão digital<sup>64</sup>. Com o barateamento das mídias, e com a melhoria da condição socioeconômica da população pobre, em um país que apresenta grande parte da população negra em situação de pobreza, os últimos anos trouxeram para a internet também homens e mulheres negras.

O público desta pesquisa está situado neste estrato da população apresentada acima, que acessou a rede recentemente em um processo de popularização das mídias digitais. Essas pessoas são homens e mulheres que ocupam regiões periféricas do país, são pessoas, em sua maioria, não brancas e que apresentam particularidade de uso da rede quando são, principalmente, mulheres das classes populares. Dessa forma, o uso das mídias se intersecciona com o avanço das políticas públicas dos últimos anos e com a situação de classe e renda dos sujeitos.

Nas experiências observadas em campo e apresentadas abaixo, no retratado das histórias de vida dos sujeitos, tanto quanto nos dados, está colocado não só o perfil de classe e a posição delas em meio a um contexto de melhora das condições de vida, mas também aponta para as inseguranças e incertezas sobre o futuro e sobre o atual momento, no tocante aos anseios e sonhos. Os relatos sobre interrupção da faculdade por conta de problemas financeiros e, por outro lado, o apontamento sobre a origem familiar humilde evidenciam o

---

<sup>63</sup> Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/05/03/senado-debate-limitacao-da-internet-fixa>>. Acesso em 10 abr. 2016. Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/07/21/limitacao-de-dados-na-internet-mobiliza-comissoes-do-senado>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

<sup>64</sup> Disponível em: <[http://www.educafro.org.br/site/wa\\_files/afro\\_brasileiros\\_tecnologia\\_informacao.pdf](http://www.educafro.org.br/site/wa_files/afro_brasileiros_tecnologia_informacao.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2015.

perfil das pessoas aqui apresentadas. As mídias digitais aparecem como espaços novos e fundamentais na troca de experiências, compartilhamentos de questões do cotidiano, composição de círculos de socialidade e redes de amizade para os recentes usuários da internet.

Lúcia relatou-me em entrevista pelo *Facebook*: “aqui em casa a gente se vira como pode [...] eu não ajudo meus pais, pois tenho que pagar o FIES”. A jovem tem 26 anos, mora em Palmas, trabalhava em uma concessionária de veículos. O pai e a mãe vendem caldo de cana na rua e todos os irmãos trabalham para conseguir manterem-se sem a ajuda dos pais: “lá em casa meus pais pagam as contas da casa, mas roupas, remédios, cursos, estudos, nós mesmos pagamos”.

Lúcia me relatou de forma detalhada a educação rigorosa e, de certa forma, fechada que recebeu dos pais evangélicos. Contou-me suas saídas de casa, as vezes que a mãe a trancou para fora por passar do horário estipulado para a chegada, dos conflitos no ambiente da Igreja por conta das roupas que usava. Lúcia disse ter aprendido tudo o que sabe sobre roupas, cuidados femininos, relacionamentos amorosos e sexo por meio de duas fontes, primeiro as revistas femininas e depois a internet: “tudo o que sei aprendi nesses lugares, hoje em dia, joga tudo no mestre Google..risos”

Quando questionada sobre seus projetos de vida:

P: quais são seus objetivos de vida?

R: Vishi...Tenho tantos...risos...Casar, ter minha família e ser independente financeiramente. Isso é importante para alcançar a felicidade que eu busco.

P: Se você pudesse realizar algum deles agora, qual seria?

R: Ser mãe, Acho que o ideal é entre 30 à 38. Porque já se está mais madura e segura do que quer. Geralmente profissionalmente já mais estável. Acho que esse período é o melhor. Depois dos 38 começa a gerar riscos e limita as gestações. (Conversa com Lucia via *Facebook*).

Lúcia é de família de baixa renda e sempre precisou trabalhar fora para manter os estudos e o consumo de produtos de saúde, roupas, cosméticos, dentre outros. O uso da internet, tanto para ela, quanto para o irmão aconteceu recentemente e eles são os primeiros da família a fazer uso das tecnologias. A família de Lúcia sempre esteve pautada pela idéia de tornar os filhos independentes e, pra isso, o foco na vida profissional, incentivada desde cedo, era mais importante que a dedicação aos estudos que aconteceria somente após ambos os jovens terem condições de arcar com a faculdade. A universidade pública não figurou nos horizontes de aspiração deles, nem foi abordada pela família como possibilidade.

Leila é outra interlocutora que enfrentou dificuldades para cursar a faculdade: “*eu tranquei a faculdade para tomar um fôlego, inclusive financeiro, e me organizar*”. Ela mora em Belo Horizonte, com a mãe dona de casa e o padrasto caminhoneiro. Tem 29 anos e trabalha como assistente administrativa em um escritório de advocacia empresarial, mas começou sua vida profissional aos 19 anos com vistas a ajudar em casa, pagar o curso superior e adquirir independência em relação ao padrasto. Leila não tem muito contato com o pai que largou a família, com a mãe grávida, para viver com outra mulher. Encontrou o *Bolsa* via anúncio no MSN, relatou-me que dentre os motivos que a fizeram ficar no site, o principal deles foi possibilidade aconselhar e buscar conselhos. Ela me disse, ao relatar sua trajetória na rede:

Comecei a usar computador acho que em 2000, para o trabalho. Tinha acesso ao ICQ. Passado os anos, nas empresas onde trabalhei sempre tive acesso, alguns mais limitados outros menos. Mas a partir de 2005, a cada surgimento de uma nova ferramenta de internet (MSN, Gmail, Orkut, *Facebook*) eu aderiu, mas a utilização era só em computadores de trabalho, lan houses e terceiros. Em 2009 entrei aqui no escritório onde trabalho e tenho acesso livre a qualquer site ou rede social. Adquiri o meu computador em 2010 com objetivo de facilitar minha vida escolar e ter mais liberdade para navegar. Como sempre gostei de redes sociais, descobri o *Bolsa* em 2011. Eu entrei no *Bolsa* pelo link que abre no MSN e que dá acesso pra lá. Vi que tinha opções de fórum nos sites quando se cadastra e como sou fã de internet, achei uma oportunidade de ser quem eu sou integralmente, sem mostrar o rosto. Não gosto de todas as redes, mas sou fã em me conectar com as pessoas, por isso vi uma oportunidade lá, de expressar minhas opiniões, aconselhar quando pudesse, avaliar as pessoas também, porque ali é um mundo de diversidade. (Conversa com Leila via *Facebook*).

Leila tem uma história que se aproxima da de Lúcia, no tocante às questões econômicas da família. O lar conduzido pela mãe solteira a levou ao trabalho na juventude e a poucas oportunidades de se dedicar unicamente aos estudos. Ela e a mãe se transformaram em pilares da casa. A faculdade surge no horizonte quando a estabilidade no trabalho, que permite pagar os estudos, é mais certa. Apesar disso, a escolha pela PUC veio de forma consciente tendo em vista a qualidade da universidade. No entanto, o percurso universitário de Leila acontece aos trancos e barrancos devido ao pagamento alto das mensalidades, apesar de sua Bolsa de estudos.

“Meu pai é operário, trabalha numa empresa que fabrica peças industriais de plástico e metal. E minha mãe é "do lar", mas faz uns freelas de diarista”, relatou-me Roberto em conversa pelo *Facebook*, quando o questionei sobre a atuação profissional dos pais. Ele completou ao ser indagado sobre os gastos com a casa: “Eles (os pais) seguram a onda toda,



mas os custos que são meus eu que pago, tipo internet, telefone, passagem de ônibus”. Roberto tem 24 anos, mora em Belfore Roxo, Baixada Fluminense e começou usar a internet em casa, recentemente, antes usava a *lan house*:

Hoje uso a net pra quase tudo, desde trabalho/estudo até baixar filme, quadrinho ou ler algumas revistas [...] Amizade sempre rola! Principalmente pelas afinidades e tals. Tipo, conhecer alguém que goste de certo tipo de música e marcarem de se encontrar num show/festa. (Conversa com Roberto via *Facebook*).

Roberto é um jovem negro que habita a periferia carioca. Um dos poucos interlocutores de pesquisa que cursa universidade pública, no Instituto Federal do Rio de Janeiro, em Nilópolis. Ele fez da rede uma possibilidade fundamental de trabalho, uma vez que atua como produtor cultural, sendo a internet espaço de divulgação recente da cultura da Baixada. Roberto é o primeiro jovem da família a ter acesso à universidade, seu pai sempre teve o sonho de cursar história, mas nunca conseguiu devido ao histórico de trabalho. Dessa forma, é um dos grandes incentivadores de Roberto.

Outro rapaz da pesquisa, irmão de uma de minhas colaboradoras, que foi indicado a mim por meio dela, relatou suas características socioeconômicas que o fizeram também trancar a faculdade e adiar o sonho de cursos o ensino superior, ter estabilidade financeira e, conseqüentemente, o desejo de constituir família:

P: O que você faz da vida? Estuda? Trabalha?

R: Trabalho como arte-finalista em uma gráfica e estudo Direito, mas atualmente estou com a matrícula trancada afim de equilibrar as finanças para fazer o estágio com tranquilidade

P: ...hoje em dia vc se sente apto para ter uma família?

R: Como eu te disse anteriormente, psicologicamente me sinto preparado, mas financeiramente falta um pouco...No momento me sinto preparado para um relacionamento sério com propósito de casamento num futuro próximo. Preciso concluir minha graduação para buscar as oportunidades de trabalho que considero satisfatórias para dar uma vida confortável à minha família. (Conversa com Saulo via *Facebook*).

Saulo tem 30 anos, mora em Gurupi, no Tocantins, com a família. O pai pastor e a mãe evangélica trabalham vendendo caldo de cana na rua e possuem uma pequena propriedade rural. Saulo trabalha desde cedo para ter o próprio dinheiro, com incentivo da família:

Acho que tinha uns 14 ou 15 anos vendia picolé, salgados, depois cosméticos, trabalhei com cobrança externa e interna em um escritório. Aos 18 anos terminei o Ensino Médio, a aos 19 consegui meu primeiro emprego de carteira assinada. Era balconista em uma loja de fotografias. Na verdade eu fazia de tudo um pouco, atendia no balcão, tirava fotos, limpava o chão, os móveis, ajudava no laboratório, etc. (Conversa com Saulo via *Facebook*).

Sua história acerca das experiências profissionais evidencia grande dificuldade de concretizar objetivos e aponta para escolhas atravessadas por questões econômicas:

P: você sempre quis cursar direito?

R: Na verdade não. Eu queria fazer ciência da computação porque sempre gostei de informática, mas a condição financeira me impedia e acabei fazendo vestibular pra direito. Passei e comecei o curso e desisti, porque não tinha condições de pagar a faculdade e comprar livros, era tudo muito difícil na época. Fiz um semestre de Análise de Sistemas em uma faculdade tele-presencial, mas não gostei e desisti. Depois consegui um emprego melhor e fiz o vestibular pra direito novamente. Acabei me identificando com o curso.

P: e agora vc tá em que momento do curso?

R: no momento tranquei a faculdade, mas parei no 8º semestre em fase de estágio na área penal.

P: e por que você trancou?

R: estava faltando ao trabalho um dia da semana e perdia o descanso semanal remunerado. Estava dando uma diferença muito grande no salário e já tinha alguns compromissos, então resolvi parar para aliviar o orçamento e voltar. Fiquei receoso de que as contas virassem uma bola de neve. (conversa via *Facebook*)

O jovem usa a rede de seu trabalho, com frequência, para acessar o *Facebook* e dentre as postagens mais frequentes constam aquelas relativas às atividades da Igreja evangélica da qual participa.

As experiências de vida de ambos os rapazes mostram, de forma mais ampla, experiências de classe das esferas populares brasileiras e nos auxiliam a refletir sobre o que as compõe em termos de renda, acesso à educação, à internet.

Salvo as especificidades que atravessam as experiências de vida desses sujeitos, como apresentarei no próximo capítulo e que fazem da rede um espaço de verdadeira riqueza e complexidade no que toca ao uso feito dela, todos eles tem em comum uma série de características que são mostradas também pelos dados de pesquisas recentes.

Eles e elas habitam regiões periféricas do país, tiveram mais oportunidade que seus pais de cursar universidade e de ocupar cargos profissionais intermediários frente ao histórico de vida de suas famílias, acessaram a rede recentemente e tiveram um uso da internet pautado pelas lan houses e pelo espaço de trabalho. Além disso e, por outro lado, esses jovens ainda vivenciam inseguranças e incertezas sobre um futuro marcado por salários baixos e

insuficientes, pela possibilidade de não manutenção da própria vida, possuem um cotidiano de trabalho durante o dia e facultade à noite e alimentam uma dinâmica motivacional do “faça você mesmo” que possibilita a manutenção das árduas rotinas em troca do mérito e da possibilidade de se dar bem no futuro.

O discurso do jovem empreendedor de si mesmo figura também em página criada por Lúcia onde a jovem se propõe a divulgar material de *coaching*, ou seja, vídeos e frases motivacionais que se direcionam a estabelecer reflexões a respeito do cotidiano com vistas a incentivar o espectador ao trabalho e ao sucesso profissional e pessoal. A apresentação de si que consta na página é: “MBA Gestão Estratégica, Bacharel em Direito Analista comportamental DISC, Coaching pessoal, Equilíbrio, Performance Profissional e Coaching para Líderes.”

Algumas das frases que aparecem na página são:

“Você é o seu limite! Se teste, ouse, se supere!”

“Sabe amanhã? Pois é. ...só depende de você! Vai lá, você consegue!!!”

“Bom dia pra você que já descobriu que realizar vai muito além de apenas planejar! E pra você que ainda não deu o seu primeiro passo em direção a realização de seus objetivos, fica a dica: ação é mais importante que perfeição! Comece hoje, comece já!”

“Você saberá que está no caminho certo quando se perguntar se o que você está fazendo hoje contribui para te tornar o que você quer ser amanhã e a resposta for imediatamente SIM”.

Em vídeo postado no mês de abril de 2016, Lúcia faz um relato apontando os problemas de deixar os objetivos de vida para depois. No ambiente da academia de malhação, onde é gravado o vídeo, ela afirma ter tido o *insight* de pensar que nosso corpo, quando em atividade física e cansado também tende a nos forçar a desistir, no entanto, para ela, esta seria a motivação para continuar. Essa metáfora do corpo se aplicaria às outras esferas da vida, principalmente naquelas onde mantemos objetivos e sonhos a serem alcançados.

Discursos de superação, coragem e a necessidade de enfrentar o cotidiano com garra também aparece na página de Carla, que trabalha com publicidade. A cada dia existe ao menos uma postagem em tom sério ou de humor, fazendo referência a uma necessidade de “deixar de reclamar” e enfrentar o dia-a-dia com vontade.

Estas reflexões acerca da própria vida figuram bastante nos ambientes dessa pesquisa e são pronunciadas por parte considerável, principalmente, das mulheres interlocutoras. As

falas em torno da motivação, absorvidas por elas me despertou uma série de reflexões que se intensificaram com a leitura de bibliografias acerca da população pobre do país<sup>65</sup>.

O discurso motivacional, muito embora nos pareça, a primeira vista um projeto que joga para o nível subjetivo a possibilidade de sucesso socioeconômico, deixando de lado questões estruturais de desigualdade, apontou ao longo da pesquisa, para algo mais profundo se compreendido no contexto no qual vivem esses sujeitos.

Os avanços das políticas públicas que garantem renda mais alta e possibilidade de acesso à educação e moradia à população pobre do país são bastante recentes e se situam no período histórico dos últimos 15 anos, que encerram o governo de Fernando Henrique Cardoso e adentram aos governos Lula e de Dilma Rousseff. Os programas como FIES e Prouni, de acesso à universidade, foram criados, respectivamente em 1999 e em 2004; e o programa de moradia popular, Minha Casa, Minha Vida é do ano de 2009.

Um contexto atravessado ainda por instabilidades acerca da possibilidade afetiva de galgar melhores condições de existência, somado a ampliação de horizontes de aspiração, principalmente por via do acesso a novas informações pela internet, faz do discurso motivacional algo importante em um contexto atravessado por desigualdades e, por outro lado, por um bombardeamento de mensagens e imagens, principalmente de consumo e de sucesso.

As chances mesmo que remotas de se chegar a algum lugar ou de ter um cotidiano socioeconômico estável e mais amplo em termos de bens materiais se sustenta subjetiva e emocionalmente por discursos de motivação e empreendedorismo. Ter como pano de fundo a ideia do “não desista”, do “avance apesar das dificuldades” é fundamental em um país onde os pobres, historicamente, vivem a possibilidade iminente da crise econômica, do desemprego, da fome, da falta de acesso às políticas públicas.

Soma-se a isso o fato de que, historicamente, transformou-se a abordagem acerca da pobreza e da vida das populações negras e de baixa renda do país. Muito embora o racismo e os preconceitos de classe figurem como marca principal de uma série de políticas públicas e

---

<sup>65</sup> Vale ressaltar que o estrato de pobreza o qual investigo nessa pesquisa não diz respeito a sujeitos que se localizam em situação de total carência de bens de necessidade básica. Tentei apontar como essas pessoas usufruíram das políticas do governo de melhoria das condições de vida, de aumento de renda e possibilidades de consumo. Algumas pessoas tem casa própria e não pagam aluguel; possuem veículo próprio também, muito embora seja velho; cursam universidade com bolsas e pagam mensalidades baixas para isso. São mulheres que conseguem consumir celular e produtos de beleza, bem como fazer cursos e planejar férias, muito embora, vivenciem situações de dívida, dificuldades financeiras como não conseguir arrumar a máquina de lavar, o chuveiro, terminar a reforma da casa. Embora, por exemplo, sua relação com o lazer seja, muitas vezes, limitada ao bairro próximo e a casa de amigos, e também, apesar da alimentação não ser diversificada, não se trata de uma pobreza que flerta com a miséria.

instituições que alocam essa população em um lugar associado a criminalidade, houve, por outro lado, uma ideia de pobreza como possibilidade de construção de mercado.

As políticas sociais, os discursos públicos acerca da pobreza e seus territórios, as estratégias de gestão estatal, não governamental e religiosa do conflito social pautam-se agora pela lógica instrumental da eficiência mercantil, do custo-benefício, em tendência de objetivação agressiva das relações sociais. Colocar milhares de presos para trabalhar quase de graça, dentro das cadeias, é considerado um “programa social” de ponta, pelos governos e empresários. Todos saem lucrando. Gerir o social é, portanto e fundamentalmente, expandir os mercados. O cartão do *Bolsa-Família* é paradigmático – as políticas sociais do futuro fomentam a inclusão mercantil. (FELTRAN, 2014, p. 508)

Estes discursos de motivação e empreendedorismo, absorvidos e propagados pelos sujeitos, embora pautem nossa cidadania pela possibilidade de consumo e pelo sucesso na vida econômica, não podem ser enquadrados como resquício de uma simples dominação de um sistema capitalista mais amplo, pura e simplesmente ou de um anseio fútil por poder consumir algo que, em outros contextos, não aparecia em seus horizontes. Para o que Jesse Souza (2012) chamou de batalhadores brasileiros, projetar o futuro remete a não voltar a viver situações de extrema vulnerabilidade e insegurança.

Para dar conta de um contexto de acirramento do capitalismo financeiro cada vez mais pautado pela flexibilidade e pelos descuidos com relação aos direitos trabalhistas, esta classe de sujeitos se apoia no que pode. Organizam-se em rede cooperativas e promovem formas comunitárias de manutenção e de positividade em torno das suas origens, de seu sofrimento.

Sobre este aspecto as mídias digitais possibilitam maior potência para a formação de redes daqueles que as acessaram recentemente. Além de possibilitar o contato entre sujeitos que compartilham das mesmas inseguranças e de um contexto socioeconômico parecido, o que já de antemão os fortalece frente as intempéries do cotidiano, as redes *online* aparecem como instrumento de trabalho que possibilita ao batalhador e à batalhadora, nos termos de Souza, empreender e divulgar estes discursos motivacionais. É o caso, por exemplo de Carla, que atua no ramo da publicidade por meio de uma agência focada diretamente em empreendimentos da periferia e mesmo de Lúcia que usa a rede para elaborar reflexões de *couching*.

A despeito de consensos sobre o aumento da renda e do consumo dos mais pobres, o aumento do emprego e da formalização do trabalho há divergências importantes sobre se isto estaria, de fato, criando uma nova classe. Há perspectivas analíticas diversas, desde aquelas

que celebram o que definem como “nova classe média” (NERI, 2011), passando por aquelas que sublinham a conservação do trabalho na base da pirâmide social e falam de uma “nova classe trabalhadora” (POCHMAN, 2012; CHAÚÍ, 2013; SOUZA, 2012) até as que atentam também para a manutenção de eixos de desigualdade que se somam e reforçam a disparidade econômica (SCALON; SALATA, 2012).

O termo Nova Classe Média, para Neri, atribui um sentido positivo aqueles que vêm realizando o sonho de subir na vida. O pesquisador tenta expressar em palavras o que teria observado no *ethos* de vida desses sujeitos os quais analisou por meio dos dados.

Aonde você vai chegar é mais importante do que de onde você veio ou onde você está. Nova Classe Média não é definida pelo ter, mas pela dialética entre ser e estar olhando para a posse de ativos e para as decisões de escolha entre hoje e o amanhã. Mais do que assíduos frequentadores de templos de consumo, o que caracteriza a nova classe média brasileira é o lado produtor. A classe média busca construir seu futuro em bases sólidas que sustentam o novo padrão adquirido. Crédito ao consumidor e benefícios oficiais faz parte da cena da Classe, mas como coadjuvantes. O protagonista é o lado do produtor, do empregado formal em particular. A carteira de trabalho é o maior símbolo da ascensão como ato consumado, e o concurso público é seu platônico objeto de desejo. (NERI, 2011, p. 19).

Nas palavras de Neri percebemos o caráter de sua análise estrutural que não está atenta para as facetas do processo de ascensão dos mais pobres e que também não problematiza, no caso do trecho acima, o porte da carteira assinada e a não ocupação de outros postos de trabalho, por exemplo, os concursados, os quais ele mesmo chama de “sonho platônico” desses estratos da população, uma vez que tratam-se de ocupações não alcançadas pelos pobres que melhoraram de vida.

Em contraposição às teorias que abordam a questão das classes por divisão de estratos com base na avaliação da renda, tem-se um esforço, de outras vertentes de pensamento, que apontam como acontecimento fundamental uma alteração na relação entre rendas do trabalho e da propriedade durante a primeira década dos anos 2000. Tal movimento encontra influência direta do impacto na estrutura produtiva, provocada pelo retorno do crescimento econômico, após quase duas décadas de estagnação:

O fortalecimento do mercado de trabalho resultou fundamentalmente na expansão do setor de serviços, o que significou a difusão de nove em cada grupo de 10 ocupações com remuneração de até 1,5 salário mínimo mensal. Juntamente com as políticas de apoio à rendas na base da pirâmide social brasileira, como elevação do valor real do salário mínimo e massificação da

transferência de renda, houve o fortalecimento das classes populares assentadas no trabalho. (POCHMANN, 2012, p. 10).

Ainda de acordo com os números levantados por Pochmann houve um aumento, na década de 2000, da participação do rendimento do trabalho na renda nacional após um longo período de estagnação. Os dados apontam, olhados de diversos ângulos, que está em curso uma lenta e gradual redução da desigualdade no Brasil, que André Singer chamou de Reformismo Fraco (2012). No entanto, tal processo pode não culminar na absorção dessas pessoas por um estrato social mais elevado, o da Classe Média, fazendo-as permanecer na posição de classe trabalhadora. Ainda no livro de Singer, o autor cita exemplos de pesquisas com trabalhadores cujos perfis socioeconômicos e de ocupação profissional se aproximam do público desta pesquisa. Os trabalhadores abordados por Singer estão atuando, especificamente, nos postos de trabalho na área de tele atendimento:

Imagina-se por um momento, a realidade social de um jovem operador de uma das centrais de tele atividades, que prosperaram no Brasil desde a década de 2000. Levando-se em conta o salário, as condições de trabalho e as regras de conduta imperantes, que lembram as do início da Revolução Industrial – uma das grandes queixas no setor é a proibição de ir ao banheiro apesar de terem que ingerir líquido para poder falar [...] parece claro que os trabalhadores do setor das tele atividades pertençam a Classe C e seja correto pensa-la como tendo se separado da pobreza típica das classes D e E, passando a fazer parte do estrato intermediário da sociedade. Mas parece haver mais motivos para associá-la a uma nova Classe Trabalhadora do que a uma Nova Classe Média. (SINGER, 2012, p. 81)

O sociólogo Jessé de Souza, em *Os Batalhadores Brasileiros: nova classe-média ou nova classe trabalhadora?* (2012) também se dedica a apresentar em que medida este estrato da população se distingue da tradicional classe média bem como da privilegiada classe alta. Em sua visão: “Acreditamos estar diante de um fenômeno social e político novo e muito pouco compreendido [...] o da constituição não de uma nova classe média, mas sim de uma nova classe trabalhadora no nosso país, nas últimas décadas”. (Souza, 2012: 47). De acordo com o autor:

As classes dominantes – classe média e alta – se definem, antes de tudo, pelo acesso aos dois capitais impessoais que asseguram, por sua vez, todo tipo de acesso privilegiado a literalmente todos os bens (materiais ou ideais) ou recursos escassos em uma sociedade de tipo capitalista moderna [...] No tipo de sociedade capitalista na qual vivemos, seja aqui ou na França, as classes que possuem acesso privilegiado a esses bens e recursos escassos são as classes que, tradicionalmente, monopolizam o acesso ao capital cultural –

lócus privilegiado das classes médias – e capital econômico, privilegio bem assentado das classes altas e mais poderosas. (SOUZA, 2012, p. 48)

Segundo Marilena Chauí, em texto publicado no livro em que avalia os governos Lula e Dilma, a classe social não é um dado fixo, é um fazer histórico. A partir dessa constatação, “se é nisso que reside a possibilidade transformadora da classe trabalhadora, é nisso também que reside o risco de absorção ideológica, sendo o primeiro sinal deste risco justamente a difusão de que há uma nova classe média no Brasil” (Chauí, 2013: 131). Em sua perspectiva, existiria uma propagação por toda a sociedade do ideário liberal da competência e da racionalidade de mercado como promessa de sucesso, discursos estes que, de acordo com a filósofa, acabam por ser aderidos pelas próprias camadas populares, chamadas por ela também de “novos trabalhadores”:

Uma vez que a nova classe trabalhadora brasileira se constituiu no interior deste momento do capitalismo, marcado pela fragmentação e dispersão do trabalho produtivo, de terceirização, precariedade e informalidade do trabalho, percebido como prestação de serviço de indivíduos independentes que se relacionam com outros indivíduos independentes na esfera do mercado de bens e serviços, ela se torna propensa a aderir ao individualismo competitivo e agressivo difundido pela classe média [...] e ela própria tende a acreditar que faz parte de uma nova classe média brasileira [...] crença reforçada por sua entrada no consumo de massa. (CHAUÍ, 2013, p. 132).

Uma perspectiva mais afeita às diferenças com relação à suposta emergência de uma “nova classe-média” é encontrada na análise de Celi Scalón e André Salata (2012). Os sociólogos mostram que mesmo sob critérios puramente estatísticos, como os aventados pelo criador do termo “nova classe-média”, a diminuição da miséria e da pobreza em anos recentes não tem criado efetiva ascensão social. A base da pirâmide de renda continua muito distante dos estratos médios tradicionais e quando cruzamos os dados econômicos com diferenças raciais e de nível educacional isto fica ainda mais patente. Os estratos médios e altos da população brasileira continuam muito mais ricos do que os baixos, o que é reforçado/mantido por seu nível educacional comparativamente mais alto e seu “fechamento” racial: ‘A classe média obtêm rendimentos nitidamente mais elevados (com exceção dos trabalhadores não manuais de rotina), é mais fechada - em relação à educação e raça -, e tende a possuir mais bens de consumo [...]’ (SCALON; SALATA, 2012, p. 402).

Abordar a atual situação do Brasil por meio da renda, pode não atentar para as próprias demandas das ruas que apontaram, principalmente em meio as mobilizações iniciadas no ano de 2013, para questões de saúde, mobilidade, educação, aspectos



garantidores, de fato, da redução da desigualdade, para além da redução da pobreza. Em pesquisa realizada também por Scalon, no ano de 2008, sobre a percepção de classe e de desigualdade entre jovens na faixa dos 16 aos 24 anos situados nas classes baixa e média, ela aponta:

Analisando os resultados dos grupos focais, é possível observar que a renda não consiste em um componente prioritário na definição de classe. Os jovens que participaram da dinâmica atribuíram relacionaram classe social, principalmente, ao local de moradia, mostrando que a espacialidade é significativa para a atribuição de um lugar social. Mas esses jovens reconhecem, também, que a segregação se estende à escola, aos locais de lazer, entre outros espaços não compartilhados. Os entrevistados parecem não reconhecer a universalização do crédito e do consumo - com pleno acesso a objetos tais como celular, micro-ondas, computador, entre outros - como universalização de oportunidades e, portanto, promotora de igualdade de classes. (SCALON, 2014, p. 15)

Algo que não deve ser deixado de lado na avaliação sobre o fechamento da classe média são as relações raciais. Atentar para este outro aspecto da formação social brasileira nos faz compreender que avaliar a passagem de um estrato a outro ou, nos termos das pesquisas que acreditam na existência de uma Nova Classe Média, de uma posição de renda à outra, se torna mais complicado do que pressupõe os otimistas de plantão. Por não considerarmos classe enquanto aquilo que se define por renda e por atentar para a heterogeneidade de processos de ascensão, em um contexto como o nosso, um aumento de renda não significa, necessariamente, um trânsito efetivo de ideias, de questões culturais e simbólicas, muito menos pode ser sinônimo de redução de desigualdade e lida com a diferença. Pesquisas apontam que mesmo quando ocorre ascensão de fato, as questões de raça podem fazer com que o sujeito sofra maior discriminação ao adentrar outro estrato social. Mais do que isso, o próprio processo de conseguir se alocar em um patamar de maior segurança econômica e social pode ser dificultado pela cor da pele e pelas discriminações de raça.

Negros e pardos estão quase totalmente ausentes da classe média embora as experiências de poucos tenham demonstrado que o racismo permanece independentemente da classe. Os poucos negros e pardos de classe média continuam a sofrer discriminação em interações rotineiras e, em alguns casos, não podem usufruir dos benefícios que são privilégio de sua classe social uma vez que enfrentam constante ceticismo e dúvida sobre sua posição. Os brancos pobres, por outro lado, podem frequentemente vencer com mais facilidade do que os negros e pardos as barreiras que eliminam a competição pela riqueza social e pelos recursos. (TELLES, 2003, p. 139)

As mulheres desta pesquisa apontam em seu cotidiano como é árduo o processo de melhoria das condições de vida. Tal processo também atravessa o corpo e evidencia até mesmo um trabalho gradual, porém intenso, de branqueamento, de rotinas diárias de beleza que podem incluir alisamento e tintura dos cabelos.

No episódio que antecede o casamento de Patrícia, uma das ocasiões em que eu estive em campo no Rio de Janeiro, nos encontramos na casa de Marta para nos arrumarmos, Natalia chegou com os cabelos alisados e reclamando de não gostar deles assim. Questionada por mim sobre o porquê de tê-los alisado, ela disse que casamento é uma ocasião “chique” e que os cabelos lisos são necessários e caem melhor. Sua fala me remeteu ao universo simbólico alimentado em nosso cotidiano de que cabelos lisos não só estão associados à beleza, mas também à certa posição de classe, mais alta, branca e, nos termos de minha interlocutora, chique.

Ainda acerca dos processos de racialização é importante dizer que as redes sociais possibilitaram recentemente, também com a intensificação do acesso pelas classes populares brasileiras, um fortalecimento, principalmente, de grupos de mulheres que tem discutido como o racismo afeta seus cotidianos, o que envolve, em grande medida a estética corporal, as cobranças pelo alisamento do cabelo e pelo branqueamento da pele.

Nesse sentido surgem grupos e páginas antirracistas sejam de debates formais sobre estes temas que as atravessam, sejam espaços de criação de *memes* políticos, com tom de humor<sup>66</sup>. Tal debate é compartilhado por minhas interlocutoras em suas redes sociais e percebi, ao longo dos anos, uma mudança por parte de algumas delas no que toca a se enquadrarem em demandas de branqueamento. Por meio da rede fica visível seus esforços de politização dos discursos a respeito do corpo e do cabelo. Carla, por exemplo, mantém uma estética que realça sua negritude com cabelos trançados e coloridos e com frequências faz postagens acerca da beleza da mulher negra tanto em sua página pessoal, quanto na página de sua agência.

É nessa condição que vivem os sujeitos dessa pesquisa, ocupando as posições do comércio e dos serviços no terceiro setor, espremidos entre os desempregados ou ocupados em funções como a de doméstica e trabalhadores do setor produtivo e aqueles em ocupações mais qualificadas, bem pagas e socialmente reconhecidas. Suas falas expressam uma experiência de instabilidade e incerteza que remete à origem humilde como observamos nas falas acima e atravessam o uso da rede, principalmente no tocante a exposição de questões

---

<sup>66</sup> Algumas páginas são: Pretas Feministas; Preta, você é linda; Preta Acadêmica.

afetivas e de criação de redes colaborativas e motivacionais que surgem como um meio de lidar com o atual contexto de mudanças socioeconômicas que vivenciam. Por outro lado, o reforço do otimismo e de enunciados de motivação e empreendedorismo também aparece como fundamental para o suporte emocional que impede o retorno a situação de vulnerabilidade das classes trabalhadoras.

As jovens mulheres dessa pesquisa, predominantemente não brancas, com escolaridade média ou superior adquirida em instituições privadas pouco reconhecidas, cristãs católicas ou evangélicas que, para lidar com a origem subalterna, com as demandas econômicas e afetivas têm se voltado para a internet para dividir experiências e, segundo seus próprios termos, “buscar ajuda” e compor redes de “amizade”. Tais redes de amizade aparecem como ponto de apoio para as tensões vivenciadas nos projetos de ascensão dessas pessoas.

Nesse sentido, o horizonte aspiracional desses sujeitos deve ser pensado do ponto de vista de uma análise de suas posições de classe social, sendo ela compreendida não como sinônimo de renda unicamente. Em consonância com as análises mais críticas sobre a suposta ascensão de uma nova classe-média, busco associar à compreensão de classe a maneira como os sujeitos se percebem na estrutura social e vivenciam sua classe a partir da experiência. Dessa forma, tenho como foco questões como status ocupacional, quantidade de membros da família, presença ou não de problemas financeiros, nível educacional, local de moradia e estudos, acesso a internet, expectativas em relação ao futuro, espaços de socialidade *off-line*, anseios sobre a vida pessoal e profissional, etc. Trata-se de pensar classe social como parte do dinamismo das relações entre os sujeitos, orientados por suas experiências de vida. O conceito de classe via experiência, como algo dinâmico, histórico e não restrito a estratificação por renda tem, aqui, parte de suas inspirações na obra de E. P. Thompson, para quem as determinações objetivas se impõem sobre seres históricos, ativos e conscientes:

Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno histórico. Não vejo a classe como uma “estrutura”, nem mesmo como uma categoria, mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas. (THOMPSON, 1987, p. 9)

O campo me mostrou como, apesar da intensificação dos discursos acerca da ascensão social dos pobres nos últimos anos, seus relatos e vivências ainda são atravessados

por inseguranças e dificuldades de lidar com sua situação financeira, com a relação com o consumo e com a projeção do futuro.

Dessa forma, percebemos que os sentidos que estes sujeitos atribuem à suas posições de classe muito falam sobre, como diria Max Weber, a ação coletiva. Suas inseguranças, suas vidas atravessadas por altos e baixos financeiros que acarretam desistência de objetivos traçados e, suas identificações com estratos sociais pouco privilegiados ou enquanto pobres apontam que o discurso da Nova Classe Média é frágil.

A tese de doutorado de André Salata contribui com essa reflexão sobre estas atuais dinâmicas de classe social na medida em que se dispôs a compreender como os sujeitos se reconhecem na estrutura de classes, tendo em vista os discursos que reforçam essa ascensão social das classes populares nos últimos anos. Com base em pesquisa qualitativa, que interrogou os sujeitos sobre sua condição socioeconômica e sobre o que consideram ser características da classe média brasileira, o autor apresenta uma tese que aponta: como “as identidades de classe deveriam ser interpretadas não como apêndices de posições objetivas previamente definidas, mas sim enquanto reivindicações de pertencimento e reconhecimento” (SALATA, 2014, p. 4) e também como:

“a identificação com um grupo implicaria um processo de classificação através do qual negociar-se-ia os contornos (imaginados e/ou praticados) que separam “nós” e “eles”. [...] a identificação não seria simplesmente uma questão de escolher com quem nos identificamos, mas sim um processo tácito de negociação que participaria ativamente na definição dos contornos (práticos e imaginados) que separam – de maneira hierárquica – “nós” e “eles”, e que assim engendram consequências para a própria reprodução das desigualdades sociais. (SALATA, 2014, p. 105).

A partir disso, o autor mostra que, no Brasil, os sujeitos enquadrados, pela faixa de renda, na chamada Nova Classe Média não se identificam enquanto tal, uma vez que uma das características apontadas como centrais para integrar a classe média brasileira, de seus pontos de vista, seria o “padrão de vida estável” seguido por casa própria, acesso a lazer e diversão, renda alta, acesso a educação particular e negócio próprio. Tais aspectos não se encaixam, segundo Salata, no padrão de vida do brasileiro mediano, mas sim no das elites do país, ou seja, daqueles estratos que, de acordo com sua renda, ocupam as chamadas classes A ou B.

Essa pesquisa está de acordo com a tese do autor, na medida em que as trajetórias de vida aqui apresentadas parecem pautadas por uma situação socioeconômica de instabilidades e inseguranças distante do padrão de vida instável, exposto pelos sujeitos como representante da Classe Média.

Muito embora discursos midiáticos, políticos e mesmo aqueles que compõem algumas agendas de pesquisa partam do pressuposto de que houve uma melhoria das condições de vida dos pobres, seus horizontes de aspiração parecem estar distantes de se consolidarem como de Classe Média. As mulheres dessa pesquisa ainda convivem com inseguranças acerca do futuro, acesso dificultado à educação superior e a trabalhos que garantam alta renda e autonomia.

A mídia digital surge como instrumento fundamental nesse contexto, uma vez que ela impulsiona discursos de consumo, principalmente para mulheres, e também possibilita criação de redes coletivas capazes de enfrentar as inseguranças do contexto na medida em que promovem enunciados de motivação ou mesmo abrem espaço para projetos profissionais desenvolvidos via internet. Além disso, esses sujeitos absorvem e contribuem para os discursos acerca do empreendedorismo produzido em rede.

No tocante aos horizontes aspiracionais atravessados por questões de classe social percebemos que neles ainda figura necessidades básicas como moradia, emprego, veículo próprio, acesso a educação, possibilidade de consumo e lazer e a conexão constante. A fala de Cássia, que abre este capítulo evidencia uma não identificação de si e de sua trajetória socioeconômica como integrando o status de nova classe-média. Para Cássia, ela continua sendo pobre e a possibilidade ainda distante de financiar o próprio imóvel aponta para isso.

Sonho como ter estabilidade profissional como veremos a seguir, se mesclam, nas aspirações de algumas mulheres da pesquisa e dos discursos relacionados a elas, com o anseio por constituir família e ter um relacionamento afetivo que culmine no casamento e na maternidade.

No próximo capítulo abordarei como isso surge no campo da pesquisa e de que maneira os afetos estão atravessados tanto pelas posições de classe social, quanto pelas dinâmicas de mercado. Buscarei apontar a centralidade da relação amorosa nas redes sociais entre mulheres que analisei e trago para o debate a forma como as redes masculinas lidam com esse tema, uma vez que essa dinâmica joga luz, de forma relacional, em minhas interlocutoras. Pretendo também expor o que aparece de novidade a respeito do anseio para esfera afetiva dessas mulheres, em oposição a sua família, principalmente no tocante a relações de gênero.

## 5 “SEMPRE QUIS TER MINHAS COISINHAS”: RELAÇÕES AMOROSAS E HORIZONTES ASPIRACIONAIS

“Queria sair de casa com meus 16 anos de idade, mas somente aos 25 reuni condições financeiras para tal e foi uma guerra cujo final foi "Filha minha só sai de casa casada"... foi um tormento. Meu marido queria casar e eu também, mas "um dia" e não “naquele dia”. Nosso relacionamento teve uma conturbação no início (nada grave) e eu com os meus problemas emocionais não me sentia preparada para lidar com tudo. Mas ou era casar ou viver sobre as regras de minha mãe, aturando o machismo do meu pai, mãe e irmão. Casei. Não me arrependo, mas foi terrível no início, pois não estava preparada...e este foi o momento em que eu entrei no *Bolsa de Mulher*... ironicamente meu casamento trouxe uma liberdade muito grande... somos casados, bem resolvidos, com um tremendo respeito mútuo e preservação do que julgamos ser ético e moral para nossas vidas... mas ele tem os momentos deles e eu os meus... nunca pensei que casando conseguiria exercer minha liberdade como mulher...” (Conversa com Cássia via *Facebook*)

P: mas um dia cê quer casar, ficar de boa?

R: acho que sim, penso nisso...ate porque tem que continuar a família ne?

P: tem?

R: tenho, morrer sozinho deve ser muito triste

P: Você pretende casar quando?

R: beeeeeem depois de eu formar e ter uma estabilidade financeira. (Conversa com Lucas via *Facebook*)

As falas apresentadas acima foram colhidas a partir de interações *online*, por meio de conversas via Facebook. Elas apontam, como aspecto fundamental desse trabalho e que compõe o que chamo de horizonte aspiracional, o imaginário que molda os anseios a respeito da composição de relações amorosas entre os sujeitos com os quais tive contato.

Ao longo da pesquisa observei, desde muito cedo, que uma marca das relações *online*, principalmente entre mulheres das classes populares brasileiras, consistia no compartilhamento de questões relativas a esfera dos relacionamentos amorosos. Tratava-se de uma socialidade pautada por uma reflexão em torno do que poderia impedir o namoro ou casamento de acontecer e, uma vez consolidado, daquilo que podia fazê-lo ter fim.

Nos fóruns do *Bolsa de Mulher* ou mesmo nos grupos criados, posteriormente, no *Facebook*, havia um conjunto de relatos a respeito de namorados ausentes, namorados que tinham filhos, práticas sexuais insatisfatórias, namorados agressivos, discussões e brigas ou mesmo sobre dificuldade de encontrar parceiros dispostos a encarar a vida a dois e também problemas acerca de como administrar as finanças no casamento.

Meus questionamentos sobre esse aspecto se pautaram, primeiramente, por entender essa dinâmica *online* entre mulheres, o que chamei, na dissertação de mestrado (Facioli,

2013), de práticas de ajuda-mútua. Posteriormente, quando percebi todas as facetas que envolvem as relações afetivas e os anseios por ter um relacionamento amoroso, pude compreender qual a relevância desse debate para uma pesquisa que se propõe a observar os horizontes aspiracionais e a importância da socialidade em rede para estas pessoas e para suas vidas íntimas.

As falas que abrem este capítulo e aquela que o nomeia – “Sempre quis ter minhas coisinhas”, ter minha casa, minha privacidade, poder chamar tudo de meu” – trazem algumas reflexões que desenvolverei a seguir. Primeiro, o fato de que a esfera do relacionamento afetivo, para algumas mulheres, surge não somente como uma submissão a dinâmicas tradicionais de gênero, mas como parte de um projeto maior de ascensão social e, por vezes de saída da casa dos pais.

Muito embora tal projeto não passe, necessariamente, por ideais que coloquem em xeque a instituição da família e do casamento e não vise a desconstrução de valores que, por vezes, as situam no espaço doméstico e do cuidado; ele surge pautado pela necessidade de independência, de saída da casa dos pais e por uma relação de propósito mais igualitário, frente ao que observam em suas dinâmicas familiares.

Além disso, ao longo da pesquisa, quando me propus a entrar em contato com rapazes que figuram neste mesmo perfil de classe, moradia, grau de estudos de minhas interlocutoras, percebi que a relação amorosa surge em seus horizontes, no entanto, em outros termos e ocupando um lugar secundário frente à possibilidade de ter estabilidade econômica e de trabalharem. Estes elementos, para eles, apareciam imiscuídos ao que chamavam de desenvolvimento pessoal. Mesmo nos espaços direcionados aos rapazes na faixa etária dos 20 aos 35 anos, o namoro e o casamento não são demandas urgentes e aparecem como projeto necessário e importante, no entanto, para o futuro, após a concretização da segurança financeira e da estabilidade.

Isto posto, neste momento do texto pretendo abordar como as relações afetivas aparecem no horizonte de aspirações dos sujeitos da pesquisa, para então, abordar a importância das mídias neste debate. Centrei-me nas relações observadas, principalmente, no *Bolsa de Mulher* e no QPT (Querer é poder, tente) e nos grupos criados entre usuárias e usuários dos sites. Também me pauto no que presenciei em interações e conversas com interlocutoras e interlocutores de pesquisa *on* e *off-line*.

“Eu sempre quis casar, ter meu espaço, minhas coisinhas, ter minha casa, minha privacidade, poder chamar tudo de meu”, apontou-me Lúcia no momento em que falávamos sobre os preparativos para seu casamento e sobre os anseios do futuro que seria dividido com

o, então, noivo. O casamento de Lúcia terminou e hoje em dia ela se relaciona com outra pessoa, no entanto, o desejo de se casar na Igreja e com uma grande festa ainda aparece como um dos objetivos centrais de sua vida, relato que expressou quando questionada sobre seus sonhos.

Suas vivências com a família evangélica e na Igreja, os impedimentos relativos às saídas à noite, a forma conservadora com que os pais tratavam e que envolviam, desde suas roupas até seus anseios de independência anteriores ao casamento, pareciam ser aspectos para os quais seria dada solução por meio do casamento, da casa própria, do compartilhamento da vida com um marido.

Sempre gostei muito de me arrumar e na Igreja que eu frequentava na época, eu não podia usar brinco. Eu sou muito vaidosa e quando comecei a usar, comecei a ser motivo de burburinhos, por causa dos brincos, das maquiagens, da roupa curta, de jogar bola. E como eu cantava na Igreja e era liderança, de certa forma estava causando escândalo [...] minha mãe criou a gente muito restrito, nem na casa dos vizinhos podíamos ir e quando eles iam em casa, tinham hora pra ir embora. E eu sempre fui muito curiosa, queria muito descobrir coisas novas, aprender sobre coisas que não conhecia, como usar batom, usar shorts, dançar, comer em uma pizzaria [...] Lá em casa eu sou meio que rebelde sem causa, fui a única que saiu da Igreja, que não sou praticamente; com meu primeiro salário comprei uma calça jeans e furei a orelha, minha mãe queria me matar. [...] quando eu comecei a sair, minha mãe me deu hora pra chegar e ameaçou me deixar pra fora caso não cumprisse o horário. Eu não acreditei e me atrasei, quando cheguei em casa o portão estava trancado com cadeado. Eu pedi pra vizinha e na manhã seguinte providenciei cópias das chaves. Ela trocou o cadeado, e quando fui trabalhar, levei comigo pra ela não poder trancar, ela comprou outro e eu pinguei uma gota de superbonder pra ela não conseguir fechar. Depois de muitos conflitos, ela desistiu de me trancar pra fora. (Conversa com Lucia via *Facebook*).

“Sempre quis casar” é uma fala que não situa o anseio pelo casamento em termos históricos, de modo que é como se o desejo pelo matrimônio fosse algo inerente ao sujeito. No entanto, retomando a trajetória de vida de Lúcia, em meio a criação evangélica exigente no tocante a constituição de família, bem como suas referências de família e relações, a historicidade do desejo emerge deixando explícito o fato de que estar solteira não é algo que poderia figurar no horizonte.

A fala em torno de ter o próprio espaço foi dita quando questionada sobre porque buscar o casamento. Os discursos do amor romântico, calcado na imagem fantasística de completude, aparece no contexto da pesquisa, substituído por objetivos mais pragmáticos



alinhados ao cotidiano, como conseguir se manter economicamente, compartilhar a vida a dois e sair da casa dos pais.

Os conflitos com os pais aparecem nas falas com recorrência, principalmente no final da adolescência e início da vida adulta. As cobranças por frequentar a igreja; por se vestir de maneira a não mostrar o corpo, não colocar *piercing* e não usar roupas justas; as demandas por chegar em casa cedo, foram, aos poucos, tornando a casa da família espaço de discordâncias entre os pais e a jovem. A falta de liberdade tanto em relação às suas chegadas e saídas e formas de se expressar corporalmente, quanto à pressão para que moldasse seu futuro com base nas crenças religiosas, fazem da saída de casa atitude fundamental para garantir um espaço de autonomia, reconhecido como espaço próprio.

Em suas falas, o trabalho e a formação educacional são expostos ambos também como marcadores de independência e de ascensão, e, em termos discursivos, emergem como elementos que marcam a experiência com centralidade similar àquela conferida à união afetiva. Quando perguntei sobre seus sonhos, a jovem disse: “casar, ser mãe e ser independente financeiramente”. Lúcia, até o término da pesquisa de mestrado, tinha se formado em direito em uma faculdade particular por meio do FIES, programa de financiamento estudantil promovido pelo governo Federal, que permitia à estudante pagar o curso depois de concluído. No entanto, ela atuava como vendedora de veículos em uma concessionária. Mais recentemente, retomando nossas conversas com mais frequência, soube que Lúcia se mudou para Palmas, com objetivo de morar com o ex-noivo e construir a vida em uma cidade maior. No entanto, por conta de uma situação de violência, ela não quis prosseguir com o namoro de seis anos e, em uma das nossas últimas conversas, soube que ela havia optado por morar sozinha.

Segundo Lúcia, dois dias depois que passaram a morar juntos, o casal havia saído para comer em um lugar mais caro, já que essa era a data do pagamento. Ela se propôs a pagar a conta e ele iniciou uma briga que só terminou no apartamento dele, culminando em uma agressão física que enredou a saída dela da casa. A jovem se mantém em Palmas, onde trabalha em uma empresa frigorífica, espaço no qual conheceu o novo namorado, proprietário do lugar, de origem familiar, segundo os termos dela, “tradicional e rica, ligada a certos *status*”.

Quando a questioneei pela primeira vez em nossas conversas, há três anos, sobre os anseios do casamento, Lúcia me relatou a oportunidade de ter sua própria casa, no entanto, sem deixar de se dedicar aos estudos e ao trabalho. Posteriormente, vi em seu Facebook, que ela realizou um MBA sobre Gestão Estratégica e de Negócios e que mantém sua página de

*coaching*. Muito embora o anseio por constituir família seja uma constante em seu cotidiano, a ponto de, como aponta o trecho abaixo, se dedicar a atividades que remetem ao casamento, a jovem hoje vive sozinha e se mantém com os frutos do trabalho próprio::

Sei cozinhar muito bem, coleciono receitas desde os 13 anos, sei costurar, bordar. Enfim, sei fazer bastante coisa que se liga a uma família [...] o que mais agrada na ideia de casar é ter minha casa, minhas coisas, minha privacidade, um canto pra poder chamar de meu e, claro, também dividir com a pessoa que eu amo. Mas lógico não faço só isso, sou formada em direito e trabalho desde muito cedo. De certa forma, consegui emprego por causa de minha formação e não pretendo parar de trabalhar. (Conversa com Lucia via *Facebook*).

A afirmação sobre o casamento como esfera de oportunidade para realizar sonhos, estudar, construir-se enquanto sujeito que teve sucesso ao deixar a casa dos pais e o destino sem promessas do contexto natal de infância e de adolescência aparece também nas falas das outras representantes do universo da pesquisa.

A experiência de Helena está marcada por esse movimento de busca por melhores condições de vida que envolve fluxos migratórios, tentativas de se consolidar em um ambiente mais propício ao processo de ascensão. Esse processo é pavimentado tanto por meio da educação ou do trabalho, quanto pela possibilidade de uma relação afetiva como elemento importante no processo de auxílio para dividir as contas e conseguir manter-se.

Os relatos de Helena envolvem os detalhes sobre a relação de exploração mantida pela tia no Acre, com quem foi morar após sair do interior do Amazonas, até conhecer o atual companheiro. Seu marido trabalha como prestador de serviços na área da construção civil e pode sustentar a casa, enquanto Helena estuda. Os estudos sempre apareceram em sua narrativa de si como aquilo que poderia impulsioná-la para uma vida melhor. Por meio da união, ela conseguiu direcionar de outra forma sua vida incluindo a faculdade e a pós-graduação de forma sistemática e dedicada. A concretização desses desejos eram impedidos vivendo no seu local de nascimento.

P: E como foi viver com sua tia, em uma cidade maior?

R: Não foi fácil, não. As vezes os parentes não são o que imaginamos. Ela [a tia] era muito difícil, além de não compreender minha vontade de estudar. Eu morava com ela e trabalhava, tanto na casa dela, quanto na loja. Eu não sei se você já viveu no sítio e sabe como é, mas sempre tem um parente bacana que quer te levar pra viver melhor, aí cheguei aqui e era isso. Eu fiquei com ela dois anos, aí eu conheci meu marido. Namoramos, casamos e tudo mudou.

P: o que mudou?

R: Agora eu posso me dedicar aos estudos. Terminei o ensino médio num programa especial pra pessoas mais velhas e fui fazer faculdade. [...] meu marido é muito compreensivo, ele só tem ensino fundamental, mas assim como eu, ele sabe a importância dos estudos e me apoia, também porque ele vive no meio de gente que estuda, por conta do trabalho dele, né? (Conversa com Helena via *Facebook*).

O casamento, em grande parte das falas, e, anterior a ele, o namoro, surgem ambos como um meio para tocar a própria vida em um contexto onde dividir as contas, mesmo entre duas pessoas que recebem um salário baixo, é mais vantajoso do que viver só e do que manter-se em um contexto tradicional sob domínio da família. Sua vida na cidade dos pais era marcada por um cotidiano rural que, segundo ela, não permitiria o acesso aos estudos, somente ao trabalho no campo.

O estabelecimento da relação amorosa se associa a um projeto de individualização e independência pessoal feminina em relação à família e aos pais, e o discurso em torno do namoro está, frequentemente, atravessado por esta perspectiva. Isso também foi o que avaliou Mara, em uma de nossas conversas, enquanto lanchávamos em um restaurante próximo de sua casa, em Paciência, Zona Oeste do Rio de Janeiro: “o ex-namorado só enrolou ela, ele não quis casar, nem nada, compraram tudo pra casa, mas tiveram que vender”.

Mara me apresentou à amiga naquela noite. Michele, uma jovem de 27 anos, educadora física, negra. Ela que havia colocado fim ao noivado após cinco anos de relação. Nos termos de Mara, a relação amorosa nunca aparece como aquilo que deve ser aproveitado e compartilhado no momento, ela surge como algo que deve culminar no objetivo futuro, o casamento e a conquista do espaço próprio, dividido com o parceiro; caso contrário, trata-se de um relacionamento fracassado, de “enrolações”, em meio ao qual a maior prejudicada é a mulher.

Os posts de Mara no grupo criado com usuárias do *Bolsa* no *Facebook*, a respeito de suas próprias relações afetivas sempre caminharam acompanhados da ideia de casamento como aquilo que garante o sucesso da relação. Certo momento, ao anunciar o término com o ex-namorado que, segundo ela, a havia traído e mentido sobre o acontecimento, e, ao falar sobre um novo pretendente chamado por ela de “anjo”, a jovem cobrou das amigas do *Bolsa* a presença no casamento:

Amigas to tristinha sem *Whatsapp*, meu telefone ta ruim, estou com saudades de vocês, mas grata graças aos conselhos de vocês terminei com o prego e agora surgiu em minha vida um anjo, um anjo de verdade, vamos ver cenas dos próximos capítulos... Amo todas! [...] Nos conhecemos numa festinha de amigos em comum e trocamos telefone, mas como eu estava

muito decepcionada ainda com meu antigo romance não dei muita confiança ai ele foi me ligando, querendo marcar pra gente sair e eu enrolando, até que um dia dei uma oportunidade. Tem mais ou menos uma semana que somos só grude, o rapaz ta falando em casar, mas ta cedo ainda to conhecendo [...] e se tudo der certo sabe que vocês todas serão minhas madrinhas, portanto vão juntando as moedinhas. (Postagem no grupo *Bolsa de Mulher* do *Facebook*).

Percebi nas interações *online* no *Bolsa de Mulher* uma constante exposição sobre novidades na esfera amorosa, seja a respeito de um namorado novo, de um noivado, casamento em vista ou mesmo envolvendo discussões e rompimentos. Apesar da distância geográfica entre grande parte das usuárias, os pedidos de conselhos e o compartilhamento da intimidade eram intensos. Havia também uma torcida acerca do início de um relacionamento.

“Nossa, Flor! Espero que essa novela tenha um final feliz que você tanto merece! [...] Desejo toda a felicidade do mundo e que esse anjo faça jus ao seu papel, senão será sentenciado a perder uma mulher incrível como você.”  
 “Aproveita mais essa oportunidade. Vc merece!!”  
 “Essa capacidade de reconstrução e de não desacreditar no amor é tão fantástico! Se dar uma nova chance sem ficar amargurada...Virar a página e seguir em frente.” (Resposta a postagem de Mara no *Facebook*).

Existe também uma marca geracional percebida na dinâmica das relações vivenciadas no site do *Bolsa de Mulher*, ou seja, as mais jovens (na faixa dos 20 aos 35 anos) partilham um conflito específico, pautado pela busca de um relacionamento amoroso mais igualitário, dialógico e livre de situações de violência; em relação às mulheres mais velhas (na faixa dos 40 aos 50 anos), é feito um uso da plataforma como forma de busca por concertar os problemas enfrentados na relação. Entre as jovens, a relação tem que culminar nesse objetivo, da individuação e da manutenção do espaço próprio caso contrário pode – e talvez deva – terminar.

Dentre as mulheres mais velhas com as quais tive contato neste campo, em sua maioria casadas, é comum a busca pela rede como espaço de queixas em relação ao comportamento dos maridos, até mesmo no que toca à estupidez deles e humilhações às quais estão submetidas, sem, no entanto, cogitar a separação. Para a geração anterior, as reclamações sobre as condutas dos parceiros aparecem, com frequência, articuladas ao desejo de “dar a volta por cima”, tanto para aquelas que dependem do parceiro financeiramente, quanto para as que possuíam uma carreira profissional antes da maternidade e da dedicação integral ao lar e à família. Dentre as falas colhidas entre mulheres com quarenta e cinquenta

anos, o discurso frequente é o da manutenção da relação pautada na tentativa de colocar fim ao conflito.

É comum nas falas das mulheres na faixa entre os 40 e 50 anos o relato de conflitos com o marido que culminaram até mesmo em violência física. Certa vez uma interlocutora, na faixa dos 50 anos, fez uma postagem grupo do Facebook sobre o embate físico com o marido. As falas de amparo em retorno à sua postagem apontavam, com poucas exceções, para o estímulo à reconciliação:

:

“seja inteligente e preserve sua casa. Tenha calma, pede seu marido pra dar uma volta”.

“Enfrente as mudanças com muita sabedoria, se seu esposo nunca havia tido essa atitude com você, procure dialogar com ele, porque as vezes nós mulheres também erramos, ele deve estar nervoso por algum motivo”.<sup>67</sup>

As mulheres mais jovens, na faixa dos 20 e 30 anos, percebem essas atitudes as reconhecendo de maneira crítica. Mais afeitas aos repertórios feministas, para elas, essas são relações que as alocam em uma posição de subalternidade, associados ao cuidado e à família, que passam a ser consideradas como machistas. Apesar disso, por outro lado, seus horizontes de aspiração aparecem compostos por um projeto de independência e de saída da casa dos pais que ainda é vinculado ao parceiro, não como arrimo de família ou como base emocional da relação, mas como alguém que pode contribuir com o orçamento doméstico, arcar com parte das contas e compartilhar, dentre outras coisas, de pontos de vista, opiniões, sensações e sentimentos.

Uma grande parte das mulheres jovens que acompanhei estão marcadas pelo orgulho expresso ao afirmar como construíram relações atravessadas pelo diálogo e respeito, mesmo que não sejam relações isentas de conflito. Já dentre as mais velhas, o conflito está o tempo todo sob suspeita de ser algo ruim, que deve ser evitado, sanado, visando à manutenção da relação, principalmente quando se trata de uma relação duradoura e com filhos ainda em idade de formação.

“Acho que um bom relacionamento depende do comprometimento dos dois. E casa nenhuma se edifica sozinha não, a menos que a mulher viva sozinha, porque em casamento isso não rola, tem de vir de ambas as partes”. Foi o que postou Cássia, de 29 anos, em um debate no grupo do *Whatsapp*, no qual falavam sobre manuais de conduta feminina nos

---

<sup>67</sup> Tais falas foram ditas por usuárias do *Bolsa*, as quais não acessamos suas histórias de vida. Neste caso elas servem para ilustrar os discursos conciliatórios.

relacionamentos, os quais sempre apontam os passos que as mulheres deveriam seguir para manter a relação feliz e interessante no aspecto sexual.

Cássia casou-se para sair da casa dos pais e há pouco tempo deixou o emprego no mundo corporativo de São Paulo, capital, onde trabalhou por dez anos, para vender Mary Kay, uma linha de cosméticos e perfumes. Segundo Cássia, que teve fortes crises depressivas, este emprego lhe trouxe a tranquilidade que queria somada a uma atuação que considera ser feminista no trato com suas clientes, qual seja, de apontar a maquiagem como algo que pode servir, para além das questões estéticas, como forma de poder e de autonomia sobre o corpo e sobre sua autoestima.

Apesar das escolhas de Cássia parecerem relacionadas também às exigências de dedicação ao casamento e não só com uma postura de não tolerar relações de desigualdade do mundo corporativo. Ela é uma das jovens que, embora aponte a relação com o marido como aquilo que possibilitou independência, compreende a mesma relação como um processo de diálogo e de confiança: “Eu sou radical. Se acabou a confiança, acabou o relacionamento. Seja amizade, familiar ou amoroso. Por isso é fundamental conversar. Eu e meu marido tentamos conversar sobre tudo”.

Cássia também é uma das jovens da geração mais nova do *Bolsa* que reconhece, por meio de novos repertórios, atitudes consideradas machistas. Também faz parte do seu repertório de “libertação” não querer ter filhos, o que a levou a compor um grupo no Facebook sobre o assunto, chamado “Não quero ter filhos”. Certo dia, em uma postagem sobre o assunto, ela relatou: “sou uma legítima ChildFree... Fora a minha personalidade que me faz ter uma falta de vontade de arcar com tal responsabilidade... já cogito, inclusive métodos contraceptivos permanentes”.

Tal atitude, que pode ser classificada como radical por outras interlocutoras de pesquisa, principalmente pelas mais velhas, aparece como algo do qual não se deve abrir mão entre um grupo considerável de jovens usuárias do *Bolsa de Mulher*. A ponderação é central entre gerações de mulheres que são casadas há muitos anos e frases como “acalme-se”, “entenda seu marido”, “mantenha seu casamento” surgem com mais frequência na socialidade delas e mesmo entre as mais jovens que direcionam seus conselhos a estas mulheres. A própria relação com a maternidade parece distinta, na medida em que é comum mulheres que estão no site e que relatam terem aberto mão de suas carreiras, mesmo que temporariamente, para cuidar dos filhos recém nascidos.

Tais aspectos são relevantes para compreendermos as formas de uso das mídias entre diferentes faixas etárias de mulheres. A centralidade da relação afetiva na socialidade *online*

está colocada para ambas às gerações, no entanto, traços de mudança histórica apontam para diferentes usos de acordo com as idades dos sujeitos e com o acesso a discursos que problematizam a submissão feminina, a violência e mesmo a família como espaço sagrado, que deve ser mantido apesar dos custos subjetivos.

Entre as mulheres mais velhas, emerge o dilema ligado à manutenção de uma relação sem término possível. Nota-se uma busca por mensagens de motivação direcionada à adequação da relação e à compreensão do parceiro, mesmo quando envolve situações de violência física. Já para as jovens, que parecem viver em um contexto onde os repertórios feministas circulam de forma mais efetiva no cotidiano, as violências, desigualdade no interior do casamento e da casa são vistas como menos toleráveis, ou até inadmissíveis.

Elas compreendem a relação de forma reflexiva e em construção, onde o término, ainda que acarrete desgaste, não figura como horizonte impossível de ser realizado caso algo fuja do esperado, principalmente se as situações culminarem em arranjos dominados por machismo ou pela submissão feminina. São comuns reclamações relativas à falta de espaço, a relacionamentos que sufocam e que não respeitam limites. Igualmente, elogios são tecidos no sentido de apontar como positiva a não interferência nos espaços um do outro e a manutenção da própria autonomia:

“meu marido respeita muito meu espaço [...] eu achava que casamento era prisão, pois era o que eu via em casa, mas o meu não tem sido assim” (Cássia, 29 anos, em um casamento heterossexual);

“Eu tinha coceiras de casamento. Achava ridículo o fato de crescer para me preparar pra alguém. Acho que devemos crescer pra prepararmos a nós mesmos. Os outros são os outros. Mas com minha namorada eu penso em coisas que eu nunca quis, como por exemplo, ter filhos!” (Joyce, 19 anos, solteira, mas namora uma garota há poucos meses);

“casamento pra mim é parceria, incentivo, auxílio mútuo; se não for assim é melhor não se casar” (Patrícia, 29 anos, casada com um rapaz da sua idade)

As frases apontam para momentos de conversas que tive com minhas interlocutoras a respeito da temática do casamento. Dialoguei tanto com as que se relacionam com homens, como o caso de Cássia, história de vida já apresentada previamente com um propósito pautado pela heterossexualidade; quanto no caso de Joyce, jovem moradora de Mesquita na Baixada Fluminense, que começou a se relacionar com mulheres recentemente.

Joyce é a mais nova de minhas interlocutoras, tem 19 anos e é de uma família com um histórico de escassos recursos financeiros, embora sua mãe tenha curso superior de

administração e o pai seja chefe de segurança em uma empresa. Seus relatos afirmam que o estudo desejado pelo pai, que por conta do trabalho não conseguiu cursar História em uma Universidade, fez com que ele a apoiasse bastante nos estudos. A jovem, atualmente, cursa pedagogia em uma faculdade particular, que é paga pela família e dá aulas de português para conseguir algum dinheiro a mais.

O apoio nos estudos e no trabalho, por parte da família, não se estende para outras esferas, como a afetiva e dos relacionamentos; Joyce me contou que não expôs nada sobre sua sexualidade a família, pois os pais esperam dela uma vida direcionada ao casamento heterossexual: “para os meus pais eu devo ser hétero, crentona, ter filhos e viver pro meu marido...risos”. De família evangélica, Joyce acabou deixando a Igreja por se relacionar com mulheres e sofrer preconceito, apesar de frequentar de vez em quando o espaço por conta das demandas da mãe:

Quando comecei a andar sem minha mãe, minhas visões de mundo mudaram bastante, aí eu fiz coisas que na Igreja é proibido, é pecado [...] Sempre tive curiosidade sobre ficar com mulheres. Isso era em 2011. Conheci uma menina por quem tive uma paixão platônica por conta de uma foto no *Facebook*. Acabei a adicionando e viramos amigas. Nunca fiquei com ela pois a mesma tinha namorada, mas ela me levou pra uma social num dia e acabei ficando com uma menina. Achei aquilo tão normal... Não sei, foi só fechar os olhos e nada mais era diferente. Daí, fui me descobrindo. E me apaixonei por uma menina depois de um tempo. Então percebi que realmente gostava dos dois gêneros. Hoje é o motivo pra eu não voltar pra Igreja. (Conversa com Joyce via *Facebook*).

O relacionamento amoroso com outras mulheres, para Joyce, aparece como sinônimo de possibilidades e não de impedimentos. A relação amorosa heterossexual, principalmente a que culmina no casamento, surge nos discursos sobre suas sensações e anseios, como aprisionamento, uma vez que pressupõe, por parte de um possível marido, atitudes pautadas por relação de desigualdades as quais ela atribui à dinâmica social. Ao questioná-la sobre suas afinidades com o feminismo, as quais fui notando ao longo da conversa e que me despertaram curiosidade por conta de sua idade e de seu contexto de vivências e experiências, sua resposta foi:

A sociedade impõe muita coisa desnecessária pra mulher! Não tem nada a ver com a minha opção sexual. Sei separar bem as coisas. Mas sofro com mulheres também que não gostam da posição feminista. O problema não é o sexo da pessoa. É a mentalidade mesmo. Isso me incomoda. (Conversa com Joyce via *Facebook*).



Anthony Giddens (1990), muito embora aborde um contexto social específico, de sujeitos europeus e de classe média alta, nos ajuda a pensar sobre os anseios de relações afetivas que aparecem no horizonte de aspiração de minhas interlocutoras. Giddens chama de amor confluyente, estes desejos por relações mais igualitárias, que escapam dos ideais de amor romântico.

O amor confluyente presume igualdade na doação e no recebimento emocionais, e quanto mais for assim, qualquer laço amoroso aproxima-se muito mais do protótipo do relacionamento puro. Neste momento, o amor só se desenvolve até o ponto em que se desenvolve a intimidade, até o ponto em que cada parceiro está preparado para manifestar preocupações e necessidades em relação ao outro [...] O que mantém o relacionamento puro é a aceitação, por parte de casa um dos parceiros, “até segunda ordem”, de que cada um obtenha da relação benefício suficiente que justifique a continuidade. (GIDDENS, 1993, p. 73 – 74)

O ideal de amor romântico colocou, ao longo da história, as mulheres em uma severa sujeição doméstica e perdeu espaço com a consolidação das demandas dos movimentos feministas que problematizaram a esfera da intimidade e da família. O amor confluyente de Giddens seria resultado de um aumento de processos de democratização que se estendem para a esfera da intimidade gerando relações pautadas pelo anseio de igualdade, diálogo e resolução de conflitos.

Muito embora no contexto analisado por esta pesquisa ainda exista uma relativa distância entre ideais de uma relação afetiva mais igualitária e uma prática onde isso de fato ocorra, é evidente que o campo se mostrou aberto a um debate que se dispõe a problematizar a relação amorosa e as dinâmicas de gênero. O dilema entre garantir independência e, ao mesmo tempo, se dispôr à vida a dois é algo frequente que surge na dinâmica *online*.

O contexto recente de melhoria das condições de vida, o acesso das mulheres ao mercado de trabalho e, no caso das jovens da pesquisa, a empregos que se distanciam dos trabalhos manuais e domésticos e que podem garantir o próprio sustento, somados ao acesso a ideias mais igualitárias na esfera das relações afetivas fazem da internet espaço intenso de diálogos e de formação de redes que carregam para a esfera dos relacionamentos amorosos o conflito.

Outra forma de uso mídias digitais que está atravessada por questões de gênero e por um projeto de masculinidade específico, em meio ao público que tem acessado a rede recentemente, é a que diz respeito a um recorte que inclui os rapazes das classes baixas. Os homens são os mais presentes na rede da internet, desde seu início, e tal tendência ainda se

mantém preponderante até os dias de hoje, muito embora o número que mais cresce de acesso é de mulheres, principalmente no Brasil, onde a tendência é que haja uma equiparação dos percentuais nas próximas décadas. Segundo estudo da União Internacional de Telecomunicações – órgão da ONU – realizado em 2013, no mundo todo o número de homens na rede é maior que o de mulheres. Tal dado ainda é mais visível em países em desenvolvimento que apresentam um percentual de média de 16% menos mulheres conectadas<sup>68</sup>.

Pesquisas sobre o uso da rede por homens de outros países do globo apontam como eles acessam a internet de forma diferente daquelas das mulheres. Estudo canadense mostra como os homens acessam, em sua grande maioria e quase totalidade, sites de pornografia na rede, forma de uso que não encontra correspondente significativo entre as mulheres. Esta pesquisa, muito embora não tenha como característica tal alcance quantitativo, podemos abordar algumas formas por meio das quais os rapazes jovens das classes populares parecem usar a rede no Brasil.

Para, então, compreender a circulação das masculinidades em rede, observei grupos de rapazes que, embora tenham características parecidas no que toca à idade, moradia, escolaridade, classe, apontam para usos diversificados das mídias digitais. Seguindo a forma como delimito o campo no caso das mulheres, optei por selecionar rapazes que compõem sites direcionados a discutir relações amorosas; também recorri a grupos *online* do espaço da Baixada e da Zona Oeste do Rio de Janeiro.

O QPT (Querer é poder, tente!), como foi dito anteriormente, surgiu em 2009 e encerrou suas atividades no ano de 2014, no mês de maio. A partir deste site surgiram outros sites e blogs, todos do mesmo editor. São eles: i) Homens de Verdade; ii) Tudo para Homens; iii) Cérebro Masculino; iv) Morando Juntos; v) Macho em Série<sup>69</sup>. O espaço foi criado com o objetivo de direcionar os homens jovens a não se tornarem dois tipos de homens no contato com as mulheres: os cafajestes ou os “amigos gays”, dois estereótipos de personalidade opostos que, segundo o site, os homens deveriam lutar para evitar.

Os cafajestes seriam aqueles intencionados somente em sexo, caracterizados pelo perfil do mentiroso que busca vantagens sexuais nas relações diversas; os “amigos gays” são homens dos quais as mulheres gostam, justamente por possuírem características diferentes das

<sup>68</sup> ONU BR. Homens têm mais acesso à Internet que mulheres, revela estudo da ONU. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/homens-tem-mais-acesso-a-internet-que-mulheres-revela-estudo-da-onu/>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

<sup>69</sup> Sites respectivamente disponibilizados i) <<http://homemdeverdade.com>>, ii) <<http://tudoparahomens.com.br/>>, iii) <<http://cerebromasculino.com/>>, iv) <<http://morandojuntos.com.br/>>. tá faltando coisas. Confira. Acessados em: 10 jan. 2017.

do cafajeste: eles seriam amigos, solícitos e amáveis, aspectos que, segundo os editores do espaço, colocariam os homens na *friendzone*, ou zona da amizade, espaço ocupado por aqueles os quais as mulheres não se interessariam para namoro ou sexo e sim somente para relações de amizade, tidas como não vantajosas para o público masculino.

Dessa forma, o objetivo do site seria promover este equilíbrio, garantindo a ficada e a “pegação” ou o namoro, sem incorrer no erro de se constituir enquanto cafajeste, categoria em baixa atualmente entre as mulheres que buscariam homens mais sensíveis, e, por outro lado, não pendendo para a disponibilidade completa de sentimentos e para a amizade típica dos que seriam, em seus termos, os “losers”.

O QPT é constituído por um editor e quatro colaboradores que escrevem textos frequentes para o site. Suas áreas de formação variam entre administração, economia e direito, em Universidades Privadas ou públicas. Dentre eles, entrevistei em profundidade Lucas, jovem mineiro de 23 anos, estudante de direito em uma faculdade privada e funcionário dos correios. Quando realizei sua entrevista, ele ainda não era colaborador do site e, nos seus próprios termos, somente um usuário que “ajudava”, eventualmente, postando resenhas sobre filmes diversos.

Ainda sobre o site, ele está dividido em seis partes: Estilo de vida, Premium, Universidade QPT, Fraternidade QPT, Sobre e Contato. Em estilo de vida existem seis tópicos de assuntos sobre os quais as postagens são escritas, são eles: i) comportamento, ii) relacionamento, iii) imagem, iv) entretenimento, v) carreira e vi) negócios e mulheres. A parte Premium só pode ser acessada por assinantes ao custo de R\$25,00 por mês. A parte reservada é composta por fóruns de debate, vídeos de instrução de conquistas, posts e podcasts exclusivos.

Universidade QPT é a parte do site composta por cursos sobre “como ter as mulheres que desejar”, “como deixar as mulheres loucas na cama” e, por fim, sobre “*coaching* em grupo” que visa, principalmente, melhorar a autoestima dos rapazes. O espaço destinado a fraternidade QPT diz respeito à rede social, a qual os assinantes podem usar para falar de assuntos diversos. Este espaço é fechado e exclusivo para homens que sejam assinantes. No site consta duas falas de usuários que aderiram a fraternidade e que chamam a atenção para os benefícios do site em suas vidas:

Conhecer o QPT foi uma das melhores coisas que me aconteceram nesse 2013. Mais do que na pegação, ler e participar do blog tem me dado forças para me superar cada vez mais em todas as áreas da minha vida. Os cursos que fiz foram sensacionais. Abriram meus olhos para realidades simples da

vida, mas que fazem toda a diferença ao serem percebidas. E essa fraternidade vai ser ainda melhor, pois, além de contar com nosso próprio potencial, teremos ajuda de todos para tudo! Pessoas com o mesmo objetivo de evolução se ajudando e se apoiando nessa árdua caminhada da vida. (Fala colhida no site QPT).

"Conheço o QPT há mais de um ano e desde então tenho crescido muito em vários aspectos da minha vida, pessoal, profissional, amoroso. Cheguei a fazer o curso e também aprendi bastante. Agora tenho orgulho de fazer parte dessa equipe que transforma meninos em homens" (Fala colhida no site QPT)<sup>70</sup>.

As falas apontam que o site proporcionou a estes usuários um suporte não só para a pegação, ou seja, para a possibilidade de ficar com muitas mulheres, mas para questões cotidianas e para um suposto processo de amadurecimento e de desenvolvimento pessoal evidente no termo “evolução”.

Um dos resultados desse processo “evolutivo” seria o maior sucesso na relação amorosa e na busca por “ficadas” na balada, mas o grande ganho, de acordo com falas colhidas em campo, é o próprio aprimoramento de si. Esta é uma diferença importante entre os sites direcionados às mulheres e aqueles com sociabilidade masculina no debate das relações amorosas ou de busca por parceiros. Apesar do romance, das “ficadas”, dos namoros serem centro da sociabilidade em todos esses espaços, aqueles voltados às mulheres tem a relação como foco e os discursos de auto-aprimoramento são menos evidentes ou, quando ganham proeminência, são focados na imagem da “mulher maravilha” ou “poderosa”, enquanto aquela capaz de dar conta de todas as esferas da vida e das relações com os outros, sendo a relação com o “eu” algo menos importante.

Os sites e dinâmicas masculinas como as do QPT apontam para o foco no homem enquanto sujeito-em-elaboração, em constante aperfeiçoamento, no que ele vai ser para se constituir enquanto um “homem de verdade”. Nesse caso, a mulher, a parceira, a namorada ou mesmo “a presa” figura enquanto um ornamento da relação consigo próprio, uma consequência alcançada depois de um árduo foco em si mesmo e, principalmente, em suas fraquezas e na superação delas.

Outro aspecto relevante na análise das relações entre homens heterossexuais é o fato de que a maioria dos sites direcionados ao debate das relações afetivas entre esse público é permeada por fóruns que são fechados tanto para a entrada de mulheres, quanto para aquelas pessoas que não querem aderir a assinaturas. Já em sites como o *Bolsa de Mulher*, basta criar

---

<sup>70</sup> O site do QPT saiu do ar no momento de escrita da tese, portanto não consta link para consulta de falas colhidas no antigo site.

um perfil para ter acesso a todo o conteúdo discutido nos fóruns. Tal fato evidencia a diferença da relação estabelecida, entre homens e mulheres, com a intimidade e o segredo. Dito de outro modo, elas parecem estar autorizadas a falar de suas emoções de forma mais aberta e pública, enquanto eles se esforçam para manter em sigilo suas vidas amorosas e suas fraquezas, que só podem ser debatidas ao abrigo do olhar público, em um espaço privado. A relação entre homens, no caso do QPT, nos remete às confrarias masculinas e às irmandades, diferente da forma de socialidade e de constituição de amizades formadas por mulheres, cujas vidas estão sempre expostas e passíveis de julgamento, de acesso e do escrutínio do olhar público.

A percepção do segredo entre homens, como algo que não deve ser corrompido, principalmente se for por uma mulher, parece bastante presente em relações como as observadas. Como aponta Michael Kimmel (2008), em seu estudo sobre masculinidades jovens nos EUA, a relação dos jovens homens com outros homens, é fundamental para elaboração de seus projetos de masculinidade<sup>71</sup>, mais do que para impressionar as mulheres. Tal reflexão nos permite pensar o contexto desta pesquisa, principalmente quando observamos as influências norte-americanas em espaços de sociabilidade jovem masculina no Brasil:

Os rapazes ouvem as vozes dos homens em sua vida – pais, treinadores, irmãos, avós, tios, sacerdotes, para informar suas ideias de masculinidade. Uma das coisas mais surpreendentes que encontrei quando pesquisei a história da ideia de masculinidade na América para um livro anterior foi que os homens subscrevem estes ideais não porque querem impressionar as mulheres, muito menos qualquer unidade interna ou desejo de testar a si mesmos contra alguma norma abstrata. Eles fazem isso, pois querem ser avaliados positivamente por outro homem. O homem americano quer ser um “homem entre homens”, um querido Arnold Schwarzenegger homem dos homens, não o homem das mulheres. Masculinidade é, em grande parte, uma experiência homosocial: performada e julgada por outro homem. (KIMMEL, 2008, p. 47)

Alguns projetos de masculinidades estão atravessados por resquícios daquilo que podemos nomear como misoginia, ou aversão às características julgadas como parte de um universo feminino. Como Kimmel aponta no trecho acima, os jovens querem ser avaliados por outros homens e não pelas mulheres. Dito de modo mais direto: a masculinidade é algo que os homens constroem com os outros homens e para os outros homens. Mais do que isso, é comum nas socialidades aqui analisadas, a busca pelo reforço de uma masculinidade rígida,

---

<sup>71</sup> Para maiores aprofundamentos ver Connel (2005).

que não pode se aproximar do polo feminino da sensibilidade e da fragilidade, sob pena de poder ser taxado como “mulherzinha”, “viadinho”, adjetivos mais recorrentes nestes sites, quando se quer colocar a pessoa a quem ele é direcionado em uma posição inferiorizada. Tais termos, além de apontarem para uma oposição ao que pode ser o feminino, reforça, conjuntamente, a heterossexualidade, na medida em que a relação entre homens não pode ser afetada por desejos e atrações entre eles.

Uma comunidade como o QPT, baseada que está na heterossexualidade como modelo de relação possível, considera a relação romântica entre dois homens inaceitável, dessa forma, eles precisam, o tempo todo, se certificarem de procurar justificativas plausíveis para os laços estreitos que possuem. Nesse caso, por meio da “fraternidade”, ou seja, da relação que julgam estabelecerem entre si enquanto quase-irmãos, enquanto apoiadores mútuos das evoluções individuais:

Já imaginou um grupo de homens que se reúne para evoluir? No qual cada membro ajuda o próximo no que é melhor e é ajudado nas suas dificuldades. Que aborda todos os aspectos da vida de um verdadeiro alfa como: liderança, autoconfiança, aparência, mentalidade, relacionamentos, amizade, trabalho, estudo, inteligência, cultura, mulheres, sexo, popularidade, autocontrole, esportes, humor, comportamento...E que todos torcem (e ajudam) pela sua vitória, como irmãos? O QPT já! (Fala colhida no site QPT).

Ao que parece, a socialidade entre homens heterossexuais está pautada, mesmo que nas entrelinhas, por uma relação de poder estabelecida com as mulheres e que se afasta da homossexualidade. Segundo Sedgwick, em sua análise sobre os padrões de socialidade entre homens, por meio dos romances ingleses do meio do século XVIII ao meio do século XIX, essas relações só podem ser inteligíveis se compreendidos os padrões que as organizam por meio de arranjos de gênero. A homosocialidade “é aplicada para aquelas atividades marcadas por camaradagem masculina, que podem, como em nossa sociedade, ser caracterizadas por intensa homofobia, medo e ódio da homossexualidade” (SEDGWICK, 1985, p. 01). A autora recupera a discussão de Gayle Rubin, segundo a qual a heterossexualidade compulsória se constrói dentro dos sistemas de dominação masculina. O termo “mulherzinha”, usado com frequência em debates do site acusa e atribui estereótipo tanto aos sujeitos que apresentaria, supostamente, traços de homossexualidade, quanto adjetivam negativamente aquilo que é feminino.

Lucas, usuário do QPT há dois anos me disse em conversa, quando o questionei sobre se ele era, de fato, um homem alfa, e se o que o site mostrava era útil para promover sucesso nas relações amorosas:

Me diga você, Você preferiria casar com um cara que fosse:

a) normal b) inteligente, honesto, que se cuida, sabe lidar com mulheres, é ou tem tendência ao sucesso profissional etc. Sendo que nisso tudo, ele é bem superior e mais destacado que a maioria dos homens? Você transaria na primeira noite com um cara que tivesse todas essas qualidades e te passasse segurança ou com um normal que fraqueja diante de situações que ele deveria tomar a frente? (Conversa com Lucas via *Facebook*).

Enquanto eu pensava em como não responder sua pergunta, já que nenhuma dessas opções me parecia razoável em uma relação afetiva, e, por outro lado em como tornar a conversa fluída frente ao constrangimento que me causou, Lucas me apontava o que seria o macho alfa:

P: Você poderia me explicar o que seria o macho alfa?

R: Tem que avaliar o ponto de vista biológico pra se dizer o que seria um alfa. Na natureza, o que é o macho alfa? É o líder do bando. O cara que come geral. Bate em geral. É o mais forte. O mais pica da galáxia. O que da a vida pelo bando etc. Ai você tem que adaptar isso pro mundo humano. Como seria? É o cara que eh inteligente. Se preocupa com os estudos, cuida do corpo, saúde e aparência. É humilde e reúne uma serie de qualidades. Mas o alfa tem e assume suas fraquezas. Ate por questão de humildade. Mas ele sempre vai tentar atenua-las. (Conversa com Lucas via *Facebook*).

Dentre as características que definem um Alfa, que todo homem deveria se esforçar em ter estão: valorização pessoal, nobreza, senso de justiça, liderança e iniciativa, coragem, determinação, camaradagem, humildade, disciplina e senso de sacrifício, racionalidade, enriquecimento intelectual, sucesso profissional, cuidado com o corpo e saúde. O que fica evidente à primeira vista de quem lê os textos do site que se esforçam em traçar o perfil do homem alfa, é o nível de simplicidade dos argumentos, ainda pautados pela biologia como justificativa para as condutas dos homens, principalmente no que toca à agressividade e ao espírito de liderança e de chefe da horda.

Ao pensar com mais cuidado sobre as falas de Lucas e mesmo sobre os textos que ele me encaminhou sobre o “macho alfa”, o desconforto deu lugar à preocupação. Vi um projeto de masculinidade compartilhado na rede totalmente possível de ser pensado, principalmente, se observado nas características que os sujeitos deveriam galgar, muito embora, no âmbito da ação social seja praticamente impossível se constituir enquanto um exemplar “alfa”, livre de fragilidades ou totalmente apto social e emocionalmente para lidar com elas.

O sucesso profissional e a busca por estar em dia com as atividades físicas pautam as agendas de sujeitos que, tanto vislumbram ascensão social por meio do que julgam serem os méritos e esforços próprios, quanto se baseiam em um ideal de corpo que não pode estar acima ou abaixo das expectativas de um físico malhado, não permitido ser gordo, nem magro demais para não se aproximar da fraqueza e do universo feminino de fragilidade.

A disciplina, a iniciativa e o senso de liderança figuram como assunto entre os livros de autoajuda e negócios mais lidos por homens como *O monge e o executivo*, que se compõe enquanto um manual de liderança em diversas esferas da vida; ou mesmo a ainda recentemente lançada biografia de Steve Jobs que conta a história de sucessos do homem que conseguiu consolidar a mais revolucionária empresa de mídias digitais do mundo, a Apple, embora fosse uma pessoa com vários problemas emocionais e de empatia com as mulheres e com os colegas de trabalho.

A camaradagem outra marca que figura na relação entre homens como ideal de amizade, está sempre no horizonte como forma de permitir o fortalecimento enquanto sujeito autônomo, principalmente por meio da convivência com outros homens. As relações de parceria, do reforço da heterossexualidade, da negação da homossexualidade, da manutenção de uma socialidade marcada por subjugar as mulheres são aspectos que pautam a convivência entre estes homens seja nos espaços *online* como o QPT, como em diversos espaços *off-line*, em baladas, nos lugares de convívio, na família e no trabalho.

Este projeto de masculinidade ligado ao macho alfa como perfil de homem no qual se inspirar, muito embora não seja alcançável na prática, figura como um ideal que conduz a ação cotidiana do sujeito de forma relacional às feminilidades e às dinâmicas de gênero locais. Connell, em sua obra clássica que discute masculinidade, firma:

Ao invés de tentar definir a masculinidade como um objeto (um tipo natural de caráter, uma média comportamental, uma norma) nos precisamos focar nos processos e relações através dos quais homens e mulheres conduzem vidas generificadas. “Masculinidade”, na medida em que o termo pode ser brevemente definido, é simultaneamente um lugar em relações de gênero, práticas através das quais homens e mulheres envolvem este lugar em gênero e os efeitos dessas práticas em experiência corporificada, personalidade e cultura. (CONNELL, 2005, p. 71)

O conceito de Masculinidade Hegemônica desenvolvido por Connell trabalha com uma concepção de hegemonia que opera por meio da produção de exemplos de masculinidade, símbolos de autoridade na formação do sujeito, apesar de a maioria dos homens não viver de acordo com eles. No contexto dessa pesquisa, o “macho alfa” aparece



como ideal de masculinidade deste espaço e se orienta por meio da relação com as mulheres, uma relação de afastamento, de proteção em relação àquilo que figura no universo feminino.

A masculinidade como aquilo que os “homens devem ser”, mas não alcançam e não concretizam em sua ação diária, fica bastante evidente no contexto aqui tratado quando observamos a realidade concreta na qual estão inseridos esses jovens. Eles são presos em situações profissionais inseguras, vivendo na casa da família, sem relações amorosas consolidadas e, na grande maioria das vezes, com uma vida sexual inativa, apesar de o centro do debate no site estar situado em buscar uma forma eficaz de “pegar mulher”.

A relação afetiva como tópico central aparece tanto no debate no *Bolsa de Mulher* como no site do QPT e em outros sites femininos e masculinos como Tempo de Mulher, da Ana Paula Padrão; Delas, do portal da IG; Mulher, do site Terra.com; o Mdemulher, da Editorial Abril; Macho em série e Homem de Verdade, ambos dos editores do QPT; O papo de homem, com recorte de classe mais repleto de usuários da classe média, etc. Ao contrário dos sites femininos, os quais não apresentam uma tradição histórica vinculada ao um contexto nacional específico fora do Brasil, os sites voltados para homens tem origem muito bem delimitada nos EUA e se expandiram no Brasil mais recentemente na década de 2000. Os sites femininos são resultado de uma história nacional pautada pela prática do aconselhamento que tem suas origens no rádio e nos jornais impressos já na década de 1930 no país.

Apesar desses sites e discursos de aconselhamento e autoajuda para mulheres sofreram forte influência do que é produzido em outros lugares do mundo, principalmente, nos EUA, eles diferem de grande parte dos sites masculinos como o próprio QPT ou o PuaBase, outro site de direcionamento à conquistas afetivas e ficadas para homens jovens. Ambos, mas com maior intensidade o PuaBase, recorrem com frequência a vídeos norte-americanos de homens que abordam mulheres na rua em busca de exercerem o que chamam de sedução, que pode culminar em um beijo, um encontro ou em algo mais duradouro.

Segundo Juliana Do Prado, em histórico sobre os conselhos amorosos em solo brasileiro, a entrada dos especialistas médicos nos conselhos midiáticos corresponde à fase de introdução da psicanálise no Brasil nos anos 1930:

Essa introdução se deu a partir da psiquiatria e esteve relacionada inicialmente a um projeto de nação brasileira. Tal projeto se colocava no âmbito do pensamento eugenista da época expresso pela Academia Nacional de Medicina e Liga brasileira de higiene mental, cujos membros foram também precursores na entrada da psicanálise no Brasil (RUSSO: 2002). Os ideais de progresso e civilização se pautavam por uma maneira de encarar a sexualidade de modo normalizador, educando a sociedade brasileira contra

os “excessos” sexuais que causavam o que era entendido como degenerescência do povo por conta da mistura de raças. Desse modo, a divulgação da psicanálise na mídia brasileira, visava não apenas expandi-la em contexto nacional, como também atender aos anseios políticos de construir uma nação coesa e “educada” no que tange ao “descontrole” da sexualidade, vistos como obstáculos para o alcance de um país civilizado. (DO PRADO, 2015, p. 68)

Tais programa de aconselhamento, ao longo do tempo, acabaram tendo maior audiência principalmente entre mulheres, uma vez que o ideal de universo feminino é, historicamente, aquele voltado para as relações amorosas, principalmente se ela serve para a consolidação e manutenção da família.

Já os espaços de discussão da intimidade masculina estiveram colocados de forma muito mais efetiva na mídia impressa em revistas como a Playboy, Placar e Quatro Rodas, todas não totalmente voltadas para as questões afetivas, mas com espaços direcionados a discutir problemas amorosos e sexuais. Estes periódicos tem como marca um tom muito próximo ao humor e à sátira para lidar com as supostas aflições amorosas masculinas como, por exemplo, a sessão do Divã da Loira, publicado pela Playboy, onde quem aconselha é uma terapeuta, loira, de peitos fartos e evidentes, que, em um dos números especiais da revista, viaja para Viena com o intuito de conhecer e se inspirar no local de moradia e vivência de Freud. A ação de recorrer sempre que possível à psicanálise, mesmo que em tom de brincadeira erotizada mostra a inserção dela na explicação de problemas emocionais neste momento do país.

A ideia do homem provedor está no cerne dos debates dos sites como apontamos acima e surge, ainda, nas falas dos sujeitos que, muito embora não mais se coloquem em uma posição rígida de manutenção do lar, ainda se sentem demandados pela necessidade estabilidade financeira, antes da consolidação de laços afetivos com o casamento. Segue abaixo trechos de diálogos, respectivamente com Saulo e Roberto:

P: como vc imagina seus próximos 10 anos?

Saulo: primeiro passo, terminar a faculdade

P: Certo..

R: depois casar e construir casa, ter um ou dois filhos, estar estabilizado profissionalmente.

P: você se sente, atualmente, preparado para casar?

Saulo: Psicologicamente me sinto preparado, mas financeiramente falta um pouco...No momento me sinto preparado para um relacionamento sério com propósito de casamento num futuro próximo. Preciso concluir minha graduação para buscar as oportunidades de trabalho que considero satisfatórias para dar uma vida confortável à minha família.

P: e psicologicamente, o que é estar preparado?

R: Estar psicologicamente preparado é ter consciência das responsabilidades que assumirei ao me tornar um chefe de família, ter certeza de minhas convicções, saber o que quero pra minha vida. Tomar consciência de que amizades são importantes, mas a família vem em primeiro plano. Que o tempo de solteiro, de farras e festas jaz no passado...

Eu: vc teve um tempo de farras?

Saulo: Sim...Por quase um ano ou pouco mais me afastei da igreja e frequentei boates, bebi, sai pra flertar a mulherada...aprontei muito rsrs. (Conversa com Saulo via *Facebook*)

P: você tem vontade de se casar?

Roberto: sim

P: com quantos anos?

R: uns 28 é uma boa idade

P: por que?<sup>72</sup>

R: Então, eu acho que é uma idade boa, pq já devo tá mais estável do q hj. Em todos os sentidos

P: e em que sentidos são esses?

Roberto: Acho que até lá já vou saber melhor o que quero da vida e isso pode evitar problemas com a moça. E o financeiramente também

P: e o que você quer dizer com “saber o que quer da vida”?

R: É aquela coisa, juventude acha que pode dominar o mundo e, às vezes, rolam uns atos inconsequentes. Acho q isso diminui quando vai ficando mais velho.

P: atos inconsequentes?

R: sim, tipo gravidez. Tenho muitos amigos que foram pais muito cedo e isso muda bastante a vida..

P: e você sente que tem alguma dúvida sobre o que quer da vida no futuro?

R: Dúvida sempre rola, né? Mas têm aparecido algumas certezas também. As certezas estão mais num campo profissional do que no das relações amorosas

P: e quais são as certezas que aparecem?

R: Então, é sobre carreira mesmo. De continuar investindo em produção cultural e música.

P: e você tem alguma incerteza ou insegurança em relação a alguma coisa?

R: Hum...mais insegurança...acho que é a que todo jovem tem. Esse lance de conseguir viver do que curte fazer e tals. (Conversa com Roberto via *Facebook*).

Os diálogos com Saulo e Roberto deixam evidentes os anseios de estabilidade como fundamentais para um futuro no qual se intenta desenvolver laços afetivos consolidados com o casamento. Mas, estar preparado para este acontecimento diz respeito a cuidar de si, se consolidar no trabalho e ter certezas sobre o que se espera da vida, sobre o que anseia para o futuro, sendo a relação afetiva algo a ser concretizado depois deste momento.

As experiências analisadas, ao longo desses anos, mostram que as mulheres pensam o casamento ou pretendem constituir família antes da própria estabilidade financeira, muitas

<sup>72</sup> De acordo com os dados do IBGE, lançados ainda em 2015, a idade média dos solteiros no momento do casamento aumentou para em torno de 30 anos, o que significaria que a população brasileira se casa mais tarde e se aproxima da idade média de casamento de países centrais. Tal fato coincide com as projeções da idade ideal para se casar, por parte do público solteiro dessa pesquisa, quanto por parte das pessoas já casadas.

vezes, atravessadas pela possibilidade de saída da casa dos pais, o que pode explicar o desconforto tão ressaltado nas falas das mulheres que entrevistei - “estou encalhada”, “não está fácil pra ninguém”, “os rapazes não querem nada sério” – que remetem a suposta falta de compromisso dos homens no momento de se dispor a ter uma relação afetiva. Eles, por desejarem se relacionar de forma tardia e após a consolidação da estabilidade profissional e financeira, acabam por adiar, também para as mulheres, a possibilidade de compartilhamento afetivo por meio do casamento ou do relacionamento sério.

Elas, quando vivenciam relações marcadas pela manutenção da heterossexualidade, apresentam seus desconfortos e inseguranças de viver em um momento que, de fato, possibilita autonomia, mas que se depara, ainda, com os resquícios de uma masculinidade autocentrada, pautada pelo auto aprimoramento e pelo individualismo, que não se dispõe a compreender os anseios da parceira.

Por outro lado, as novas gerações de mulheres das classes populares, que anseiam o casamento, parecem vivenciar, recentemente por meio das políticas públicas, um contexto de maior acesso a educação, novos postos de trabalho e possibilidades de adquirir informação, principalmente por meio das mídias digitais, o que torna a relação afetiva mais pautada na reflexividade. Muito embora, é ainda por meio dela que se consegue entrar no circuito da individualização em um contexto onde as pessoas melhoraram de vida, mas permanecem nas classes pobres.

Quando organizadas sob o marco da cultura heterossexual, a tônica da socialidade *online* entre mulheres é o futuro pautado pelo casamento e as frustrações aparecem, principalmente quando ele não é concretizado ou quando é e escapa ao projeto de ascensão e independência; já nos discursos colhidos em meio a mulheres que passaram a se relacionar amorosamente com outras mulheres, a possibilidade do futuro mais flexível parece mais colocada. E preocupação com a consolidação do casamento não aparece em seus discursos.

Soma-se a isso as posições econômicas que estas pessoas ocupam na estrutura social e que fazem com que o casamento ainda permaneça como um meio possível de dividir as contas da casa e de garantir a possibilidade, inclusive, de aprofundar os estudos, de fazer faculdade, ter acesso a lazer, viagens e passeios ações que, por vezes, seriam impensadas se tivessem que arcar com os gastos sozinhas.

Estes projetos de vida íntima, que compõe os horizontes de apiração de jovens homens e mulheres pobres, expostos na rede da internet, apresentam como roteiro as incertezas. Eles parecem preocupados com as instabilidades financeiras que impossibilitariam manterem a família e têm como ansiedade fundamental a impossibilidade de não se

consolidarem na profissão. Enquanto tentam esta consolidação, a preocupação relativa à esfera íntima está situada em projetar um contato sexual com muitas mulheres, o qual também não acontece com sucesso.

Elas anseiam entre a própria independência e os desejos de não mais manterem as hierarquias e relações observadas no casamento dos pais, espaço de submissão das mulheres e também se sentem inseguras frente a possibilidade de se manterem financeiramente.

Em outras palavras, as mulheres desta pesquisa não apresentam um projeto de vida pautado pelo provimento masculino como fundamental no relacionando amoroso, pelo contrário, a independência financeira é sinônimo de garantir uma relação mais igualitária e de insubmissões. O relato de uma de minhas colaboradoras de pesquisa acerca do incômodo em administrar questões financeiras com o marido evidencia tal aspecto.

Como vocês que são casadas administram o dinheiro? É que como vocês sabem, eu sempre fui muito independente, e depois que passei a morar sozinha, então, nem se fala! Acontece que meu love já está com a percepção de "o meu, os seus, os nossos". Eu percebi isso, quando eu queria contratar um carro de luxo pra me levar ao casamento, e ele não queria, disse que era muito caro e blá blá blá. E como é ele quem está pagando praticamente a maior parte, meu pai está ajudando e eu coitada de mim, to zerada rs, eu falei: Mas o carro eu posso pagar por fora, assim como meu vestido. Aí ele falou: "Loirinha, a questão não é essa, não existe mais isso de pagar por fora." Aí eu entendi que ele quer quem tudo que façamos, consultemos um ao outro. Por outro lado, como ele ganha mais que eu, eu fico com a impressão que ele acha que está me bancando. Por exemplo: Eu mostrei pra ele uma academia que eu queria fazer (só que em hipótese alguma, eu pensei em pedir pra ele pagar e nem dei a entender isso). Aí ele falou que acha legal eu ter bom gosto e pensamento de rica, só que ele é pobre e que, as vezes, isso assusta ele. Daí eu falei pra ele que a gente ia ter que conversar direitinho sobre como vai ser quando casarmos, porque eu não ia me adaptar a ficar pedindo dinheiro ou permissão pra tudo, não. (Postagem no grupo do *Bolsa de Mulher no Facebook*).

Estes relatos apontam para o mal estar advindo com a existência de um paradoxo no cotidiano dessas mulheres. A relação afetiva comporta, em sua dinâmica, a necessidade de repensar papéis tradicionais de gênero. Se antes, em meio às próprias relações de seus pais e referências mais velhas, o marido administrava as finanças do lar e era responsável por seu provimento; depender dele, para essas jovens, ou passar pela situação de demandar dinheiro ou pedir permissão para os gastos próprios parece inadmissível.

É na parceria que elas ainda encontram possibilidade de sair de suas casas de origem e da vida com os pais, mas a concretização do casamento não basta para o ideal de relação que buscam. Quando casadas, envolvidas em um namoro ou relacionamento fixo, a relação afetiva

se transforma em um problema se confrontada com tudo aquilo que pode impedir este processo de busca por uma relação mais igualitária, como maridos que não atuam ativamente em casa, que não se responsabilizam pelo cuidado com os filhos, namorados ausentes, concentrados em si mesmos e na vida profissional, que deixam a mulher sobrecarregada com as coisas do lar.

O espaço da casa, para as mulheres dessa pesquisa, torna-se, ao contrário do que se alimentou nas análises sociais e até mesmo feministas que a apontavam como ambiente de submissão da mulher, espaço próprio de construção de autonomia. O parceiro, por sua vez, aparece como figurante frente à busca da mulher por ter “suas coisas”. A casa como este lugar onde se vive e divide as contas com o parceiro apresenta um potencial físico, no sentido de possibilitar maior trânsito em relação à casa dos pais: os quartos divididos com demais membros da família, as chegadas e saídas limitadas pela renda e controladas até mesmo por questões morais e religiosas motivam o desejo de ter o próprio espaço.

A casa nova representa este lugar que permite motivações de decorar e deixar “com sua cara” e sua “identidade”; tem também um peso simbólico e social, pois é distanciada da família de origem e capaz de promover, por meio da divisão dos gastos, o aumento da renda, o acesso aos estudos e, conseqüentemente, às novas ocupações profissionais. A casa é o lugar representativo da independência e da saída do domínio emocional da mãe e do pai, principalmente, de contextos de submissão da mãe ao trabalho doméstico, à figura masculina ausente e dominadora e, às vezes religiosa.

O discurso da mulher poderosa e capaz de dar conta de todas as esferas da sua vida e que tem sucesso na conquista e manutenção do par amoroso – enunciados estes que figuram em livros de autoajuda voltados para este público, bem como em sites diversos, como o próprio *Bolsa de Mulher* – apresenta na prática cotidiana das mulheres pobres do país um processo de ressignificação: é no espaço da própria casa que vai se dar o primeiro momento de individualização desses sujeitos e a busca pelo parceiro e pela manutenção do relacionamento oculta, mais do que uma submissão à dinâmicas tradicionais de gênero e de dependência emocional, um desejo de ter a possibilidade de agência, de manutenção de si mesma, de galgar o próprio espaço e de sair do contexto de origem. As experiências acima apontam para uma problematização das dinâmicas estabilizadas de gênero no interior da relação afetiva, problematizam a posição tradicional do homem não participativo que provê o lar e a mulher como restrita à esfera da família “de margarina”.

O uso das mídias digitais surge, para estas pessoas, como espaço de debate sobre inseguranças e instabilidades em um contexto com novas demandas e possibilidades ainda

restritas de autonomia. É na mídia que elas vão apontar uma forma de uso possível da rede como possibilidade de compartilhamento de experiências e vivências a respeito da esfera da intimidade. A rede parece expandir o contato com repertórios que podem ampliar e/ou deslocar os horizontes de aspiração dessas mulheres, composto, em grande medida, pelos anseios em torno da esfera afetiva.

## 6 “POR ISSO VI UMA OPORTUNIDADE LÁ, DE EXPRESSAR MINHA OPINIÃO” – FEMINILIDADES CONECTADAS, AFETOS E HORIZONTES ASPIRACIONAIS.

Quando questionada sobre sua relação com o *Bolsa de Mulher*, Leila disse que viu no site a possibilidade de aconselhar as pessoas, algo que entende como parte de sua essência, a capacidade de auxiliar os outros com seus problemas, principalmente, afetivos e amorosos.

Depois de uma relação com o ex-namorado, com término turbulento, Leila teve contato com o *Bolsa* que, de acordo em suas falas, naquele momento da sua vida foi um espaço fundamental. Foi naquele contexto que, segundo ela, começou a prática do aconselhamento na rede:

R: Minha história no *Bolsa* começou pelo MSN quando abria aquela página de notícias e sempre aparecia uma página com dicas legais para mulheres, notícias interessantes do mundo feminino, moda, essas coisas. E resolvi me cadastrar para ter acesso às outras coisas do site, como os fóruns. Vi que seria uma excelente oportunidade para eu falar como eu gosto, dar minha opinião sem regras e debater. Porque eu amo oooooo. E também aconselhar quando necessário, porque acostumei fazer isso depois que me recuperei do namoro.

P: quando terminou o namoro ficou mais falante?

R: na verdade sempre fui, depois que perdi a timidez na adolescência. Quando me envolvi com ele, uma das coisas que ele diz ter atraído ele foi o fato de eu ser dar atenção, ser comunicativa, ter bom humor e saber lidar com as pessoas, ser conselheira e tal [...] mas quando terminamos eu tinha perdido muito disso. Aí vi no site que tinha opções de fórum quando se cadastra e como sou fã de internet, redes sociais, achei uma oportunidade de ser quem eu integralmente sou, sem mostrar o rosto.

P: você é fã das redes?

R: não de todas, mas sou fã de me conectar às pessoas de qualquer forma, gosto de gente. Por isso vi uma oportunidade lá [no site], de expressar minhas opiniões, aconselhar quando pudesse, avaliar as pessoas também, porque ali é um mundo de diversidade. (Conversa com Leila via *Facebook*).

As falas de Leila trazem muitas reflexões sobre as dinâmicas em rede das mulheres dessa pesquisa. Primeiro evidenciam que, em 2012, quando colhido esse relato, o uso da internet por meio do computador e não via telefone celular tinha um uso diminuto no que toca o acesso às redes sociais, se comparado à frequência e o tempo de exposição colocado no contexto atual marcado pelo acesso via *smartphones*. O MSN, ferramenta de bate-papo, famosa naquele contexto, também cedeu lugar a outras redes, como Facebook e mesmo o *Whatsapp*. Vale destacar que esses dois serviços vinculam as conversas com pessoas que constam na sua lista de contatos do celular, o que a torna mais íntima e mais segura, além de aumentar o número de interações. Atualmente, o *Bolsa de Mulher* não conta mais com esses



fóruns de debate, nem sequer se apresenta como um serviço de rede social, trata-se somente de página informativa a respeito de assuntos que comporiam, ainda, o chamado universo feminino.

Em segundo lugar, a fala mostra como a comunicação em rede funcionou e ainda funciona como um espaço de trocas de experiências, aconselhamentos e busca por auxílio emocional entre mulheres, principalmente, no que toca a composição de dinâmicas que abordam as relações afetivas. Esse é o aspecto central que abordarei neste momento do texto, a saber, a composição e os usos dessas redes pelas mulheres para dialogar sobre relações amorosas, já que esse parece ser um elemento importante na composição dos seus horizontes de desejo. Além disso, a partir das questões amorosas torna-se possível delinear um pano de fundo para os anseios, mal estares, dificuldades e conflitos e que moldam a esfera romântica, profissional e familiar dessas mulheres.

Há quatro anos atrás, a dinâmica do site envolvia falar da própria vida e das relações amorosas vivenciadas, bem como opinar sobre a vida das pessoas. Esses eram aspectos possíveis de serem concretizados para uma vasta plateia de anônimos, o que incluía também os chamados perfis *fakes*, que naquele momento, se convertiam em fonte de insegurança. Nas falas da interlocutora, tais perfis permitiriam ao sujeito ser quem ele é, “genuinamente”, na medida em que o anonimato possibilitaria publicização de ideias e da vida pessoal, sem o receio de ser reconhecida.

Tal reflexão coloca em xeque a noção discutida a respeito dos perfis *fakes*, que seriam atravessados por relatos mentirosos e representariam, como sugere o nome, falsidade na rede, mentiras e fantasias que não condizem com a realidade. De acordo com Leila, ela nunca disse tantas verdades sobre si, sobre sua vida e sobre as experiências alheias com tamanha segurança garantida pelo anonimato do perfil *fake*. Leila possuía um apelido no *Bolsa de Mulher* e poucas pessoas sabiam seu nome real. Segundo ela, muito embora se expusesse nos fóruns do site, apresentar aspectos de sua vida era algo direcionado as pessoas mais confiáveis, com quem ela mantinha uma relação via Facebook ou mesmo via telefone, e-mail. Nesse sentido o perfil “sigiloso” funcionava como uma ferramenta de controle para a privacidade, o que garantiria sua suposta autenticidade e a proteção de sua vida pessoal e íntima.

A rede entre mulheres do *Bolsa* migrou para outras plataformas, como o Facebook e, mais recentemente o *Whatsapp*, ambos espaços que dispõem tanto de uma arquitetura que favorece o diálogo com maior controle sobre a audiência. Tendo em vista que a plataforma do *Bolsa de Mulher* não investiu no desenvolvimento de ferramentas típicas de um serviço de

rede social, tampouco em um aplicativo do site, o que supostamente permitiria acesso e troca via smartphone, as próprias usuárias encontraram suporte em outras serviços consolidados no mercado - no caso o Facebook e o WhatsApp - com vistas a alcançar os objetivos almejados, a saber, a privacidade e o controle sobre quem vê e opina sobre os conteúdos que compartilham.

Vale ressaltar também que observar os trânsitos dos sujeitos pelos diferentes serviços de rede social se mostra relevante para um trabalho que se propõe a abordar os usos feitos das tecnologias de informação e comunicação, bem como as relações sociais que elas engendram. Como aponta Richard Miskolci:

Em termos sociológicos, o que nos interessa como cientistas sociais não é analisar equipamentos, sistemas operacionais ou plataformas, antes as relações sociais que elas permitem, moldam ou – mais provavelmente – negociam. Constatação que pode auxiliar a não confundir o estudo de um tema com o de um site ou rede social *online*, pois as fronteiras de um campo investigativo não são delimitadas por uma plataforma. Também é necessário reconhecer que elas permitem uma miríade de usos, inclusive articulados, assim como tais tecnologias comunicacionais globalmente disseminadas não contradizem contextos culturais localizados. (MISKOLCI, 2016, p. 286)

É importante dizer que Leila, a usuária a qual me referi acima, é uma das jovens religiosas da pesquisa e que tem, na Igreja Presbiteriana que frequenta, responsabilidades que exigem o desenvolvimento do seu poder de oratória e de aconselhamento entre jovens. Recentemente, a jovem migrou para o Norte do país com para atuar em uma missão evangélica em meio às comunidades indígenas dessa região. Nesse sentido, a internet pode tanto ser espaço para sujeitos tímidos e que não desejam exporem-se nos locais de origem; quanto território que se soma a uma realidade vivenciada fora da rede como, no caso desta interlocutora, de expandir a possibilidade de aconselhamento e trocas de experiências.

Compreender que os horizontes de aspiração das mulheres dessa pesquisa são ocupados de forma significativa por anseios a respeito das relações afetivas é importante para entendermos tanto o conteúdo das plataformas direcionadas ao público feminino, quanto os usos feitos da rede que se esforçam em desenvolver aconselhamentos e práticas de ajuda mútua feminina *online*.

Vimos nos capítulos anteriores que o trânsito pela cidade pode se relacionar, dentre outros fatores, com buscas por parceiros amorosos; vimos também que, para uma parte das mulheres dessa pesquisa que possuem um roteiro de vida mais direcionado ao casamento e a composição de família, a possibilidade da saída da casa dos pais se dá em decorrência da

manutenção da relação, em uma conjuntura atravessada ainda por inseguranças a respeito das melhorias das condições de vida e de ascensão social. Assim, o relacionamento amoroso se mostrou ainda parte de um horizonte de maior segurança para elas, mas, por outro lado, absorveu demandas recentes por lidar com os conflitos, possibilitar o diálogo e promover, minimamente, relações de igualdade em suas relações.

Nesse sentido, uma parte considerável dos diálogos traçados na rede *online* de mulheres apontou para uma busca por aconselhamento e compartilhamento de experiência atravessada por este paradoxo de ansiar pela relação amorosa e coloca-la como importante horizonte aspiracional a ser alcançado e, ao mesmo tempo, garantir autonomia e maior igualdade entre os parceiros ou parceiras, como, por exemplo, o caso das mulheres lésbicas da pesquisa. Os trechos dos fóruns de debate apresentados abaixo mostram os conflitos que atravessam essas relações:

Título do fórum: Como reverter o jogo com um parceiro ignorante?

Meu namorado sempre me tratou super bem, com carinho, amor, respeito e compreensão. Só que de uns tempos pra cá ele está um grosso, estúpido! Tudo é motivo pra brigar e gritar comigo. E eu como não sou de levar desaforo pra casa, revido tudo. Quando ele percebe que estou realmente muito brava e posso ignorá-lo ele vem conversar comigo, fazer brincadeiras, como se nada tivesse acontecido. Nunca pede desculpas. Um dia desses ele me disse que não sabe pedir desculpas. Os motivos das brigas são minhas amigas, minhas roupas, o fato de que gosto de estar sempre arrumadinha. Ele disse que eu gosto de estar sempre linda para que os outros homens fiquem reparando, o que é mentira!!! E não adianta ter DR [discussão de relacionamento], já tivemos várias. A questão é: tem um meio de reverter esse jogo e fazer com que ele pare de me torrar a paciência? Algum meio de eu me controlar quando ele tiver um acessos de ignorância? Tem um jeito de coloca-lo em seu devido lugar, quando começa com essas brigas sem cabimento? Terminar seria a solução? Já pensei muito nisso, mas ainda não tive coragem. (fala colhida no fórum do *Bolsa de Mulher*)

Este tópico do fórum aponta uma exposição recorrente tanto no *Bolsa de Mulher*, quanto nas falas de minhas interlocutoras, qual seja a tentativa de lidar com uma conduta dos parceiros pautada por ciúmes, por falta de afeição pelo diálogo, pela não sensibilidade no pedido de desculpas frente a administração de conflitos. As respostas ao tópico lançado pela usuária do site caminharam no sentido de um compartilhamento de vivências parecidas, bem como de possíveis soluções para o problema, que variam desde a proposta por manutenção da relação – com base em dedicação ao diálogo – como também falas que reforçam a necessidade de rompimento e do reforço da ideia de que é melhor estar só, do que mal acompanhada:

Quanto a essa questão de pedir desculpas, eu tive um problema parecido com meu namorado. Sentei e conversei abertamente, disse que era importante pra relação dar certo. Está dando certo, mas no começo eu peguei bastante no pé, igual quando você trata com criança: desse jeito está errado, o que você faz agora? Pede desculpas...e ele pedia. Uma coisa que me deixou muito chateada foi o fato dele esquecer o dia das mulheres, faz muita diferença pra mim. (Flávia, 27 anos, solteira)

Que reverter situação o que? Manda ele ir pastar. Acho que não vale a pena, não, se valoriza, mulher! (Ruth, 25 anos, solteira)

Conheço bem esse tipo. DR resolve uma semana e depois volta tudo ser a mesma merda. Terminar não sei se é a resposta, acho que tem que procurar a resposta dentro de você e ver se vale a pena seguir com esse romance. Paciência é fundamental pra evitar brigas, mas continue sendo essa garota bonita, arrumada e cheirosa que você é, pois mulher tem de estar sempre linda mesmo, faz bem pra gente. E tenha em mente que mesmo que você usasse burca, ele não deixaria de brigar com você, vai sempre haver uma desculpa. (Kat, 28 anos, solteira)

Um dos aspectos que surge de forma central no diálogo entre mulheres na rede é, como foi dito, a respeito de conflitos nas relações amorosas e de relatos por busca de parceiros. O amor, como aponta uma das mulheres com as quais tive contato, é o ponto que motiva a socialidade. Esta fala foi colhida em um grupo do *Facebook* em meio a um contexto onde todas estavam ausentes das interações *online*. Existe uma cobrança do grupo acerca da manutenção de contato via rede e, por vezes, a relação amorosa, o namoro as afastam da dinâmica coletiva e as demandas de retorno surgem:

Ok, todo mundo tá apaixonada, todo mundo tá amando, todo mundo tá com a pele maravilhosa...O AMOR nos uniu. Me RECUSO a aceitar que o AMOR nos afaste. Façam o favor de dar notícias, falarem como estão, contarem umas fofocas e aquilo tudo o que a gente sempre fez. Beijos e saudades de TODAS. (fala colhida em grupo no *Facebook*)

Percebi com o caminhar do trabalho de campo que o mal estar central nesses debates estava atravessado por algo que parecia novo, em termos históricos, para uma geração de mulheres que se encontrava na faixa dos 20 aos 35 anos. Tratava-se de estar em rede para discutir os limites da autonomia em meio à dedicação ao namoro, ao casamento ou mesmo a uma vontade prévia ou não de consolidá-los.

Tanto no *Bolsa de Mulher*, quanto nos grupos formados via *Facebook* e *Whatsapp*, o amor pautava, em grande medida o que era compartilhado. Frustrações com parceiros em potencial, vontades de casar, discussão acerca de festas de casamento, piadas e diálogos sobre sexo, traições dos parceiros, relatos de discussões entre o casal.

A relação afetiva, mesmo quando não ansiada, atravessava as interações *online* no sentido da negação, do reforço da individualidade, do bem estar em se estar solteira e não ansiar o casamento e a maternidade. “Eu já vivi muitas coisas e entendi que não preciso de uma relação pra ser feliz. Eu posso não saber o que quero, mas o que não quero eu sei, com certeza”; “eu sou uma legítima Childfree, não acredito que a maternidade deixa a mulher completa, eu já me sinto completa assim” disseram, respectivamente, Leila e Cássia em postagem no grupo do *Bolsa* criado no *Facebook* e em conversa *inbox*. De uma forma ou de outra, minha interlocutora foi sagaz ao compreender que o amor era preponderante nas dinâmicas do grupo, seja diretamente, como tópico central de fóruns, postagens e conversas; seja como tema com o qual tais dinâmicas se relacionam, nas entrelinhas.

A temática da relação afetiva surge também nas dinâmicas *off-line* e nos ajudam a perceber os dilemas que envolvem este assunto e quais os aspectos são carregados para a socialidade em rede. Em visita à Zona Oeste do Rio de Janeiro, no ano de 2015, pude conversar mais detidamente acerca dos anseios em torno das relações afetivas dessas mulheres da pesquisa. A visita me mostrou que, do ponto de vista de algumas de minhas interlocutoras, a relação afetiva surge com o pressuposto dos rituais românticos que marcam posições de classe social e anseios por ascensão. Esse elemento recorrente, mais uma vez reforça o argumento sustentado nos capítulos anteriores, onde expus o fato de que a ideia de amor como esfera emocional desvinculada de relações materiais não compõe os horizontes aspiracionais dessas mulheres, pelo contrário. Os rituais amorosos tornam a relação palpável e a validam, bem como são momentos onde é possível avaliar as condições do parceiro de levar adiante o relacionamento.

Numa sexta-feira, dia 24 de abril de 2015, fomos a um lugar de Paciência comer pastel. Saimos com as mesmas amigas de Mara que haviam nos acompanhado em outros momentos de lazer. Até chegar ao lugar do pastel, pude conhecer um pouco mais da noite de outras regiões do bairro, uma vez que tratava-se de um percurso que ainda não havia feito. Passamos por espaços de casas grandes e bem projetadas, mas, principalmente por uma série de barracos em torno de esgoto a céu aberto e lixo. Isso me fez perceber que o local de moradia de Marta parecia, mesmo estando distante da Zona Sul carioca, privilegiado frente a outros espaços de Paciência.

O bar do pastel era um lugar grande, de esquina, com mesas para fora, que ocupavam todo o em torno, desde a calçada até parte da rua. Na calçada paralela, havia comércios de comida alternativos, que funcionavam em barracas e que pareciam não competir com o bar, uma vez que todos estavam lotados de pessoas.

Sentamos em uma mesa próxima ao meio fio e pedimos uma pizza Maracanã, tradição do local devido seu tamanho que alimenta grande número de pessoas; pedimos também bebidas, cervejas e refrigerantes.

A amiga de Mara olhava insistentemente para o celular e balançava a cabeça em sinal de negação, como se algo a incomodasse. Quando perguntei se havia algum problema ela começou a relatar suas experiências com o atual namorado que, segundo ela, mandava mensagens pelo *Whatsapp* naquele momento e durante todo o dia.

Percebi que ela gostava de conversar sobre esses assuntos e ficamos, quase todo o tempo, debatendo sobre relações afetivas, namoros, ficadas e casamentos. A amiga de Mara, Sara, tinha 35 anos de idade, trabalhava na Zona Sul do Rio, era mãe de um garoto, e, naquele momento, morava com o filho e a mãe. Usuária assídua do celular como forma de acesso à internet, Sara abria, durante o papo, o *Whatsapp* muitas vezes, aplicativo usado para falar com as amigas, familiares e “rolos” amorosos.

Foi casada por dez anos com o pai de seu filho, que havia pouco tempo, fora assassinado. Segundo ela o ex-marido era violento, fato que naquele momento ela considerava inadmissível em uma relação amorosa. Sara afirma gostar de se relacionar com rapazes mais jovens; diz não ter ciúmes e aponta que só se casaria novamente se Deus mandasse um homem pra ela que fosse trabalhador e que gostasse de participar de sua vida: “hoje eu não quero viver a vida de ninguém, quero viver a minha vida e a pessoa que me acompanhe”. Sara pareceu ter uma vida afetiva intensa e apontou que não lhe faltam parceiros sexuais, mas que não tem paciência para manter vínculos de afeto com nenhum deles. Para ela, o bom companheiro é aquele trabalhador, que não é de balada e não é “galinha”, em outros termos, um homem que não fica com muitas mulheres.

Sara retomou a narrativa a respeito de um ex-namorado, Rodrigo, com quem namorou há anos atrás, mas ainda mantinha saídas esporádicas para sexo. No entanto, segundo ela, o rapaz não gosta de gastar dinheiro, o que a deixa irritada a ponto de recusar suas investidas: “ele me escreveu no *Whatsapp* perguntando se não podia passar em casa rapidinho, eu disse que não. Claro, eu quero sair, comer, beber, passear, o resto é consequência. Homem tem que gastar, não dá pra facilitar pra eles”. Além disso, de acordo com Sara, Rodrigo economiza em situações onde não deveria, como, por exemplo, mantendo um carro velho que deveria ser trocado por um melhor.

Essa conversa serviu de gancho para Sara apontar como está difícil encontrar um namorado, uma questão recorrente no campo da pesquisa. Segundo ela, os homens não querem nada sério e, quando insisti em saber a razão dessa assertiva, ela afirmou: “namoro e

casamento é gasto; o homem prefere ficar na casa da mãe do que sair e dividir as coisas, auxiliar a parceira. Fora a liberdade de estar sozinho e fazer o que quer sem ter responsabilidades”.

Comentei em nossa roda de conversas naquela noite sobre uma amiga que namorava há anos e tinha anseios de casar, mas que encontrava conflitos com o namorado que não se dispunha a viverem juntos. Sara, sem meias palavras, afirmou, interrompendo minha fala: “ele não vai se casar com ela, pode até casar com outra, mas com ela não. Veja bem, ele fica na casa da mãe e faz a casa dela de lugar pra ficarem juntos e transarem. Na casa da mãe ele tem tudo o que quer e não vai abrir mão pra ter responsabilidade. Ela deu muito mole pra ele já”.

A fala de Sara deixa evidente o roteiro esperado para iniciar o namoro. O encontro romântico deve sair da esfera da casa e do confinamento familiar para locais públicos e onde é possível consumir produtos que promovam o ritual romântico: restaurantes, cinemas, passeios de carro e viagens. “Quero sair, passear, o resto é consequência” é uma fala que aponta como o consumo opera como um elemento integrante da relação, mesmo que o horizonte de possibilidades seja curto, como por exemplo, uma simples saída para jantar e beber e um passeio de carro no bairro com o término da noite em um possível motel.

Eva Illouz, em sua obra *Consuming the romantic utopia* (1997), aponta como se dá, historicamente, a relação entre afetos e o capitalismo que, do ponto de vista da autora não são esferas contraditórias, mas que se relacionam intimamente. Abordando o contexto dos EUA, seu trabalho joga luz sobre as experiências das mulheres dessa pesquisa que tiveram acesso recentemente tanto ao mercado de trabalho, no setor dos serviços, quanto à popularização das mídias digitais o que expande os horizontes ansiados e as possibilidades de consumo. De acordo com Illouz, a indústria de massas é peça fundamental na promoção da relação entre afetos e romance, uma vez que é ela a responsável por divulgar e reforçar discursos acerca do amor e do que se consumir para consolidá-lo. Dessa forma, as mídias digitais tornam os discursos em torno do consumo e a propaganda algo ainda mais difundido e acessado.

Nos EUA, o grande representativo da relação entre capitalismo e afetos, bem como da publicização da relação e da saída da esfera enfaçonada da família, é o “*dating*”. Em nossos termos culturais, trata-se do “encontro”. Por meio de *dating*, segundo a autora, o casal amoroso pode vivenciar suas emoções românticas em novos espaços comerciais e de lazer aos quais se incorpora, cada vez mais, rituais que solidificam a relação. O ritual romântico pautado pelo mercado está imerso tanto nos cálculos capitalistas, quanto no esforço da transcendência, ou seja, em alcançar, naquele momento, a performance necessária que coloca

o casal distante dos problemas cotidianos, em meio ao que a autora chamou de utopia romântica.

A utopia é um reino da imaginação em que os conflitos sociais são simbolicamente resolvidos ou apagados através da promessa e da visão de harmonia final, em ambas as relações políticas e interpessoais. A utopia utiliza poderosos símbolos emocionais, metáforas e histórias que permeiam tanto o grupo como a imaginação individual, tem poder vinculativo na medida em que orienta a ação individual e coletiva. Mas para os símbolos utópicos terem poder vinculativo, eles devem descansar em uma configuração das relações sociais que os torna relevantes para a ordem social. No nosso caso, essa configuração foi o "encontro" entre o inchaço de mercados consumidores de lazer evoluindo as definições de família, intimidade e sexualidade (ILLOUZ, 1997, p. 48).

A obra de Illouz oferece elementos sociológicos para pensar a situação exposta por Sara, para quem o ritual romântico é fundamental, pois aponta, dentre outros fatores que seu horizonte de aspiração está atravessado por anseios de consumo e lazer na esfera afetiva que se transformam em sinônimo do esforço do parceiro. Como aponta Juliana do Prado, Eva Illouz não está atenta, em sua análise, a outras relações que interferem na relação amorosa como, por exemplo, relações de gênero:

O foco de Illouz na relação entre amor romântico e capitalismo, entretanto, possui algumas brechas de análise, na medida em que o realce dessa articulação não atenta para as relações de poder envolvendo outros eixos de desigualdade como de gênero, sexualidade, raça, etc., tampouco lança um olhar mais atento às configurações e sentidos atribuídos pelos amantes nas relações amorosas. (DO PRADO, 2015, p. 59)

Dito de outro modo, Illouz, por exemplo, não vê as mesmas situações as quais atentei nessa pesquisa, quais sejam, aquelas vivenciadas pelas mulheres. A autora aborda o contexto dos EUA, de uma sociedade de consumo e com um horizonte de igualdade bastante diferente daquele desfrutado no contexto brasileiro. Além disso, trata-se de uma análise sobre as classes médias norte-americanas, com outro poder aquisitivo e outros horizontes de aspiração.

Tanto nos relatos de Sara, quanto nos de Mara e de suas outras amigas, as falas que apontam a importância de sair e de manter os rituais românticos se somam àqueles do namorado “bonzinho” e “trabalhador”, perfil fortemente valorizado por essas mulheres que, diferente do que observa a autora marroquina no contexto estadunidense, percebem as problemáticas que atravessam o seu cotidiano e suas relações. Esse elemento também é



confirmado pelos rapazes que figuraram nesta pesquisa e que remetem o romantismo aos rituais que podem envolver o consumo, sob a forma de jantares e presentes:

P: o q é ser romântico?

R: Genericamente, eu diria que ser romântico é basicamente ser gentil... Mas vai além disso... Não é só manda flores... Existem atitudes no dia-a-dia que contam mais que isso.

P: Sim, sim! E quais seriam, na sua opinião?

R: Puxar a cadeira à mesa, abrir a porta do carro, carregar uma bolsa ou peso qualquer, lembrar datas importantes, dar mimos inesperados. Escrever e/ou cantar uma música pra pessoa um jantar à dois em um lugar especial e por aí vai.

P: E como vai o romantismo hoje em dia?

R: Me arrisco a dizer que sou um dos últimos moicanos. Lógico que existem muitos outros caras e outras garotas que pensam como eu, mas são minoria. A sociedade vem perdendo alguns valores ao longo dos anos.... O romantismo é um deles. Quando chamam *funk* carioca de música, dá pra entender o que eu falo e a mídia vende isso como se fosse o legal, o certo, quem não tá nessa *vibe* é taxado de careta. Complicado.

P: Já te chamaram de careta?

R: Ainda não... Não exatamente com essa expressão... Mas tipo assim... Vamos, deixa de ser bobo... Larga disso... (Conversa Saulo, via *Facebook*).

Para elas, o ritual romântico, não se trata de processo de transcendência, de ocupar uma esfera de fluência dos afetos, sem afetação pelo cotidiano, por vezes problemático e traumático, o que alimentaria uma utopia. Pelo contrário, é por meio do ritual que se encontra o namorado trabalhador, disposto a compartilhar a vida e a investir na relação. Demorei um tempo a entender que este perfil de parceiro diz respeito àquele capaz de manter os rituais românticos e que não se importa em gastar dinheiro com eles e com a parceira.

Sara foi categórica em apontar que não dá pra “dar moleza” para os homens, pois eles tenderiam a “usar” a parceira para sexo e não teriam vontade de compartilhar os gastos e a responsabilidade do casamento e da família. Nesse sentido, é possível interpretar a fala de Sara, como sendo ligada aos homens que adotaram o modelo da “sexualidade recreativa” e perceberam que, no mercado afetivo, são disputados. Dessa maneira, eles preferem optar pelo conforto da moradia com a mãe, com gastos menores, mas com maior liberdade, em vez da vivência do casamento. A mãe, nesses termos, é figura que transmite não só segurança emocional, mas que é encarregada deste conforto expresso pela “comida feita”, “roupa lavada e passada” e “casa limpa”.

Dessa forma, por meio do ritual romântico e do cortejo, é possível colher informações que permitem refletir qual parceiro compensa manter e qual não vale a pena. À

mulher cabe criar estratégias que permitam uma conduta de não permissividade, bem como decifrar as intenções do parceiro mediante sofisticadas estratégias emocionais apreendidas em guias de autoajuda ou conselhos das amigas. Tais conselhos são intensificados nas interações entre as mulheres na rede e, muito embora tenham existido mesmo sem o advento das tecnologias digitais, é na socialidade *online* que tais dinâmicas têm maior alcance e se mostram protegidas dos olhares curiosos dos círculos de origem e familiares. A internet e, em especial, as redes sociais surgem como este espaço onde, nos termos de minhas interlocutoras, é possível ser quem se é “integralmente”.

Como mostrou minha interlocutora, caso queira namorar, a mulher não deve “dar mole”, não deve aceitar dinâmicas nas quais o parceiro não se esforce para levá-la para sair e se divertir, onde ela não seja cortejada e valorizada com passeios e jantares.

O sexo sem compromisso, como apontou Sara, acontece a todo o momento e essa conduta não se aplica, necessariamente, a ele. Quando existe vontade de fazer sexo, a administração das investidas do parceiro é menor. No entanto, quando o intuito é o compromisso sério, os rituais românticos devem ser pensados com maior preocupação para que não culminem em uma sensação de não estar sendo valorizada pelo parceiro, muito menos, para que o namoro não se transforme em espaços de enrolação, onde o casamento demora a surgir.

O termo trabalhador, na esfera da escolha do parceiro está intimamente ligado ao “bonzinho”. Se o namorado trabalhador é aquele que tem emprego e que está disposto a compartilhar a vida financeira com a parceira, elaborando gastos com passeios, jantares e lazer; o bonzinho é o homem que não desperdiça seu tempo e dinheiro em baladas com diversas mulheres, que se dedica à relação e a parceira e que tem cuidado com membros da família.

O namorado de Mara foi chamado de “bonzinho” inúmeras vezes tanto por Sara, quanto por suas outras amigas. Quando detalhada, a característica do “bonzinho” e “trabalhador” se direcionava a qualificá-lo, pois se tratava de um sujeito com emprego, capaz de investir nos rituais românticos e dedicado não só à namorada, mas a própria família, o que o torna hábil ao casamento.

Na rede, as reclamações acerca dos parceiros que não se dedicam aos rituais românticos também ficam evidentes:

Bom meninas estou precisando muito de uma opinião, um conselho...  
Alguma coisa que possa me ajudar. Vou contar um pouquinho da minha

história...Bom, sou casada e há mais ou menos três anos conheci um rapaz pela internet. Nós nunca nos vimos pessoalmente, mas sinto que já nos conhecemos há anos. Meu marido não liga muito pra mim ja tentei de tudo, nós não nos entendemos mais, não há mais carinho, não saímos pra jantar, não temos momentos nossos, não passeamos e não nos distraímos. Ele sempre prefere o computador! Tudo que eu faço pra ele esta errado e tudo que eu peço pra ele, ele sempre diz não. Carinho ou chameguinho mais gostoso é só quando ele quer... E com o rapaz com que converso é totalmente o oposto... Já me ligou cantando aquela música chamada “Um Minuto”, do D’Black, que diz: *Um minuto é muito pouco pra poder falar. A distância entre nós não pode separar e no final, eu sei que vai voltar...* Brigamos e ele me mandou duas tele mensagens lindas no dia seguinte. Esses amores, essas paixões já estão me deixando louca!!!! Estou me sentindo igual aquela musica do Boka Loka, “Duas paixões”... Que diz assim: “pra Ter as duas paixões não tem jeito. Só tendo dois corações no meu peito. Mas eu só tenho um. Pra suportar esse amor incomum”. O que faço meninas???? (fala colhida no fórum do *Bolsa de Mulher*. Júlia, 22 anos, solteira)

Nesta fala, a relação amorosa infeliz aparece como aquela onde não há mais carinho e rituais românticos, o que evidencia o interesse do parceiro. Isso faz com que a própria relação mediada, com outra pessoa, surja como mais interessante do que aquela compartilhada com o marido descuidado e não atento aos rituais.

Os debates acerca das relações amorosas em rede se mostram atravessados também pelo tom da autoajuda que, quando penetra nos espaços *online* se transformam em práticas de ajuda-mútua feminina. Os discursos compartilhados estão impregnados de instrumentos para guiar a mente e os comportamentos, elaborados na forma de receituário, principalmente para esfera afetiva. Estes enunciados desenvolvidos e compartilhados nas redes de mulheres contam com auxílio de obras terapêuticas e de textos expostos nas plataformas digitais.

Segundo Eva Illouz, em outra obra, a literatura popular feminina e de auto-ajuda expressa em romances como, por exemplo, *Cinquenta Tons de Cinza*<sup>73</sup>, constituem importantes objetos de análise para compreender as fantasias da vida cotidiana das mulheres e seus anseios na esfera do relacionamento afetivo:

A literatura popular feminina articula o prazer como uma transposição útil da fantasia na vida cotidiana. A fantasia produz prazer porque borra as carências e e os conflitos simplesmente declarando que não existem [...] Mas a autoajuda produz prazer, porque está localizada na interface da realidade e da fantasia; das instruções – explícitas ou ocultas – para melhorar a própria vida e superar conflitos e dilemas, com o que a leitura se torna performativa

<sup>73</sup> O livro *50 Tons de Cinza* fez sucesso, na época, tanto entre algumas mulheres da pesquisa, quanto nas matérias lançadas pelo *Bolsa de Mulher*, que caminharam no sentido de elaborar um receituário para o sexo baseado no filme. No livro *Erotismo de autoayuda – cincuenta sombras de Grey y el nuevo orden romántico* Illouz analisa essa obra.

(ou seja, um posto em ação do narrado), e essa performatividade mesmo gera prazer ao converter a fantasia em realidade. De fato, como disse Lauren Berlant em *The Female Complaint* (2008), a cultura das mulheres modernas, forjado em e no mercado, se baseia na crença de que a emoção é capaz de modificar a realidade. Essa crença central se constitui o núcleo da cultura de autoajuda. A fantasia que o modo cultural de autoajuda representa, então, é a de que o eu se autorregenera e automodela. A autoajuda é uma fantasia sobre o eu em movimento e em ação. No modo cultural de autoajuda a fantasia ou ficção proporciona os instrumentos para controlar e modificar a vida cotidiana. (ILLOUZ, 2014, p. 42)

A escrita em formas de manuais, que conduzem os sujeitos ao reforço da ideia de autotransformação e que jogam luz, no caso das mulheres, sobre a esfera afetiva, surge não só no conteúdo elaborado pelos sites e reforçados na socialidade *online* entre mulheres, mas em suas falas. Em uma conversa sobre livros que supostamente nos auxiliam a lidar com os problemas da vida, Lucia falou sobre como a Bíblia e os livros de autoajuda são importantes nesse processo:

P: quais os problemas psicológicos e espirituais que a bíblia e os livros de autoajuda ajudam a superar?

R: o que gera muita confusão na maioria das vezes é a falta de conhecimento e a alienação de alguns religiosos que acham que não existem problemas psicológicos e que são todos espirituais. Os espirituais são problemas que, muitas vezes, são impossíveis de serem resolvidos, aos olhos humanos e com a busca de Deus e a renovação da fé através da leitura dos ensinamentos são realizados de forma surpreendente. Quando tudo parece dar errado, como as portas financeiras fechadas, você entra dentro do seu quarto e encontra forças pra superar através da fé. E os psicológicos, os quais os livros de autoajuda auxiliam é quando você está triste com algum relacionamento, as vezes nada dá certo, você não consegue arrumar um namorado, por exemplo, e acha que o problema é com você e sua autoestima vai lá embaixo. Então, você pega um livro de autoajuda e percebe que o problema não é com você. O problema é que os homens são muito diferentes das mulheres. E que se ainda não deu certo, é porque não chegou a pessoa certa. Então, seu ego, sua autoestima vai lá em cima. Um exemplo é claro, porque tem muitos outros temas de autoajuda, variados, para os mais diversos tipos de conflitos interiores.

P: você já falou como a bíblia te ajuda na resolução de muitos problemas e como Deus deu muitos sinais pra você e sua família, nunca os abandonando. Os livros de autoajuda te ajudaram em algum momento também?

R: com certeza. Eu em seis anos já passei por muitos conflitos de relacionamentos. Até porque isso é normal, são duas pessoas, com criação diferente, ideais diferentes, que se unem porque se gostam independente de darem certo. Os livros de autoajuda me ensinaram a superar muitas coisas. Me mostraram como ensinar meu namorado a entender o que eu gostava, como ensinar ele a agir para que assim o fizesse; me ensinaram também que relacionamento é abrir mão de certas coisas, que isso é necessário para que uma relação dê certo. Eles me ajudaram muito com meu namoro. Eu estou lendo um livro agora que fala muito sobre como os homens são diferentes das mulheres...

P: que livro é?

R: é um livro do steve Harvey, se chama *Comporte-Se Como Uma Dama e Pense Como Um Homem*, a chamada é: O que eles realmente pensam sobre amor, intimidade e compromisso.

P: e o que diz o livro?

R: eu estou no primeiro capítulo. Até agora ele explica quais são as prioridades dos homens e das mulheres e porque reagem de forma tão diferente quanto ao amor.

P: e você nota isso no seu namoro?

R: nossa, sim! Parece que o livro foi feito com base no meu namoro. Faz muito sentido. Ele cita, por exemplo, com identificar quando o cara quer te levar a sério e foi como aconteceu comigo. Quando conheci meu namorado era véspera de carnaval e ele era playboy, não queria nada sério, era da bagaceira, carrão com sonzão, festas e festas, uma atrás da outra, nossa, passado negro. No livro ele cita um exemplo parecido, e quando saiu comigo já me apresentou como minha namorada. Como diz o livro, esse é um sinal de que ele ia me levar a sério e que ele me via de forma diferente das demais. Quando um homem te apresenta como uma amiga ou como “fulana de tal”, significa que você não vai ficar na vida dele. São sinais, é bem interessante. (fala colhida em conversa via *Facebook*)

A percepção de Lucia sobre a relação amorosa corrobora os discursos dos manuais e também dos sites ao apontar a diferença, tida como inerente entre homens e mulheres. Mais do que isso, a função de desvendar o universo do parceiro, para que a relação se consolide, é da mulher, uma vez que homens estariam menos aptos ao questionamento e reflexão acerca da esfera afetiva e das emoções. As obras de autoajuda, bem como os sites da internet direcionados ao público feminino, consistem em ferramentas fundamentais de orientação para a criação de estratégias capazes de consolidar a percepção feminina sobre a conduta do parceiro.

A esse respeito, Illouz aponta que a cultura contemporânea é a cultura da autoajuda, na medida em que tem o efeito pragmático de nos fazer agir. Seja na esfera afetiva ou mesmo em meio ao ambiente profissional, estamos conduzidos pela ideia de que nossa ação é promotora de autotransformações. Especificamente, quando os assuntos são os afetos e o amor, existe a interseção de questões de gênero que apontam para demandas específicas para as mulheres envolvidas em relações heterossexuais.

O que penso é que muita da cultura contemporânea, especialmente cultura de aconselhamento, tem um efeito pragmático. Ela nos faz fazer coisas. Ela diz algo – e não apenas faz com que nos percebamos como entidades carentes de autotransformação – mas nos faz agir. Ela tem essa capacidade de nos fazer agir em direção à autotransformação, o ato de refletir sobre nós mesmos, o ato de mudar nossas emoções. Assim, penso que a maior parte da cultura contemporânea é performativa, ela nos leva a fazer coisas. (ILLOUZ, 2016, p. 307)

Muito embora a análise da Illouz acerca do amor nos auxilie a refletir sobre nossas práticas afetivas em um contexto onde a esfera do consumo invadiu os rituais românticos, como aponta Mirian Adelman, refletir sobre essas relações de forma genérica nos impede de ver as questões gênero, classe, raça, sexualidade que envolvem tais dinâmicas.

Cabe assinalar o problema inerente em focalizar a história do amor em termos só do capitalismo e sua gênese histórica, como se não se tratasse de um dos cenários onde, da maneira mais emblemática, se produz a interseção de questões de gênero, classe (e de heteronormatividade e relações raciais, entre outras). Desde este outro olhar, diferentes tipos de casais e de uniões, representam reprodução ou desafio de uma ordem social, normatividade e domesticação (a domesticação “burguesa e patriarcal” das múltiplas possibilidades de relação e vínculo afeto-sexual). Por outro lado, “amor”, “amor romântico” e “desejo” merecem ser considerações específicas, pois podem ser muito diferentes um do outro. Não há porque pressupor uma convergência e, muito menos, uma convergência duradoura e heteronormativa, entre os três. [...]. Se não há porque imaginar que nenhum tipo de vínculo de amor/desejo se mantenha à margem dos rituais e discursos que o mercado faz circular, alguns parecem tensionar a ordem social mais do que outras – particularmente se pensarmos em perspectiva histórica, sobre o regime social e cultural que antecede o atual momento pós-moderno. (ADELMAN, 2011, p. 126)

Além disso, trata-se de dar a devida atenção às formas de relações que parecem tensionar as demandas heteronormativas pautadas em desigualdade de gênero e em horizontes aspiracionais, que pressupõe o casamento como parte do roteiro de realização de vida. Como apontou Joice, em conversa via Facebook, o casamento esteve distante de seu horizonte de aspiração até conhecer a atual namorada. O mesmo foi o que apontou Luana, quando questionada sobre o casamento:

P: Você quer casar, Joice?

R: Casamento sempre me deu coceira. Até pra amar... Era a coisa mais chata do mundo. Mas com ela [a namorada] eu penso até em outra coisa que nunca quis: ter filhos!

P: porque você tinha coceiras de casamento?

R: Achava ridículo o fato de crescer para me preparar pra alguém. Acho que devemos crescer pra prepararmos a nós mesmos. Os outros são os outros.. Pros meus pais devo ser hétero, crentona, ter filhos e viver pro meu marido. Antes eu não fosse feminista...risos

P: de onde vem sua afinidade com o feminismo?

R: Da sociedade. Que é ainda é super machista. E também por já sofrer certas coisas com homens.

P: Você já namorou homens?

R: A sociedade impõe muita coisa desnecessária pra mulher! Não tem nada a ver com a minha opção. Sei separar bem as coisas. Namorei sim!

P: o que você passou com os rapazes?

R: Cantadas, eles me agarrando, não respeitando meu espaço. Mas sofro com mulheres também que não gostam da posição feminista.

P: Luana, você não quer mais casar, hoje em dia?

R: Eu ainda quero, mas não é mais uma meta de vida. Eu sei que eu não preciso, que tem coisas mais importantes e depois de todas as experiências amorosas, fui percebendo que posso viver sozinha se eu assim quiser. (fala colhida em conversa via *Facebook*)

Para Joice, o casamento não é, por excelência, a esfera de companheirismo e a forma como vê a relação amorosa dos pais não a convence de que casar é decisão que deve ser tomada para se sentir realizada. Ao longo de toda a conversa Joice pareceu muito focada em seus estudos, na possibilidade de fazer graduação em uma Universidade pública, na atividade de docência que pode exercer e menos na possibilidade de ter um casamento heterossexual. A relação com a namorada não surgiu conduzida pela vontade de ter autonomia, o que seria garantida pelos estudos. O mesmo ocorre com Luana, que deixou, ao longo dos anos, de ansiar pela possibilidade de se casar como um dos objetivos centrais da vida.

O *Bolsa de Mulher* se mostrou espaço privilegiado de constituição de redes de ajuda mútua entre mulheres. Tais redes se mostraram como espaços promissores na discussão acerca das relações afetivas como aquilo que compõe os horizontes de aspiração de grande parte destes sujeitos. A esfera online aumentou a potência da rede como canal para o compartilhamento de experiências e vivências atravessadas pela tentativa de administrar a busca por autonomia e a manutenção do namoro, do casamento e do anseio de constituir família.

As redes formadas por mulheres abordadas nessa pesquisa, iniciadas pela plataforma do *Bolsa* e expandida para outros espaços se consolidou, como relatou uma interlocutora acima, pelo amor. Não pelo amor recíproco entre usuárias, muito embora ele apareça nos discursos, mas por estarem conectadas, principalmente, pelo desejo em elaborar discursos sobre suas relações amorosas. A fala abaixo aponta o caráter de ampliação das redes de troca de experiências e de aconselhamento, bem como de circulação de repertórios culturais entre elas. A decepção expressa pela interlocutora consiste na frustração com as trocas de ofensas, que deixariam de lado o real propósito do site, qual seja, debater opiniões distintas e aconselhar.

Hoje estou um pouco triste em relação a algumas situações aqui do *Bolsa* Eu acho que um site como este, é um lugar para trocarmos ideias, opiniões, dar conselhos e até debater opiniões de diferentes pessoas. Porém o que tem ocorrido muito em diversos fóruns ,são ofensas, brigas, etc...A gente não

aceitar a opinião alheia é uma coisa ... agora, insultar a pessoa por ter opiniões diferente da sua ?? Que isso gente .....Percebo que as vezes saímos do foco do assunto a ser comentado para discussões pessoais ....Lógico que tem muitos FAKE's aí querendo curtir com a cara de todo mundo! Podíamos levar em consideração o verdadeiro significado do site ..... Expor ideias , opiniões conselhos.... e saber respeitar a vida e diferença de cada um Defender cada um a sua opinião! Sem insultos, sem ofensas, e principalmente sem preconceitos !!!!Debater, trocar ideias significa: Uma discussão amigável, de duas ou mais pessoas que queiram apenas colocar suas ideias em questão OU discordar das demais, sempre tentando prevalecer a sua própria opinião OU sendo convencidos pelas opiniões opostas. Raramente chegamos a alguma conclusão porém é uma pratica considerada saudável onde podemos ver vários lados de uma mesma questão !!. (fala colhida no fórum do *Bolsa de Mulher*)

As amizades desenvolvidas por meio das mídias e da plataforma do *Bolsa de Mulher*, que se expandiram para grupos criados no *Facebook* e no *Whatsapp*, surgem nos discursos de minhas interlocutoras como amizades sinceras e permeadas por laços consolidados de afeto.

Interessante a amizade...

Eu já disse, após muuuuuitas decepções e facadas pelas costas, que nunca mais chamaria ninguém de amigo. E aí, por ironia do destino, procurando uma receita(a ironia está no fato de que sou uma ameba na cozinha), caio de paraquedas do site do *Bolsa de Mulher* e "conheço" essa turma seleta de meninas, que me fazem arrepiar os cabelinhos do braço quando chamo de AMIGAS. Minhas amigas do Rio, de Minas, São Paulo, Acre (ca-ra-leo), minhas parceiras, minhas fodazing amasing pra sempre! Amo vocês!( fala colhida no grupo do *Bolsa de Mulher*)

Os assuntos tratados nas dinâmicas *online* entre mulheres não foram criados por essas dinâmicas, pelo contrário, integram a esfera *off-line*, sua relações, seu cotidiano não mediado. A rede expande a possibilidade de troca acerca dessas situações cotidianas e dá potência e repertório para enfrentá-las e reelabora-las em um contexto no qual refletir sobre a relação amorosa é papel fundamentalmente atribuído e, por vezes aceito, pelas mulheres. Da mesma forma funcionam os aplicativos para busca de parceiros estudados por Richard Miskolci, os quais nos auxiliam a refletir sobre a socialidade entre mulheres observadas nessa pesquisa.

Não foram os aplicativos que impuseram esses modelos corporais ou critérios de seleção de parceiros. Eles apenas tornaram mais perceptível a existência deles para seus usuários, os quais encontram formas distintas de lidar com eles: alguns aderindo a aplicativos segmentados para sua faixa etária, tipo corporal ou erotismo; outros tentando negociar suas diferenças ou ainda adotando práticas corporais afeitas ao regime erótico dominante. (MISKOLCI, 2016, P. 26)



Não foi a internet nem as redes sociais que impuseram às mulheres a responsabilidade pela relação afetiva e por desvendar a conduta do parceiro para então saber se existe a possibilidade de manter a relação. Não foi a internet também que tornou a relação afetiva algo importante de ser ansiada pelas mulheres. A internet expande a possibilidade de conexão entre mulheres e tais redes de socialidade expandem também o debate entre elas.

A rede viabiliza o contato com pessoas desconhecidas e alheias ao círculo de origem para tratar de questões, por vezes delicadas, que envolvem conflitos amorosos, aspectos sobre práticas sexuais, dentre outros assuntos que comumente compõem a esfera da intimidade. Conectadas as mulheres criam ferramentas para lidar com os problemas cotidianos, trocam experiências e vivências diversas, elaboram reflexões sobre o que pode dar ou não certo na administração de um conflito afetivo ou familiar e estipulam seus próprios receituários de orientação para essas problemáticas. Essas interações são moldadas, por assim dizer, por um misto de aprendizados com situações cotidianas próprias ou de círculos de pessoas próximas e pelo que aprendem nas plataformas, em livros sobre o assunto e em outras fontes de onde extraem esses repertórios culturais.

A relação afetiva apareceu nos horizontes de aspiração das mulheres desta pesquisa como parte de um processo de individuação. A saída da casa e, por vezes, do local de moradia, proporcionada pela união amorosa, não demonstra somente uma busca pelo amor naquilo que figura em nosso imaginário como sentimento irracional. Trata-se de uma realidade complexa que envolve contextos, vivências e estratégias para lidar com pressões sociais atravessadas tanto pela expectativa coletiva de que a mulher não esteja solteira, quanto por urgências de classe, moradia e consumo facilitadas pela formação de casal.

A união afetiva como aponta Andrade (2015) extrapola a antiga administração da família e dos interesses de posses monetárias. Trata-se de uma escolha cada vez mais pautada pelo processo de individuação das sociedades contemporâneas e, o ponto comum entre as análises sociológicas acerca do amor, ao longo do tempo, é o fato de existir ciência a respeito da nova forma de constituir parcerias amorosas. Para a autora, Giddens foi uma dos teóricos que percebeu o surgimento de novas configurações de relações amorosas.

Em primeiro lugar, algo que os sociólogos compartilham ao longo do tempo (desde os clássicos até os contemporâneos) e que está relacionado com o que Giddens coloca como a especificidade da disciplina (seu foco nas sociedades modernas), é que todos são conscientes da aparição de uma nova forma de constituição de parceiros amorosos. Uma transição de casamentos para transações monetárias ou familiares na eleição do cônjuge de forma

individual e por questões afetivas. Quer dizer, o amor moderno está associado com a aparição do individualismo e a possibilidade de seleção da própria identidade em uma sociedade cada vez mais diferenciada. (ANDRADE, 2015, p. 55)

Parte considerável das mulheres dessa pesquisa busca atravessar esse processo de individuação em meio à escolha do par afetivo. No entanto, como vimos, não se trata somente, como também aponta a autora citada, da seleção da própria identidade em uma sociedade cada vez mais marcada por processos de diferenciação. Essas escolhas estão moldadas também por questões de classe social, gênero e sexualidade que pautam as escolhas na esfera afetiva.

A internet e, mais especificamente os serviços de redes sociais surgem, nesse contexto, como espaço no qual se procura equacionar o paradoxo entre a busca por individuação, falta de condições de manter-se sozinha e as demandas ainda que cercam as relações marcadas pelo gênero. Nos fóruns, grupos elaborados, tanto no *Facebook*, quanto no *WhatsApp*, fica evidente um mal estar típico de um momento de transformações sociais. A melhoria das condições de vida, a expansão dos horizontes de aspiração e o acesso à informação e a socialidade em rede tornam as práticas amorosas passíveis de serem expostas em larga escala, com possibilidade de debate, troca de experiências e repertórios para interpretá-las.

Esta troca remete, mais uma vez, a metáfora que utilizo para ilustrar a expansão dos horizontes de aspiração quando em contato com as mídias, a saber, a de olhar por cima do muro. Muito embora, romper com os padrões de gênero e fronteiras socioeconômicas que atuam na escolha do par afetivo seja trabalho árduo, o contato entre mulheres pela internet e a troca de vivências e informações apontam que aceitar situações de desigualdade, em que a mulher se encarrega de cumprir um roteiro social limitado, não acontece sem que haja em torno disso um intenso debate que se dá na/em rede.

Os tópicos centrais na rede de mulheres e que atravessa os cotidianos de grande - senão a maioria delas, sejam heterossexuais ou não - , diz respeito, principalmente, a apontar, na relação com os homens, as limitações da própria autonomia, de situações de afeto e compromisso. Nesse sentido, muito embora a possibilidade de romper demandas e expectativas tradicionais de gênero seja limitada, a rede expande, por meio da socialidade e da troca de experiências e repertórios os anseios e as expectativas para a compreensão que elaboram sobre relações amorosas.

Nessa parte final do texto, encaminhando o debate para as conclusões, abordarei especificamente a tese aqui defendida a respeito da expansão dos horizontes de aspiração das mulheres. Isso será feito com base nos dados empíricos até agora apresentados e apoiado em bibliografias que auxiliam tanto a entender o que são tais horizontes, quais são os conteúdos que os compõe e quais são as relações que mantém com a recente socialidade em rede, especificamente, entre as mulheres das classes populares.

## 7 “NÃO TÁ FÁCIL PRA NINGUÉM”: MÍDIAS DIGITAIS E HORIZONTES DE ASPIRAÇÃO

“Não tá fácil pra ninguém” é frase recorrente no campo de pesquisa e é pronunciada tanto nas interações entre as usuárias das plataformas, quanto em nossas conversas. Ela evidencia uma lamentação das mulheres acerca de diversas questões. A frase era dita quando havia uma necessidade, por parte de minhas interlocutoras, de apontar para os problemas da relação amorosa, da falta de parceiros dispostos a compartilhar a vida, da falta de dinheiro para alcançar objetivos, para comprar determinado bem de consumo, dentre outras dificuldades e impasses.

“Não tá fácil pra ninguém” evidencia um lamento, distribuído coletivamente de forma o sujeito não carregue o fardo do fracasso pessoal sozinho. É uma frase carregada de projetos aspiracionais os quais não são consolidados completamente por ninguém do entorno. De outra forma, aborda aspectos da vida os quais compõem os anseios e vontades, mas que não estão ao alcance das mãos tão facilmente como elas gostariam que estivessem. Deseja-se um parceiro, deseja-se sucesso profissional e um pouco mais de dinheiro para garantir conforto, consumo, lazer e viagens. No entanto, ter isso como meta, desejos e sonhos de vida, não quer dizer, necessariamente, alcançá-los dentro da temporalidade que se espera ou, por vezes, diz sobre a impossibilidade de sequer alcançá-los.

Para além da dimensão material e dos anseios de consumo, “não está fácil pra ninguém” é também um enunciado que se relaciona com aquilo que Illouz (2014) chamou de fantasia. Illouz traz para o debate a ideia de fantasia que pode ser apropriada quando abordamos os anseios do sujeito. Em sua obra intitulada “Erotismo y autoayuda”, em que analisa o livro *Cinquenta Tons de Cinza*, a autora aponta como a fantasia nos auxilia a viver com a realidade. Segundo ela:

A fantasia trabalha em torno da realidade, a incorpora, defende a mente contra a realidade, porém, a ajuda a viver com ela. Nessa visão a fantasia é uma mediação entre sistemas diferentes, inclui aquilo que nega e oferece uma transição entre diferentes aspectos da consciência. Podemos supor que esta é também a razão pela qual a fantasia desempenha um papel crucial na vida psíquica e na vida coletiva, justamente porque aborda problemas e carências e ajuda a resolvê-los. (ILLOUZ, 2014, p. 141)

Esta concepção de fantasia permite formular uma compreensão sobre parte daquilo que compõe o imaginário dos sujeitos, seus sonhos e, no limite, também seus horizontes de

aspiração. A fantasia está no espaço do realizável, ela produz bem-estar e prazer, na medida em que borra as carências e que permite ao sujeito, ao menos no plano do imaginado, controlar seu destino. É na fantasia que nossos desejos todos se realizam, é nela que criamos mecanismos de compensação em relação aos limites da realidade, quer sejam eles econômicos, sociais, políticos ou emocionais. Todos nós fantasiemos e a fantasia, como parte da cultura, desempenha um papel fundamental para que consigamos enfrentar a realidade, suportá-la e transformá-la.

Faz parte de uma fantasia dos sujeitos da pesquisa, sempre constituída socialmente, habitar, por exemplo, a zona sul carioca, ansiar por uma caminhada na areia da praia após um dia de trabalho em uma empresa milionária; faz parte da fantasia alcançar a família feliz, com um casamento capaz de suprir todas as necessidades emocionais, sexuais e financeiras.

A fantasia é aquilo que sutura o sujeito à realidade, é uma forma de lidar com o sofrimento e as frustrações impostas pelas barreiras sociais, é a mediação que faz o sujeito organizar a realidade em que se insere. Na teoria psicanalítica de Freud (1907; 1977), a fantasia é a forma como o sujeito se apresenta em uma realidade psíquica, que pode diferir da realidade em si; trata-se de como o sujeito se localiza diante daquilo que lhe falta, diante de sua busca. Já para autoras desta mesma vertente, como Malanie Klein (1996), a fantasia é parte do funcionamento mental básico, está relacionada com os instintos e não só com a frustração perante a realidade inalcançável. Dessa forma, ela acontece independente da falta e se passa a todo o momento de existência.

Neste trabalho, posso me apropriar da ideia de fantasia abordada pela psicanálise e desenvolvida sociologicamente por Eva Illouz, na medida em que ela possibilita uma reflexão analítica sobre como a vida mental elabora os desejos frente à realidade empírica. A fantasia é aquilo que extrapola os horizontes de aspiração, pois é esfera onde os desejos, mesmo mais absurdos, podem ser realizados, ainda que não se concretizem efetivamente.

Ao contrário de uma vertente psicanalítica que se dedica a compreender somente o âmbito subjetivo da fantasia, autoras como Illouz refletem sobre a fantasia como um construto social, elaborado a partir de um contexto, portanto, a fantasia é parte da cultura. Dito de outro modo, a fantasia é sempre culturalmente constituída e mediada; do mesmo modo a fantasia medeia a cultura. A fantasia, desse modo, não é oposta ao real, mas é parte constituinte dele. Assim, no mundo contemporâneo tecnologicamente mediado, aquilo que compõe nossa fantasia integra o espaço em que vivemos e passa pelo que é veiculado pelos meios de comunicação como TV, cinema e também via internet. A fantasia é indissociável da propaganda e pode ser pensada, inclusive, como o motor do uso das mídias sociais, em

especial, de serviços de redes sociais como o Facebook, onde pessoas comuns performatizam sucesso, consciência política, reconhecimento familiar, no trabalho, sucesso afetivo e amoroso.

Dito isto, pretendo elaborar um capítulo conclusivo que aborde, de forma conceitual e retomando os dados de campo apresentados, o que são esses horizontes de aspiração, como eles se alteraram em meio ao contexto socioeconômico das classes populares nos últimos anos e como se modificam nas interações em rede. Pretendo mobilizar um conjunto de teorias que proporcionem um solo fértil para refletir sobre este campo de pesquisa, com vistas a apontar de que maneira as interlocutoras conectadas criam formas de negociar e lidar com os limites fantasísticos dos seus horizontes de aspiração e desejo. Em outros termos, como elas negociam, em rede, com os limites daquilo que sonham e com as fronteiras do que a realidade é capaz de oferecer.

A tese se dividiu em sete capítulos nos quais trouxe ao debate o que considerei como aspectos que compõem os horizontes aspiracionais do público da pesquisa. Mais do que isso, estive atenta ao cotidiano dos sujeitos para compreender, para além de seus discursos e daquilo que me era dito, as limitações e alcances de suas experiências com base em suas situações vividas e as marcas de classe social, gênero, sexualidade, aspectos geracionais e, também, no que diz respeito aos aspectos políticos dos seus fluxos e trânsitos pela cidade e sua relação com outras regiões, distintas daquelas que habitam.

Posso concluir que, dentre os aspectos possíveis, foram selecionados para compor o texto os que mais me saltaram aos olhos nesse universo no intuito de apontar aquilo que integra as aspirações de minhas interlocutoras, considerando os variados perfis. Entre esses aspectos estão: a consolidação da relação amorosa, casamento, família, o desejo por uma situação profissional que garanta estabilidade, acesso à educação, à possibilidade de consumo de bens materiais como o carro e a casa própria, o acesso a situações de lazer, a vivência plena de sua sexualidade, relações amorosas mais igualitárias, a possibilidade de trânsito pela cidade e a ascensão social.

Tais características não são, certamente, exclusivas de uma população de baixa renda que habita o país. Em outras palavras, aspirações e fantasias compõem as vivências de sujeitos de diversas classes sociais, rendas, nacionalidades, religiões, gêneros, raças e permeiam todos os contextos sociais. No entanto, esta pesquisa mostrou que para as mulheres das classes populares cariocas, e de certa forma brasileiras, a socialidade em rede está atravessada por aquilo que desejam e buscam ou aspiram em sua realidade *off-line*. Em outras palavras, as fantasias são parte fundamental dos horizontes de aspiração. Assim, para lidar

com as inseguranças, conflitos e mal-estares que atravessam suas buscas diversas, a rede social se converteu em um espaço fundamental de socialidade, auxílio, ajuda, trocas e de negociações acerca do que vivenciam.

Os aspectos mencionados aparecem em considerável exposição na socialidade *online* entre estes sujeitos, mas também em suas rotinas *off-line*. A rede mostrou ser um espaço privilegiado de troca de experiências e de acesso a repertórios que auxiliam a entender a relação, mesmo que contraditória, entre: melhores condições de vida com ainda escassa segurança econômica; anseio pela relação amorosa e busca por individuação; acesso restrito à cidade e contato com formas de socialidade distantes dos locais de origem; cotidiano atravessado por conflitos e limitações no deslocamento e busca pela valorização dos espaços periféricos que habitam; situações de desemprego e ocupações e/ou trabalhos socialmente subalternizados ou considerados precários e possibilidade de ter o próprio negócio por meio da rede.

Muitas das contradições vivenciadas pelas mulheres da pesquisa derivam da distância entre os ideais sociais propagados midiaticamente acerca das esferas abordadas ao longo desse trabalho e as condições efetivas de alcançá-lo. É nesse espaço entre um e outro que se projeta ou se fantasia. Nesse arranjo, as mídias digitais e as redes sociais se convertem em: um espaço sociotécnico no qual os sujeitos podem socializar intensamente a respeito dos paradoxos apresentados acima, bem como ambiente que permite performatizar o sucesso afetivo, profissional, financeiro, por meio de postagens, comentários e imagens lançadas em seus perfis.

Mas, o que aconteceu com os horizontes de aspiração dos sujeitos nos últimos anos? Como essa pesquisa pode fornecer um quadro sobre os atuais anseios das mulheres das classes populares brasileiras, quando conectadas em rede? Para responder essas questões e, então, adentrar o debate sobre as mídias, irei retomar parte da literatura sociológica que trata dos anseios dos sujeitos. Considero esse movimento indispensável para uma compreensão sobre a forma como nossos horizontes aspiracionais são constituídos em contextos específicos.

Algumas são as fontes a respeito daquilo que os sujeitos desejam e, em grande medida, seus focos estão bastante direcionados aos aspectos econômicos e desejos por consumo que restringem a sensação de segurança social ao poder de compra de uma população e ao conforto material que desfrutam ou do qual são privados. O consumo aparece, neste trabalho, como um dos aspectos que compõe as aspirações das mulheres, dentre outros,

e, como vimos, penetra inclusive em seus rituais românticos dando a eles legitimidade e moldando relações de gênero.

O consumo não é único Norte dos roteiros subjetivos e, apesar do fato de que o que considero como parte horizontes de aspiração, o cotidiano das pessoas não se compõe somente pelo anseio de consumir. No entanto, entendo que tais práticas merecem atenção, pois os serviços de redes sociais também atuam no sentido alcançar e/ou formar nichos de mercado colorindo anseios e desejos.

O consumo, como aponta Canclini (1996), constrói parte da racionalidade integrativa e comunicativa de uma sociedade:

se os membros de uma sociedade não compartilhassem os sentidos dos bens, se estes só fossem compreensíveis à elite ou à maioria que os utiliza, não serviriam como instrumentos de diferenciação. Um carro importado ou um computador com novas funções distinguem os seus poucos proprietários na medida que quem não pode possuí-los conhece o seu significado sociocultural. Inversamente, um artesanato ou uma festa indígena cujo sentido mítico é propriedade dos que pertencem à etnia que os gerou - se tornam elementos de distinção ou discriminação na medida que outros setores da mesma sociedade se interessam por elas e entendem em algum nível seu significado. (CANCLINI, 1996, p. 56)

Em outros termos, consumir e participar de rituais de consumo é estabelecer uma disputa por aquilo que a sociedade produz e pelos modos de usá-lo. Consumir é tornar o mundo inteligível, uma vez que o consumo é meio através do qual os desejos se transformam em demandas práticas. De acordo com o autor, não se trata somente de um fruto do aumento de renda, da expansão da variedade de produtos disponíveis, nem mesmo do acesso a informação acerca de produtos para consumo como, no caso da pesquisa, por meio da Internet. Para Canclini, “o desejo de possuir o novo, não atua como algo irracional ou independente da cultura coletiva a que se pertence” (Canclini, 1996, p. 60), trata-se de um processo iminentemente cultural e coletivo.

Tal fato explica, por exemplo, o que retomei em outro capítulo acerca das utopias românticas atravessadas pelo consumo e desfrutadas como necessidades da esfera afetiva na escolha do parceiro, entre grande parte dos relacionamentos amorosos dos quais participam os sujeitos da pesquisa. Também evidencia que o processo de ascensão é percebido quando se acessa determinados bens como o próprio celular, veículo próprio, dinâmicas de lazer e moradia.

É corrente no discurso do senso comum a ideia de que no Brasil dos últimos anos, o fato das classes populares terem melhorado de vida e acessado alguns bens de consumo antes



restritos às elites, tornou-se parte do descontentamento destas com os governos de esquerda e com o Partido dos Trabalhadores, responsável pelos programas sociais de distribuição de renda, especialmente, aqueles voltados à população mais pobre. É comum, até mesmo no campo da pesquisa, a ideia de que pobre que melhora de vida, incomoda.

Carla, por exemplo, certa vez mencionou em uma entrevista um documentário que fez com o marido quando viajaram para o Chile, a primeira viagem internacional do casal. Segundo ela, o vídeo teria um tom de brincadeira com o pensamento corrente acerca do acesso ao consumo e às viagens da população de baixa renda. A jovem afirmou “a gente quer ‘rodoviarizar’ o aeroporto mesmo. A gente tem que fazer isso, pobre tem que chegar, tem que alcançar, tem que conseguir”.

Os processos de melhorias das condições de vida que vincula os sujeitos àquilo que eles podem ter e consumir são observados também como fruto do esforço pessoal e do mérito. São inúmeras postagens na rede com teor motivacional que associam o sucesso ao trabalho e a possibilidade de gozar de uma vida melhor, na qual se pode, dentre outras coisas, ter estabilidade e consumir. O reforço da ideia de que “você pode”, “basta não se deixar levar pelo desânimo”, “basta se organizar e trabalhar sua rotina” emerge sob a forma de receituários tanto nos discursos dos usuários da rede, quanto no conteúdo produzido pelas próprias plataformas.

O esforço de afastamento da pobreza ou de qualquer sinal de proximidade com ela fica evidente, principalmente, naquilo que é compartilhado por alguns sujeitos em suas linhas do tempo do *Facebook*: imagens de viagem, situações de lazer, abundância alimentar, momentos de festividades. Tais compartilhamentos apontam para a fantasiosa boa vida, nunca alcançada completamente, mas performada. Não se trata de uma exclusividade do uso das mídias por pessoas pobres, é importante dizer, trata-se de um uso tipicamente brasileiro, marcado por um contexto social atravessado por desigualdades e pela distinção, pela necessidade de não proximidade com a miséria e com o fracasso.

Néstor García Canclini aponta como características de países da América Latina, a descrença nas instituições garantidoras de direito, o que faria com que os sujeitos se identifiquem com situações de consumo e menos com a atuação na esfera pública, no exercer da cidadania. Em outros termos, para o autor, nossa cidadania, nosso sentimento de pertença à comunidade, bem como nossa identidade – que também nos diferencia dos demais – estão atravessados pelo consumo e por aquilo que conseguimos ter. Aponta ele:

Junto com a degradação da política e com a descrença em suas instituições, outros modos de participação se fortalecem. Homens e mulheres percebem que muitas das perguntas próprias dos cidadãos – a que lugar pertença, e que direitos isso me dá, como posso me informar, quem representa meus interesses – recebem sua resposta mais através do consumo privado de bens e dos meios de comunicação de massa do que pelas regras abstratas da democracia ou pela participação coletiva em espaços públicos. (CANCLINI, 2010, p. 29)

O consumo marca também a obra de Wanderley Guilherme dos Santos chamada *Horizontes do Desejo*, na qual o autor busca compreender a relação entre a cidadania brasileira e o consumo. Seu intuito é de abordar o que chama de horizontes de desejo e seu encolhimento, tendo em mente a sensação de insegurança social à qual está submetida a população, ao longo da história nacional.

De acordo com o autor, nosso processo democrático inacabado, sem atores políticos organizados capazes de universalizar os direitos básicos da cidadania cria um processo de desigualdade que, no entanto, não impede o circuito de consumo.

Assim seria o Brasil. Está sob análise uma população majoritariamente pobre, sem disponibilidade para cobrir os custos de organizar ações coletivas e para absorver os custos de eventuais fracassos, pouco informada e em larga medida inocente de qualquer noção de direitos. Não espanta que a reserva de confiança institucional anteriormente mencionada encontre-se aqui muito aquém do desejável. Ninguém alimenta grandes expectativas quanto às instituições fundamentais: Legislativo, Judiciário, polícia, serviços públicos. Suplementos especiais da PNAD 1988 revelam o grau de desconfiança institucional difundida pelo país e não há razão para que se tenha alterado significativamente para melhor desde então. (SANTOS, 2006, p. 174).

Dessa perspectiva, a desconfiança institucional com relação aos processos garantidores de melhores condições de vida faz com que sejam baixos os horizontes de desejo dos sujeitos. Trocando em miúdos, se as pessoas desejam, mas, devido suas experiências de vida e devido forças históricas, percebem que não alcançarão, passam a desejar menos, a ter o horizonte de desejo restrito.

Existe crescente hiato entre expectativas de consumo e consumo efetivo, de ascensão social bloqueada por congeladas estratificações sociais, de mais eficaz participação do poder por meios de canais não-convencionais, e a percepção da distância entre ambição e capacidade de satisfazê-la, o que propiciaria o manifesto alheamento em relação às instituições tradicionais. (SANTOS, 2006, p. 29).

Na análise do autor, a insatisfação da população brasileira não se trata de uma insatisfação com a democracia, mas com as instituições democráticas. Dessa forma:

As estratégias de comportamento orientadas para o futuro hão de incorporar, por necessidade, uma taxa de risco bastante elevada, resultado não só do caráter movediço da infraestrutura social, mas também dos sucessivos reajustamentos nas estratégias dos demais. A sociedade brasileira se assemelha a um múltiplo e simultâneo jogo de escolha racional ou, em escala mais branda, de escolha razoável, sem intervalo temporal para descanso. A ebulição da infraestrutura transmite transigência a tudo que nela se sustenta: residência, ocupação, relações comunitárias, pauta de demandas e conexões políticas. (SANTOS, 2006, p. 46)

As inseguranças decorrentes dessa infraestrutura social reduzem os horizontes de desejo e, ao mesmo tempo o que o autor chama de privação relativa. Na medida em que os sujeitos anseiam menos, ousam menos e enfrentam menos processos de privação e de sensações de carência social. Nesse sentido ele explica o caráter do que chama de horizonte de desejo e a restrição deste na vivência do brasileiro:

O horizonte de desejo é algo móvel e o que o impulsiona é a relativa segurança de que o fracasso na tentativa de alcançá-lo cobrará custo tolerável, quando a situação em que se recairá é, em si mesma, já confortável. O limiar de sensibilidade social é definido, por conseguinte, como a pior punição possível caso alguém ouse desejar hobbesianamente e fracasse. No caso brasileiro, o custo do fracasso consiste em desemprego prolongado, afastamento do processo produtivo, violência institucional e marginalização. Por isso a privação relativa é tão insignificante – porque relativamente à privação absoluta elas são quase iguais. O Brasil encontra-se, muito possivelmente, aquém do limiar de sensibilidade social, e assim tem convivido, pacificamente, com a miséria cotidiana, material e cívica, sem gerar grandes ameaças. Aqui o horizonte de desejo é puro desejo, sem horizonte. (SANTOS, 2006, p. 176)

A frase final da citação acima, “aqui o horizonte de desejo é puro desejo, sem horizonte”, aponta, nos termos do autor, que no Brasil, os sujeitos desejam, porém, sem a possibilidade de realização futura e sem ações concretas que os exponham ao risco e ao fracasso de retroceder, cada vez mais, as posições subalternas das dinâmicas sociais. Por isso, esta instabilidade conduz ao risco baixo e, conseqüentemente, a reduzida privação relativa. Os brasileiros, nesses termos, não tem um horizonte do possível no qual pautar seus anseios.

As críticas às reflexões realizadas por Wanderley Guilherme dos Santos se direcionam a aspectos que são fundamentais de serem pensados nessa pesquisa. As teorias acerca dos horizontes de desejo dos sujeitos não abordaram o contexto recente, dos anos dois

mil, de políticas sociais voltadas para maior acesso à renda, educação e consumo; o que pode ampliar tais horizontes por si só. Como apontam Leão e Castro (2009):

Uma observação importante é que as conclusões do autor [Wanderley Guilherme dos Santos] sobre a privação relativa assim como aos indicadores sociais referem-se a um período entre basicamente as décadas de 80 e 90. Seria interessante avaliar como essas duas questões aparecem na década inicial do novo século, marcado por inovações na política social e maior crescimento econômico, maior formalização do mercado de trabalho depois do agudo período vivido por esse mercado nos anos noventa com a rápida liberalização comercial, a enxurrada de importações e a entrada concentrada no tempo de novas tecnologias e formas de produzir. É provável que aí esteja uma boa agenda de pesquisa e um espaço ainda em branco, por examinar, nas políticas públicas e seus efeitos. (LEÃO; CASTRO, 2009, p. 97)

Outra crítica às análises empreendidas por Guilherme dos Santos, e das quais esta pesquisa tenta escapar, e que também se encontra nas análises de Canclini, diz respeito ao foco destes debates no horizonte como possibilidade de consumo. Dessa forma, nos termos desses debates, o que atravessaria os anseios das classes populares brasileiras, desconfiadas das instituições democráticas, seria a mera possibilidade de adquirir bens materiais.

O segundo problema decorre do fato de que ao longo do texto vai prevalecendo uma visão do desejo atrelada ou ancorada quase que exclusivamente na capacidade de adquirir bens de uma sociedade. E, no final, é forte a tendência a acreditar que o autor imagina que os desiludidos descamisados, excluídos e precarizados trabalhadores do Brasil, sem confiança ou crença nos processos democráticos relativos aos direitos civis, querem apenas consumir e se conformam com os crediários que tiram ao longo da sua penosa existência. (LEÃO; CASTRO, 2009, p. 99)

De outro modo, esta tese aponta para diversos aspectos que compõem o que chamo de horizontes aspiracionais, que figuram nos espaços fantasiosos destes sujeitos. Não se trata de considerar somente marcadores de renda e possibilidades de busca por consumo e por adquirir bens materiais. Considero que tais análises são simplistas e não apontam, por exemplo, outras dinâmicas e fatores que atravessam os sonhos e anseios, como por exemplo, relações de gênero, busca por parceiros, pela constituição de família, dentre outros aspectos que compõem os roteiros de vida imaginados.

Esta pesquisa mostrou que não há uma oposição entre cidadania e mercado. Anseios por consumo e lazer compõem um aspecto formador de horizontes aspiracionais e integram

uma rede complexa que, no limite, se relaciona com a busca por reconhecimento, por integrar os códigos de uma sociedade marcada por desigualdades de diversos tipos.

O consumo e o desejo por ascensão social são algumas das facetas dos horizontes aspiracionais das mulheres da pesquisa e não compactuam, necessariamente, com uma descrença profunda em instituições ou com o desinteresse pela política, pelas dinâmicas coletivas, pelo conhecimento acerca das regiões que habitam e trabalham, por uma atuação cidadã.

A tese evidencia o contrário, ou seja, que diversas experiências estão atravessadas por um engajamento com questões locais e da cidade, que se mostram, por meio da mídia, com potencial para mobilizações em torno de manifestações culturais e que podem evidenciar demandas políticas. Dessa perspectiva, a internet e os serviços de redes sociais se apresentam como um possível espaço para intensificar processos coletivos que colocam em contato experiências de vida comuns e que podem resultar, inclusive, em mobilizações que pressionam as instituições políticas e sociais.

Algumas pesquisas, ainda de forma inicial, apontam a influência dos processos de maior acesso às tecnologias e à informação nos horizontes aspiracionais dos sujeitos, na medida em que descrevem e analisam um momento histórico em que a socialidade em rede era restrita às elites do país. Canclini, em *Consumidores e Cidadãos*, apresenta-nos um debate que considera o alargamento da cidadania pelo consumo como parte de uma sociedade que expandiu o acesso às tecnologias audiovisuais de comunicação, principalmente via cultura de massas, por meio da televisão e do rádio. Diz ele:

Não foram tanto as revoluções sociais, nem o estudo das culturas populares, nem a sensibilidade excepcional de alguns movimentos alternativos na política e na arte, quanto o crescimento vertiginoso das tecnologias audiovisuais de comunicação, o que tornou patente como vinha mudando desde o século passado o desenvolvimento do político e do exercício da cidadania. Mas estes meios eletrônicos que fizeram irromper as massas populares na esfera pública foram deslocando o desempenho da cidadania em direção às práticas de consumo. Foram estabelecidas outras maneiras de se informar, de entender as comunidades a que se pertence, de conceber e exercer direitos. Desiludidos com as burocracias estatais partidárias e sindicais, o público recorre à rádio e à televisão para conseguir o que as instituições cidadãs não proporcionam: serviços, justiça, reparações ou simples atenção. Não é possível afirmar que os meios de comunicação de massa com ligação direta via telefone, ou que recebem os espectadores em seus estúdios, sejam mais eficazes que os órgãos públicos, mas fascinam porque escutam e as pessoas sentem que não é preciso se ater a prorrogações, prazos, procedimentos formais, que adiam ou transferem as necessidades. A cena de televisão é rápida e parece transparente; a cena institucional é lenta e suas formas (precisamente as formas que tornam

possível a existência das instituições) são complicadas até a opacidade que gera o desespero. No entanto, não se trata do fato de os velhos agentes – partidos, sindicatos, intelectuais – terem sido substituídos pelos meios de comunicação. A aparição súbita destes meios põe em evidência uma reestruturação geral das articulações entre público e privado que pode ser percebida também no reordenamento da vida urbana, no declínio das nações como entidades que comportam o social e na reorganização das funções dos atores políticos tradicionais. (CANCLINI, 2010, p. 38)

O autor nos faz refletir sobre como as mídias de *broadcasting* já realizavam uma transformação da relação entre público e privado e podiam expandir referenciais de consumo colocando em cena novas formas de representação e de construção de identidade e individuação.

Nas relações constituídas em contextos periféricos esta expansão do acesso aos bens materiais e simbólicos, porém, não viriam acompanhados de um exercício pleno de cidadania onde, segundo ele, a globalização excluiria os desocupados e migrantes dos direitos humanos básicos. A pergunta que norteia seu livro é se, quando consumimos, não estamos também constituindo nova forma de “sermos cidadãos”? Sua análise caminha no sentido de repensar nossa relação com o consumo, debate importante, mas não no âmbito dessa pesquisa.

O que Canclini nos possibilita pensar, muito embora o contexto no qual produziu sua obra não o permite analisar de forma aprofundada, é a continuidade existente entre as mídias de *broadcasting* e as mídias digitais e digitais móveis que usamos recentemente.

A obra do autor se situa no momento histórico onde a cultura de massas tinha como característica fundamental a produção vertical, ou seja, tratava-se de um pólo produtor de informações e de um pólo receptor, dinâmica típica da TV e do rádio. De outro modo, com as mídias digitais, o espectador passa atuar ativamente na produção dos conteúdos e a dinâmica própria da rede influencia até mesmo os conteúdos produzidos pela televisão. Algumas reflexões sobre as diversas possibilidades de uso das tecnologias chamam o usuário de prosumidor, pois ele não só consome o que é produzido, mas também produz conteúdos diversos.

As redes sociais são claramente um meio de “prosumo” onde os prosumidores se convertem em alto-falantes que produzem negociações com e para um público consumidor. Nesta negociação, a audiência não só consome esses conteúdos, mas responde e reproduz estas mensagens e criam outros quase simultâneos. Significa que qualquer atividade no mundo off-line pode ter transcendência no mundo online. (BERROCAL, CAMPOS-DOMINGUEZ, REDONDO, 2014, p. 66)

A expansão dos horizontes de aspiração não é uma novidade trazida com as mídias digitais e com os *smartphones*, muito embora se intensifique com o contato em rede proporcionado por tais tecnologias. O cinema, as obras de romance, a televisão, as telenovelas, mesmo as novelas de rádio já apontavam ao sujeito as possibilidades de existência diferentes daquela vivenciada em seu cotidiano: uma relação afetiva distinta, bens materiais e de consumo outros, status profissionais diferentes, relações familiares diversas, apenas para citar alguns aspectos.

Esses elementos todos são parte do que expandem aquilo que ansiamos, que podem ser incorporados, por um lado, em nossos sonhos e horizontes, quer seja como possibilidades, quer seja como pouco prováveis de encontrarem realização presente ou futura. Por outro, é inegável a sua presença em nossas fantasias, assim como as suas marcas na modelagem do que concebemos como a esfera do realizável. As mídias, dessa maneira, estão intrinsecamente relacionadas à constituição dos horizontes aspiracionais dos sujeitos, na medida em que veiculam informações e circulam repertórios a respeito de inúmeros aspectos da vida ideal.

O que muda com o advento da tecnologia digital, e, principalmente, do acesso recente aos *smatphones*, é a conexão constante, a possibilidade de acessar informações e produzir informações e troca de experiências na palma da mão e, de acordo com a qualidade do sinal da rede, em tempo integral. Quanto menor a tela e maior a mobilidade, mais estamos expostos.

A passagem da tela grande do cinema para a pequena da televisão até chegar às menores nos *smartphones* marca não apenas a passagem do entretenimento público para o doméstico até o individual, mas – sobretudo – um aumento crescente no nível de exposição às mensagens midiáticas da eventual visita ao cinema passando pela audiência diária à TV até chegarmos às atualizações constantes nos celulares conectados em rede. (MISKOLCI, 2016, p. 292)

Se em meio às tecnologias tradicionais a possibilidade de expansão daquilo que se deseja aumentou, com as redes sociais *online* tal avanço pode se intensificar por meio de uma troca constante de informações. Esta pesquisa abordou este processo de relação entre horizontes e mídias, sem desconsiderar os investimentos das grandes empresas em direção ao estímulo e à consolidação de nichos consumidores específicos, que podem moldar a socialidade estabelecida.

Ao contrário do que inicialmente se pensou, a era digital não representou a superação da comunicação de massas, já que ela ainda é a grande provedora

dos conteúdos acessados nos dispositivos. O fato acima permite reconhecer continuidades entre o passado analógico e o presente digital, as quais evocam os temores históricos de uma sociedade dominada por meio do controle e da manipulação da informação. A passagem das mídias verticais do broadcasting para as horizontais em rede não levou à supressão do poder das grandes empresas de comunicação, podendo – muitas vezes e de acordo com o contexto – resultar em sua ampliação. Portanto, reflexões sociológicas envolvendo a indústria cultural e vertentes similares podem encontrar um campo expandido de pesquisa e análise. (MISKOLCI, 2016, p. 293)

Considero que o acesso recente às mídias por parte das mulheres das classes populares brasileiras abriu espaço para uma mais intensa discussão e troca sobre aquilo que estes sujeitos desejam em suas vidas. Mais do que isso, as mídias não simplesmente facilitam a socialidade, mas modelam as práticas sociais, estimulam relações e dinâmicas *off-line*, como aponta Jose Van Dijck, em sua obra *La Cultura de la Conectividad: una historia crítica de las redes sociales*:

Ao longo dos últimos anos, as tecnologias de comunicação evoluíram como parte das práticas sociais cotidianas. Tecnologias genéricas como o telefone e o telégrafo se popularizaram da mão de rotinas comunicativas e práticas culturais, como por exemplo, a conversação telefônica ou a redação de mensagens concisas para emissão telegráfica. Em sua evolução conjunta, com as táticas desenvolvidas por seus usuários habituais, um meio contribui para moldar a vida cotidiana das pessoas, e, ao mesmo tempo, esta socialidade mediada se integra ao tecido institucional da sociedade em seu conjunto. A história e arqueologia dos meios brinda uma vasta evidencia acerca dessa complexa evolução sincrônica, que vincula as tecnologias a seus usuários e as organizações as infraestruturas. (VAN DIJCK, 2016, p. 20)

A relação entre as diferentes plataformas e mídias digitais com as práticas sociais é de uma constituição mútua, ou seja, não só as relações desconectadas interferem na dinâmica online, mas também transforma a vida cotidiana dos sujeitos. Esta tese apontou para os contornos da modelagem social da tecnologia. Espero ter evidenciado, por exemplo, como a mídia é fundamental para a relação que minha interlocutora lésbica mantém com o centro da cidade do Rio de Janeiro com a Zona Sul, espaços onde pode vivenciar, de forma mais plena e menos regulada pela família e conhecidos, sua sexualidade.

A própria dinâmica das interações em rede, suas exigências sobre compartilhamento de discursos de sucesso sobre si, de independência e autonomia cobrou das mulheres dessa pesquisa um desejo por maior independência, muito embora, seus contextos não sejam totalmente, ou mesmo parcialmente, favoráveis a este processo. É o caso de Mara que dividia, até o findar desse trabalho, a própria cama com sua filha adolescente e o filho pequeno, mas



que, na rede se performatizava enquanto mulher autônoma, livre, com possibilidades de consumo e lazer.

Ao longo da tese podemos compreender melhor o significado de uma análise das mídias digitais que considera as formas de usos, diferentes de compreensões generalizadoras e meramente estruturantes da tecnologia. Esta forma de observar a relação entre os sujeitos e as mídias bebe nos Estudos Culturais, em especial, nos trabalhos de Raymond Willians, autor que realizou intenso debate sobre meios de comunicação.

Vale destacar que os Estudos Culturais derivam das críticas às teorias Frankfurtianas que analisaram este tema sem devida atenção à recepção, ou seja, as possibilidades de usos, interpretações e transformações da disseminação das tecnologias, como aponta, abaixo, Richard Miskolci:

Em contraste com a Escola de Frankfurt, formada por intelectuais oriundos de um país em que a sociedade civil aderiu ao totalitarismo, os Estudos Culturais britânicos, formados a partir do final da década de 1950, desenvolveram-se atentos às demandas de emancipação da sociedade civil na década seguinte. Em outras palavras, devido a outro contexto histórico-social, lograram desenvolver uma abordagem diversa da sociedade da mídia. A compreensão sociológica da cultura como esfera histórica de disputa política permite superar a divisão artificial entre o social e o subjetivo abrindo condições para explorar fenômenos contemporâneos envolvidos na consolidação de uma sociedade digital, ou seja, na qual as relações sociais são crescentemente mediadas por meios comunicacionais em rede. (MISKOLCI, 2016, p. 291)

Para Willians, a disseminação de tecnologias como a TV e o rádio apontam para um contexto social de consolidação da vida privada e em família. Dessa forma, trata-se de uma tecnologia que adentra o lar e que é, ao mesmo tempo, móvel:

Socialmente, este complexo [desenvolvimento] é caracterizado por duas tendências do modo de vida industrial urbano, aparentemente paradoxais, e, ao mesmo tempo, intrinsecamente conectadas: de um lado mobilidade; de outro, um lar, aparentemente, cada vez mais auto-suficiente. O período inicial da tecnologia pública, melhor exemplificada pelas estradas de ferro e pela iluminação pública, estava sendo reorientada para um novo tipo de tecnologia para a qual não se havia encontrado ainda nenhum nome satisfatório, uma tecnologia capaz de servir a um modo de vida ao mesmo tempo móvel e centrado no lar: uma forma de privatização móvel (WILLIAMS, 1979, p. 26).

Os Estudos Culturais, aos quais se filia o pensamento de Raymond Willians, apontavam a necessidade de abordar os usos das mídias para uma compreensão da vida

contemporânea. Este conselho ainda permanece relevante para uma perspectiva que não compreende a tecnologia com efeitos unidirecionais, lineares e estruturantes da realidade. Esta tese compartilha de uma corrente de pensadoras e pensadores que apontam para a modelagem social das mídias, consideram seus usos contextuais e suas transformações do cotidiano.

Nesse sentido, a afirmação de que as tecnologias transformam o mundo precisa ser compreendida de forma a apontar aquilo que elas carregam da Indústria Cultural, a forma como elas estimulam a produção de sujeitos, se consolidando enquanto tecnologias de si, mas também com intuito de analisar as diversas possibilidades de usos.

As pessoas dizem: “A televisão alterou nosso mundo”, ou “a rádio alterou o mundo” ou, para retomarmos ainda mais o tempo, “a imprensa alterou o mundo”. E, geralmente, sabemos, ao menos inicialmente, que o significa essas afirmações. Sem dúvida todos esses inventos produziram efeitos sociais amplos e evidentes. Mas ao estender as afirmações nesse sentido, temos introduzido, as vezes, sem saber, uma categoria a mais: a dos “usos”. O argumento pode, então, tomar distintas direções. Pode-se dizer que o que alterou nosso mundo não é a televisão, nem a rádio, nem a imprensa como tal, mas os usos que se faz em cada sociedade (WILLIAMS, 1992, p. 183).

Nesse sentido, esta pesquisa se esforçou em abordar alguns usos possíveis feitos das mídias digitais pelas mulheres das classes populares brasileiras, ocupando o terreno de uma análise que têm, atualmente, nas teorias que bebem nas formulações de autoras como de Nancy Baym (2010) e de Jose Van Djick (2016), mas que se inspira em debates sobre as mídias de *broadcasting* pautadas nos Estudos Culturais e em trabalhos como Raymond Williams.

Não realizei uma análise restrita às plataformas ou aos serviços de redes sociais, nem mesmo que apontasse as tecnologias como meros moldes das subjetividades, mas, sim, capaz de considerar as relações entre a produção dos sujeitos e o reforço dos lugares e das dinâmicas sociais, bem como as possibilidades de transformações trazidas com os acessos. Estes usos se mostraram caracterizados pelos contextos nos quais se inserem os sujeitos e não representam uma vida “virtual” apartada das relações *off-line*. De modo contrário, mostrei como esses usos são o tempo todo modelados por relações e percepções com marcas de classe social, de religião, de gênero, de sexualidade, de geração, de afetos e de expectativas, as quais tento apresentar ao longo do texto.

O uso das tecnologias pelas mulheres dessa pesquisa reflete a formação de uma rede tipicamente brasileira e até mesmo carioca. A relação com a cidade, seu trânsitos, fluxos e segregações que marcam o espaço urbano do Rio de Janeiro, somados a um contexto nacional

ainda pautado em profundas desigualdades sociais são aspectos que ficam evidentes nos usos feitos pelas minhas interlocutoras, em suas postagens no *Facebook*, em suas performances de sucesso no espaço online e no reforço da importância do lazer e dos discursos motivacionais.

Não busquei também compreender as mídias digitais do ponto de vista de possibilidades infinitas de promoção de igualdade e múltiplas identidades; nem mesmo parti do pressuposto de que as redes sociais escondem nosso individualismo e são usadas, sempre, com vistas a evitar sofrimento para sujeitos que não sabem lidar com suas fragilidades. Compreendi e tentei evidenciar ao longo de todo o texto que tanto a natureza da mídia, quanto as necessidades e desejos dos usuários moldam o significado e a utilidade de um determinado meio digital em um dado momento histórico e contexto sociocultural.

De acordo com meu campo de pesquisa, os usos feitos das mídias apontaram, sem exceções, para um alargamento dos horizontes aspiracionais resultado da socialidade em rede, das trocas entre os sujeitos e do acesso às informações. As dinâmicas nas mídias mostraram uma intensidade de trocas de experiências que expande aquelas da realidade *off-line*, dos locais de moradia, do círculo de amigos do bairro. Nas redes de mulheres se fala, inclusive, daqueles assuntos íntimos que pode não se desejar compartilhar com pessoas do convívio *off-line* com receio de represálias e julgamentos de ordem moral.

Expor a relação amorosa em rede não evidencia um sujeito individualista e que deposita esperanças na tecnologia para a resolução de suas carências afetivas. As mulheres da pesquisa, pelo contrário, esperam das relações sociais mediadas pela tecnologia que possam contribuir, de forma a superar a realidade desconectada, suplantando ou aliviar os mal-estares e inseguranças de seus cotidianos. Em rede, elas demonstraram não faltar afeto, pelo contrário, é ele que pauta as interações online, como mostrou uma de minhas colaboradoras ao afirmar que “o amor” as uniu. O amor, nesse caso, é sinônimo de conflitos na esfera amorosa e na busca por parceiros.

As mídias alteram os trânsitos pela cidade; o acesso a outros espaços de lazer e motivam a exploração do espaço público. Pela rede consegue-se ter informações sobre lugares onde frequentar e intensificar laços próximos e distantes. Um exemplo de incentivo à ocupação do espaço público foi mencionado também ao longo do texto com a dinâmica dos rolezinhos, organizados via internet, que buscavam lançar os jovens das periferias do país a ocupar shopping centers frequentados pelas elites.

No caso dos sujeitos com uma proposta de vida distanciada da heterossexualidade como modelo de relação afetiva, as mídias auxiliam como escolher lugares seguros, que evitam os enfrentamentos com os locais de moradia e suas avaliações morais carregadas, por

vezes, por uma expectativa de roteiro tradicional de sexualidade, afetos e constituição de família.

A internet se mostrou também espaço onde a população de baixa renda que habita as regiões periféricas do país, no caso, a Zona Oeste do Rio de Janeiro e a Baixada Fluminense, pode acessar formas de valorização cultural da região, tão marcada pela violência e estigma. Pela rede é possível, mesmo que recentemente, mobilizar a juventude local em torno das manifestações culturais da região; é possível fazer frente às mídias de *broadcasting* que reproduzem somente discursos que associam tais regiões com a criminalidade. Pela internet a população local produz e divulga conteúdos sobre o espaço. Por meio dos serviços de redes sociais, o público jovem da Baixada Fluminense organiza intervenções culturais na região, de forma a ocupar os espaços com uma cultura jovem, periférica e negra.

Pela rede e decorrente de projetos sociais voltados para o acesso das classes populares, tem se desenvolvido a possibilidade de trabalho que envolve consultoria digital para pequenas empresas da periferia, como apontou Carla, uma de minhas interlocutoras cujo trabalho se dá em uma agência de publicidade e consultoria *online*. Tentei apontar como serviços de redes sociais, como o próprio Facebook, se dedicam a ministrar cursos de aperfeiçoamento para este novo nicho de mercado, a chamada Nova Classe Média ou Classe C, para que possam desenvolver seus próprios negócios na plataforma.

Trata-se não somente de possibilitar oportunidades de renda, pra quem a acessou recentemente, mas de um interesse das companhias do Vale do Silício, responsáveis por grande parte do mercado tecnológico que acessamos, de expandir uma ideologia empreendedora entre novos usuários e para outros nichos de mercado.

Além disso, os interesses em torno de acessar informação acerca de todo sujeito que entra online se pauta, muito recentemente, em um formato de internet empresarial, calcada menos na conexão e mais conectividade, na medida em que, *online*, não existem meros usuários conectados entre si e compartilhando conteúdo de seu interesse, mas gerando dados e metadados<sup>74</sup> para uma empresa que os transforma em produtos mercadológicos:

A princípio, o que atraiu muitos usuários a estes sítios foi a necessidade de conexão. Quando a WEB 2.0 impulsionou o desenvolvimento das mídias

---

<sup>74</sup> Para Van Djick (2016), por dados se entende qualquer tipo de informação em um formato apto para sua utilização em um computador, por exemplo, texto, imagens e números. Dados também podem ser peças de informação de perfil pessoas, como o nome, o gênero, a data de nascimento, o código postal, comumente exigidos dos usuários ao seguir um protocolo de inscrição e registro em um site. Os metadados, por sua vez, contém informação estruturada que descreve, explica e localiza recursos de informação ou simplifica a tarefa de recupera-los, emprega-los e gestiona-los. (2016, p. 56)

sociais, nos primeiros anos do novo milênio, a cultura participativa era a expressão em voga na hora de dar conta do potencial de internet para alimentar conexões, construir comunidades e fomentar a democracia. Várias plataformas fizeram seu este espírito encorajado ao começar a fazer da rede um meio mais social. O veloz crescimento das plataformas de mídias sociais teve como resultado que estes sítios foram incorporados por empresas de comunicação, tanto novas, como já existentes. Estas em geral, se mostraram menos interessadas em formar uma comunidade de usuários que em obter acesso a seus dados pessoais. A conectividade não tardou em evoluir até tornar-se um recurso valioso, na medida em que os engenheiros encontraram métodos de codificar toda essa informação em algoritmos que contribuirão a moldar uma forma particular de socialidade online, a ponto tal de convertê-la também em um mercado global de mídias sociais e conteúdo gerado para os usuários. (VAN DIJCK, 2016, p 19).

Dessa forma, os cursos de empreendedorismo, as possibilidades de renda abertas por plataformas como o Facebook e direcionados a população que acessou a rede recentemente no país tem duas facetas: a de possibilitar novo formado de criação de um negócio próprio, capaz de transformar um contexto marcado pela pobreza, por vezes, em melhores condições de vida, como no caso de Carla; por outro lado, estimular, ao mesmo tempo a produção de dados sobre este público e seus interesses com vistas a expandir mercados tecnológicos.

Este estímulo de criação de um novo mercado consumidor, ligado as corporações do Vale do Silício, faz expandir a criação de conteúdos que reforçam discursos motivacionais e de apoio. Tanto as plataformas, quanto as usuárias divulgam e criam espaços que promovem a cultura da autoajuda e do empreendedorismo, fundamentais em meio a contextos de crise, inseguranças e processos de ascensão social, como no caso brasileiro. Dessa forma, estes enunciados são facilmente incorporados nas interações dos sujeitos online.

Outro dos aspectos que marcaram a sociabilidade em rede entre mulheres de maneira fundamental foi a troca de informações e experiências a respeito da esfera afetiva e amorosa. A forma como várias dessas pessoas têm feito uso da rede para falar sobre relações afetivas, namoros, casamentos ou mesmo ficadas e sexo, apontam para um contexto de transformações não somente de foro íntimo, mas nas conjunturas socioeconômicas e de gênero do Brasil que tem o suposto advento da chamada Nova Classe-Média ou Classe C como debate central nos discursos das mídias e do governo.

A rede, para sujeitos que passam por maior insegurança econômica, social e emocional possibilita espaço de apoio e redes de ajuda e reconhecimento. A internet expandiu a possibilidade de contato privado entre mulheres, iniciada já com o aparelho telefônico, visto, ao longo dos anos, como meio de conexão entre elas para fofoca, enquanto que, para os homens o mesmo uso é associado a trabalho (Singleton; Green, 2013).

No entanto, tentei apresentar aqui as limitações deste debate e, mais do que isso, os dilemas que atravessam os sujeitos e que estão relacionados com dinâmicas, principalmente, de gênero e sexualidade, que fazem dos projetos aspiracionais expostos na rede mais complexos e multifacetados. A busca por formas de socialidade que chamei, já na dissertação de mestrado, de práticas de ajuda-mútua em rede entre mulheres, aponta para conflitos na esfera afetiva, que evidenciam um descontentamento com a não consolidação da relação e, quando ela acontece, com posturas dos parceiros marcadas por noções de gênero conservadoras, pouco igualitárias e/ou pautadas em uma separação de papéis na esfera da relação e da família.

A casa, o casamento, a relação amorosa ganham espaço privilegiado na discussão em sites da internet voltados para mulheres e apontam, de forma bastante evidente, como a rede tem se constituído como lugar de exposição deste tema em um processo altamente reflexivo por parte dessas pessoas. A relação amorosa, ao contrário de ser esfera de total submissão da mulher e de ser uma dinâmica impulsionada pelo amor, com sentido abstrato e singular dado pelos amantes, pode ser espaço de individualização e de possibilidade de autonomia. Após a realização da pesquisa, pude perceber que a rede viabiliza a circulação de repertórios para as mulheres pensarem em si de forma intensa, assim como em suas relações, em uma dinâmica que incorpora bastante reflexividade na relação amorosa.

Um dos aspectos que este trabalho traz ao debate sobre relações afetivas entre as pessoas mais pobres no Brasil e, indiretamente, sobre a formação da família e o casamento, é a intensificação de um projeto aspiracional de individuação. Isso se dá, principalmente, entre as mulheres, o que rompe também com uma lógica binária de estudar as classes populares de forma em que são sempre os homens que estariam pautados por estes anseios e projetos.

Como aponta Cynthia Sarti, em pesquisas realizadas nas décadas de oitenta e noventa, a família e a manutenção dela tratavam-se de prioridades frente às aspirações individuais:

A elaboração de projetos individuais para melhorar de vida através do trabalho esbarra nos obstáculos do próprio sistema onde se inserem como pobres e torna-se particularmente problemática diante das obrigações morais em relação a seus familiares ou a seus iguais, com os quais obtêm os recursos para viver. Assim, os projetos, em que a ideia de melhorar de vida está sempre presente, são formulados como projetos familiares. Melhorar de vida é ver a família progredir. O trabalho é concebido dentro desta lógica familiar, constituindo o instrumento que viabiliza o projeto familiar e não individual, embora essa atividade seja realizada individualmente. (SARTI, 1996, p. 30)

Nesta tese, “Ter minhas coisinhas” é fala dita e reforçada livremente pelas mulheres que conviveram em espaços familiares com limitação de acesso a bens de consumo e, mais do que isso, em meio a dinâmicas de gênero que mantinham as mulheres como mães e como responsáveis pelo cuidado com o lar e o pai provedor, mas, ausente emocionalmente. Apontei, ao longo do texto, que discursos pautados em uma maior divisão das tarefas na esfera afetiva e no lar, na busca por autonomia, mesmo quando se procura um parceiro e na importância de esfera profissional, da vida financeira e do sexo, evidenciam uma reflexividade em torno da relação amorosa, mais questionadora dos valores tradicionais e das experiências vivenciadas por seus pais e parentes próximos.

Uma das hipóteses para isso consiste em compreender que as mídias digitais, especialmente as redes sociais constituídas por meio delas, são fundamentais para popularizar e divulgar de forma veloz repertórios que podem ser considerados feministas, pois são baseados na noção de uma esfera íntima mais igualitária e menos desgastante e que responsabiliza as mulheres pela casa e cuidado. As mídias de *broadcasting*, como a TV ou mesmo o rádio, se consolidaram, em grande medida, apresentando, principalmente em território nacional, propostas de manutenção de dinâmicas de desigualdade.

Como aponta Iara Beleli – em sua tese de doutorado sobre a propaganda brasileira – no que toca às dinâmicas de gênero e sexualidade, muito embora haja uma transformação dos discursos veiculados na mídia ao longo dos anos, as permanências de desigualdade e de vinculação do gênero ao corpo biológico, bem como à atribuição de características morais a essas dinâmicas, se mostram evidentes:

A partir do sexo, a propaganda distingue categorias de pessoas e orienta modos de ser e viver, centrando sua eficácia na atenção que ela desperta no consumidor. Persuadir, independente do *target*, é seduzir, e a erotização passa pelo corpo da mulher e pelo desejo do homem, informando um modo de organização social no qual as relações entre mulheres e produtos são as mesmas estabelecidas entre homens e mulheres, que parecem tomar o lugar do produto. (BELELI, 2005, p. 87)

A rede social, muito embora não escape de estar nas mãos de um conjunto de empresas que se direcionam a consolidar nichos de mercado tecnológico atravessados também por uma delimitação restrita de gênero e de um lugar social para quem nela adentra, permite formas de socialidade entre sujeitos muito mais intensivas, capazes de burlar e ultrapassar as fronteiras fixadas em torno do debate da esfera da intimidade. Pela rede, a troca de conhecimento sobre amor, desejo, sexo, família e intimidade é intensificada.

Ao contrário do que apontam algumas teorias sobre a esfera íntima, nesta tese, a família e as relações afetivas e amorosas não aparecem isentas de interesses diversos e relações de poder, tampouco, elas não dependem unicamente do que Sérgio Costa chamou de energia amorosa:

Primeiramente, o mercado não pode gerar a energia amorosa. Dito de forma trivial, o mercado efetivamente coloca à disposição dos amantes uma ampla gama de produtos que podem facilitar e intensificar a interação amorosa, mas não tem o poder de despertar o amor no coração dos amantes. Vale o paralelo com a religião: o impulso último para o encantamento do ritual amoroso não é dado pela presença dos objetos e contextos que o circundam, mas pela convicção, similar àquela do religioso que acredita numa força metafísica superior, de que o amor existe e está sendo partilhado pelo par amoroso. Um agnóstico não se sentirá próximo de Deus nem mesmo no mais rico e expressivo dos templos. A outra fronteira entre o amor e o mercado é o uso simbólico distintivo que os amantes fazem dos produtos associados ao amor romântico, pois a maneira de significar os rituais é sempre particular e mesmo idiossincrática em cada relação amorosa. Compare-se, por exemplo, duas relações que sejam muito semelhantes do ponto de vista ritualístico: dois casais distintos que frequentem lugares semelhantes e se presenteiem com os mesmos agrados estabelecerão relações que para cada qual sempre serão distintas, pois o sentido atribuído à relação pelo par que ama é sempre próprio, exclusivo. (COSTA, 2005, p. 119).

A relação amorosa surge como a possibilidade de equação da autonomia, da busca por uma dinâmica familiar não vivenciada na infância e adolescência, ou seja, como um horizonte aspiracional possível e novo frente àquele tido como referência.

As relações mediadas provêm às mulheres a segurança de discutir sua intimidade, o que lhes auxilia a pensar sobre seus relacionamentos contribuindo para que elas adquiram um relativo sentimento de agência e de poder decisório em esferas que, para elas, foram historicamente controladas: a da paquera, da busca ativa por parceiros amorosos, do planejamento sobre o futuro e sobre a vida a dois.

A forma de uso da rede no tocante as relações afetivas que compõe os horizontes de aspiração das mulheres das classes populares pôde ser melhor compreendida quando observamos a socialidade nos sites para homens. Também dedicados a um projeto de ascensão, facilitado, de certa forma, pelo contexto atual mencionado ao longo do texto, eles pautam sua socialidade na rede em uma discussão que, ao contrário das mulheres, não apresentam o casamento como possibilidade de autonomia e melhoria de vida.

As trocas de experiências online estão atravessadas pela preocupação com o desenvolvimento pessoal e as figuras da “ficante” e da namorada emergem para reforçar tanto a relação de amizade e fraternidade entre homens, quanto para testar se o processo de aprimoramento do próprio eu está consolidado ou em vias de se consolidar. A consolidação da



relação afetiva só pode acontecer depois de uma suposta estabilidade financeira, por meio da manutenção do emprego. A consolidação emocional vem a reboque do abandono ou desistência da vida de solteiro já esgotada e do fato de terem alcançado o “amadurecimento”. Essa diferença entre aquilo que as mulheres anseiam e expõem na rede e o que os rapazes apresentam em suas sociabilidades deixa evidente as frustrações delas com a falta de parceiros para a relação amorosa.

Os horizontes de aspiração, compostos por todos os aspectos mencionados ao longo desta tese, se mostraram enquanto anseios que podem ou não ser alcançados. São horizontes construídos contextualmente e que são dependentes também do avanço das políticas sociais dos últimos anos, que colocaram no horizonte dos pobres do país a maior possibilidade de consumo, de acesso à moradia e educação. Não só isso, tais horizontes abarcam aspectos outros como dinâmicas afetivas, de acesso e ressignificação da relação com a cidade.

O leitor ou a leitora, neste momento do texto ou mesmo em outro, pode se perguntar por que não optei por uma análise que abordasse a temática em termos de desejo, uma vez que quando falamos em anseios, sonhos de vida e aspirações nos vêm em mente nossos desejos. Como apontei há pouco, a ideia de horizontes de desejo foi tratada por Wanderley Guilherme dos Santos, no sentido de entendê-los do ponto de vista material vinculado aos aspectos econômicos da sociedade brasileira, essa forma de observação foi uma das quais tentei me afastar.

Muito embora não fosse o foco central dessa pesquisa, a tese se filia a um conjunto de autores e autoras que, ao contrário de abordar a temática do desejo do ponto de vista da vida material e econômica, o investiga enquanto reconhecimento, nos termos, por exemplo, de Judith Butler (1999; 2015). A análise da autora sobre a obra de Hegel, da qual é tributária, aponta que o desejo é o grande motor da agência e está diretamente relacionado ao reconhecimento. Desejamos ser reconhecidos e só o somos em relação com a alteridade, com o outro e a ao grau de humanidade que ele nos confere. Na medida em que reconhecemos a fragilidade do outro, nos reconhecemos em nossa fragilidade.

Dessa forma, o desejo pelo reconhecimento é relacional e fundamental para elaboração de nossa identidade. O preço da obtenção do reconhecimento é a sujeição às normas sociais. De acordo com seu pensamento que também bebe em fontes da psicanálise, o desejo por reconhecimento é social e psíquico e se constrói contextualmente.

Embora não tenha sido um debate exposto aqui, a compreensão sobre o reconhecimento deve incorporar uma vertente de pensamento que se vincula também a autores e autoras como Axel Honneth (2003) e Nancy Fraser (2001), que levam a temática

para a esfera política e dos movimentos sociais afastando-se de uma dimensão exclusivamente psicanalítica.

Para esta pesquisa, a ideia de horizontes de desejo, tendo desejo enquanto reconhecimento, poderia pressupor um longo debate que vincula, necessariamente, os sujeitos à prática política. Dessa forma, optei por elaborar o conceito de horizonte de aspiração tanto com intuito de escapar de uma concepção de desejo vinculada somente ao econômico, quanto do sentido de pressupor que estes sujeitos estão atuando em uma arena de disputa política. Horizontes de aspiração traz ao texto o acesso à vida cotidiana no sentido de apontar anseios realizáveis e mesmo aqueles que não encontram, de fato, o horizonte do possível. Além disso, pressupõe que o anseio pelo reconhecimento não é somente disputado na esfera pública da política ou dos movimentos sociais organizados, mas no cotidiano, no espaço daquilo que os sujeitos buscam e aspiram.

Nesse sentido, os horizontes aspiracionais se vinculam a uma necessidade de reconhecimento, na medida em que aquilo que se projeta, se deseja e se anseia acontece contextualmente e tem como objetivo uma inserção do sujeito nas relações sociais, de forma que ele se torne um sujeito inteligível.

O caminho percorrido por esta tese me permite inferir que este processo de busca por reconhecimento vinculado aos horizontes aspiracionais e aos anseios dos sujeitos, está pautado por questões pessoais, da esfera da intimidade e pelo contexto político e social dos últimos anos. Em outros termos, não se trata de um reconhecimento simplesmente vinculado ao consumo, mas de uma negociação do que é ser mulher, de baixa renda, no Brasil da atualidade. As redes online formadas por essas mulheres com quem mantive a interlocução evidenciaram que, na coletividade da internet, é possível se expressar enquanto sujeitos de anseios, buscas e desejos. Trata-se de performar a distância da pobreza, da mulher independente e não vinculada ao espaço doméstico. Por outro lado, a modelagem das mídias faz com que as interações de troca em/nas redes influenciem em seus contextos *off-line*.

As mídias digitais constroem também redes de reconhecimento entre mulheres e interferem em seus cotidianos; podem promover outra relação de circulação na cidade e um investimento em novos formatos de relação afetiva, bem como permite desenvolver outros trabalhos via internet.

Dessa forma, as redes sociais formadas por mulheres não são meramente lineares e/ou visam anseio por adequação à contextos normativos e à roteiros de vida bastante delimitados. Tentei evidenciar, apontando diversas possibilidades de usos das tecnologias,

que existe reflexividade, destencionamento frente à uma realidade que pode ser rígida e que envolve processos de negociação dos limites desses horizontes de aspiração.

Apesar de o horizonte aspiracional incorporar também o não realizável no cotidiano e aquilo que se realiza na esfera das fantasias, as situações de insegurança e a ainda recente melhoria das condições de vida dos sujeitos pobres no Brasil faz com que os sonhos, quase sempre, cedam espaço para horizontes realistas e não tão imaginativos. Percebi ao longo da pesquisa que os anseios são muitos e, em grande medida, de ordem prática, os anseios fantasiosos aparecem em tom de piada, acompanhado de risos que evidenciam, de antemão, a certeza do sujeito de não realização daquilo que está sendo dito.

A busca pela rede está, em grande medida, atravessada pela necessidade de compartilhar o horizonte aspiracional prático: as relações que não deram certo e a busca por conselhos que podem transformá-las; os problemas afetivos e da personalidade e como mudar esta realidade; os conflitos familiares e o que fazer para administrar o casamento, os filhos e a relação com o marido de forma a evitar o desgaste físico e emocional; as questões vivenciadas no bairro e como acessar outros espaços ou como fazer deste um lugar habitável e não associado à criminalidade e à violência.

Posso retomar aqui a frase de minha interlocutora que abre esta tese e que evidencia a negociação dos limites da fantasia: “Eu não tenho sonhos, tenho desejos”. O uso reflexivo da rede pelas mulheres dessa pesquisa visa, justamente, lidar com os limites da fantasia das mídias, de suas propagandas de sucesso e de perfeição, veiculadas em todos os espaços midiáticos que acessam, desde a TV até a internet. Não ter sonhos aponta para a necessidade de refletir sobre a esfera prática, daquilo que é urgente e alcançável, daquilo que pode mudar.

Para Illouz, já mencionada, a cultura atual é a cultura da autoajuda, na medida em que ela nos estimula a fazer coisas capazes de transformarem nossa realidade, sendo a fantasia aquilo que nos permite lidar com o não realizável de uma prática cultural que estimula a competência e realização plena:

A cultura de autoajuda, por sua parte, tem uma ponte entre o texto e a realidade a oferecer receitas, maneiras de fazer coisas [...] a fantasia produz prazer, porque borra as carências e os conflitos simplesmente declarando que não existem. (ILLOUZ, 2014, p. 141)

O papel das mídias digitais quando encontra os horizontes aspiracionais das mulheres das classes populares se mostrou importante na promoção de um espaço e de uma forma de

uso que apresenta o compartilhamento de experiências e informações que delimitam estes horizontes, seus limites reais e alcançáveis. É comum frases como: “eu fiz o que vocês sugeriram e o resultado foi...”, “meu namorado se comportava assim e se não fosse o conselho de vocês não sei o que eu faria pra mudar essa situação”; “o *Bolsa* me auxiliou a ser uma pessoa melhor na minha relação”; “vocês estão distantes, mas são mais sinceras e cuidadosas comigo do que minhas amigas próximas”.

Para compreender a dinâmica que molda a relação entre os usos das mídias e os horizontes de aspiração do sujeito cunhei a metáfora do “olhar por cima do muro”. A mídia e as dinâmicas em rede permitem a intensificação de trocas e estímulos que diferem daquela de um cotidiano não conectado. Elas atuam e interferem no cotidiano dos sujeitos que a modelam e são modelados por ela. As interações são, ao fim e ao cabo, canais para a expansão dos círculos de amizade que viabilizam o contato com experiências e cotidianos semelhantes e também, em alguma medida, distintos dos seus. Nesse sentido, elas permitem um olhar por cima do muro, pois o acesso a essas relações não superam de maneira cabal as desigualdades colocadas. Em outros termos, o muro continua ali, as fronteiras sociais continuam estabelecidas, no entanto, o uso das redes amplia aquilo que pode ser acessado e mobilizado no cotidiano como ferramental reflexivo para lidar com inseguranças e incertezas.

É possível, por exemplo, acessar informações sobre espaços de sociabilidade juvenil na Zona Sul carioca ou no centro da cidade do Rio de Janeiro. É possível observar o público que frequenta esses espaços, o tipo de música que toca e a receptividade com a população que vem das periferias; é possível marcar encontros e conhecer pessoas de outras regiões da cidade com maior facilidade e em tempo menor. É possível acessar relações afetivas cujo referencial é diferente daquele vivido nas experiências familiares e no círculo de pessoas próximas, é possível ter contato com propostas de vida mais autônomas e mais libertárias e trocar informações sobre relações afetivas de forma intensa e rápida. No entanto, tais aspectos não evidenciam, necessariamente, um trânsito livre pela cidade, superação completa das barreiras sociais de desigualdade, não garantem um enfrentamento de relações de gênero baseadas em papéis definidos para homens e mulheres.

Da mesma forma que a rede não cria relações de desigualdade, ela não consegue colocar fim a essas barreiras. No entanto, o fato de estarem conectadas permite às mulheres refletir conjuntamente sobre quais estratégias podem ser mobilizadas no enfrentamento de algumas questões. Trata-se do que é possível ser superado ou não no cotidiano, portanto, não é uma mera fantasia, mas que tem em vista aquilo que pode ser concretizado de fato.

Olhar por cima do muro é metáfora que nos permite observar os usos das mídias sem a mistificação que tende a colocá-las como espaço revolucionário que se afasta das dinâmicas *off-line*. É compreender que no ambiente conectado os sujeitos podem tanto romper alguns padrões estabelecidos, quanto reforçar relações de desigualdade, violência e dominação. Os usos das mídias resultam da dinâmica *off-line* e nela interferem na medida em que, por meio do acesso, nos constituímos enquanto sujeitos conectados que atuam diariamente, seja em grupos restritos a círculos de amigos, seja de forma pública, expondo nossas vidas pessoais, nossas relações afetivas, nossas famílias.

Esta tese sobre os horizontes aspiracionais em rede entre mulheres das classes populares brasileiras tentou mostrar alguns percursos de usos e negociações dos seus limites e os conflitos, sempre socialmente contextualizados, e que ficam evidentes nas socialidades estudadas.

Isto posto, para a proposta de uma Sociologia Digital, que busque compreender as relações mediadas é fundamental ter em mente dois aspectos: primeiro, que as mídias podem, na medida em que estão controladas por grandes corporações do Vale do Silício, nos vender não só produtos e bens de consumo, mas, com eles, formas de nos comportar, de estabelecer nossas relações, de manter nosso trabalho, ou seja, de conduzir nossas vidas; e, em segundo lugar, é possível que sejam usadas reflexivamente para lidar com sonhos de consumo e horizontes, de forma a proporcionarem ferramentas para negociarmos com essa realidade roteirística.

Para trabalhos futuros, espero que tese e as análises aqui desenvolvidas nos auxiliem a refletir sobre como fazer da rede espaço mais democrático e sobre como promover um uso cada vez mais reflexivo das tecnologias que pode servir, também, para compreender nossa relação com as mídias digitais e como elas modelam nossas vidas, cotidiano e relações.

## REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. Por amor ou por dinheiro? Emoções, Discursos, Mercados In: **Contemporânea** – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, n. 2, p. 117-138, 2011.

\_\_\_\_\_. et all. Ruralidades atravessadas: jovens do meio campeiro e narrativas sobre o Eu e o(s) Outro(s) nas redes sociais. **Cadernos Pagu** (44), janeiro-junho de 2015:141-170.

ANDERSON, Perry. O golpe no Brasil, segundo Perry Anderson. In: **O outro Lado da Notícia**. Sem data de publicação (s. d.). Disponível em: <<http://outroladodanoticia.com.br/2016/04/25/o-golpe-no-brasil-segundo-perry-anderson/>>. Acesso em 08 jan. 2017.

ANDRADE, Adriana García. El Amor Como Problema Sociológico. **Acta Sociológica** Núm. 66, Enero-Abril De 2015, pp. 35-60.

AGÊNCIA Brasil. Pesquisa mostra favela mais conectada à internet que o asfalto. In: **O Dia Rio**. Data da publicação: 18 set. 2015. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-09-18/pesquisa-mostra-favela-mais-conectada-a-internet-que-o-asfalto.html> >. Acesso em: 21 nov. 2015.

ATIQUE, Adrian. **Digital Media and Society: An Introduction**. Malden: Polity, 2013.

BAYM, Nancy. **Personal connections in the digital age**. Cambridge: Polity, 2010.

\_\_\_\_\_. Social Networks 2.0. In: M. Cosavo e C. Ess (orgs). *The Handbook of Internet Studies*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013.

BELELI, Iara. **Marcas da diferença da propaganda brasileira**. Universidade Estadual de Campinas, datilo, 2005.

\_\_\_\_\_. *Amores Online*. In: Peúcio et ali. **Gênero, Sexualidade e Mídia: Olhares Plurais para o Cotidiano**. Marília: Cultura Acadêmica, 2012.

BERROCAL, Salomé. et all. Prosumidores mediáticos en la comunicación política: El «politainment» en *Youtube*. **Revista Científica de Educomunicación**, nº 43, v. XXII, 2014.

BOYD, Danah. "Sexing the Internet: Reflections on the role of identification in online communities." Presented at **Sexualities, medias and technologies: theorizing old and new practices**. University of Surrey, June 21-22, 2001.

\_\_\_\_\_. **It's Complicated: The Social Lives of Networked Teens**. New Haven: Yale University Press, 2014.

\_\_\_\_\_; Ellison, N. B.. Social network sites: Definition, history, and scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13 (1), 2007. Acesso em: 19 de julho de 2016.

BRAH, Avtar. Diferença, Diversidade, Diferenciação. In: **Cadernos Pagu**, Campinas, n.26, jan./jun, p. 329-376, 2006.

CABALIN, Cristian. Estudiantes conectados y movilizados: El uso de *Facebook* en las protestas estudiantiles en Chile. **Revista Científica de Educomunicación**, nº 43, v. XXII, 2014.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e cidadãos** – Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

\_\_\_\_\_. **Consumidores e cidadãos** – Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

CARVALHO, Tassia Di. Maioria dos moradores de favelas acessa a internet semanalmente, diz pesquisa. In: **O Dia Rio**. Data de publicação: 11 nov. 2015. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-11-11/maioria-dos-moradores-de-favelas-acessa-a-internet-semanalmente-diz-pesquisa.html>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

CHAUÍ, Marilena. Uma Nova Classe Trabalhadora. In: **Dez anos de governos pós neoliberais no Brasil: Lula e Dilma**. Emir Sader (org). Boitempo: Rio de Janeiro, 2013.

CONDÉ, Geraldo Garcez. Nas Baixadas da Vida. In: **Baixada Fácil**. Disponível em: <<http://www.baixadafacil.com.br/editorial-baixada-facil>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

CONNEL, Raewyn. **Masculinities: knowledge, power and social change**. University of California Press, California, 1995.

\_\_\_\_\_. Hegemonic Masculinity: rethinking the concept. **Gender and Society**, vol. 19, número 6. 829-859, 2005

\_\_\_\_\_. Masculinidade hegemônica: Masculinidade hegemônica: Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 241-282, janeiro-abril, 2013.

CORRÊA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira. In: ALMEIDA, Ângela (org.)- **Colcha de Retalhos**. Estudos sobre a Família no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1982.

COSTA, Sérgio. Amores Fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia. **Novos estudos** 73, novembro, 2005.

DO LAGO, Luciana Correa et ali. A divisão favela-bairro no espaço social do Rio de Janeiro. **Cadernos da Metrópole**, 2008.

DO PRADO, Juliana. **Dos consultórios sentimentais à rede: apoio emocional pelas mídias digitais**. 2015. 269f. Tese (Tese de Doutorado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Carlos, 2015.

DUARTE, Thais; Cano, Inácio. **No Sapatinho, A Evolução Das Milícias No Rio De Janeiro: 2008-2011**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2012.

DUTTON, William H. Internet Studies: the foundations of a transformative field. In: **The Handbook of Internet Studies**, 2013.

FACIOLI, Lara. **Conectadas**: uma análise de práticas de ajuda mútua feminina na era das Mídias Digitais. Tese de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos, datilo, 2013.

\_\_\_\_\_; MISKOLCI, Richard. Conectadas: experiência de subalternidade e ajuda-mútua feminina *online* entre mulheres de classes populares. **Mediações** - Revista de Ciências Sociais, v. 20, n. 2, 2015. pp. 129-159, 2015.

FELTRAN, Gabriel de Santis. Valor dos pobres: a aposta no dinheiro como mediação para o conflito social contemporâneo. **Cad. CRH** [online]. 2014, vol.27, n.72, pp.495-512.

FREIRE, Jussara. O apego com a cidade e o orgulho de “ser da Baixada” Emoções, engajamento político e ação coletiva em Nova Iguaçu. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 11, n. 33, dez, 2012.

FREUD, Sigmund. “Escritores Criativos e Devaneio”. **E.S.B.**, 1907. Vol 9, p .153

\_\_\_\_\_. Análise de um caso de neurose obsessiva. O homem dos ratos. In **S. Freud**, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 10, pp. 157-252). Rio de Janeiro: Imago, 1977.

G1 Tecnologia e Games. Acessos à internet banda larga no Brasil chegam a 140 milhões. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/03/acessos-internet-banda-larga-chega-140-milhoes-no-brasil-em-fevereiro.html>>. Acesso em: 08 jan. 2017.

GARCIA GALERA, María-Carmen et al. Jóvenes comprometidos en la Red: El papel de las redes sociales en la participación social activa. **Revista Científica de Educomunicación**, nº 43, v. XXII, 2014.

\_\_\_\_\_. Prosumidores mediáticos: Cultura participativa de las audiencias y responsabilidad de los médios. **Revista Científica de Educomunicación**, nº 43, v. XXII, 2014.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da Intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Editora da Universidade Estadual Paulista, São Paulo: 1993.

\_\_\_\_\_. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: **Modernização Reflexiva**: política, tradição e estática na ordem social moderna. Tradução: Magda Lopes. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. **Classe, raça e democracia**. São Paulo, Editora 34, 2012.

\_\_\_\_\_. Como trabalhar com "raça" em sociologia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 93-107, jan./jun, 2003.

HEILBORN, Maria Luiza. Entre as tramas da sexualidade brasileira. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 14(1): 336, janeiro-abril, 2006.



ILLOUZ, Eva. **Consuming the romantic utopia: love and the cultural contradictions of capitalism**. Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press, 1997.

\_\_\_\_\_. **Intimidades congeladas**: Las emociones en el capitalismo. Buenos Aires: Katz Discussiones, 2007.

\_\_\_\_\_. **Amor nos tempos do Capitalismo**. Rio de Janeiro, Editora Zahar: 2011.

\_\_\_\_\_. **Erotismo de autoayuda** – cincuenta sombras de Grey y el nuevo orden romântico. Buenos Aires: Katz Editores, 2014.

\_\_\_\_\_. No coração pulsante da cultura – Entrevista com Eva Illouz. **Contemporânea** – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 6, n. 2, jul.-dez, pp. 299-308, 2016.

KARAHALIOS, Karrie et al. **First I “like” it, then I hide it**: Folk Theories of Social Feeds, CHI: 2016.

KIMMEL, Michael. **Guyland the perilous world where boys become man**: Understanding the critical years between 16 and 26. Harper, New York, 2009.

KIND, Luciana. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 124-136, jun, 2004.

KLEIN, Melanie. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921–1945)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LAGO, Luciana Correa do. Trabalho, moradia e (i)mobilidade espacial na metrópole do Rio de Janeiro. **Cadernos metrópole** 18 , pp. 275-293, 2007

\_\_\_\_\_. **Como anda o Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2009.

\_\_\_\_\_. **Olhares sobre a metrópole do Rio de Janeiro**: economia, sociedade e território / Luciana Corrêa do Lago (organizadora); Érica Tavares da Silva... [et al.]. - Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles: IPPUR/UFRJ: FASE, 2010.

\_\_\_\_\_. Desenvolvimento Econômico Local da Zona Oeste do Rio de Janeiro e de seu Entorno. **Cadernos Metrôpole**, número 2, 2013.

LAURETIS, Teresa. Tecnologia de Gênero. In: **Tendências e Impasses**, o feminismo como crítica da Cultura. Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1994.

LEÃO, Igor Zanoni Constant Carneiro; CASTRO, Demian. Reflexões sobre Horizonte do Desejo, de Wanderley Guilherme dos Santos. **Economia & Tecnologia** – Ano 05, Vol. 19 – Outubro/Dezembro de 2009.

LESSIG, Lawrence. **Code and Other Laws of Cyberspace**. Perseus Book Group: New York, 1999.

\_\_\_\_\_. **Code:Version 2.0:** To Wik Ipedia, The One Surprise That Teaches More Than Everything Here. Perseus Book Group: New York, 2006.

LOBO, Thais. Pesquisadora americana revela os segredos por trás dos algoritmos do *Facebook*. In: **OGlobo**. Data da Publicação: 21 ago. 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/pesquisadora-americana-revela-os-segredos-por-tras-dos-algoritmos-do-Facebook-13673692>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

MACEDO, Letícia; PIZA, Paulo Toledo. 'Rolezinho' nas palavras de quem vai. In: **G1 São Paulo**. Data de publicação: 15 jan. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/01/rolezinho-nas-palavras-de-quem-vai.html>>. Acesso em: 08 jan. 2017.

MACHADO, Renata; DUPRET, Leila. A Mídia e o Jovem da Baixada Fluminense. **VII Encontro Nacional de História da Mídia**, agosto, Fortaleza, 2009.

MATTAR, Maria Eduarda. Baixada, finalmente, digital. In: **Guia das cidades digitais**. Data da publicação: 25 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.guiadascidadesdigitais.com.br/site/pagina/baixada-finalmente-digital>>. Acesso em: 10 mai. 2015.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1975.

MCQUIRE, Scott. **The media city: media, architecture and urban space**. London: Sage, 2008.

MIRA, Maria Celeste. O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar. **Cadernos Pagu** (21), 2003, pp.13-38.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun, 2009, p. 150-182.

\_\_\_\_\_. A Gramática do Armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente In: Pelúcio, Larissa et alli. **Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia**. Marília: Cultura Acadêmica, 2012, p. 35-55.

\_\_\_\_\_. San Francisco e a nova economia do desejo. **Lua Nova**, São Paulo, 91: 269-295, 2014

\_\_\_\_\_. Networks of desire: The Specter of aids and the Use of Digital Media in the quest for Secret Same-Sex Relations in São Paulo. **Vibrant**, v. 10, n.1, 2013.

\_\_\_\_\_. Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas *online*. **Estudos Feministas**, 21 (1), 2013.

\_\_\_\_\_. Novas Conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais In: **Cronos**. Natal: Programa de Pós-Graduação em C. Sociais, v. 12, n.2, jul-dez, 2011.

\_\_\_\_\_. Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 6, n. 2, jul.-dez. 2016, pp. 275-297.

MONTEIRO, Simone et ali. Identidades, trânsitos e diversidade sexual em contextos de socialidade juvenil no Rio de Janeiro (Brasil). **Cadernos Pagu** (35), julho-dezembro, p. 79-109, 2010.

MORAES, Maurício. Shoppings ‘ignoram potencial de consumo da classe C’ ao coibir rolezinhos. In: **BBC Brasil**. Data de publicação: 21 jan. 2014. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/01/140120\\_rolezinho\\_shopping\\_classe\\_c\\_mm](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/01/140120_rolezinho_shopping_classe_c_mm)>. Acesso em: 09 jan. 2017.

MOUTINHO, Laura. Negociando com a adversidade: reflexões sobre a “raça”, (homo)sexualidade e desigualdade no Rio de Janeiro. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, Vol. 14(1):336. Janeiro-Abril, p. 103-116, 2006.

\_\_\_\_\_. **Razão, “cor” e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

NERI, Marcelo. **A Nova Classe Média: o lado brilhante da base da pirâmide**. São Paulo, Saraiva, 2011.

THOMPSON, Edward. **A formação da classe operária Inglesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TURKLE, Shery. **Alone Together: Why We Expect More From Technology and Less From Each Other**. New York: Basic Books, 2011.

PADILHA, Felipe. **O Segredo é a Alma do Negócio: Mídias Digitais Móveis e a Gestão da Visibilidade do Desejo Homoerótico Entre Homens Na Região De São Carlos**. Universidade Federal de São Carlos, datilo, 2015.

PELÚCIO, Larissa et all, “**A vida é curta, curta um caso**” – O mercado dos afetos e as tensões entre familismo e experimentalismos nos sites de traição no Brasil. São Paulo: RBA, 2012, (mimeo).

PEREIRA, Gilson; CATANI, Afrânio Mendes. Espaço social e espaço simbólico: introdução a uma topologia social. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 20, n. Especial, p. 107-120, jul./dez. 2002.

PEREIRA, Ivonete. A rainha da mídia digital no Brasil: Andiara Petterle. In: **Mulher.com.br**. Sem data de publicação (s. d.). Disponível em: <<http://www.mulher.com.br/carreira/a-rainha-da-midia-digital-no-brasil-andiara-petterle>>. Acesso em: 07 jan. 2017.

PINHO, Osmundo. “A vida em que vivemos”: raça, gênero e modernidade em São Gonçalo **Estudos Feministas**, Florianópolis, 14(1): 336, janeiro-abril, 2006.

\_\_\_\_\_. A “Fiel”, a “Amante” e o “Jovem Macho Sedutor”: sujeitos de gênero na periferia racializada. **Saúde Soc**. São Paulo, v.16, n.2, 2007, p.133-145.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. In: **Sociedade e Cultura**, Goiânia: UFG, v.11, n.2, jul./dez, 2008, p. 263-274.

POCHMANN, Marcio. **Nova Classe Média?** O trabalho na base da pirâmide social brasileira. São Paulo: Boitempo, 2012.

QIU, Jack Linchuan. Mobile Phones, The Bottom Of The Pyramid And Working-Class Information Society In China. **The Electronic Journal on Information Systems in Developing Countries**, (2010) 44, 2, 1-14.

QUEROL, Ricardo de. Zygmunt Bauman: “As redes sociais são uma armadilha”. In: **El País**. Data de publicação: 09 jan. 2016. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427\\_675885.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html)>. Acesso em: 08 jan. 2017.

RIBEIRO, Luiz César de Queirós. Proximidade Territorial e Distância Social: reflexões sobre o efeito do lugar a partir de um enclave urbano. *Revista VeraCidade – Ano 3 - Nº 3 – Maio de 2008*.

SÁ MARTINO, Luis Mauro. **Teorias das mídia Digitais**. Linguagens, ambientes e redes. Petrópolis: Vozes, 2014.

SADER, Eder; PAOLI, Maria Celia. Classes populares no pensamento sociológico brasileiro. In. **A Aventura Antropológica**, teoria e pesquisa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

SALATA, André Ricardo. **Estudar X Trabalhar**: as influências do local de moradia sobre as escolhas dos jovens no município do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, 2010.

\_\_\_\_\_. **A Classe Média Brasileira: posição social e identidade de classe**. Rio de Janeiro, Editora Faperj, 2016.

SALEM, Tania. Tensões entre gêneros na classe popular: uma discussão com o paradigma holista. **Mana**. Rio de Janeiro, vol.12, nº2, p. 419-447, 2006.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. **Horizonte do Desejo**: instabilidade, fracasso coletivo e inércia social. Rio de Janeiro, Editora FGV: 2006.

SARTI, Cynthia. **A família como espelho**. Campinas, Editora Autores associados, 1996.

SCALON, Celi; SALATA, André. Uma nova classe média no Brasil da última década? O debate a partir da perspectiva sociológica. **Revista Sociedade e Estado**, vol.27 N. 2, Brasília May/Aug, p. 387-407, 2012.

\_\_\_\_\_. Juventude, Igualdade e Protestos. *Revista Brasileira de Sociologia*. Vol 1, número 2, julho-dezembro de 2013.

\_\_\_\_\_. Juventude, Igualdade e Protesto. **Revista Brasileira de Sociologia** vol.1, no 2, 2014

SCHAEFFER, Felicity Amaya. Governando corpos e intimidades virtuais: indústrias de cibercasamentos entre os Estados Unidos e a América Latina. *Cadernos Pagu* (44), janeiro-junho de 2015:115-140.

SCOTT, Joan. A Invisibilidade da Experiência. **Projeto História**, nº 16, São Paulo, p.303-304, 1998.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. Epistemologia do Armário. In: **Cadernos Pagu**. n.28. p. 19-54, 2007.

SIBILIA, P. A vida como relato nos blogs: mutações no olhar introspectivo na conformação do “eu”. In: **VIII Congresso Luso-afro-brasileiro de Ciências Sociais**. Coimbra, 2004. Anais.

SILVA, Francisca Souza da. **Ai de Vós**. Editora Civilização, 1983.

SIMMEL, Jorge. As grandes cidades e a vida do espírito. Tradução de Leopoldo Waizbord. **Mana** vol.1 1 no. 2 Rio de Janeiro, outubro, 2005.

SINGER, André. **Os sentidos do Lulismo**: Reforma Gradual e Pacto Conservador. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

SOUZA, Jesse de. **Os Batalhadores Brasileiros**: nova classe média ou nova classe trabalhadora. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2012.

SOROKIN, Pitirim. Espaço social e posição social. In: CARDOSO, F. H. e IANNI, O. **Homem e sociedade**. Leituras básicas de sociologia geral. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1973.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TELLES, Edward. Repensando as relações de raça no Brasil. **Teoria e pesquisa** 42 e 43 janeiro – julho, 2003.

THOMPSON, Edward. **A formação da classe operária Inglesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VAN DIJICK, Jose. **La cultura de la conectividad**: Una historia crítica de las redes sociales. Buenos Aires: Siglo Veintiuno. Editores, 2016.

VIEIRA, Willian. Memória, identidade, cultura e movimentos sociais na Zona Oeste Carioca. **XI Congresso Luso-brasileiro de Ciências Sociais**, Salvador, Bahia, 2012.

WILLIAMS, Raymond. **Television** - Technology and cultural form. Hanover, London : Wesleyan University Press, 1992.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Nova Fronteira, 1985.

ZAGO, Luiz Felipe. **Masculinidades Disponíveis.com**: sobre como dizer-se homem gay na internet. Dissertação de Mestrado. Porto alegre, 2009.

ZALUAR, Alba; CONCEIÇÃO, Isabel Siqueira. Favelas sob o controle das Milícias no rio de Janeiro que paz? **São Paulo em Perspectiva**, v. 21, n. 2, p. 89-101, jul./dez. 2007.

\_\_\_\_\_. **Os meninos**: corpo, gênero e sexualidade em e através de um site de relacionamentos. Tese de Doutorado, Porto Alegre, 2013.

## APÊNDICE

### APÊNDICE A - Quadro de informações básicas sobre as principais interlocutoras da pesquisa

Nome	Idade	Local de moradia	Formação /Ocupação	Estado civil	Orientação Sexual	Cor/Raça	Religião
Mara	35 anos	Paciência - RJ	Ensino Médio Completo / Auxiliar de dentista	Solteira	Heterossexual	Não-branca	Católica não praticante
Luana	23 anos	Nova Iguaçu - RJ	Psicóloga /Auxiliar de escritório	Solteira	Homossexual	Não branca	Ateia
Patrícia	28 anos	Curicica - RJ	Administração de empresas /Auxiliar de Escritório	Casada	Heterossexual	Branca	Evangélica – Igreja Reviver em Cristo
Leila	29 anos	Belo Horizonte - MG	Assistente administrativa	Solteira	Heterossexual	Branca	Evangélica – Igreja Esperança
Natália	29 anos	Sepetiba - RJ	Biblioteconomia/Arquivologista	Solteira	Heterossexual	Negra	Católica não-praticante
Helena	29 anos	Rio Branco – Acre	Pós em desenvolvimento comunitário / dona de casa	Casada	Heterossexual	Branca	Católica não praticante
Carla	35 anos	Nova Iguaçu - RJ	Ensino médio completo / Pequena empreendedora, Marketing, produção cultural	Casada	Heterossexual	Negra	Não tem
Lúcia	27 anos	Palmas - TO	MBA e negócios e gestão estratégica – administração de um frigorífico	Solteira	Heterossexual	Branca	Evangélica afastada da Igreja
Cássia	27 anos	Campinas - SP	Administração de Empresas /vendedora Mary Kay	Casada	Heterossexual	Branca	Católica
Sara	35 anos	Paciência - RJ	Enfermagem / cuidadora de idosos	Divorciada	Heterossexual	Não branca	Católica não praticante
Joice	22	Mesquita - RJ	Pedagogia / professora particular de português	Solteira	Bissexual	Negra	
Roberto	24 anos	Belfor Roxo - RJ	Produção Cultural/produtor cultural	Solteiro	Heterossexual	Negro	Ateu
Saulo	24 anos	Gurupi - TO	Direito/Trabalha em uma gráfica	Solteiro	Heterossexual	Branco	Evangélico
Lucas	23 anos	Belo Horizonte - MG	Direito/Funcionário dos correios	Solteiro	heterossexual	Branco	Católico não praticante